



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA

Jucéli Silva Krüger

COMO CHEGAMOS A “LUGAR NENHUM”:
REFLEXÕES NEUROSSOCIOLÓGICAS (DOS FENÔMENOS EMOCIONAIS) NAS
RELAÇÕES DE “VIOLÊNCIA EXTREMA” NO CAMPO DE REFUGIADOS DE
KAKUMA E NO ASSENTAMENTO INTEGRADO DE KALOBEYEI, QUÊNIA (1992-
2022)

Florianópolis
2023

Jucéli Silva Krüger

**COMO CHEGAMOS A “LUGAR NENHUM”:
REFLEXÕES NEUROSSOCIOLÓGICAS (DOS FENÔMENOS EMOCIONAIS) NAS
RELAÇÕES DE “VIOLÊNCIA EXTREMA” NO CAMPO DE REFUGIADOS DE
KAKUMA E NO ASSENTAMENTO INTEGRADO DE KALOBEYEI, QUÊNIA (1992-
2022)**

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de doutora em Sociologia. Orientadora: Dr.^a Elizabeth Farias da Silva.

Florianópolis
2023

Krüger, Jucéli Silva Como chegamos a "lugar nenhum": reflexões neurosociológicas (dos fenômenos emocionais) nas relações de "violência extrema" no campo de refugiados de Kakuma e no assentamento integrado de Kalobeyei, Quênia (1992-2022) / Jucéli Silva Krüger; orientadora, Elizabeth Farias da Silva, 2023.

237 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Sociologia e Ciência Política. 2. Sociologia das emoções. 3. Neurosociologia. 4. Violência extrema. 5. Campos de refugiados. I. Silva, Elizabeth Farias da. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Sociologia e Ciência Política. III. Título.

Jucéli Silva Krüger

Como chegamos a “lugar nenhum”: reflexões neurossociológicas (dos fenômenos emocionais) nas relações de “violência extrema” no campo de refugiados de Kakuma e no assentamento integrado de Kalobeyei, Quênia (1992-2022)

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 17 de novembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Sandra Noemi Cucurullo de Caponi, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Fagner Carniel, Dr.
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Carlos Eduardo Bao, Dr.
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof.^a Mariana da Costa Schorn, Dr.^a
Ministério da Saúde

Prof.^a Maristela Fátima Fabro, Dr.^a
Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina

Prof. Amurabi Pereira de Oliveira, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Sociologia e Ciência Política.

Luiz Gustavo da Cunha de Souza
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.^a Elizabeth Farias da Silva, Dr.^a
Orientadora

Florianópolis, 2023.



Dedico esta pesquisa às milhões de pessoas que vivem em busca de refúgio e a todas as outras que direta e indiretamente compartilharam deste percurso comigo. São anos de trocas, experiências e muitos novos aprendizados. Também ao nosso pequeno Felipe, que nos faz acreditar no milagre da vida e na urgência de superarmos este paradigma colapsista no qual nos deparamos neste século XXI.

“Não jogue o bebê fora com a água do banho”

Expressão popular na Idade Média que descreve muito do que quero dizer nesta tese. Pesquisas sociológicas que se utilizam de termos médicos ou fisiológicos muitas vezes são pré-julgadas, seria o que Ellis (1996) considerou como “biofobia”. Reconheço que inúmeras barbáries foram cometidas em nome de teorias misóginas, racistas, sexistas, entre outras (pensemos na pseudosupremacia ariana de Hitler). Cresci inconformada com os horrores que acometiam o continente africano na década de 1990. Como psicóloga cognitivo-comportamental – graduada nas ciências da saúde –, ao longo de duas décadas de experiência profissional, tornou-se inegável para mim essa intrínseca e indissociável relação entre as reações neuroquímicas do nosso sistema nervoso central e periférico com quem somos e como reagimos e interagimos com nós mesmos e, também, com o restante do mundo através das nossas relações sociais no tempo e no espaço vivido. O único desconforto que tenho a pretensão de criar, ao discorrer sobre o fenômeno das emoções e da “violência extrema” pautando-as nas retroalimentações entre as bases neuroquímicas e as interações sociais de grupos africanos, é através do despertar de emoções que agucem sua curiosidade e questionamento crítico ao tirar seu cérebro da aconchegante zona de conforto dos conhecimentos já estabelecidos (Fonte da imagem acima: a pesquisadora, 2015).

Eu fui criado numa família rigorosamente católica. Fui ensinado a acreditar que, se você vive uma vida limpa e trabalha duro, terá sucesso. Acreditava que havia algum problema com o caráter das pessoas que eram viciadas em droga, ou que eram assassinas, ou que agrediam física e emocionalmente crianças, e até com as pessoas que tiravam suas próprias vidas. Depois de estar envolvido em 5 mil exames de cérebro por SPECT, esse conceito mudou completamente. [...] O cérebro é um órgão que influencia dramaticamente comportamentos, pensamentos e sentimentos. [...] O que nós precisamos é de mais conhecimento, mais entendimento e menos julgamento. (Amen, 2000, p. 228).

RESUMO

Esta tese aborda o estudo dos fenômenos emocionais presentes nas relações de “violência extrema” no Campo de Refugiados de Kakuma – CRK (1992-2022), que vem do suaíli “lugar nenhum”, e seu sucessor: o Assentamento Integrado de Kalobeyei – AIK (2016-2022), ambos no Quênia. Após quase três décadas de existência, superlotação e conflitos no CRK, o AIK foi criado próximo a Kakuma com o intuito de atender a demanda do local e também de gerar novas propostas de integração sustentável entre refugiados(as) e cidadãos(ãs) locais. Conforme resultados alcançados durante a pesquisa teórica e de campo no mestrado, concluída em 2016, há uma correlação direta entre as relações de “violência extrema” no Campo de Kakuma e nos países de origem, o que gera trauma emocional cumulativo. O “nexo vergonha-raiva-violência” não pode ser ignorado nesses processos. Para alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa, utilizei a metodologia quantitativa através da Revisão Sistemática da Literatura sobre ambos os locais e qualitativa com a Análise Textual Discursiva. Sequenciei meus estudos partindo da disciplina Sociologia das Emoções à Neurosociologia. Tanto na metodologia quanto nos resultados privilegiei a abordagem “biossocial”. Os resultados obtidos apontam que as relações sociais de “violência extrema” que ocorrem nos dois Campos se devem a diversos mecanismos neuroemocionais que estreitaram as relações de solidariedade social e de “*status* e poder” ao longo do processo evolutivo humano. No entanto, tais mecanismos são confrontados com uma lógica impessoal e, muitas vezes, arbitrária e hostil, que acaba estimulando a excitação emocional negativa dessas pessoas. Tal estimulação ocorre tanto pelo fato de que seu self e identidades são afetados negativamente, quanto por estas pessoas falharem em suprir as expectativas dos grupos ao qual pertencem e das agências humanitárias, passando a sofrer sanções negativas com frequência. Essas confluências de acontecimentos evidenciam-nos que a Neurosociologia aliada ao estudo de imagens cerebrais é um subcampo promissor de investigação científica das relações sociais e que permitirá novas compreensões dos diversos comportamentos envolvidos nessas configurações. Afinal, a Neurosociologia possibilita utilizar o diálogo disciplinar para pensarmos as emoções humanas e as relações sociais de “violência extrema” situadas cronologicamente neste pós-século XXI, sem anular a longa história neuroevolutiva que precede a constituição, há trinta anos, do próprio Campo de Refugiados de Kakuma.

Palavras-chave: Sociologia das Emoções. Neurosociologia. “Violência extrema”. Campo de Refugiados de Kakuma. Assentamento Integrado de Kalobeyei/Quênia.

ABSTRACT

This thesis approaches the study of the emotional phenomena existing in the relations of “extreme violence” in Kakuma Refugee Camp – KRC (1992-2022), which comes from Swahili “nowhere”, and its successor: Kalobeyei Integrated Settlement – KIT (2016-2022), both in Kenya. After almost three decades of existence, overcrowding and conflicts in KRC, the KIT was created close to Kakuma with the purpose of attending the local demand and also to generate new proposals of sustainable integrations between the refugees and local citizens. According to the results reached during the theoretical and camp research in the master, concluded in 2016, there is a direct correlation between the relations of “extreme violence” in Kakuma Camp and countries of origin, which generates cumulative emotional trauma. The “shame-anger-violence nexus” cannot be ignored in these processes. To reach the objectives proposed by this research, I used the quantitative methodology through the Systematic Revision of Literature about both localities and qualitative with the Discursive Textual Analysis. I sequenced my studies stating from the field Sociology of Emotions to Neurosociology. Both in methodology and in results I privileged a “biosocial” approach. The results obtained point that the social relations of “extreme violence” that occurs in both Camps are due to several neuroemotional mechanisms that narrow the relations of social solidarity and of “status and power” through the human evolutionary process. However, these mechanisms are confronted with impersonal logic and, many times, arbitrary and hostile, that ends up stimulating the negative emotional excitement from those people. This stimulation occurs not only by the fact that their self and identities are negatively affected, but also by these people failing in fulfill their groups expectations and humanitarian agencies, frequently suffering negative sanctions. Those confluences of situations show us that Neurosociology allied to brain images studies is a promising subfield of scientific investigation of social relations and will allow new understanding of several involved behaviors in those configurations. After all, the Neurosociology makes it possible to use the disciplinary dialogue to think the human emotions and the social relations of “extreme violence” chronologically situated in this post century XXI, without cancelling the long neuroevolutive history that precedes the constitution, thirty years ago, of Kakuma Refugee Camp itself.

Key words: Sociology of emotions. Neurosociology. “Extreme violence”. Kakuma Refugee Camp. Kalobeyei/Kenya Integrated Settlement.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Turkana Boy: Homo Erectus</i> com 1.6 milhões de anos	17
Figura 2 – Atividade lúdica com estudantes refugiados(as) em Kakuma	20
Figura 3 – Experiência de campo em 2012 convivendo com histórias de sobrevivência	22
Figura 4 – Vilarejo de Kilelengwani após ataques interétnicos, Quênia, 2012.....	26
Figura 5 – Localização dos campos de petróleo no Sudão do Sul	39
Figura 6 – Localização de Kakuma e Kalobeyei.....	41
Figura 7 – Campo de Refugiados de Kakuma com suas 4 subdivisões	42
Figura 8 – Planejamento espacial do Assentamento Integrado de Kalobeyei.....	43
Figura 9 – Área do CRK abrigada pelas pessoas refugiadas.....	47
Figura 10 – Emoções “inatas ou instintivas”: felicidade, medo, raiva, tristeza e nojo.....	76
Figura 11 – Principais estruturas conhecidas do Sistema Límbico ou Emocional.....	80
Figura 12 – Imagem de SPECT cerebral saudável e com TEPT.....	82
Figura 13 – Imagens cerebrais de uma pessoa com comportamento agressivo	83
Figura 14 – Treino e resultado da variabilidade emocional com uso da neurometria.....	84
Figura 15 – Felicidade	86
Figura 16 – Medo	88
Figura 17 – Raiva	90
Figura 18 – Tristeza.....	94
Figura 19 – Vergonha, culpa e alienação	96
Figura 20 – Mecanismos da motivação emocional que precedem a “violência extrema”	109
Figura 21 – Mecanismos da motivação emocional que precedem a “violência extrema” no Campo de Refugiados de Kakuma e no Assentamento Humanitário de Kalobeyei	187

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado final da Revisão Sistemática da Literatura sobre Kakuma e Kalobeyei nas Bases de Dados	30
Tabela 2 – Subdivisão dos dois principais ramos da Sociologia das emoções estadunidense.	61
Tabela 3 – Emoções primárias e suas variantes	79
Tabela 4 – Categorização das emoções a serem analisadas (continua)	116

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Aids	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
AIK	Assentamento Integrado de Kalobeyei
ACNUR	Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
ATD	Análise Textual Discursiva
ASA	Associação Americana de Sociologia
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BIPOC	Negros, Indígenas, Pessoas de Cor
BU UFSC	Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CORPOSTRANS	Grupo de Pesquisa Transdisciplinar sobre Corpo, Saúde e Emoções
CRK	Campo de Refugiados de Kakuma
EUA	Estados Unidos da América
FEGS	Grupo de Pesquisa em Família, Emoções, Gênero e Sexualidade
FLM	Federação Luterana Mundial
FORTE	Formação, Tecnologias e Emoções
GEPLAES	Grupo de Estudos em Educação, Linguagem, Alfabetização, Emoções e Subjetividade
GREI	Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem que se utiliza de imagens, especialmente fotográficas, para suas análises
GREM	Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções
GTHIDRO	Grupo Transdisciplinar em Governança de Bens Comuns
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
ISRE	Sociedade Internacional de Pesquisa em Emoções
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBTQICAAPF2K+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink
LRA	Exército de Resistência do Senhor
NEMES	Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade
NMD	Núcleo Transdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento
NUPETMAE	Núcleo de Pesquisa Trabalho, Meio Ambiente, Arte e Emoções em Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
ONGs	Organizações Não Governamentais
PAM	Programa Alimentar Mundial
RBSE	Revista Brasileira de Sociologia da Emoção
SPECT	Tomografia computadorizada por emissão de fóton único
SPLM/A	Movimento/Exército de Libertação do Povo do Sudão
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-Traumático
TFG	Governo Federal de Transição
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
URSS	União Soviética
VPI	Violência por Parceiro Íntimo

VPN
VS

Rede Privada Virtual
Violência Sexual

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 MOTIVAÇÃO GERAL.....	24
1.2 PRESSUPOSTOS.....	25
1.3 OBJETIVOS.....	27
1.3.1 Objetivo geral.....	27
1.3.2 Objetivos específicos.....	27
1.4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	28
2 CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DE REFUGIADOS DE KAKUMA E DO ASSENTAMENTO INTEGRADO DE KALOBYEI SOB A INFLUÊNCIA DO SPLM/A	34
2.1 FORMAÇÃO DO SUDÃO DO SUL.....	34
2.2 “POLÍTICA DO “NÃO PERGUNTE, NÃO DIGA”.....	40
3 BASES DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES	51
3.1 EPISTEMOLOGIA.....	51
3.2 DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES À NEUROSSOCIOLOGIA.....	55
3.3 ONTOLOGIA.....	69
4 FUNDAMENTOS NEUROSSOCIOLÓGICOS DOS FENÔMENOS EMOCIONAIS NAS RELAÇÕES DE “VIOLÊNCIA EXTREMA”	73
4.1 NEUROSSOCIOLOGIA.....	74
4.2 FENÔMENOS EMOCIONAIS: FELICIDADE, MEDO, RAIVA, TRISTEZA, VERGONHA, CULPA E ALIENAÇÃO.....	86
4.2.1 Felicidade.....	86
4.2.2 Medo.....	88
4.2.3 Raiva.....	90
4.2.4 Tristeza.....	94
4.2.5 Vergonha, culpa e alienação.....	96
4.3 <i>SELF</i> E IDENTIDADES, SOLIDARIEDADE SOCIAL E “VIOLÊNCIA EXTREMA”.....	98
4.3.1 <i>Self</i> e identidades.....	98
4.3.2 Solidariedade social.....	102
4.3.3 “Violência extrema”.....	106
5 NEUROSSOCIOLOGIA DOS FENÔMENOS EMOCIONAIS NAS RELAÇÕES SOCIAIS NO CAMPO DE REFUGIADOS DE KAKUMA E NO ASSENTAMENTO INTEGRADO DE KALOBYEI	115
5.1 EMOÇÃO FELICIDADE.....	117
5.1.1 Unidade categórica Educação na emoção felicidade.....	118
5.1.2 Unidade categórica Institucional na emoção felicidade.....	119
5.1.3 Unidade categórica Reassentamento na emoção felicidade.....	119
5.1.4 Unidade categórica Gênero na emoção felicidade.....	120
5.1.5 Unidade categórica Violência na emoção felicidade.....	121
5.1.6 Unidade categórica Religião na emoção felicidade.....	121
5.2 EMOÇÃO MEDO.....	121
5.2.1 Unidade categórica Violência na emoção medo.....	124

5.2.2 Unidade categórica Institucional na emoção medo.....	128
5.2.3 Unidade categórica Gênero na emoção medo	132
5.2.4 Unidade categórica Religião na emoção medo	135
5.2.5 Unidade categórica Educação na emoção medo	136
5.2.6 Unidade categórica Identidade na emoção medo.....	138
5.2.7 Unidade categórica Reassentamento na emoção medo	139
5.3 EMOÇÃO RAIVA	140
5.3.1 Unidade categórica Violência na emoção raiva.....	142
5.3.2 Unidade categórica Institucional na emoção raiva	146
5.3.3 Unidade categórica Religião na emoção raiva.....	147
5.3.4 Unidade categórica Gênero na emoção raiva.....	148
5.3.5 Unidade categórica Reassentamento na emoção raiva.....	148
5.3.6 Unidade categórica Educação na emoção raiva.....	149
5.3.7 Unidade categórica Identidade na emoção raiva	149
5.4 EMOÇÃO TRISTEZA	150
5.4.1 Unidade categórica Violência na emoção tristeza.....	150
5.4.2 Unidade categórica Reassentamento na emoção tristeza	152
5.4.3 Unidade categórica Educação na emoção tristeza	152
5.4.4 Unidade categórica Gênero na emoção tristeza	153
5.4.5 Unidade categórica Institucional na emoção tristeza	153
5.4.6 Unidade categórica Religião na emoção tristeza.....	153
5.4.7 Unidade categórica Identidade na emoção tristeza	154
5.5 EMOÇÃO VERGONHA.....	154
5.5.1 Unidade categórica Institucional na emoção vergonha.....	155
5.5.2 Unidade categórica Gênero na emoção vergonha.....	157
5.5.3 Unidade categórica Educação na emoção vergonha.....	158
5.5.4 Unidade categórica Identidade na emoção vergonha	159
5.5.5 Unidade categórica Religião na emoção vergonha	159
5.6 EMOÇÃO CULPA.....	160
5.6.1 Unidade categórica Gênero na emoção culpa	161
5.6.2 Unidade categórica Institucional na emoção culpa.....	162
5.6.3 Unidade categórica Violência na emoção culpa	165
5.6.4 Unidade categórica Identidade na emoção culpa.....	166
5.6.5 Unidade categórica Educação na emoção culpa	167
5.6.6 Unidade categórica Reassentamento na emoção culpa	168
5.6.7 Unidade categórica Religião na emoção culpa	169
5.7 EMOÇÃO ALIENAÇÃO.....	169
5.7.1 Unidade categórica Identidade na emoção alienação	170
5.7.2 Unidade categórica Institucional na emoção alienação.....	170

6 ANÁLISE NEUROSSOCIOLÓGICA DOS FENÔMENOS EMOCIONAIS NAS RELAÇÕES DE “VIOLÊNCIA EXTREMA” NO CAMPO DE REFUGIADOS DE KAKUMA E NO ASSENTAMENTO INTEGRADO DE KALOBYEI, QUÊNIA (1992 – 2022)	172
6.1 ASPECTOS GERAIS	172
6.2 <i>SELF</i> , IDENTIDADES E SOLIDARIEDADE SOCIAL	179
6.3 “VIOLÊNCIA EXTREMA”	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
REFERÊNCIAS	196
APÊNDICE A	230

1 INTRODUÇÃO

Ironicamente a região que circunda *Kakuma* ou “lugar nenhum” é um frutífero ponto de preservação da história da “evolução” humana. Em 2015, durante a pesquisa de campo do mestrado, tive a oportunidade de conhecer o Museu Nacional do Quênia, em Nairóbi. Lá, conectei-me com parte de nossa história “evolutiva” comum¹ através da visão de diversas ossadas como a de um *Homo Erectus* de aproximadamente 1.6 milhões de anos conhecido como “*Turkana Boy*”², que viveu próximo à cidade de Kakuma, na região de Turkana.

Figura 1 – *Turkana Boy: Homo Erectus* com 1.6 milhões de anos



Fonte: A pesquisadora (2015).

¹ Refletindo sobre nossa história evolutiva comum, o historiador e antropólogo senegalês Cheikh Anta Diop (1923-1986) reiterou que todos os indicadores apontam para a ancestralidade negroide comum a toda a humanidade. Foi uma referência controversa nos estudos da história humana. Devido ao seu papel relevante, participou da elaboração do extenso trabalho sobre a História da África organizada pela UNESCO (2010) e utilizada neste Capítulo. Diop (2010), dedicou-se especialmente ao estudo da civilização egípcia.

² Este, juntamente com “Lucy”, uma *Australopithecus Afarensis* encontrada na Etiópia, são as ossadas mais completas descobertas até o momento. Maryanski (2013) e Maryanski e Turner (1992) fazem outras observações a respeito do que já foi estudado a respeito do nosso processo evolutivo.

A Figura 1 apresenta o “*Turkana Boy*”, considerado até então a ossada mais completa encontrada de um homínido com suas várias similaridades em relação ao *Homo Sapiens*. Isso inclui altura maior, membros inferiores preparados para caminhadas e corridas e estrutura cranioencefálica diferenciada que se projetava para o que possuímos atualmente (arquivo pessoal da pesquisadora, Nairóbi, 2015).

Esta observação fez-me refletir que somente estamos aqui hoje devido às adaptações evolutivas neurossociais necessárias para tal. Sem elas não teríamos ultrapassado os percalços da existência, assim como ocorreu com tantos outros animais extintos (Damásio, 1996; Maryanski, 2013; Turner, 2003). Ao sairmos das árvores nos foi exigido o que Thomas Hobbes³ (1974) definiu como “contrato social”. Criamos estruturas de organização e elos mais sólidos tanto para alimentação quanto para defesa dos grupos “homínidos”, garantindo assim, nossa sobrevivência enquanto espécie. Em sintonia com Hobbes, Maquiavel (1973), Einstein (1981), Elias (1994) e George Orwell⁴ (2021) observam que não somos naturalmente bons uns com os outros⁵.

Somos da espécie *Homo Sapiens*, símios evoluídos, individualistas, que continuam prosperando devido aos nossos laços sociais e de solidariedade “duradouros”, como veremos ao longo desta pesquisa (Turner, 2003; Franks; Turner, 2013; Turner; Maryanski, 2013). Mas também somos, ao mesmo tempo, *Homo Demens*: desordenados, possuidores de uma indissolúvel multiplicidade e sujeitos a erros (Morin; Kern, 1995). Tais erros tomaram proporções catastróficas a partir do século XX, quando passamos a ver nossa futuridade ameaçada devido à globalização tecnológica e bélica da violência, que nos levou a duas Grandes Guerras Mundiais e ao colapso pós-colonial de Nações⁶ jovens como as africanas. Esses

³ Para Hobbes (1974), foi o medo da violência e o desejo por paz que levou os seres humanos à criação do Estado soberano ou “Leviatã”. Mesmo que o autor tenha se referido a outro momento histórico, o conceito serve à reflexão. “A essência humana não muda, já dizia McNamara e Einstein” (Silva Krüger, 2015d, diário de campo, 2015, Kakuma).

⁴ Sinto ser impossível discorrer sobre as relações sociais de “poder” entre seres humanos sem lembrar da sátira histórica de Orwell (2021) em “A revolução dos bichos”.

⁵ Estou contextualizando as sociedades que utilizo para esta pesquisa direta e indiretamente (através dos textos) e que são caracterizadas pelos comportamentos emocionais violentos. Não nego a existência histórica, de grupos e sociedades, especialmente matriarcais, que conseguem manter um grau elevado de vínculo e coesão entre seus membros (Guerra, 2020). Ou ainda de autores como Rousseau (2020), que defendam que o ser humano em sua natureza seja bom, mas corrompido pela sociedade.

⁶ Ao me referir às “Nações”, utilizo-me da concepção de Anderson (2005), que a compreende como uma concepção difícil de definir, possuindo uma “multiplicidade de significados”. Compondo a cultura, precisa ser entendida dentro do tempo e espaço e, por isso mesmo, ao tratarmos das nossas identidades nacionais, encontramos tantas expressões emocionais. Para o autor, nação é “uma comunidade política imaginada”, limitada e soberana concomitantemente. É uma comunidade porque, independentemente das desigualdades que possua, há um forte senso de pertencimento; imaginada porque seus membros não se conhecem todos, mas compartilham o senso de comunhão; limitada por ter fronteiras definidas; e soberana por possuir uma organização hierárquica e de liberdade.

acontecimentos resultaram em milhões de mortes e na migração forçada de outras milhões de pessoas (Arendt, 1999; Castells, 2000; Ferro, 1996; Wenders; Salgado, 2014). Além disso, deixaram-nos com desafios para este século XXI em escala planetária-local ciclicamente, levando-nos a novas formas de relações, migrações e destruições sem precedentes (Meadows, D. H.; Meadows, D. L.; Randers, 1993; Meadows, D. H.; Randers; Meadows, D. L., 2004; Morin; Kern, 1995; Diamond, 2005, Harari, 2018; Zimbardo, 2012; Castells, 2011; Ramos, 2011; Turner, 2014a; Mollison, 2009; Maathai, 2007; Cury, 2018; Silva, 2019; Vieira, 2016; Sapolsky, 2021; Silva, 2016; Silva Krüger, 2015e, 2017; Silva Krüger; Ally, 2019).

A criação do Campo⁷ de Refugiados de Kakuma em 1992 foi uma forma de lidar com as consequências de parte desses acontecimentos. Ao longo da minha pesquisa de campo no local em 2015, acompanhei de perto relatos que descreviam a categoria “violência extrema” e também fenômenos emocionais estabelecidos nessas relações sociais (Silva, 2016; Silva Krüger, 2015c, 2015d, 2015f, 2017; Silva Krüger; Ally, 2019). Um dos melhores exemplos dessa categoria observei enquanto realizava várias atividades lúdicas com fantoches entre estudantes de diferentes idades: quase todas as duplas que participaram acabavam com os fantoches se engalfinhando. Eles e elas me deram o *insight* de que há uma lacuna entre os diversos discursos de paz utilizados nesses locais e os fenômenos emocionais estabelecidos nas relações de “violência extrema” entre esses grupos (Silva, 2016; Silva Krüger, 2015d; Silva Krüger; Ally, 2019).

⁷ Com o intuito de evitar que a leitura se torne cansativa, tratarei do Campo e do Assentamento coletivamente como “Campos”, pois, apesar de se tratar de denominações distintas, na prática das relações sociais humanas, são semelhantes (Kanere, 2020). Opcionalmente, utilizarei os termos “Kakuma” e “Kalobeyei”. Quando me referir à cidade de Kakuma em si, que se configura para além do espaço físico do Campo, mencionarei essa especificidade.

Figura 2 – Atividade lúdica com estudantes refugiados(as) em Kakuma



Fonte: A pesquisadora (2015).

A Figura 2 foi feita em uma das várias atividades lúdicas que realizei com estudantes no Campo de Refugiados de Kakuma. Ela era parte da minha proposta de campo, que incorporava outras ações como forma de criar uma relação de reciprocidade junto a essas pessoas. As duplas de estudantes se apresentavam com os fantoches em um pequeno cenário, como descrito acima. Chamou-me muito a atenção que praticamente todas as apresentações terminavam com representações de conflitos e gargalhadas (Silva, 2016; Silva Krüger, 2015d).

Incidentes violentos, tanto em Kakuma quanto em Kalobeyei, entre os grupos étnicos rivais, inclusive envolvendo animosidades entre a população local Turkana e a população refugiada, ocorrem devido a explosões emocionais quase que instantâneas ao momento em que se iniciam nos países/territórios de origem. Um exemplo disso são os confrontos entre os integrantes e ex-integrantes do Movimento/Exército de Libertação do Povo do Sudão – SPLM/A Dinkas e Nuers. Esses acontecimentos se tornaram ainda mais rápidos com o crescimento das redes de telecomunicações e pelo fato de o espaço do Campo representar um microcosmo de seus países de origem (Kanere, 2020; Kaleda, 2014; Jaji, 2012; Crisp, 1999; Burns, 2010; Horn, 2010b). Tal realidade gera o que podemos considerar uma perpetuação da

“desumanização” entre esses indivíduos, exigindo um desdobramento das agências humanitárias para alcançar a resolução do problema (Silva, 2016; Silva Krüger, 2015d, 2017; Silva; Ally, 2019) e fazendo com que essas pessoas vivam situações altamente estressantes repetidas vezes, o que acarreta processos traumáticos cumulativos (Lee *et al.*, 2021).

A “violência extrema” é distinta de outras formas de violência, como veremos ao longo da pesquisa. Ela possui uma ligação direta com a excitação emocional negativa contra aqueles que se considera como inimigos, sendo afetada diretamente pelas relações de “*status* e poder”, “expectativas” e “sanções” que ocorrem entre o “*self*”, suas “identidades” e as relações de “solidariedade social” construídas entre os grupos envolvidos (Turner, 2011). Nesse processo, o nexos emocional “vergonha-raiva-violência” precisa ser levado em consideração (Maciejak, 2013). Horn (2010a), em sua pesquisa no CRK, evidencia a existência desses fatores emocionais nas relações violentas e nos ataques físicos no Campo.

Tanto em 2015 (Silva, 2016), quanto em 2019, quando fiz revisões sistemáticas da literatura sobre o Campo de Kakuma, observei que não havia na literatura estudos que tratassem da correlação entre esses fenômenos emocionais e as relações de “violência extrema” propriamente ditas, nem mesmo com o viés neurosociológico. O *insight* para a análise desta pesquisa (subcapítulo 6.3) ocorreu no momento em que me dei conta de que o principal autor em que me baseio, Turner, apesar de falar da Neurologia das emoções em vários de seus trabalhos e de defendê-la, não a conectava diretamente ao tratar da “violência extrema” que apresenta (Turner, 2003, 2011, 2014; Turner; Maryanski, 2013; Franks; Turner, 2013). Este exercício ao qual me dediquei pode ser “generalista” e “especulativo”, como o próprio autor reflete, mas vai ao encontro do que ele afirma de que não existe uma linha nítida entre os modelos neurológicos das emoções e as regras relativas aos sentimentos, mas que mesmo assim considera importante que desenvolvamos mais conhecimentos a esse respeito.

Após meu retorno das experiências de campo em 2012 e 2015, não consegui mais ver o mundo com os mesmos olhos. Convivi com as mais diversas histórias de sobrevivência que envolviam, por um lado, fome, abandono, aids⁸, migração forçada, mutilação genital, dores físicas e emocionais, mas também, por outro lado, esperança, cooperação e amor.

⁸ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

Figura 3 – Experiência de campo em 2012 convivendo com histórias de sobrevivência



Fonte: A pesquisadora (2012).

A Figura 3, acima, expressa uma dessas histórias. Kushinda, do suaíli “superação”, e Mateso, “sofrimento”, são respectivamente mãe e filho caçula de outros seis. Órfãos da aids, sofrem diariamente com a discriminação, a fome e a falta de acesso a sistemas de saúde. Ao acompanhar essas experiências “[...] sinto-me extremamente impotente diante de tudo que presencio, seja pelas pessoas ou pelos animais, sem poder fazer quase nada diante da imensidão de injustiças existentes” (Silva Krüger, 2015e, p. 18⁹). Trago para esta Tese somente algumas das imagens e passagens que marcaram essas experiências. Foi a partir delas que também compreendi que somente a Psicologia e a Sociologia clássica não dariam conta de responder as novas inquietações que sentia (Silva, 2016; Silva Krüger; Ally, 2019; Silva Krüger, 2012, 2017, 2015a, 2015b, 2015c, 2015d, 2015e, 2015f). O diálogo entre a Sociologia das Emoções e as neurociências, através da Neurosociologia, possibilitou novos entendimentos cientificamente embasados para as problemáticas sociológicas que havia observado (Franks; Turner, 2013;

⁹ “Kushinda” e “Mateso” são nomes fictícios que utilizei para contar parte das histórias que acompanhei em minha primeira experiência de campo no Quênia, em 2012 (Silva Krüger, 2012). São contadas no livro “Diário Karibu: histórias de sobrevivência” (Silva Krüger, 2015e).

Turner, 2014a; Franks, 2014; Lacerda, 2021). Nossos comportamentos são mais complexos do que podemos compreender até o momento, inclusive os violentos. Unir estudos de diferentes áreas permite que compreendamos que somos mais do que uma construção do social, somos anteriores a isso, ao mesmo tempo em que somos resposta, vivendo em um sistema cíclico complexo. Nossos pensamentos são reais. Eles enviam sinais elétricos pelos nossos cérebros, que influenciam cada célula do nosso corpo (Gordon, 2021; Amen, 2000; Damásio, 1996; Sapolsky, 2021; Lakoff, 2013; Goleman, 2019). Para Turner (2003), os fracassos em compreender as emoções se encontram no fato de que insistimos no entendimento de que nossos pensamentos são apenas um “discurso encoberto” ou “interno”, dicotomizados da razão, da Neurologia e da Fisiologia. Assim, a Neurosociologia oferece à Sociologia das Emoções a elucidação de que tanto as emoções quanto as motivações ligadas a elas estão diretamente conectadas ao nosso funcionamento cerebral (Franks, 2014). É por esses motivos que Turner (2014) defende que a Neurosociologia precisa ser central nos estudos da Sociologia, e não apenas marginal.

Ressalto que um dos fatores que mais me atraíram na Neurosociologia foi descrito por Eisenberg (2013), que compreende esta área enquanto um caminho importante nas pesquisas sobre saúde mental ao estimular os estudos focados nas relações sociais, no desenvolvimento de transtornos e doenças mentais e em neurociências. Esse foco multidisciplinar auxilia a ver as pessoas que possuem problemas mentais de modo respeitoso e realístico, e não mais como possuidoras de caráter falho ou vítimas de pais ruins¹⁰.

O percurso metodológico seguido para a concretização deste estudo abrangeu tanto a pesquisa quantitativa através da Revisão Sistemática da Literatura sobre Kakuma e Kalobeyei quanto a pesquisa qualitativa sob a égide da Análise Textual Discursiva. Neste percurso, utilizei-me principalmente dos conhecimentos acadêmicos advindos da Sociologia das Emoções e da Neurosociologia que foram analisados juntamente com os “*corpus*” selecionados.

¹⁰ Além disso, essa multidisciplinaridade pode dar maior suporte ao entendimento do número crescente de diagnósticos como o de TDAH em crianças, o de Depressão em jovens e adultos, o de Alzheimer em idosos e os danos que essas condições causam às relações familiares, sociais e vice-versa, reconhecendo-se, inclusive, que as medicações disponíveis no momento possuem muitos efeitos colaterais (Eisenberg, 2013). Compreendo que esses diagnósticos estão crescendo devido ao fato de que muitas vezes os profissionais ignoram completamente o contexto em que as relações sociais acontecem. Isso é um erro pois cria psicopatologização dos problemas sociais e também uma desnecessária medicalização da vida. Apesar das concepções neurosociológicas serem promissoras, reconheço que possuem limitações éticas e contextuais para explicar o que ocorre com a vida das pessoas em sociedade (Rose, 2013; 2010; Lewontin *et al*, 2017; Brzozowski; Caponi, 2012).

Os resultados alcançados evidenciaram que as relações sociais de “violência extrema” incitadas e excitadas em Kakuma e Kalobeyei ocorrem devido ao funcionamento do cérebro humano, que é um “sistema adaptativo complexo” atuando junto às relações de solidariedade social. Tais resultados também geraram reflexões multidisciplinares que conectam essas relações a novos entendimentos a respeito das emoções humanas e dos desafios que enfrentamos nas relações violentas neste pós-século XXI e que afetam diretamente nossa capacidade de sobrevivência enquanto espécie.

Em continuação a este primeiro Capítulo, narrarei brevemente minhas motivações para a realização desta pesquisa e, logo após, apresentarei meus pressupostos, objetivos e percurso metodológico. No Capítulo 2, tratarei sobre a constituição do Campo de Refugiados de Kakuma e do Assentamento Integrado de Kalobeyei sob a influência do SPLM/A. Em seguida, apresentarei, no Capítulo 3, as bases da disciplina Sociologia das Emoções através de seus aspectos epistemológicos, sociológicos e ontológicos. Já no Capítulo 4, adentrarei na explicação teórica dos fundamentos neurossociológicos dos fenômenos emocionais nas relações de “violência extrema”. Para tanto, contextualizarei o subcampo multidisciplinar¹¹ da Neurossociologia, seguido pelos sete fenômenos emocionais selecionados para esta tese – felicidade, medo, raiva, tristeza, vergonha, culpa e alienação – e pelos entendimentos de *self*, identidades e solidariedade social. No capítulo 5, apresento a produção do metatexto através das minhas análises a respeito dos sete fenômenos emocionais estudados e que ocorrem em Kakuma e em Kalobeyei. Por fim, no Capítulo 6, aprofundo esse metatexto apresentando alguns aspectos gerais da discussão que considero importantes para a compreensão das concepções de *self*, identidades e solidariedade social que ocorrem nos Campos e que me permitiram concluir com a categoria “violência extrema” propriamente dita.

1.1 MOTIVAÇÃO GERAL

A realização deste estudo contribui com a Sociologia ao abordar as relações sociais a partir das perspectivas emocionais de pessoas que viveram e/ou vivem relações traumáticas de extrema violência. Para tanto, parte-se da disciplina Sociologia das Emoções, que é nova, nascida nos Estados Unidos da América (EUA) na década de 1970 (Koury, 2009), e afunila-se

¹¹ Referenciarei a Neurossociologia enquanto “subcampo multidisciplinar” devido ao seu lugar ainda muito jovem e em construção dentro do campo sociológico e que deve parte de sua criação à Sociologia das Emoções como veremos adiante.

na Neurossociologia, um subcampo multidisciplinar recente que atua à procura da superação de barreiras metodológicas multidisciplinares dos saberes exigidos à ciência neste pós-século XXI. Conectando conhecimentos neurológicos, biológicos, psicológicos, antropológicos, históricos e psiquiátricos a fim de abranger novas percepções dos fatos até então não abrangidas (Franks; Turner, 2013; Turner, 2014a; Franks, 2014; Davis, 2013; Lacerda, 2021; Norman *et al.*, 2013).

Além disso, esta pesquisa possibilita contribuir socialmente com a vida de pessoas ao abordar novas reflexões a respeito dos fenômenos emocionais envolvidos no sofrimento humano relacionado diretamente às migrações forçadas devido às experiências de “violência extrema”. Para Horn (2010a), há indícios de que ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida emocional dessa população resultariam em redução da violência. Incluo também que a construção desta tese foi feita com o intuito de suprir necessidades teóricas do ponto de vista da Psicologia clínica e social, na pretensão de aplicar esta vasta pesquisa nas minhas relações sociais de trabalho clínico cotidiano.

Assim, todo o percurso proposto para esta pesquisa teve como intuito responder a seguinte pergunta de pesquisa que me guia: **Como a análise a partir da perspectiva neurossociológica pode contribuir para a compreensão dos fenômenos emocionais no CRK e AIK?**

1.2 PRESSUPOSTOS

Considerando todos os aspectos apresentados com base em Horn (2010a, 2010b), que nos evidencia os mecanismos cognitivos da violência no CRK, e de autores como Arendt (1999) e Zimbardo (2012), que nos ligam ao contexto violento dos conflitos globais em crescimento e suas consequências, é que estruturo minhas elucubrações para a elaboração desta tese. A partir dos estudos sobre o CRK e AIK, pude compreender que há conexões emocionais entre as relações de violência anteriormente à chegada dos refugiados aos Campos e posteriormente também. Essas conexões afetam as esferas humanas e ambientais (Kaleda, 2014; Crisp, 1999; Burns, 2010; Horn, 2010a; Silva, 2016; Silva Krüger, 2012, 2017, 2015d, 2015e; Silva Krüger; Ally, 2019). Além disso, as ações humanas relacionadas ao tipo de violência ao qual nos remetemos nesses estudos consistem em uma categoria específica, com critérios próprios e definida por Turner (2011) como “violência extrema”. Essa categoria apresenta uma estreita relação entre as estruturas neuroquímicas que regem nossas emoções juntamente a nossas

crenças pessoais e grupais, tornando tais emoções, nesses casos, gatilhos incontrolláveis e imprevisíveis.

Durante as pesquisas de campo¹², fiz algumas constatações importantes. Em 2012, tive a possibilidade de atuar com deslocados internos no Quênia, que viviam experiências de “violência extrema”, como exemplifiquei na Figura 4, abaixo, (Silva Krüger, 2012, 2015e; Silva, 2016). Já em 2015, os(as) diversos(as) estudantes com quem atuei evidenciaram através de textos e desenhos as belezas e riquezas naturais de seus países. Mas eles(as), assim como outros(as) pesquisadores(as) do Campo, destacaram também as destruições desses bens comuns devido às mudanças climáticas, aos conflitos e aos interesses tecnoeconômicos, como por exemplo, a exploração de petróleo (Silva, 2016; Silva Krüger, 2015d; Silva Krüger; Ally, 2019).

Figura 4 – Vilarejo de Kilelengwani após ataques interétnicos, Quênia, 2012



Fonte: A pesquisadora (2012).

¹² Cabe ressaltar que as ações que realizo ao longo de minha trajetória profissional sempre procuram respeitar a relação dinâmica e sistêmica de nossas existências. Assim, minhas pesquisas de campo no Quênia em 2012 e 2015 se preocuparam em ser ações multilaterais e não apenas de extração de informações (Silva, 2016; Silva Krüger, 2015a, 2015b, 2015c, 2015d, 2015e, 2015f, 2017; Silva Krüger; Ally, 2019).

Durante o ano de 2012 no Quênia, grupos étnicos próximos, inclusive com parentesco, sentiram-se incitados a se atacarem de modo brutal, envolvendo a morte de mulheres e crianças e a destruição física de lugares como o Vilarejo de Kilelengwani (Silva, 2016; Silva Krüger, 2012, 2015e). Todas essas questões apresentadas até aqui e exemplificadas pela imagem da Figura 4 me levaram ao pressuposto de que a “dialógica” emoções e “violência extrema” existe na vida em sociedade no Campo de Refugiados de Kakuma e no Assentamento Integrado de Kalobeyei e que ela, antes mesmo das formações de tais Campos, foi e continua sendo afetada pelas emoções das pessoas que os constituem em suas mais diferentes esferas de interferência/relações. Sendo assim, esses documentos apresentam fragmentos da história a serem analisados, assim como são as ossadas do “*Turkana Boy*”.

1.3 OBJETIVOS

A partir da definição do problema de pesquisa acima enunciado, foram delineados o objetivo geral e os específicos desta pesquisa.

1.3.1 Objetivo geral

Compreender e explicar os fenômenos emocionais estabelecidos nas relações sociais de “violência extrema” observadas no Campo de Refugiados de Kakuma e no Assentamento Integrado de Kalobeyei sob a perspectiva neurosociológica apresentada por Franks e Turner (2013), Turner (2014) e Franks (2014).

1.3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos propostos para esta pesquisa são:

- a) Situar o subcampo multidisciplinar da Neurosociologia sob a perspectiva da Sociologia das Emoções;
- b) Particularizar o campo de pesquisa através da identificação de manifestações de “violência extrema”; e
- c) Compreender as relações sociais que emergem em Kakuma e Kalobeyei, considerando as bases neuroevolutivas presentes em todos os fenômenos emocionais que geram relações sociais traumáticas de “violência extrema”.

1.4 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa seguiu quatro passos: **(a)** delineamento dos trabalhos acadêmicos sobre a disciplina Sociologia das Emoções, a subdisciplina neurosociológica e a categoria “violência extrema”; **(b)** coleta e ordenação sistemática dos dados sobre o Campo de Refugiados de Kakuma e o Assentamento Integrado de Kalobeyei; **(c)** classificação desses dados através da leitura dos trechos selecionados; e **(d)** análise final e conjunta de todos os conteúdos destacados nos processos **a**, **b** e **c**. O objetivo pretendido foi de que as relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática fossem sempre promovidas de modo a destacar que os resultados finais das minhas análises se encontrassem como provisórios e aproximados e nunca como uma verdade absoluta, podendo ser superados por outras afirmações futuras (Minayo; Gomes, 1994; Denzin; Lincoln, 2000; Bardin, 2009; Moraes; Galiazzi, 2020, 2006; Galiazzi, 2021a, 2021b, 2021c; Godoy, 1995).

Para que eu desse conta de produzir novas compreensões sobre os fenômenos emocionais nas relações de “violência extrema”, parti da Sociologia configuracional proposta por Norbert Elias (1994, 2008), que compreende os “indivíduos” em constante relação uns com os outros, de modo não linear e não estático, mas como partes de uma rede estrutural maior. Isso inclui a participação do feminino sob o mesmo peso que o masculino, mesmo que em muitos momentos me refira gramaticalmente somente a um gênero. Também me ancoriei na visão hermenêutico-fenomenológica, segundo a qual essas diferentes partes foram trabalhadas sem se perder de vista a complexidade do todo (Moraes; Galiazzi, 2020, 2006; Galiazzi, 2021a, 2021b, 2021c). Para tanto, entendo as emoções do ponto de vista da ciência neurosociológica do século XXI, compreendida por Husserl (1997) como “fenômeno puro” e que expressa a “consciência transcendental” da “natureza humana”, esta última afirmada por Turner (2003, 2011, 2014, 2014a), Franks (2014) e Franks e Turner (2013). Assim, os tipos ideais¹³ propostos por Weber (1999) são utilizados nesta pesquisa de doutorado enquanto instrumentos metodológicos criados para compreender os fenômenos emocionais. Para tanto, parto da teoria das emoções à ação social violenta no Campo de Refugiados de Kakuma e no Assentamento Integrado de Kalobeyei, para então me aprofundar na categoria “violência extrema” proposta por Turner (2011) e Maciejczak (2013).

¹³ Referem-se a uma construção mental da realidade para a qual selecionei um certo número de características do “estudado”, a fim de, construir um “tipo” ou um “todo tangível” que será útil à classificação das informações (Weber, 1999). Na prática os “tipos ideais” não existem, mas são ferramentas sociológicas importantes que me guiaram neste processo.

Quanto à **finalidade**, balizei-me na classificação de Tognetti (2008), segundo a qual esta pesquisa é considerada *básica*, uma vez que se propõe a estabelecer princípios científicos de ordem intelectual. No que tange aos **objetivos** da pesquisa, no mestrado eles seguiram características exploratórias e descritivas, pois pretendiam melhorar a compreensão geral que se tinha sobre as relações sociais e suas variáveis em constante construção no CRK. Já esta tese propõe-se a ser uma *pesquisa explicativa*, de aprofundamento, pois elucida e amplia teoricamente os fenômenos emocionais, ocupando-se com a identificação dos fatores que condicionam sua ocorrência ou a *forma* como ocorrem as relações sociais violentas: em seu “*porquê*” (Ramos, 2009). Em relação aos **procedimentos** adotados, a pesquisa se propõe tanto a ser *bibliográfica*, utilizando-se de documentos acadêmicos, quanto *documental*, pois engloba, sob o mesmo peso, todas as demais formas de documentos produzidos pelo e a respeito dos Campos de refugiados em estudo. Isso inclui a minha experiência de campo prévia em 2012 (Silva Krüger, 2012, 2015e). No que concerne à seleção bibliográfica acadêmica sobre Neurosociologia e, também, sobre a categoria “violência extrema” na disciplina Sociologia das Emoções, utilizei-me do estilo bola de neve, dentro do qual meus autores-base (selecionados pela minha orientadora) me guiaram a novos autores. Utilizei, como referencial, materiais escritos em português, inglês, espanhol e francês. O **local de realização** abrangeu tanto a cidade de Florianópolis, através do uso dos dados acadêmicos coletados *on-line*¹⁴, quanto as experiências de campo no litoral queniano no ano de 2012 (Silva, 2016; Silva Krüger, 2012, 2015e, 2017) e em Kakuma em 2015 (Silva, 2016; Silva Krüger, 2015a, 2015b, 2015c, 2015d, 2015f, 2017; Silva Krüger; Ally, 2019).

O percurso metodológico utilizado abrangeu a metodologia quantitativa, mas principalmente a metodologia qualitativa. No que diz respeito aos aspectos que definem o método quantitativo desta tese, eles se encontram no rigoroso levantamento de dados objetivos passíveis de mensuração nas bases de dados científicas, alcançado pelo uso da Revisão Sistemática da Literatura sobre o Campo de Refugiados de Kakuma e o Assentamento Integrado de Kalobeyi (Gil, 2010). Lacerda (2021) observa que a Revisão Sistemática da Literatura é um recurso muito útil e que dialoga com outras áreas de conhecimento que se assemelham à Sociologia, mas ainda é pouco explorada pelos sociólogos e sociólogas. No que concerne à metodologia qualitativa, utilizei-me da Análise Textual Discursiva – ATD, que fica situada

¹⁴ Cabe informar que durante a revisão final da pesquisa constatou-se que algumas páginas ou *sites* utilizados para a construção da mesma haviam se tornado *offline*, mas seus links foram mantidos devido ao fato de que não é possível saber se esta é uma situação temporária ou definitiva.

entre os extremos da análise de conteúdo e da análise de discurso. A escolha dessa metodologia se justificou, pois, ao analisar conteúdos, como intersecções e percepções de diálogos com as demais pessoas que estudaram os Campos, tornei meu processo construtivo de pesquisa parte do resultado junto a eles e elas (Moraes; Galiuzzi, 2020, 2006; Galiuzzi, 2021a, 2021b, 2021c). Englobei juntamente minhas experiências anteriores. Para tanto, fiz uso de imagens fotográficas, diários, informações verbais, textos escritos à mão, desenhos e demais documentos produzidos por mim e pelas pessoas com quem convivi durante essas experiências (Silva Krüger, 2012, 2015a, 2015b, 2015c, 2015d, 2015e, 2015f, 2017; Silva Krüger; ALLY, 2019; Silva, 2016).

Toda Revisão Sistemática da Literatura se inicia com uma pergunta chave e a minha foi: como se encontram circunscritos os Campos de Refugiados de Kakuma e kalobeyei?¹⁵ Para respondê-la, o período da Revisão abrangeu de 21 a 27 de fevereiro de 2019. As Bases de dados selecionadas foram as sugeridas pela “estrutura cognitiva do estudo da relevância” (informação verbal)¹⁶ e pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina – BU UFSC (2015, 2018, 2019a, 2019b). Para o acesso às Bases de dados, conectei-me à Rede Privada Virtual da Universidade: VPN¹⁷ UFSC. As palavras-chave de busca foram: “kakuma kalobeyei”; “kalobeyei”; “kakuma”, e os resultados finais obtidos são apresentados na Tabela 1, abaixo:

Tabela 1 – Resultado final da Revisão Sistemática da Literatura sobre Kakuma e Kalobeyei nas Bases de Dados

Base de dados ¹⁸	kakuma kalobeyei	Kalobeyei	Kakuma	TOTAL
Núcleo de Estudos (2018)	0	0	1	1
PPGSP (2019)	0	0	0	0
Repositório BU UFSC (2019b)	0	0	0	0
ANPOCS (2019)	0	0	0	0
CAPEB Banco de Teses (2019a)	0	0	0	0
BDTD (2019)	0	0	0	0
Pesquisa integrada BU UFSC (2015)	0	0	26	26
Pesquisa integrada BU UFSC (2019a)	11	15	29	55
CAPEB Portal Periódicos (2019b)	0	2	7	9

¹⁵ Na dissertação, fui detalhista quanto à minha abordagem, já na tese, ocupei-me em ser objetiva quanto à apresentação de tal etapa. Caso você tenha interesse em ter maiores detalhes sobre o processo, sugiro a leitura da dissertação: Silva, 2016.

¹⁶ Estrutura proposta pelo Prof. Dr. Daniel Silva, em 2018, segundo a qual a orientação é que se iniciem as buscas do local para o global.

¹⁷ Do inglês *Virtual Private Network*.

¹⁸ A apresentação das Bases de Dados não segue necessariamente a ordem da página de referência da Universidade.

ProQuest (2019)	0	0	5	5
IBICT (2019)	0	0	4	4
OpenGrey (2019)	0	0	3	3
Springer (2019)	1	0	1	2
DOAJ (2019)	0	0	2	2
Eumed (2019)	0	0	1	1
EBSCO (2019)	0	0	1	1
DOAB (2019)	0	0	0	0
LIVIVO (2019)	0	0	0	0
Domínio Público (2019)	0	0	0	0
Portcom (2019)	0	0	0	0
SciELO (2019)	0	0	0	0
Ulrichs (2019)	0	0	0	0
Zahar (2019)	0	0	0	0
TOTAL	12	17	80	109

Fonte: A pesquisadora (2019).

Na Tabela 1, apresento os 109 resultados finais da Revisão Sistemática da Literatura existente sobre o Campo de Refugiados de Kakuma e o Assentamento Integrado de Kalobeyei. Na primeira parte do trecho, que corresponde ao Núcleo de Estudos: “Projetos Globais e o Estranho. Situações Locais e o Diverso” (Silva, 2018) até a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD (2019), encontrei somente a minha Dissertação (Silva, 2016). Dos resultados da pesquisa integrada pela BU UFSC (2019a), excluindo textos incompletos, inespecíficos e repetidos, obtive 82 documentos. Somei outros 26 documentos revisados no mestrado (BU UFSC, 2015; Silva, 2016). Assim, ao total, reuni 109 documentos de diferentes tipos (artigos, dissertações, teses, textos jornalísticos e de agências humanitárias) que estão listados no Apêndice A.

Na continuidade do processo de pesquisa, prossegui com os quatro focos propostos pela metodologia qualitativa da Análise Textual Discursiva – ATD (Moraes; Galiuzzi, 2020, 2006; Galiuzzi, 2021a, 2021b, 2021c). A ATD fica situada entre os extremos da análise de conteúdo e da análise de discurso. Trata-se de uma proposta criativa e original, na qual o processo de pesquisa em si se torna parte do resultado. Ela não se prende a ser fiel ao que os autores estudados durante a pesquisa se propuseram, mas sim a um processo construtivo entre estes e quem pesquisa. A qualidade desse processo é alcançada através da criação de “unidades categóricas”, “categorização” e “metatextos” (Moraes; Galiuzzi, 2006).

No primeiro foco, a “desmontagem e unitarização do *corpus*”, parti do método dedutivo, pois meu *corpus* foi dado *a priori* com os 109 documentos da Revisão Sistemática da Literatura sobre o Campo de Refugiados de Kakuma e o Assentamento Integrado de Kalobeyei. Além disso, já havia selecionado trabalhar com as emoções primárias: felicidade, medo, raiva e tristeza (Turner, 2003), como também com três emoções que nos ajudam a compreender a

categoria “violência extrema”: vergonha, culpa e alienação (Turner, 2011). A partir disso, iniciei a “desmontagem” e “unitarização” deste meu *corpus*, momento em que trabalhei cada um dos 109 documentos individualmente em busca das sete emoções, tendo encontrado expressões dessas emoções em 48 dos 109 documentos. No foco 2, “estabelecimento de relações e categorização”, selecionei, nestes 48 documentos, todos os 493 trechos encontrados que continham essas sete emoções e os separei por emoção: felicidade (citada 44 vezes), medo (219 vezes), raiva (63 vezes), tristeza (38 vezes), vergonha (38 vezes), culpa (74 vezes) e alienação (17 vezes). Para a realização do terceiro foco, “captação do novo emergente”, reescrevi cada um dos 493 trechos, criando as “unidades de significado”, nas quais foquei nos pontos que poderiam responder a minha pergunta de pesquisa. Para tanto, organizei-os, dentro de cada uma das sete emoções, em oito “unidades categóricas¹⁹”. Foram elas: Educação, Gênero²⁰, Identidade, Institucional, Outros, Reassentamento, Religião e Violência. Ao longo desta tese, também optei por manter algumas das 493 citações em suas versões originais, que são descritas como “unidade de análise²¹”. O quarto foco, “processo auto-organizado”, é apresentado nos capítulos 5 e 6, em que analisei todas essas informações juntamente com os demais autores e autoras estudados para alcançar o “metatexto” que compreende toda esta construção teórica.

Por fim, reitero que este processo de pesquisa foi longo, minucioso e exaustivo, contemplando o maior número de documentos que pudessem colaborar tanto na resposta à minha pergunta de pesquisa quanto na possibilidade de retomar e me aprofundar futuramente em determinadas partes estudadas. Optei por não tratar tão diretamente das minhas experiências de campo como fiz na dissertação (Silva, 2016), mas elas permearam as minhas elocubrações a todo momento, inclusive na escolha dos autores e autoras utilizados (Silva, 2016; Silva Krüger, 2012, 2015a, 2015b, 2015c, 2015d, 2015e, 2015f, 2017; Silva Krüger; Ally, 2019). Além disso, mesmo utilizando teorias que, em sua grande maioria, são estadunidenses, busquei na literatura autores e autoras africanos que me auxiliassem neste estudo²² (Kanere, 2011; 2012;

¹⁹ A ATD utiliza o termo “categoria final” para definir um tema comum entre as partes estudadas a partir de uma palavra que os representa. Turner (2011) utiliza a expressão “unidade categórica”, e, no Capítulo 4, em que apresentarei esta parte da análise, explico com maiores detalhes o processo e também a escolha pelo uso do termo de Turner.

²⁰ Para maiores informações a respeito dos estudos sobre gênero e emoções sugiro Shields *et al.* (2006) e Schrock e Knop (2014).

²¹ Exemplifico essa categorização nos primeiros parágrafos do Capítulo 5.

²² Por mais de uma vez tentei iniciar um levantamento sobre a origem dos autores e autoras dos 109 documentos utilizados, devido ao meu interesse em saber quais seriam de origem africana, mas constatei que seria inviável.

2013; 2020; Diop, 2010; Maathai, 2007²³; Adichie, 2009; Djaló, 2014; Mbembe, 2016; UNESCO, 2010a; 2021).

Saliento, também, que não fiz uso de *softwares* de pesquisas para a realização das etapas sugeridas pela ATD, optei por segui-las em um formato de “artesanato intelectual”. Essa escolha me permitiu chegar ao ineditismo desta pesquisa ao tecer a correlação trinária entre emoções, unidades categóricas e a categoria “violência extrema”. Informo que tinha o intuito de trabalhar em detalhes os casos de “violência extrema” que encontrei (haja vista que este levantamento tomou meses de trabalho), mas constatei, ao longo da jornada, que o problema de pesquisa escolhido é algo novo e delicado de ser abordado. Dessa forma, precisei deixar o estudo dos casos reservado para outra oportunidade.

²³ Wangari Maathai estudou na Universidade de Nairóbi, seguindo carreira como professora e ativista do meio ambiente no Quênia. Foi a primeira mulher africana a receber o Nobel da Paz em 2004.

2 CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DE REFUGIADOS DE KAKUMA E DO ASSENTAMENTO INTEGRADO DE KALOBYEI SOB A INFLUÊNCIA DO SPLM/A²⁴

Este Capítulo será apresentado em dois momentos: o primeiro trará observações relevantes acerca da constituição do Estado Sul-Sudanês²⁵ diante dos acontecimentos globais do século XX, e o segundo momento tratará da constituição do Campo de Refugiados de Kakuma e do Assentamento Integrado de Kalobeyei. Reitero aqui que, com o intuito de que as minhas pesquisas não se tornem repetitivas, optei por deixar meu trabalho praticamente etnográfico a respeito de Kakuma ou “lugar nenhum” para a dissertação de mestrado (Silva, 2016). Caso quem esteja lendo esta tese tenha interesse em conhecer maiores detalhes sobre essas experiências que tive no Quênia tanto em 2012 quanto em 2015, sugiro as seguintes obras: Silva (2016), Silva Krüger (2012, 2015a, 2015b, 2015c, 2015d, 2015e, 2015f, 2017) e Silva Krüger e Ally (2019).

2.1 FORMAÇÃO DO SUDÃO DO SUL

Segundo a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), precisamos observar diferentes versões da realidade, não aceitando a ideia de uma história única que negligencia diferentes perspectivas e pontos de vista. A construção de sua lógica se dá a partir dos entendimentos que possuímos sobre a África e que fazem com que criemos pré-conceitos sem mesmo ter conhecimento das pessoas em questão, como se a “autenticidade africana” representasse apenas extremos de pessoas dignas de pena ou de ódio e incapazes de gerir suas próprias histórias. Tal compreensão nos impossibilita de vê-los como pessoas em toda sua complexidade. A mídia mostra aos demais apenas um lado da história, repetidas vezes até que ela se torne a verdade. Para a autora (Adichie, 2009), isso ocorre pelo interesse no “poder” dos mundos políticos e econômicos e que define como e qual história se contará sobre o outro, criando estereótipos e roubando-lhes a dignidade. Para destruir alguém, sugere Adichie, comece

²⁴ O SPLM/A é um movimento de “resistência”, termo que define com maior precisão sua legitimidade política e prerrogativas nacionais em comparação com o termo “rebelde”, utilizado frequentemente. O SPLM é a parte política que sustenta as forças militares que é o SPLA. Ambos respondem a um único alto comando (Brown, 2008). Vale ressaltar que alguns dos autores estudados se reportam somente à sigla SPLA, enquanto outros à SPLM e outros à SPLA/SPLM ou ainda SPLA/M e SPLM/A para se reportarem ao fenômeno Movimento/Exército de Libertação do Povo do Sudão.

²⁵ Seria inviável detalhar questões pertinentes a todas as nacionalidades que constituem os dois Campos, portanto escolhi tratar do Sudão do Sul tanto por ser o país com o maior número de refugiados nesses locais quanto pelo fato de que a história do país representa a reprodução da “violência extrema”.

contando a segunda parte da histórica, como no caso africano: “Comece a história com o fracasso do Estado africano e não com a criação colonial do Estado africano e você tem uma história totalmente diferente” (Adichie, 2009).

O psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Fanon (1925-1961) observa que as injustiças vividas pelo “negro” devido aos longos processos colonizadores é uma realidade difícil de ser explicada. Ele desenvolve que, no “mito do negro”, negros e brancos ficam alienados. Muitas vezes os negros são vistos como “primitivos” ou como um “meio-homem”, quando, na verdade, há pelo menos dois mil anos já trabalhavam o ouro e a prata. Ambos os lados possuem visões míticas dessa conjuntura, que não permitem que vejamos a complexa realidade e que mantêm os negros sob esse estigma (Fanon, 1975).

Silva, Nopes e Bao (2015), em seus estudos decoloniais, observam que a expansão europeia gerou o colonialismo, o eurocentrismo e o dualismo cartesiano, que, embasados no racionalismo ou na “pura razão”, afetaram diretamente nossa forma de ver e contar a História. Esse deslocamento gerou uma mudança ontológica, dividindo nossos entendimentos sobre corpo e mente/emoção. A ciência do século XX, feita a partir desse paradigma, possui uma conotação machista e que separa sujeito e objeto, fazendo com que os estudos sobre os corpos humanos, sua anatomia, inclusive cerebral, fossem preconceituosos. Estes autores (Silva; Nopes; Bao, 2015; Nopes; 2013; Connell, 2012) valorizam a inclusão de estudos “pós-coloniais”, “decoloniais”, “subalternos”, “culturais” e a afirmativa de que a ciência ocorre num campo de disputas marcado pela “colonialidade do poder/saber”.

Diante das afirmações acima é que inicio este Capítulo, lembrando que o continente africano possui uma longa e rica história pré-colonial (e que é negligenciada pela literatura ocidental), caracterizada pela existência de grandes impérios. Também possui uma história colonial de dominação e saques por países ocidentais e outra pós-colonial de extrema dependência ocidental. O continente não é formado por uma história estática, mas sim por povos originários, etnias, religiões, economias e culturas entrelaçadas para além das fronteiras geográficas impostas pela colonização, a partir da qual grupos rivais se viram obrigados a dividir o mesmo território enquanto clãs foram repartidos. A colonização alimentou, assim, o que hoje entendemos enquanto crise humanitária (UNESCO, 2010a, 2010b; Castells, 2000; Djaló, 2014; Fanon, 1975).

No Sudão, foi possível constatar que a marcante marginalização dos povos do Sul não se deu apenas pela colonização europeia, mas também devido à imposição hegemônica árabe

egípcia²⁶ (Freitas; Andrade, 2014; Russel; Stage, 1996). Ao retomarmos à história mais recente do Sudão anglo-egípcio, pós-1900, vemos que esta é marcada por conflitos e tentativas de acordo entre Egito e Grã-Bretanha, que almejavam o domínio territorial, material e humano da região. Isso acentuou as desigualdades entre o norte e o sul do país, que, apesar de economicamente ser considerado pobre, possuía riquezas naturais e nível de instrução universitário em crescimento após a Primeira Guerra Mundial, quando comparado a países vizinhos mais ricos na época, como o caso do Congo Belga. A tradição *jihad* (que significa “luta na via de Deus”) seguiu forte no movimento islâmico anti-imperialista tanto britânico quanto egípcio dentro do Sudão (UNESCO, 2010b).

O pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado no Sudão por três problemas: a luta pela independência, as relações com o Egito e as conflituosidades entre o Norte e o Sul. Seus líderes religiosos se viam oprimidos pelo regime colonial. Nos momentos próximos à independência, os britânicos incentivaram que o “poder” fosse assumido por um partido com atitude antiegiípcia se opondo ao partido que lutava pela união do Nilo (UNESCO, 2010b).

O Sul equatorial passou a se rebelar quanto à expansão militar do Norte, e o país sofreu com a guerra civil desde a sua independência em 1º de fevereiro de 1956 (UNESCO, 2010b; Brown, 2008; Freitas; Andrade, 2014). Isso ocorreu devido à política britânica que distinguia o Norte do Sul, mantendo a região equatorial em situação similar à escravidão em comparação ao Norte muçulmano. O Sul chegou a lutar e defender a participação dos egípcios no país. A tomada do “poder” pelo Norte foi feita sem que houvesse preocupação com a afinidade entre os polos do país (UNESCO, 2010b). Tratou-se do governo de uma minoria islâmica que não representava a identidade dos povos do Sudão, identidade esta que já vinha retalhada de séculos de colonização (UNESCO, 2010a, 2010b; Brown, 2008; Russel; Stage, 1996; Freitas; Andrade, 2014).

As constantes guerras geraram inúmeras instabilidades e deficiências no gerenciamento do controle territorial dentro deste Estado fraco e não laico, no qual o Norte do país segue as políticas de islamização e arabização, enquanto o Sul se guia por uma política religiosa cristã (Freitas; Andrade, 2014; Russel; Stage, 1996). Apesar da imposição do árabe como língua oficial a partir dessa tomada de “poder”, ele não foi e nem é rejeitado pelos sulistas, pelo contrário, compartilha-se o saber de que conhecer a língua do inimigo é “poder” (Khasandi-Telewa, 2007; Silva, 2016; Silva Krüger; Ally, 2019).

²⁶ O domínio árabe da África do Norte sobre o restante do Continente inclui a imposição religiosa com o islamismo.

O que se viu foi que a construção estatal de muitos países africanos, alcançada após os processos de descolonizações, colapsou com o surgimento do capitalismo global a partir de meados do século XX, envolvendo aspectos econômicos, tecnológicos, sociais e políticos. Constata-se, portanto, que ocorreu uma “desumanização” da África, ou seja, nesse processo, houve uma negação da condição de humanidade dos povos africanos (Castells, 2000).

Nos primórdios da Guerra Fria (1947-1989/1991²⁷), o “poder” colonialista sobre o continente africano foi fortalecido novamente, mas, apesar disso, foi recebido pelo povo com resistência e luta por direitos sociais. Mesmo com inúmeras tentativas dos países africanos para se alinharem nesse período, a bipolaridade gerada pelas duas grandes potências da época alimentou o poderio econômico e bélico dos grupos e países africanos que de algum modo pudessem satisfazer seus interesses. Como consequência, ao final da Guerra, sobraram os conflitos étnicos, religiosos, culturais, econômicos e políticos, alimentados por movimentos separatistas muito bem armados (UNESCO, 2010b). O liberalismo político e econômico na África pós-colonial gerou desestabilização econômica em alguns países como o Sudão. Tais países viviam o dilema de ter que escolher entre liberdade política ou “desenvolvimento” econômico (UNESCO, 2010b).

Desde a década de 1980 (até 2005), estima-se que mais de 2,5 milhões de pessoas tenham morrido devido à guerra entre o Movimento/Exército de Libertação Popular do Sudão (SPLM/A), um movimento de “resistência” sudanês sob o comando do falecido coronel John Garang, e o governo da Capital Sudanesa em Cartum, representado pela Aliança Nacional. Essa decisão resultou no deslocamento de três a cinco milhões de pessoas e na migração forçada de mais de seiscentas mil para outros países vizinhos. Considerável parte dos afetados pertence às etnias Dinka e Nuer (Brown, 2008; El Jack, 2010; Grabska, 2011; Grabska; Fanjoy, 2015). El Jack (2010, p. 21, tradução nossa) constata que, na época, “[...] o governo do norte alvejou e queimou aldeias para proteger os territórios em torno dos campos de petróleo, o que intensificou o deslocamento de milhões de sudaneses do Sul [...]”. O sul do país, que detém a maior parte da matéria-prima, foi praticamente todo destruído. As principais estradas, pontes e ferrovias foram minadas. Recursos básicos como água, hospitais e escolas também deixaram de existir (Russel; Stage, 1996; Eidelson; Horn, 2008).

Apesar do início da década de 1990 marcar o fim dos movimentos de descolonização dos países africanos, ele marcou também o crescimento exponencial de guerras civis de impacto

²⁷ A queda do Muro de Berlim em 1989 e o fim da União Soviética (URSS) em 1991 marcaram o fim da Guerra Fria.

em vários países. Especificamente o Sudão, nessa época, já vivenciava movimentos separatistas. A crise dos sistemas africanos foi marcada pelas duplas política da “tirania x anarquia” e “economia da dependência x declínio”. A explosão demográfica observada na África até a década de 1980 juntamente com a desertificação e o crescimento dos conflitos civis gerou, como veremos mais a diante, “crianças da guerra”, que são “órfãs sobreviventes” de 3 (três) situações marcantes do continente africano: o confronto dos seres humanos contra o seu ecossistema, contra a ignorância e contra a pobreza (UNESCO 2010b).

Na tentativa de pôr um fim na guerra civil que assolou o Sudão por vinte e dois anos, em 9 de janeiro de 2005, no Quênia, houve a formalização do Acordo de Paz Abrangente ou Tratado de Naivasha assinado pelo SPLM/A e pelo Governo de Cartum. Com esse Acordo, almejava-se a autonomia e o fortalecimento do Sul (Grabska, 2011; Brown, 2008). Para tanto, propôs-se que, por um período predeterminado de seis anos, as receitas do petróleo vindo do Sul seriam divididas com o Norte até a total independência do Sul em 9 de janeiro de 2011, quando Juba passou a ser sua Capital (Brown, 2008).

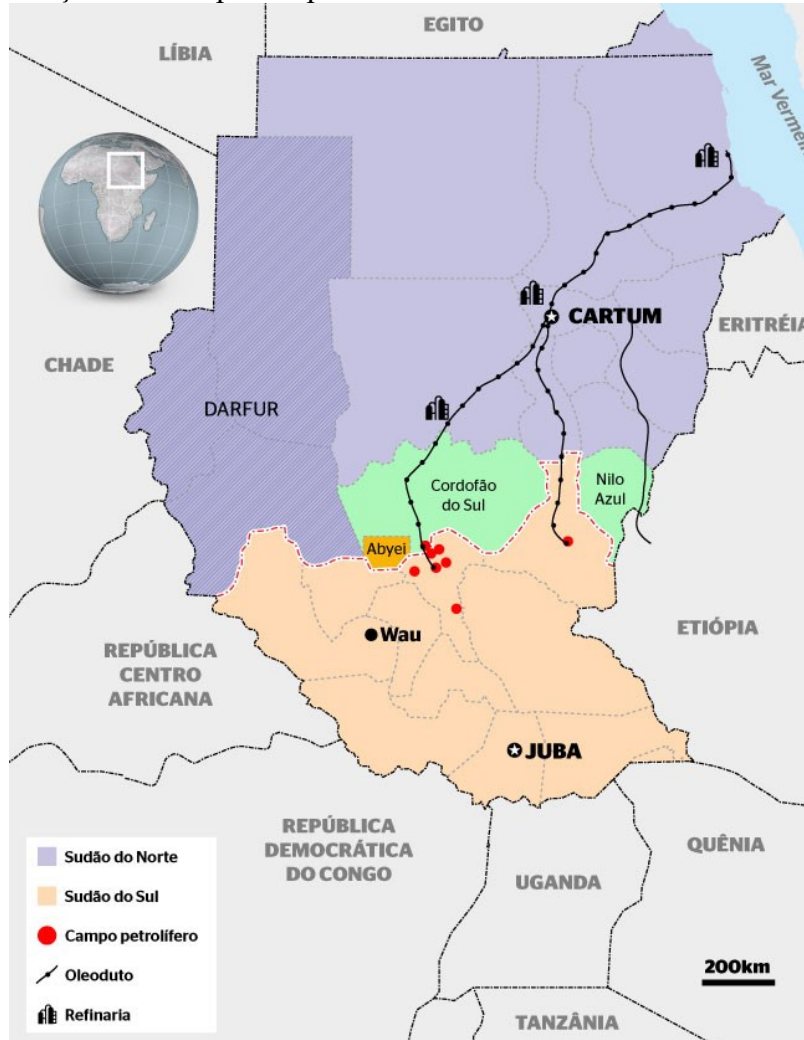
Neste período, os conflitos violentos entre Darfur (ao Norte) e Beja (no Oeste) continuaram existindo. O Acordo de Paz permitiu, mesmo que de modo prematuro, o início da reconstrução das infraestruturas para o retorno de mais de dois milhões de pessoas aos seus lares no Sul (Brown, 2008; Grabska, 2011; Grabska; Fanjoy, 2015). Dizemos que o Acordo foi prematuro, pois, como vemos atualmente, a instabilidade política, militar e econômica do país perdura até hoje.

Brown (2008) ressalta que um dos motivos para o Tratado não ter funcionado foi a morte de John Garang em um acidente aéreo, trazendo insegurança quanto ao retorno da população ao país. A morte e o assassinato de líderes de ambos os lados também é parte do que consideramos “armas de guerra”, de modo semelhante à ocorrência de confrontos entre as tribos equatorianas e os Dinka em 1998, que “foram instigados pelo assassinato de líderes proeminentes de ambos os lados da guerra” (Jansen, 2016, p. 434, tradução nossa). Outra forma de arma de guerra utilizada repetidamente no Sudão é o deslocamento forçado. Somente entre 1995 e 2005, mais de 4,5 milhões de pessoas foram deslocadas nesse processo de conflitos entre o governo do Norte e o SPLM/A (El Jack, 2010). O Sul possui mais de 200 grupos étnicos²⁸ que utilizam línguas e tradições próprias. Os dois maiores grupos étnicos são os

²⁸ Para maiores informações sobre todos os grupos étnicos que compõem o Sudão do Sul e a região à qual pertencem, sugiro consultar ONU (UN, 2004).

Dinkas, seguidos pelos Nuers, que vivem nas regiões petrolíferas, como é possível acompanhar na Figura 5, a seguir:

Figura 5 – Localização dos campos de petróleo no Sudão do Sul



Fonte: Sudão (2010).

Para situar a Figura 5, acima, as regiões destacadas com os pontos em vermelho possuem depósitos de petróleo. A região Noroeste da Capital Juba, chamada Jonglei, é considerada fértil para criação de gado e reserva de água (Freitas; Andrade, 2014). Ao observarmos a história da construção dos conflitos no Sudão desde a sua independência em 1956, ela parece girar em torno do “poder” sobre o petróleo. Conforme a literatura apresenta, o Tratado de Naivasha, em 2005, explicita isso ao colocar condições para a autonomia do Sudão do Sul, a qual somente seria possível após seis anos enviando metade dos lucros do petróleo para o Norte (Brown, 2008).

Infelizmente o que conseguimos observar é que, enquanto essas guerras perduram, há um grande sofrimento humano e das demais formas de vida da região. O crescimento populacional observado desde a década de 1980 é utilizado como forma de vidas descartáveis na busca pela vitória da guerra e pelo uso do lucro do petróleo por poucos. São milhares de vidas que lutam e defendem anualmente ambos os lados, muitas vezes de modo ambíguo, sem que se encontre uma solução minimamente plausível à situação (Brown, 2008; El Jack, 2010; Freitas; Andrade, 2014; UNESCO, 2010b).

Cabe relatar que, ao longo das últimas duas décadas, outros acordos de paz foram assinados, como o Acordo de Paz de Abuja (Nigéria) em maio de 2006 (UN, 2007), o Acordo de Doha em Darfur em maio de 2011 (UN, 2011), o Acordo de Paz assinado na Etiópia em setembro de 2018 (UN, 2018) e o Acordo de Paz de Juba em outubro de 2020 (UN, 2020). Apesar disso, a própria Organização das Nações Unidas – ONU reconhece que o desalinhamento entre as expectativas dos diferentes interessados, tanto ao Sul, quanto ao Norte, faz com que o sonho da pacificação dos povos dessas Nações pareça distante (UN, 2021).

Brown (2008) descreve que estar em Juba, à beira do rio Nilo, é observar a triste história de décadas de lutas por identidades e violência explícita. Estupro²⁹, amputações, escravidão, crianças-soldado, fome, armas de destruição em massa e destruição completa de aldeias e de recursos naturais em nome de tiranias desestabilizaram, traumatizaram e afetam até hoje o sentir e ser sudanês, assim como terão impacto sobre as gerações que se sucederão. A visão dos restos de tanques carbonizados é possível tanto no Norte (Sudão) em Darfur, quanto no Sul (Sudão do Sul). Atualmente, partes de grupos tentam encontrar a paz reconstruindo seus sonhos, identidades e histórias, e o fazem sob a ameaça constante de novos “desencontros”.

2.2 “POLÍTICA DO “NÃO PERGUNTE, NÃO DIGA”

O governo, juntamente com as agências humanitárias, define, por segurança, que o asilo a refugiados seja concedido a uma certa distância das fronteiras dos países de origem. A cidade de Kakuma fica a 125 km de distância da fronteira com o Sudão do Sul (CRISP, 1999). “O lugar é cercado por uma rodovia. [...] Um calor infernal e um vento que só parou na hora de dormir. [...] Aqui é uma região muito seca e o número de pessoas só cresce [...]” (Silva Krüger, 2015d, diário de campo, Kakuma, 2015).

²⁹ Maciejczak (2013) observa que a violência sexual também é uma arma de guerra comumente utilizada na “violência extrema” em Serra Leoa.

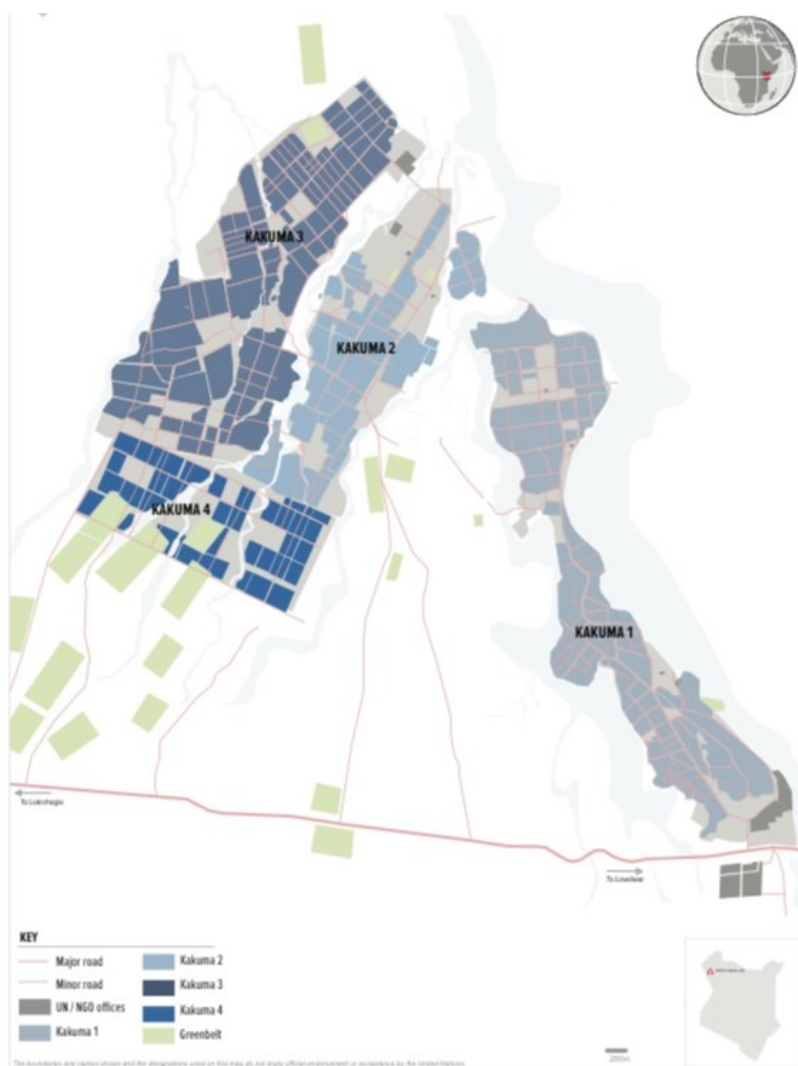
Figura 6 – Localização de Kakuma e Kalobeyei



Fonte: EL PAÍS (2016).

Na Figura 6, acima, podemos ver a localização tanto de Kakuma quanto de Kalobeyei. As cidades ficam localizadas na região Oeste do Quênia, num local isolado, inóspito e desértico, que sofre com inundações pelo período de um mês ao ano (Burns, 2010; Silva, 2016; Silva Krüger; Ally, 2019). Esse local foi escolhido para situar o Campo de refugiados pelo estigma que ser refugiado representa (Jaji, 2012). Como pode ser observado na Figura 7, a seguir, Kakuma é subdividido em 4 áreas (UNHCR, 2022a):

Figura 7 – Campo de Refugiados de Kakuma com suas 4 subdivisões



Fonte: UNHCR (2022a).

Essa divisão apresentada na Figura 7, acima, não ocorre por acaso. Ela pode ser justificada tanto pelo crescimento da população de refugiados, que já ultrapassou o limite previsto na abertura do Campo em 1992, quanto pela necessidade de separação dos grupos e subgrupos étnicos refugiados no local, como veremos mais adiante (Silva, 2016; Silva Krüger; Ally, 2019; Crisp, 1999; Jaji, 2012). A demarcação do Assentamento Integrado de Kalobeyei foi pensada como uma “cidade integrada sustentável”, na qual se pretende a acomodação de cidadãos locais refugiados a partir de novos paradigmas para possíveis soluções das lacunas existentes nos serviços humanitários (Yarza, [ca. 2020]). Apesar dessas tentativas, observa-se que os mesmos problemas com violência ocorrem no espaço (Yarza, [ca. 2020]; Kanere, 2020),

inclusive ataques característicos de “violência extrema” (Kanere, 2020). Seu planejamento espacial se deu conforme a Figura 8, abaixo, indica, com destaque para 3 vilas:

Figura 8 – Planejamento espacial do Assentamento Integrado de Kalobeyei



Fonte: UNHCR (2022a).

A divisão de Kalobeyei apresentada na Figura 8, acima, possui o mesmo intuito descrito anteriormente para Kakuma. Segundo dados do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR (UNHCR, 2022b), até o final de julho de 2020, comportavam juntos uma população de refugiados de 196.666 pessoas. Kalobeyei possuía próximo de 40.000 pessoas refugiadas na ocasião (UNHCR, 2022a). Em seu último relatório, o ACNUR (UNHCR, 2019) informa que a população que compõe o Campo e o Assentamento é proveniente de 22 nacionalidades. As nacionalidades mais presentes seguem decrescentemente: Sudão do Sul, Somália, República Democrática do Congo, Etiópia e os demais países. Para se ter uma ideia da desproporção, somente os sul-sudaneses correspondem a mais de 50% dos refugiados nesses dois espaços (UNHCR, 2019). Destes, a maior parte são das etnias Dinka e Nuer. Nessa

configuração que forma Kakuma e Kalobeyei, soma-se ainda a chegada quase que diária de novos requerentes de asilo (Grabska, 2011; Silva, 2016; UNHCR, 2019), além das solicitações da população local da etnia Turkana, que padece praticamente com os mesmos problemas dos quais os requerentes de asilo afirmam sofrer (Ohta, 2005; Silva, 2016; Silva Krüger; Ally, 2019).

O Campo de Refugiados de Kakuma foi inicialmente formado pelo que conhecemos como “*Lost boys of Sudan*”. A história que gira em torno desse começo remonta a um grupo de aproximadamente doze mil meninos e meninas sudaneses que, em 1991, fugiram da guerra civil e se estabeleceram na fronteira do então Sudão com o Quênia. Em maio de 1992, próximo ao Vilarejo de Kakuma, foi montado um acampamento para acolher esses milhares de crianças famintas, desnutridas e, muitas, nuas, que chegavam, enquanto outras não resistiam ao caminho (Jansen, 2016; Silva, 2016; Silva Krüger; Ally, 2019; UNHCR, 2022a; Verdirame, 1999; El Jack, 2010; Grabska, 2011; Ohta, 2005).

No entanto, essa história possui outra versão que não é divulgada abertamente. Há estudos que apresentam que esses meninos eram jovens recrutados pelo SPLM/A e que estavam em treinamento no acampamento de Gambella, na Etiópia. Segundo essa outra versão, em 1991, com a queda do governo socialista na Etiópia, esses jovens foram expulsos e migraram com seus educadores. No início, isso não teria sido um problema para o governo queniano, nem para as agências humanitárias, mas, atualmente, a associação, a qualquer força de “resistência”, inclusive ao SPLM/A, é julgada negativamente. Isso se deve ao uso da Convenção de Refugiados de 1951, que compreende que a filiação a movimentos tidos como rebeldes seja considerada crime contra a humanidade e, com isso, torna esses migrantes ilegíveis para o pedido de refúgio, mesmo que essa ligação tenha ocorrido no passado (Jaji, 2012; Jansen, 2016; Burns, 2010; Grabska, 2011; Ohta, 2005).

Há discussões em torno do maior número de meninos em comparação às meninas que chegavam desacompanhados ao Campo. Essa informação pode ser explicada pelo fato de que eles, os meninos, seriam treinados para se tornarem soldados e, também, porque a educação não era vista com bons olhos para as meninas. Atualmente a visão que impera para ambos os gêneros é de que estudar em uma área multicultural como Kakuma traz a oportunidade de ensinamentos distintos daqueles que se teria em meio às zonas de guerra no país de origem (Grabska, 2011; El Jack, 2010).

Jansen (2016) reitera que esses meninos e meninas foram o “hediondo efeito colateral da guerra”. Eles não seriam apenas “órfãos da guerra”, eles foram “crianças-soldados”. O

processo de recrutamento dessas crianças pelo SPLM/A teria começado em 1980. Relatos apontam que os “resistentes” exigiam uma criança de cada família em cada vilarejo que passavam. As crianças mais jovens eram enviadas para os Campos de Dimma, Itang e Fugnido, que ficavam próximos aos “campos de resistência” de Bongo, Bilpam e Gambella. Lá, recebiam educação e treinamento militar básico, que eram tolerados pelo governo etíope. Quando se tornavam maiores, eram enviadas aos campos de resistência e posteriormente de volta ao Sudão para lutarem.

Com a queda do governo social etíope de Mengistu Haile Mariam, em 1991, os jovens foram expulsos do país. Nesse processo, não apenas o Campo de Kakuma teve essa função de receber, educar e treinar tais meninos e meninas, mas também outros campos nas fronteiras sudanesas. Essa “rebelização” do Campo dava força e capacidade de controle administrativo ao SPLM/A dentro do Campo, mesmo que de modo fragmentado. Quanto maior a ligação que os refugiados possuíam com o movimento, maiores os benefícios. Os Dinkas estavam diretamente ligados, possuíam uma estrutura de liderança e de reivindicação nacional. Vale salientar que não há informações precisas sobre esse período, ou como esses recrutamentos ocorriam. O que há são relatos cada vez mais tímidos sobre essas questões que envolvem o SPLM/A e o Campo de refugiados de Kakuma (Jansen, 2016).

Mesmo com lacunas, essas afirmações nos ajudam a entender o componente político que envolve a criação e a manutenção do Campo de Kakuma sob a forte influência do SPLM/A (Grabska, 2011; Ohta, 2005). Para Burns (2010), essa foi a forma de influência mais significativa que existiu no Campo e teve como objetivo a dominação da população sul-sudanesa que vivia no local. O espaço serviu para proteção de combatentes e seus familiares, refúgio, descanso, educação, recrutamento e treinamento militar. O SPLM/A criou leis, sistemas escolares e carcerários antes mesmo que as Organizações Não Governamentais – ONGs chegassem, o que fortaleceu ainda mais seu “poder” e controle no local, conectando os acontecimentos do Sudão ao Campo (Crisp, 1999; Jansen, 2016; Burns, 2010; Mwangi, 2005). Um exemplo disso foi o seguinte:

A cisão de 1994 no SPLA, na qual uma seção Nuer se separou sob o comando de Riek Machar, refletiu-se no campo em confrontos entre os Dinka e os Nuer. Como resultado desses confrontos, os Nuer se separaram espacialmente dos Dinka, o que também resultou em confrontos entre tribos equatorianas e os Dinka. Os Nuer estavam concentrados em uma área específica doravante chamada de “comunidade equatoriana”. Como tal, as comunidades Dinka, Equatoriana e Nuer foram reorganizadas espacialmente para evitar ao máximo [as fontes com] a água umas das outras. O Chefe do Subcomissariado do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) em Kakuma falou de um problema de violência

institucionalizada, em que pequenos problemas podem crescer a ponto de envolver grupos ou comunidades completos, em alguns casos levando a mortes. Algumas batalhas, como as mencionadas acima, ressoaram pelo acampamento como eventos fundamentais (Jansen, 2016, p. 434, tradução nossa).

Assim, quando conflitos ocorrem entre os grupos no Sudão do Sul, rapidamente se espalham pelo Campo. A cisão das etnias Dinka e Nuer no SPLM/A, somada à superlotação, intensificou as animosidades entre esses povos no Campo, todavia os conflitos não ocorrem somente entre eles. Os relatórios evidenciam, também, questões conflituosas com os Didingas (grupo equatoriano do Sudão do Sul), que consideram que, enquanto eles lutam pela libertação do próprio Sul, os Dinkas, também sul-sudaneses, querem que seus representantes sejam os comandantes, tomando o “poder” para si (Crisp, 1999). Burns (2010) também evidencia que os Dinkas são acusados de reivindicarem a posse do Campo para eles. Dessa forma, constatamos que fazer parte de uma mesma nacionalidade não significa sentir-se pertencente a essa identidade.

Algumas das manifestações mais importantes de violência nas áreas populosas de refugiados do Quênia [Dadaab e Kakuma] envolveram confrontos violentos entre exilados da mesma nacionalidade. Das duas áreas em questão, Kakuma foi a mais seriamente afetada por esse fenômeno. Em junho de 1997, por exemplo, os combates entre os sudaneses Dinkas e os Nuers levaram a um número desconhecido de mortes e mais de 100 feridos. Seis meses depois, o escritório do ACNUR em Kakuma informou que “ocorreu uma briga entre dois jovens Dinka, que rapidamente se transformou em uma briga envolvendo um grande número de pessoas... Combates anteriores envolviam Dinkas contra os Nuers. Agora os Dinkas estão lutando entre si.” Este confronto – entre os subclãs conhecidos como Dinka Barhal Gazal e Dinka Bor – durou quatro horas e levou a polícia a disparar mais de 100 cartuchos de munição real sobre as cabeças dos beligerantes. Cerca de 140 vítimas foram registradas (Crisp, 1999, p. 9, tradução nossa).

Dessa maneira, não apenas as questões diretas ocorridas no Sudão do Sul despertam o conflito, mas também questões que refletem os confrontos identitários entre esses clãs e subclãs sob a influência do SPLM/A. Nesse contexto, pequenas diferenças são capazes de trazer à tona a raiva e o rancor alimentados há décadas. Tem-se conhecimento de que a minoria Luo não teria posição definida sobre a guerra do país, mas que os subclãs Dinka Bor e Dinka Bahrel Gazal se unem contra os Nuer em apoio ao SPLM/A apesar de viverem constantes desentendimentos fora esse objetivo comum (Burns, 2010). Crisp (1999) reafirma que outras formas de confrontos ocorreram em Kakuma. Um exemplo disso ocorreu em março de 1998, quando três acontecimentos do tipo foram registrados: o primeiro envolveu a morte de refugiado de Bahr-el-Ghazal; o segundo, a invasão e furto de animais na área da comunidade

somali; e o terceiro ocorreu entre os clãs Dinka Bahr e Dinka Bor, resultando em 155 refugiados com ferimentos graves.

Para contribuir com as animosidades, o ACNUR não consegue tomar conhecimento da dimensão da violência em Kakuma, inclusive porque parte dela não é reportada, haja vista que os refugiados e refugiadas se sentem inseguros de fazê-lo. Isso acontece pois ocorreram situações nas quais os próprios agentes humanitários, judiciais, policiais quenianos e líderes religiosos e grupais foram acusados de abusos e punições arbitrárias (Crisp, 1999; Hilhorst; Jansen, 2010; Oka, 2014). Nesse sentido, precisamos compreender que as pessoas envolvidas no trabalho humanitário também possuem motivações próprias que as levam a formas de corrupção, ao mesmo tempo em que também sofrem com os efeitos do trabalho degradante, exaustivo e que muitas vezes coloca sua segurança física e mental em risco (Harvardx, 2020).

Figura 9 – Área do CRK abrigada pelas pessoas refugiadas



Fonte: A pesquisadora (2015).

A sobrevivência nesses locais é difícil, o que torna as antigas rivalidades altamente inflamáveis diante da superlotação aliada à escassez de proteção, de água, alimentos, energia e

educação. Como podemos ver na Figura 9, acima, é possível observar a proximidade entre os locais nos quais as pessoas refugiadas vivem, os banheiros compartilhados e a bica de água também compartilhada. Além disso, não somente os refugiados se sentem inseguros no Campo: os profissionais que atuam lá também se veem em risco, pois a “cultura da impunidade” alimenta a violência e o desejo por vingança que os acompanha desde o Sudão do Sul (Crisp, 1999; Hilhorst; Jansen, 2010; Oka, 2014).

O Campo possui reputação de violento devido aos frequentes conflitos étnicos e por recursos, como é possível perceber no relato a seguir: “Em junho passado, pelo menos oito pessoas morreram em uma briga entre o sudanês Murle e Nuer, incluindo um garoto de 14 anos, enquanto mais de 20 pessoas sofreram ferimentos e foram tratadas no hospital do acampamento” (Kanere, 2013). Para refugiados e refugiadas, a animosidade e desconfiança fazem parte das histórias contadas desde o nascimento, e, dessa forma, as demais pessoas que compartilham da mesma identidade grupal acabam por se envolver. Essas animosidades são despertadas no Campo tanto pelo que acontece no local, como pela lembrança de acontecimentos no país natal dos refugiados, mesmo que anos antes, como é o caso do exemplo supracitado, que relata conflitos no Campo de Kakuma que tiveram início em junho de 2013, envolvendo quase 200 pessoas refugiadas. O confronto foi motivado pelo suposto sequestro, em 2011, de uma criança Nuer, de fora do Campo, por uma família Murle. O “rancor” alimentado entre eles se tornou tão expressivo que os próprios refugiados reconhecem que mesmo questões negociáveis se transformam em conflitos violentos (Kanere, 2013).

Outro exemplo dessa situação coletei durante a pesquisa de campo, quando registrei o que foi confidenciado por um cidadão local da etnia Turkana:

S. tem 28 anos, nasceu aqui e viu o Campo de Refugiados de Kakuma Nascer. Diz que os Sul-Sudaneses geralmente são legais, principalmente de Juba. Já os Sudaneses são encrenqueiros e sempre querem briga, não entenderam/não querem refúgio. Ano passado teve uma guerra entre eles e os Burundeses. Começou com um motoqueiro. Foram 2 semanas e muitas mortes. Também não gosta muito dos Somalis. Trouxeram o Al Shabaab para cá (Silva Krüger, 2015d, diário de campo, 2015, Kakuma).

Existem pessoas que falam abertamente sobre suas ligações com os movimentos de seus países, outras não, mas, de modo geral, os refugiados sabem da necessidade de manterem seu papel de vítima para que possam receber recursos e proteção para além de seus frágeis Estados (Jansen, 2016). Acredita-se que o SPLM/A possua uma forte coerção física e psicológica sobre os grupos, assim como que cobre taxas aos refugiados em Kakuma, embora haja pouca informação disponível a respeito (Crisp, 1999). Ao contrário do Al Shabbab em Dadaab, o SPM/A à princípio não foi considerado uma ameaça à Kakuma (Burns, 2010). Ao mesmo

tempo, profissionais do ACNUR que acompanham os refugiados desde o começo do Campo possuíam informações e familiaridades que explicariam a ambiguidade existente nessas relações, especialmente o apoio à causa sul-sudanesa, considerando que, “grosso modo”, alguns funcionários e doadores viam a guerra contra os opressores árabes como válida (Jansen, 2016).

Um dos motivos para que o ACNUR passe a adotar uma postura tão dura quanto a negação de asilo a pessoas ligadas aos movimentos foi o erro cometido no genocídio de Ruanda em 1994, quando a agência foi acusada de manter vítimas e genocidas sob o mesmo espaço. Essa é uma marca dolorosa da assistência humanitária moderna que parece não se apagar³⁰ (Harvardx, 2020; Jansen, 2016; Kanere, 2011, 2012; Verdirame, 1999). Foi com o crescimento do número de refugiados no Quênia ao final do século passado que cresceu também o número de ataques terroristas no país, o que favoreceu esse enfraquecimento no apoio ao recebimento de novos refugiados. Somente após a repatriação de sul-sudaneses é que a influência do movimento se reduziu no Campo (Burns, 2010).

Talvez um dos principais enganos que possamos ter quanto a esses espaços seja idealizá-los enquanto espaços apolíticos temporários nos quais a violência familiar, política, religiosa, étnica, ambiental, entre outras, não chegue. Seria um “estado de exceção”, como contextualizarei mais adiante. Há uma excepcionalidade segundo a qual se finge que a violência e a militarização não existem. É uma política do “não pergunte, não diga” (Jansen, 2016).

Ao colocarmos os migrantes do final do século XX e início do século XXI no centro do terrorismo midiático fortalecemos o “vórtex emocional” extremo entre medos e ódio, empatia e compaixão. Os processos migratórios são marcados por preconceitos linguísticos. O direito ou não à cidadania demonstra ser um dos fatores que eleva a aversão a presença de quem nasceu em outro lugar. Na atualidade, a atuação das agências humanitárias nos acampamentos retira da sociedade civil a “solidariedade interpessoal de proximidade” e também o dever social do Estado. A pressão criada pelas demandas relacionadas à migração traz consigo o medo da invasão territorial. Os países ditos “desenvolvidos” criam barreiras, muitas fluídas, para impedir isso. Nas ONGs vemos todo tipo de funcionários atuando. Todos esses fatores que os

³⁰ Diante de vários acontecimentos ao longo das últimas décadas, a prática das agências ao tratarem das questões referentes aos conflitos armados e desastres gerou quatro “princípios humanitários fundamentais” que guiam seus trabalhos, assim como do “Direito humanitário Internacional”. O primeiro é dirigido aos “atores humanitários” que fornecem assistência nos diferentes casos. Já o segundo, surgido da lei especialmente nos séculos XX e XXI, só é utilizado em casos de conflitos armados. A implementação desses princípios também gera tensões. A situação que envolve esses trabalhos é complexa e está em constante mudança devido aos diferentes cenários em que ocorre. Os quatro princípios que orientam a resposta humanitária a conflitos e desastres são: Humanidade (protegendo a vida), Imparcialidade (baseando-se na necessidade), Neutralidade (não tomando partido) e a Independência (com autonomia) (Harvardx, 2020).

acompanham, desde a saída de seus países de origem, nos evidenciam como esse processo é despreparado e que traz muitos novos sofrimentos. Nesses casos, reduzem-se a escolhas como morrer violentamente ou tentar sobreviver a uma lamentável e longa fuga após perambular por longos períodos. Reitero a colocação de Adichie (2009), citado no início deste Capítulo: a mídia destaca apenas um lado da história e deixa de apresentar a primeira parte, a de que os movimentos migratórios fazem parte da História recente³¹ e envolvem também migrantes legais (do ponto de vista jurídico), os quais trazem benefícios ao país no qual passam a residir (Peraldi, 2020).

Precisamos ter em mente como as “unidades categóricas” discutidas neste Capítulo influenciam os fenômenos emocionais das pessoas vivendo em Kakuma e Kalobeyei através da dramaturgia e das identidades envolvidas nos processos de “violência extrema”. Para tanto, a Sociologia das Emoções, pelo viés neurosociológico, pode ajudar a nos concentrarmos nos elementos que conduzem esses grupos.

³¹ Pensando especialmente nas migrações que ocorreram nos EUA e Europa a partir do século XIX com a expansão industrial.

3 BASES DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

Veremos neste Capítulo que o interesse pelas emoções tem gerado inúmeros estudos. Após ler diversos textos de autores da antiguidade, clássicos da Sociologia, pensadores estadunidenses, brasileiros, entre outros a respeito das emoções, cheguei à conclusão de que seria inviável descrever essa categoria de modo a englobar detalhadamente todas as suas concepções existentes. Assim, este Capítulo tem como intuito apresentar um panorama geral e cronológico das bases epistemológicas das emoções, seguido pela construção da Sociologia das Emoções no Brasil e no mundo, pela Neurosociologia e, por fim, pela ontologia das emoções.

3.1 EPISTEMOLOGIA³²

Não há um consenso quanto à etimologia da palavra “emoção”. Há quem afirme que a sua origem venha do latim *motio - onis* = movimento (Bove, 2009; SENAC, 2021), ou ainda do latim *movere* = mover para fora (Gonsalves; Lima, 2015). Há também quem aponte que, mesmo que não houvesse a pretensão de defini-la à época, venha do latim *esmouvir* = mover e *esmouvement* = movimento. Ela, a emoção, paradoxalmente, pertence tanto à esfera do conhecimento quanto da sensação (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020a, 2020b). Há quem a direcione ao francês “*émotion*”, utilizando-se de um conceito recente, datado de meados do século XIX, quando se vivia a revolução francesa³³, o advento da ciência e o nascimento da Psicologia (Franke, 2020)³⁴.

Os “afetos”³⁵, “paixões” e, mais atualmente, as “emoções” atormentam pensadores e pensadoras há milênios (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020a; Damásio, 2013; Esperidião-Antonio *et al.*, 2008). Até então os conceitos de “afetos” e “paixões” eram utilizados para descrever as emoções (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020a; Lordon, 2015; Franke, 2020; Esperidião-Antonio *et al.*, 2008). Não é apenas a sua etimologia que gera discussões, toda a sua construção é permeada por distintas perspectivas, como traçarei neste Capítulo. Nossas

³² Distingui os títulos dos capítulos 3 e 4, respectivamente, através dos termos “bases” e “fundamentos”, entendendo o primeiro como referente à base sobre a qual a teoria foi desenvolvida, e o segundo enquanto fundamento que permitiu a construção dessa base.

³³ Para maiores informações sobre as emoções no período que envolve a revolução francesa até o século XIX, sugiro Corbin, Courtine e Vigarello (2020a, 2020c).

³⁴ Tratando-se da língua francesa uma língua latina, talvez possamos refletir que se trata da “evolução” da palavra ao longo dos séculos no tempo e no espaço vivido pelos diferentes indivíduos.

³⁵ Para maiores informações sobre afetos e emoções, sugiro Rogers e Robinson (2014). Para emoções na teoria do controle dos afetos sugiro Lively e Heise (2014) e Robinson, Smith-Lovin e Wisecup (2006).

culturas³⁶ são repletas de histórias reais e mitológicas que nos prendem devido ao seu poder emocional. São histórias que abordam diversas esferas da vida pública e privada, como política, economia³⁷, família³⁸, relações amorosas³⁹, amizades e inimizades, nas artes, na religião, entre outras (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020a).

A dicotomia razão e emoção é muito antiga nos diálogos humanos. Desde os antigos filósofos estoicos e epicuristas, há 4 séculos antes de Cristo, esta discussão é registrada. No século IV a.C., Zenão (336 a 246 a.C.) fundou o estoicismo devido às peculiaridades de seu tempo e espaço. Naquele momento histórico, os cidadãos gregos livres se viam tornando-se súditos. Diante dessas transformações, foi que o interesse, não expressamente pelas emoções, mas pelo controle delas surgiu (Coelho; Pereira Melo, 2008; Lima, 2011). Para os filósofos estoicos, o corpo é mantido vivo pela alma, na qual esta e aquele se encontram unidos. As emoções que tendessem a desequilibrar essa relação que forma o humano deveriam ser aniquiladas. Assim, ao se tornar independente das suas emoções e desejos, os seres humanos alcançariam sua imperturbabilidade. Os epicuristas, assim como os estoicos, também viam as emoções com certa hesitação. Apesar disso, entendiam-nas de modo mais passivo, enquanto sentimentos que poderiam ser cognitivamente manejados, tornando-se ou não em comportamentos (Lima, 2011).

Na filosofia de Platão (428 a.C. – 347 a.C.), podemos destacar a visão dualista de emoção, que depois foi retomada pelo pensamento cartesiano com a “Teoria do Sentimento”. Essa teoria oferece uma visão dualista da natureza humana, evidenciando-a como composta por uma alma e um corpo, centrando-se no controle das emoções. Por outro lado, seu discípulo Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) possuía uma visão monista e um entendimento “funcionalista” das emoções. Aristóteles compreendia as emoções enquanto uma junção de diferentes aspectos físicos, cognitivos e sociais da vida (Lima, 2011). Para Aristóteles, as “paixões” ou, como entendemos hoje, as emoções eram algo que podia existir ou não, ao contrário da alma. Para além dessas concepções filosóficas, a visão cristã das emoções dividia estas entre emoções boas e emoções más, que deveriam ser evitadas (Bove, 2009; Corbin; Courtine; Vigarello, 2020a).

A Idade Média (X – XV) marca um período no qual tanto se mantêm concepções sobre as emoções quanto se constroem novas através do crescimento das contraditórias situações

³⁶ Para maiores informações a respeito dos estudos das teorias da cultura dentro do contexto das emoções, sugiro Peterson (2006) e Illouz *et al.* (2014).

³⁷ Para maiores informações a respeito dos estudos sobre economia e emoções, sugiro Pixley, McCarthy e Wilson (2014).

³⁸ Para maiores informações a respeito dos estudos sobre famílias e emoções, sugiro Erickson e Cottingham (2014).

³⁹ Para maiores informações a respeito dos estudos sobre amor e emoções, sugiro Felmlee e Sprecher (2006).

violentas por um lado e do crescimento do requinte e do amor pregado pelo catolicismo por outro, mostrando-se inviável simplificar esse processo “caótico”. São Thomas de Aquino (1225 – 1274) compreendia que as “paixões”, quando surgiam, vinham acompanhadas do movimento do coração, mudando o corpo. A paixão poderia, assim, tornar-se algo mais do que um momento: um “estado de vida”. Nesse sentido, o autor aceitava o riso como parte da prática humana cristã, desde que comedidamente (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020a).

Os séculos XVI a XVIII são marcados pelo entendimento dos “afetos” e “paixões” enquanto características pessimistas e acidentais que trariam sofrimento aos indivíduos (Ariza, 2016; Bove, 2009; Corbin; Courtine; Vigarello, 2020a). Vale ressaltar que este período destacado foi o momento histórico compreendido pelo advento das grandes navegações marítimas e pelo Iluminismo na Europa (Morin; Kern, 1995). O movimento iluminista (XVII-XVIII) e o contrailuminismo⁴⁰ entendiam as emoções enquanto formas distintas de compreender que os cidadãos eram capazes de racionalmente serem autores de suas ações. Neste período em que a Europa via os “horrores” da guilhotina, também crescia o romantismo e a expressão das emoções nas artes e na literatura (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020b). Foi René Descartes (1596 – 1650) o divisor de águas quanto à racionalização da vida e à visão dualista de mundo e dos seres humanos em corpo e mente, razão e emoção (Lima, 2011; Torres, 2009; Ariza, 2016; Esperidião-Antonio *et al.*, 2008).

O filósofo clássico Baruch Espinosa (1632 – 1677)⁴¹ esteve preocupado com as “paixões” humanas, porém dedicou-se a “[...] uma teoria radicalmente antissubjetivista dos afetos, ordinariamente pensados como o próprio por excelência do sujeito” (Lordon, 2015, p. 10). A visão de Espinosa pode ser entendida como uma visão monista, contrária ao pensamento cartesiano dualista (Lordon, 2015; Esperidião-Antonio *et al.*, 2008; Lima, 2011). A compreensão de afeto em Espinosa ocorre enquanto capacidade de afetar e de ser afetado (Domínguez; Lara, 2013). Assim, para Espinosa, as emoções seriam construídas pelas crenças do que é a causa do prazer e o que é a causa da dor e como essas crenças são geridas pelos pensamentos que dão “colorido” às mudanças corporais (Lima, 2011). Para o filósofo Laurent Bove (2009), as emoções formam o “elo” fundamental da narração histórica, permitindo a explicação de por que as coisas são como são.

⁴⁰ O contrailuminismo, liderado por Rousseau, criticava a exacerbação da razão enquanto modo de organização social do iluminismo de Descartes, Bacon, Locke e Newton (Lima, 2011).

⁴¹ Espinosa: os “homens” estão conscientes de suas ações, mas ignoram as causas que as determinam (Lordon, 2015).

É no período que envolve o século XIX que novas revoluções ocorrem no campo das emoções no contexto europeu. Vemos o “desenvolvimento” dos conflitos entre uma burguesia requintada e alheia aos operários. Na esfera privada, com o advento da “moral emotiva” relacionada ao bom comportamento, com a criação do “homem sensível”, vemos o crescimento da ideia de família como lugar de refúgio e liberdade, no qual as figuras paternas precisariam expressar seu amor aos filhos e cônjuges. Com o advento da ciência e do conhecimento sobre anatomia humana, as relações de intimidade e sexuais mudaram, assim como a “fragmentação do feminino” com a expansão do feminismo. Tanto Hegel (1770 – 1831) quanto Kant (1724 – 1804) não viam as emoções com bons olhos. Para o primeiro, as “paixões” deveriam ser limitadas à esfera privada. Para o segundo, elas eram um obstáculo à reflexão, à razão e a faculdade de julgar. Ambos influenciaram as formas políticas, religiosas e culturais de seu tempo (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020b).

Observa-se que teorias pensadas e propostas para problemas específicos de tempos passados não dariam conta de abranger a complexidade da nossa atual conectividade geopolítica global (Harari, 2019; Zimbardo, 2012; Morin, 2003, 2000; Silva, 2019; NMD, 2022⁴²; Turner, 2011). Apesar disso, tais teorias são caras às bases dos constructos teóricos dos autores contemporâneos, dentre os quais destacamos Karl Marx (1982, 1971, 2006), Émile Durkheim (1967, 1970, 2003), Max Weber (1974, 1968), Georg Simmel (1959, 2006) e também seus sucessores, tais como Marcel Mauss (1974), Maurice Halbwachs (2009) e Norbert Elias (1994). Esses autores nos conduzem na compreensão da ciclicidade do movimento das “estruturas” (“instituições” ou “sociedades”) com os “sujeitos” (“indivíduos” ou “atores”) (Lordon, 2015; Kalberg, 2012; López, 2015; Bjerg, 2019), no sentido de que os seres humanos são movidos por suas “paixões”, as quais são produzidas pelas estruturas, mas também as produzem e, vez ou outra, as desfazem (Lordon, 2015).

⁴² Os trabalhos do Grupo Transdisciplinar em Governança de Bens Comuns – GTHIDRO (SILVA, 2019) e do Núcleo Transdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento – NMD (2022), ambos da UFSC, condensam de modo profícuo a urgência de uma “cultura humana da sustentabilidade no Planeta” através de pedagogias que englobam questões como solidariedade, saberes e bens comuns, reconhecendo o sentido da vida e recuperando não somente a felicidade, mas também outras “emoções virtuosas”.

3.2 DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES À NEUROSSOCIOLOGIA

As transformações históricas, tanto entre os filósofos antigos quanto entre os autores clássicos da Sociologia, impulsionaram o interesse pelas emoções. Para tanto, consideram-se as transformações que ocorriam no mundo Ocidental com o advento do individualismo e do capitalismo, que fizeram com que a concepção cartesiana, dicotomizada entre emoção e razão, se acentuasse ao final do século XIX e início do século XX (Franke, 2020; Torres, 2009).

Lordon (2015) observa que as ciências sociais se constituíram enquanto ciências dos “fatos sociais”, e não ciências da alma. Dessa forma, o estudo das emoções, por estar sempre vinculado à questão da alma, acabou sendo alvo de grande resistência. Mesmo assim, muitos autores da área atualmente “redescobrem” as emoções, e o interesse por estudá-las cresce devido ao fato de que, cada vez mais, elas se tornam parte das pesquisas sobre ações e discursos. Apesar desse crescimento no interesse pelas emoções, as ciências sociais ainda tratam o assunto com cautela, considerando sua ambivalência, devido ao fato de que, se abandonarmos as visões estruturalistas, correremos o risco de entrarmos em uma “repsicologização” da pesquisa.

Torres (2009), em suas pesquisas, salienta que os clássicos, apesar de influenciarem as discussões dentro da Sociologia das Emoções, são pouco citados pelos autores contemporâneos. Isso ocorreria por duas razões. Primeiramente porque tais autores, em seu momento histórico, não se dedicaram especificamente ao estudo das emoções. Em segundo lugar, pelo fato de que a Sociologia norte-americana, como veremos logo a seguir, emergiu em meio a um racionalismo pautado em Weber (especialmente por Parsons), o que pode ter dificultado a observação da contribuição dos clássicos à Sociologia das Emoções. Além disso, teorizações distorcidas a respeito de questões evolutivas, colonialistas e raciais também contribuíram para o afastamento dos clássicos e aproximações da Sociologia norte-americana com a Psicologia.

A partir da ruptura com as formas de pensar dos antigos, mas mantendo suas influências, foi que as ciências sociais, através dos clássicos, fizeram suas primeiras referências às emoções (Marx, 1971, 1982, 2006; Durkheim, 1967, 1970, 2003; Weber, 1968, 1974). Apesar de a Sociologia ter muito a contribuir para o estudo das emoções, é importante ressaltar que há uma vasta discussão a respeito do interesse tanto do fundador, Augusto Comte, quanto dos clássicos da Sociologia em abordá-las como pano de fundo da discussão sociológica (Lordon, 2015; Koury, 2009; Ariza, 2016; Castro-Goméz, 2005).

Ao retomarmos a teoria funcionalista do sociólogo francês Émile Durkheim (1967, 1970, 2003), é possível estudar os afetos sem que se caia no “individuocentrismo” que

negligencia as forças sociais, as estruturas e as instituições (Lordon, 2015). Na obra “O suicídio”, Durkheim (2003) determina que os suicídios possuem uma ordenação dentro de um espaço solidário com os outros, variando devido à própria individualidade social. Nesse sentido, as emoções poderiam ser entendidas enquanto produto mental da sociedade. Durkheim (1970) parte da lógica de que há distinção entre a mente e o cérebro, focando a representação individual na mente e na Psicologia e não no cérebro e na Biologia. O autor acrescenta que a parte que cabe à Sociologia são os “fatos sociais” que ocorreriam independentemente da vontade do indivíduo. Para Jones (1986), a visão adotada por Durkheim se prendeu a explicações gerais, faltando maior entendimento dos processos individuais e emocionais.

O pensador alemão Karl Marx (1982), partindo do foco nas relações de classe, no materialismo histórico e na crítica ao sistema capitalista, também compartilhou do entendimento de que o indivíduo é resultado da sociedade. Para ele, é a produção da vida material, com seus conflitos e contradições, que determina a vida social e a consciência, ou alienação, dos seres humanos. Dentro desse pensamento, podemos entender que as condições sociais e econômicas influenciariam as emoções das pessoas. A “alienação” das condições de trabalho diante das exigências capitalistas poderia gerar emoções negativas. Koury (2009) observa que a unidade de análise das emoções individuais, em Marx, se encontraria tanto nas classes sociais quanto nas relações e no modo de produção capitalistas. Assim como Durkheim (2003), Marx (2006⁴³) também se dedicou a tratar sobre o suicídio, interessando-se em formular uma “crítica radical da sociedade burguesa” de sua época, vendo-a como uma forma de vida “antinatural”. O suicídio seria o sintoma dessa sociedade doente que caminhava para o individualismo tão fortemente apregoado na atualidade. Dentro dessa lógica, o indivíduo, tendo que escolher entre ser vítima ou carrasco, opta pelo suicídio. A crítica se estende para além do econômico, abrangendo também as esferas social e ética, mas especialmente a do gênero, pois o autor dedicou-se com maior afinco à questão das mulheres e suas experiências nesse contexto que abrangia o patriarcado.

Kalberg (2012) destaca que toda análise na Sociologia das Emoções envolvendo o sociólogo alemão Max Weber (1968, 1974) precisa ser centrada no conceito de “ação afetiva”, que é alvo de desenvolvimentos explícitos, sobrepondo-se à ação que se ampara nas emoções em si. As emoções e os afetos, para o autor, são inseparáveis, e as paixões são afetadas por esses afetos. Essa afirmação a respeito dos estudos de Weber, além de permitir que reflitamos tanto a categoria “afeto” quanto a categoria “emoção”, permite que nos utilizemos de tais

⁴³ Texto desenvolvido com excertos de Jacques Peuchet.

categorias sem a necessidade de aprofundamento em toda a sua gênese literária. Para Franke (2020), o conceito de emoção ganhou destaque nos escritos de Weber sobre a ação comunitária e também naqueles que tratam sobre empatia após a Primeira Grande Guerra. Isso se comprova quanto constatamos que o referido conceito foi abordado por Weber 117 vezes entre os anos de 1904 e 1920. Cabe ressaltar que Weber (1968, 1974), dos três pensadores clássicos na Sociologia acadêmica, foi o único que inscreveu o afeto como sujeito/objeto da Sociologia. Para o autor, o indivíduo emite uma ação social predominantemente pautada em afetos em determinadas circunstâncias quando o contexto social (interação de/entre indivíduos) demanda.

O sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel (1959) possuía um modo particular de separar as formas puras de linguagem dos seus conteúdos. Segundo ele, os conteúdos seriam as bases biológicas e psicológicas, que seriam separadas do restante: as interações sociais que ocorrem dentro das estruturas. O autor observava que as expressões emocionais eram moldadas pelas normas e valores sociais e culturais. Koury (2009) comenta que Simmel foi pioneiro no modelo de análise social formal. Para Simmel (2006), a concepção de amor erótico possibilitou a desvinculação das relações meramente reprodutivas. No amor erótico, ocorre um comportamento pela “confluência” de duas “fontes”, quais sejam a sensualidade e a afetividade. Simmel (2011) coloca que a nossa relação com o dinheiro estender-se-ia a todas as nossas relações não monetárias e, dentro de tal raciocínio, as emoções seriam controladas e dirigidas de acordo com essas relações. Além disso, a “família ampliada” – que iria além da família nuclear, incorporando tios(as), avôs(ós) e primos(as) e com a qual se possui um forte vínculo social e emocional de modo mais complexo – geraria laços sociais mais amplos e duradouros e impactaria diretamente nas identidades individuais e coletivas através da transmissão de valores culturais entre as gerações, fortalecendo a continuidade e a coesão social. O autor também reconhecia que as mudanças sociais estavam fortalecendo as famílias nucleares e a individualização de modo negativo devido à perda desses laços.

Em Marcel Mauss (1974), sobrinho de Durkheim, encontramos o que é considerado por muitos o divisor de águas na Sociologia e Antropologia francesas no pós-guerra. Para Mauss, o “fato social” permitiria analisar o ser humano no “tríplice ponto de vista”, que englobaria o ser humano de modo integral tanto do ponto de vista fisiológico, psicológico e social quanto no tempo e no espaço vividos. Dentro de tal perspectiva, os indivíduos se alimentam tanto das emoções dolorosas quanto amorosas, explorando assim os extremos dos espectros emocionais que são retroalimentados pelas relações entre os indivíduos e a sociedade (Koury, 2009; Corbin; Courtine; Vigarello, 2020c).

Neste sentido de apresentar novos rumos à Sociologia das Emoções, destacaria também o trabalho dos contemporâneos de Mauss: Elias (1990, 1993, 1994, 2008) e Elias e Scotson (2000). Através de conceitos como “vergonha” e “orgulho”, os autores se debruçaram sobre as relações [desiguais] de “poder” entre os indivíduos nas sociedades e nas diferentes “configurações” formadas a partir delas. Domínguez (2011) destaca “O processo civilizador” de Elias (1990, 1993) como parte da história da Sociologia das Emoções. Nesses processos civilizadores, o refinamento das emoções é utilizado como forma de hierarquizar e distinguir os indivíduos. Scheff (2014) reconhece que, nesse intenso estudo, há dois pontos centrais: primeiramente, ocorreu a diminuição da punição conforme a vergonha foi tomando maior lugar no controle social; em segundo lugar, nesse processo, a vergonha se tornou “invisível” por tornar-se um *tabu*. A transmissão social do *tabu* da vergonha poderia ser entendida então pelo fato de que há vergonha em se sentir vergonha, o que geraria uma reação cíclica. Koury (2009, 2013) evidencia vários de seus conceitos como “*habitus*”, “remodelação”, “vergonha”, “coerção” e “tensões” na forma como os indivíduos se sentem em meio a esse turbilhão de acontecimentos da vida social. A vergonha despertaria algo como uma sensação de que há uma desordem interna no indivíduo. Segundo Rechtman (2020), o trabalho de Elias permitiu observar que a figura do monstro assassino seria o fracasso de uma interiorização individual do interdito e dos limites do possível desse processo civilizador.

Assim como se observa nas concepções mais remotas até as mais contemporâneas, há contrapontos nas formas como se compreendem as emoções. Na contemporaneidade, tem-se as visões “universalistas”, que partem do princípio de que as emoções humanas são universais e espontâneas. Por outro lado, tem-se as visões “construcionistas”, que defendem que não existe nada que defina as emoções isoladamente da cultura e do pensamento (Bove, 2009; Ariza, 2016). Cada dia surgem novos estudos e materiais sobre o assunto (Bove, 2009; Ariza, 2016; Bjerg, 2019; Corbin; Courtine; Vigarello, 2020d). Foi a partir dessa “revolução cognitivista” e do advento de teorias *behavioristas*⁴⁴ que se passou a dar maior atenção às emoções e a outros processos que são relacionais como a atenção e a memória. Além disso, os constantes avanços nas técnicas de neurofisiologia e neuroimagem permitem que nos aprofundemos nas relações entre o nosso funcionamento neuroquímico, cognitivo e comportamental, como veremos no próximo capítulo (Turner, 2014a; Esperidião-Antonio *et al.*, 2008; NEUROMETRIA, 2023;

⁴⁴ Cabe ressaltar que o próprio psicólogo B. F. Skinner (1995), pai do behaviorismo radical, considerou que na prática era inviável separar o neurobiológico do cognitivo e do comportamental.

BRAIN-TRAINER, 2021a, 2021b; Franks, 2014; Corbin; Courtine; Vigarello, 2020c; Gregory Jr.; Kalkhoff, 2013).

Na América, mais especificamente nos Estados Unidos, foi a partir da década de 1950 que uma discussão acirrada a respeito das emoções se iniciou. Ela se dividia entre interacionistas de base simmeliana e os de base estrutural funcionalista de base parsoniana. No meio dessa discussão, autores clássicos e díspares, como Durkheim e Weber, tiveram seus estudos reinterpretados e fundidos. Não há, entretanto, apenas uma única via de entendimento, e os conflitos encontrados na discussão de outras categorias também aparecem aqui. Para Koury (2009), podemos distinguir os estudiosos estadunidenses da Sociologia das Emoções em quatro grupos primários. Seriam eles: (1) os que possuem influência predominante da Sociologia francesa com Durkheim e Mauss, tendo como um dos conceitos centrais a “emoção social”; (2) o grupo com influência predominantemente alemã com Simmel. Esses dois primeiros grupos compreendem que a Sociologia das Emoções nasceu com a constituição da disciplina Sociologia; (3) os que compreendem uma ruptura entre os clássicos e a Sociologia das Emoções, que somente teria nascido a partir de Elias (1990, 1993), Lynd (1958) e posteriormente Sennett e Coob (1972) e Sennett (2001), focando-se no estudo específico e/ou empírico de emoções como a vergonha e a honra; e (4) estudiosos que sofreram influência predominante do positivismo de Parsons⁴⁵.

Atualmente a Sociologia das Emoções se afirma enquanto uma disciplina com vasto e rico material desenvolvido. Foi oficialmente em 1970 que os estudos emergiram enquanto subdisciplina. Isso ocorreu em um cenário crítico para abertura de novas formulações teóricas e metodológicas. Na época, atentou-se à subjetividade enquanto fonte e forma de expressão e construção social. Tal cenário permitiu que tanto a visão micro quanto macrossociológica fossem contempladas, comportando os fenômenos emocionais enquanto fenômenos de análise sociológica (Stets; Turner; 2006, 2014; Koury, 2009; Torres, 2009; Bove, 2009; Ariza, 2016). Na perspectiva internacional multidisciplinar, encontra-se o trabalho desenvolvido pela Sociedade Internacional de Pesquisa em Emoções – ISRE (2019), que, desde 1984, realiza e reúne grupos multidisciplinares de estudos ligados às emoções. Thoits (1989) destaca ainda que foi em 1986 que a Associação Americana de Sociologia – ASA estabeleceu a Sociologia das Emoções em sua pauta e que isso pôde ser justificado pelo crescimento de artigos publicados

⁴⁵ Apesar de utilizar essa divisão didaticamente, não é possível dividir rigidamente um grupo de estudiosos do outro como se houvessem barreiras conceituais inultrapassáveis (Torres, 2009).

sobre o tema desde então⁴⁶. Para Collins (1990), a emergência da Sociologia das Emoções, focada na compreensão dos fenômenos emocionais, é um rico campo de análise entre as dimensões macro e microsociológicas.

Kemper (1990) observa, nessa fase, a existência de duas principais vertentes teóricas e epistemológicas: as “positivistas” e as “antipositivistas”. Peggy Thoits (1989) ressalta que, em sua maioria, os “construcionistas sociais” e os “interacionistas simbólicos” compreendem as emoções enquanto dependentes do estado emocional. Já os “positivistas”, como Kemper (1978), Scheff (1979) e Mazur (1985), por outro lado, compreendem as emoções como respostas aos estímulos sociais. Thamm (2006), em seu trabalho de classificação das emoções, apresenta-nos diferentes abordagens para pensar o estudo das emoções na Psicologia e na Sociologia. Temos as abordagens de “rotulagem”, como a “prototípica”, que foca na “semelhança” entre os conceitos enquanto enfatiza a estrutura interna, sem definir nitidamente seus limites, e a de “dimensão estrutural”, que parte da visão clássica, na qual não há condições mutuamente exclusivas. Há também as “psicoevolucionárias”, que partem do pressuposto de que as emoções evoluíram a partir da nossa necessidade de sobreviver, conforme sustentou Darwin (2009). Por fim, existem as abordagens “socioevolucionárias”, que levam esse nome por compreender que a experiência emocional possui longa história evolutiva, mas é resultado das relações sociais. Para tanto, essas abordagens precisam demonstrar como essa evolução de base unificada também evoluiu de forma comportamental e que isso se deu no campo cultural, diferenciando categoricamente as emoções. Esse modelo “socioevolutivo” possui questões que continuam em estudo, mas pode auxiliar futuramente na compreensão da origem e do desenvolvimento de “emoções estruturais”. Nesse sentido, cabe ressaltar que optei pelo uso da subdisciplina “Neurosociologia”, sob a influência das neurociências, que apresentarei no próximo capítulo (Franks; Smith, 1999; Franks; Turner; 2013; Franks, 2014; Turner, 2003, 2014; Maryanski, 2013).

As evidências mostram que grande parte do que foi estudado até o momento no campo da Sociologia das Emoções ocorreu nos EUA. Como vimos acima, há uma grande variedade de abordagens, e não é fácil ou simples classificá-las, tendo em vista que as teorias não são fechadas em caixinhas exclusivas, mesmo que elas se contradigam em vários pontos e sejam divergentes, ou, em muitos outros, mostrem-se complementares. Assim, observa-se que há

⁴⁶ A ASA (2019) dedica três sessões quase que anuais para premiação dos(as) pesquisadores(as) que se destacam no estudo da Sociologia das Emoções. Jonathan H. Turner teve seu trabalho reconhecido em três momentos (ASA, 2022a, 2022b).

comunicação entre teorias defendidas pelos diferentes autores (Torres, 2009). Thoits (1989) mostra-se um excelente fio condutor para auxiliar nesse entendimento das ramificações da Sociologia das Emoções nos EUA. A maior parte dos estudos neste contexto ocorreu no nível micro de análise, que se mostra mais teórico do que empírico (Ariza, 2016; Thoits, 1989). Já no nível macro, que ocorre com menor frequência, as pesquisas são de caráter empírico descritivo e “especulativo” (Ariza, 2016; Turner, 2003; Turner; Maryanski, 2013; Bjerg, 2019).

As dimensões, valências e categorias utilizadas por cada um desses estudiosos são fulcrais no delineamento dos sistemas de classificação das emoções (Thamm, 2006). A partir dos trabalhos de Torres (2009), Thoits (1989) e Thamm (2006), compreende-se que a disciplina Sociologia das Emoções, nos EUA, poderia ser subdividida em dois ramos, conforme a Tabela 2, a seguir:

Tabela 2 – Subdivisão dos dois principais ramos da Sociologia das emoções estadunidense

Ramo	Principal influência	Conceitos centrais	Autores atuais
Biossocial – corpo/evolução	William James	<i>Status</i> e “poder”; Expectativa e sanção	Kemper, Collins e Turner
Construtivista – reflexão/cognição	John Dewey	Regras de sentimentos e vocabulários de emoções	Hochschild, Shott e Gordon

Fonte: Adaptado de Torres (2009), Thoits (1989) e Thamm (2006).

O que a Tabela 2 tenta reproduzir é que, no estudo das emoções nos EUA, há um embate entre aqueles que as compreendem enquanto “naturais” ou “biossociais” e os que as consideram “construções sociais”. O primeiro subgrupo foca no ramo “biossocial”, com influências de William James (1884) e Kemper (1978, 2006), sob a égide das categorias “*status*⁴⁷” e “poder”. Já Collins (1990) e Turner (2003, 2011, 2014, 2014a) utilizaram-se também de categorias como “expectativa” e “sanção”. No ramo “construtivista”, sob influência de John Dewey, utilizam-se conceitos como “regras de sentimentos”, “vocabulários de emoções” e “controle do afeto”. O

⁴⁷ Para maiores informações a respeito das teorias que envolvem estados de expectativas, *status* e emoções sugiro Ridgeway (2006) e Murray Webster e Walker (2014).

ramo construtivista é alimentado por Hochschild (1975, 1983), Shott (1979) e Gordon (1981) (Torres, 2009; Thoits, 1989; Thamm, 2006).

Focando [propositalmente] nos estudiosos que caminham em direção a uma visão “neurossociológica”, situo o psicólogo William James (1842 – 1910), que, dotado do viés pragmatista, foi um dos primeiros a estudar as emoções sob um viés não dualista. Para James (1884), as emoções seriam o que existe de mais primitivo e verdadeiro nos seres humanos. Indo além de uma ideação biologicamente determinista, o autor concebia que somos capazes de sentir pois temos um corpo, que tem sua história e memória (James, 1884; Lima, 2011; Esperidião-Antonio *et al.*, 2008). Foi James (1884) quem apresentou a questão “o que é uma emoção?” ao pensamento científico. Lima (2011, p. 25) enfatiza que a questão central do trabalho de James “[...] é que se fantasiarmos um estado emocional e separarmos dele todos os sintomas corporais, o estado mental que ‘sobra’ não constitui uma emoção, mas apenas um estado neutro e frio de percepção intelectual”. Assim, até James, as emoções eram entendidas como antecessoras das expressões corporais e, a partir dele e de seu viés pragmático e evolucionista, inverteu-se essa correlação, vendo-as enquanto processos em constante evolução (Torres, 2009; Corbin; Courtine; Vigarello, 2020c; Gonsalves; Lima, 2015).

Kemper (1978, 2006, 2014) parte de uma perspectiva estrutural social em que os conceitos de *status* e “poder” são fulcrais. Na Teoria do “*status*-poder” de Kemper (2014), o “ator” sofre diretamente o peso da cultura e da sociedade, as quais afetam os padrões cognitivos e comportamentais para além de línguas, trajes e crenças. A teoria é “neutra” quanto às ideias extremistas de bom ou ruim. O “poder” que o grupo exerce sobre a tomada de decisão das pessoas é intenso, especialmente quando a decisão é de grande interesse do grupo. Procuramos *status* através de interesses distintos, pois objetivamos ganhar *status* ou evitar o “poder” dos grupos sobre nós. Há restrições no *status* e “poder” que dificilmente são ultrapassadas por quem está abaixo. Apesar disso, os jogos são uma forma lúdica que permite que todos tenham oportunidade, mesmo que ludicamente, de experimentar todos os lugares. *Status* aumenta o bem-estar, mas isso não é algo simples e é dependente de outros fatores.

Collins (1990) tratou da estratificação dos “rituais de interação” e como esses rituais de *status* e “poder” geram sanções que movem as emoções dos indivíduos e grupos. O autor observa que esses rituais reforçam a identificação dos indivíduos em um determinado grupo em detrimento a outros através da construção do capital cultural “particularista”. Esse processo seria responsável pelo aumento da solidariedade social entre tais indivíduos, o que pode ser expandido pela definição de identidade pelo uso da simbologia.

Turner (2003, 2011, 2014, 2014a) e Turner e Stets (2006) consideram que possuímos a elaboração de primeira ordem de quatro “emoções primárias” e, também, de “emoções secundárias”, como veremos no capítulo 5. Para Turner (2011) e Thamm (2006), o despertar das emoções ocorre ou sob estados de expectativa ou via sanções. Assim, ao nos relacionarmos com outras pessoas, desenvolvemos estados de expectativa. Se estas são atingidas nessa interação, experimentamos emoções positivas e, muito provavelmente emitiremos sanções positivas. Dessa forma, ativamos os rituais de interação que permitem que a solidariedade social se expresse por diferentes vias quando esses membros interagem. Scheff (1990) vinculou as concepções de expectativas e sanções com as situações nas quais o indivíduo é recompensado ou punido pelo comportamento expresso.

Para Thamm (2006), no pensamento científico, categorizamos as emoções para que possamos observar suas similaridades nas estruturas microsociais. A teoria dos estados de expectativa que trabalha com o ideal de um resultado “potencial”, como proposta por Turner, ganhou espaço no cenário sociológico, mesmo que ainda careça de refinamentos. Já as sanções positivas reforçam o comportamento e gerariam emoções positivas, enquanto as sanções negativas gerariam respostas emocionais negativas⁴⁸. Nesse mesmo sentido e importância, as expectativas juntamente com as sanções são fundamentais para o esquema de categorização das emoções despertadas nas variadas “dimensões de direcionalidade” dos rituais de interação que permitem que a solidariedade social se manifeste por diferentes vias quando os membros interagem através das relações sociais.

Como pudemos ver, o século XX foi marcado por diversos estudos sobre as emoções. Isso também foi incrementado devido aos casos relacionados ao esgotamento mental tanto na Europa quanto na América do Norte advindos da expansão industrial e capitalista. Atualmente as emoções ocupam um lugar central na vida das pessoas. Dessa forma, a emoção, que na época dos estoicos era vista como contrária à razão, hoje é inclusive racionalizada comportamentalmente pelas práticas econômicas capitalistas desenvolvidas pela ciência psicológica moderna⁴⁹ (Rose, 2013, 2010; Lewontin *et al*, 2017; Brzozowski; Caponi, 2012; Courtine; Vigarello, 2020c).

⁴⁸ Como veremos nos capítulos de análise 5 e 6, essas respostas não são simples ou lineares. São complexas e contemplam as emoções dos diferentes envolvidos no processo. Além disso, o “poder” e o *status* atribuídos a cada um dos envolvidos afetarão diretamente essa retroalimentação, muitas vezes arbitrariamente “deslocada” e “atribuída”, dos fenômenos emocionais vividos nas relações. Uma sanção positiva pode sim gerar respostas emocionais negativas, e isso dependerá de processos intra e extrapessoais anteriores.

⁴⁹ O mundo moderno, menos regido pela religião, focado em mídias sociais e relações de cooperação, sem perder a hierarquização, usa a “mercantilização” das emoções como forma de controle, através de conceitos como

Cabe salientar que foi em 2004 que a Associação Americana de Sociologia destinou uma seção para pesquisas sob vieses biológicos. A palavra “evolução”, que, de modo geral, causava arrepios aos sociólogos e sociólogas, agora é parte do nome dado a uma seção: a “*Evolution, biology and society*”. Após ela, seguiram-se outros dois periódicos: o “*Sociological Theory*” e o “*Social Forces*” (Lacerda, 2009, 2021).

O sociólogo estadunidense Lee Ellis (1996) constata que a Sociologia perdeu espaço acadêmico nas últimas décadas devido à sua resistência em aceitar a relação entre a Biologia e o comportamento humano como parte de suas linhas de estudo. O autor classifica essa resistência como “biofobia”. Muitos profissionais que pesquisam os aspectos biossociais do comportamento humano se veem tendo que buscar outras áreas para publicarem seus trabalhos. Apesar dessas constatações, o autor também relata que atualmente os sociólogos e as sociólogas demonstram estar mais simpáticos a essa relação, o que pode ajudar no entendimento de muitos comportamentos.

Apesar de evidenciar meu posicionamento em favor dessa relação entre o biológico e o social, reitero que reconheço a validade do trabalho e da preocupação “bioética” de estudiosos que se ocupam em olhar criticamente para as *expertises* usadas em nossas sociedades contemporâneas. Tal olhar exige-nos um cuidado atento para que não sejamos capturados pelos interesses da indústria farmacêutica com a crescente medicalização da vida. Isso ocorre pois o “determinismo neurogenético” apregoado por alguns estudiosos faz com que se caia em “ilhas psicológicas” e de “patologização dos problemas sociais” (Rose, 2013, 2010; Lewontin *et al*, 2017; Brzozowski; Caponi, 2012).

Embora o estudo do aspecto biológico em conjunto com o social não seja algo recente, essa perspectiva era vista com descrédito até pouco tempo (Goleman, 2019; Ellis, 1996; Lacerda, 2021). O termo “Neurossociologia” foi citado a primeira vez por TenHouten (Bogen *et al.*, 1972), porém teve início com Franks e Smith (1999). Logo em seguida, no ano de 2000, Turner (2003) fez sua publicação correlacionando emoções, processos cerebrais e as relações humanas. Foi somente em 2010 que Franks e, posteriormente, Turner aceitaram editar o primeiro manual contendo somente artigos da Neurossociologia (Franks; Turner, 2013, Franks, 2013b). Neurocientistas como Gazzaniga (1985) e Damásio (1996) foram fundamentais para a criação desses *insights*. O subcampo ainda é jovem, assim como é a aceitação da categoria emoções na Sociologia.

“inteligência emocional” e “Psicologia positiva”. Criou-se, assim, um “capitalismo emocional” que seria “cultura emocional terapêutica” fortalecedora do individualismo (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020b).

Apesar disso, a Neurosociologia vem ganhando cada vez mais campo acadêmico. Sua definição pode ser entendida enquanto:

[...] o estudo de como as interações sociais no indivíduo e impacto em nível de grupo na saúde mental, emocional e neurológica - incentiva a integração de uma compreensão da neurociência em sociologia e uma compreensão sociológica em ciências neuro e cognitivas. Ao estimular a pesquisa sobre a interação entre o social e o neurológico, os sociólogos pode começar a contribuir para as discussões sobre a melhor forma de tratar e gerenciar tais distúrbios como os encontrados em outros países (Eisenberg, 2013, p. 399, tradução nossa).

Lacerda (2021) observa que este jovem subcampo da Neurosociologia se mostra fortemente vinculado à Sociologia evolucionista e à Psicologia cognitiva, o que auxilia no entendimento de por que ela se comunica com especialidades biológicas⁵⁰. Além disso, observa que os(as) sociólogos(as) que defendem esse campo percebem a necessidade de mudanças na Sociologia, mas veem conceitos como “estrutura social”, “emoções” e “*status*” enquanto importantes fontes de conexão entre as áreas biológicas e sociais.

Seguindo o mesmo padrão conflitante, a relação entre processos cognitivos e processos afetivos constitui um tema relevante em teorias e pesquisas da Psicologia estadunidense, especialmente no campo da Psicologia social e da Psicologia cognitiva geral. Entretanto, por muito tempo, a discussão dominante focava ou na prioridade da cognição ou da emoção no funcionamento psíquico humano, como demonstrado pelo debate entre Zajonc (1984) e Lázarus (1984). As concepções teóricas que seguiram a visão de Zajonc priorizaram o processamento afetivo sobre o cognitivo, ao passo que as concepções teóricas que seguiram as ideias de Lázarus percorreram o caminho contrário, priorizando o processamento cognitivo sobre o afetivo (Lima, 2011).

Na perspectiva da Psicologia social e cognitiva, o psicólogo Robert Plutchik (1980) apresentou suas contribuições a partir da abordagem “psicoevolucionária” e de um modelo estrutural para descrever como ocorrem as derivações das emoções, chegando a considerar a relevância do social nesse processo (TenHouten, 1996). Paul Ekman (2017, 2021b) compreende que as emoções possuem base fisiológica e são universais, porém considera que as suas expressões e gestos são construídos socialmente através do que entende como “regras de exibição”, as quais nos condicionam a controlar o que estamos sentindo conforme o que nos é ensinado. Baseando-se nas premissas darwinianas, o autor estuda as [micro]expressões faciais

⁵⁰ Um exemplo prático e muito atual dos benefícios desta soma de conhecimentos se encontra no uso de imagem por ressonância magnética funcional e/ou eletroencefalograma enquanto recursos capazes de investigar ao vivo o funcionamento da “coordenação cerebral” durante experiências de coesão social (Lacerda, 2021).

e corporais universais e sua correlação com as emoções humanas há décadas, tornando-se uma das principais referências do assunto no cenário global atual nos estudos interculturais de expressão facial. O autor dá parte do crédito de seu trabalho aos estudos do psicólogo Silvan Tomkins (1962). Cabe ressaltar que há na Psicologia um movimento que procura compreender as emoções enquanto um diálogo intrínseco entre neurobiologia e sociedade (Ekman, 2017; Alves, 2018, 2020). Nesse sentido, podemos considerá-las enquanto processos adaptativos aos quais fomos e continuamos submetidos à procura da “homeostase”⁵¹.

Dentre as abordagens psicológicas que se posicionaram a favor da primazia cognitiva, destacam-se a concepção de Andrew Ortony *et al.* (1988), que consideram a relevância dos acontecimentos sociais para a classificação das emoções, e também o modelo cognitivo de Aaron T. Beck (1979, 2004), que transita desde uma explicação serial, com relação unilateral e direta entre cognição e emoção, compreendendo que as emoções surgem a partir de avaliações cognitivas pessoais de eventos e situações, até uma explicação circular, na qual os esquemas cognitivos e afetivos se mantêm em uma interação bilateral constante (Beck, 1979, 2004; Lima, 2011).

Na Austrália, podemos citar o trabalho do sociólogo Jack Barbalet (2001) como um dos pilares que sustenta a Sociologia das Emoções enquanto um campo disciplinar. Amândio (2007) apresenta-o como um futuro clássico da área. O sociólogo se guia pela macrosociologia das emoções, fazendo um levantamento histórico que percorre o iluminismo europeu até as mais recentes teorizações estadunidenses no século XX. Apesar de apresentar ambos os pontos de vista da Sociologia norte-americana apresentada nesta tese, Barbalet (2001) defende a emoção enquanto causa dos processos socioestruturais e relacionais, pois, para ele, a emoção é uma variável explicativa que fundamenta os nossos comportamentos. O autor afirma o seguinte: “A única boa razão para oferecer uma explicação sociológica da emoção é se a emoção é em si significativa na constituição das relações sociais, instituições e processos” (Barbalet, 2001, p. 9, tradução nossa). Ao longo de sua obra, ele trata de emoções como medo, conformidade, vergonha e ressentimento.

No caso da chamada “América Latina”⁵², destaco os trabalhos da *Red Nacional de Investigadores en Los Estudios Socio-Culturales de las Emociones* – RENISCE (2019), no México. Dentro desse trabalho, encontramos o vasto material organizado pela socióloga Marina

⁵¹ A homeostase é um processo que rege toda a sustentabilidade natural dos ecossistemas. Os seres humanos são [somente] parte dependente disso, apesar da constante dificuldade em compreender nossa fragilidade e dependência do processo através de práticas colapsistas (Silva, 2019).

⁵² Apresento entre aspas devido ao caráter pejorativo em que costuma ser empregado (Feres Júnior, 2005).

Ariza (2016). A autora observa que o estudo sociológico das emoções e afetos na chamada “América Latina” teve seu crescimento na década de 1990. Os estudiosos e estudiosas que integram esse campo são de diferentes áreas do conhecimento científico e se dedicam ao processo de contextualização do estudo das emoções ao longo da história, assim como da atualidade da categoria diante dos acontecimentos pós-século XXI. Categorias como afeto, migração, gênero, trabalho⁵³, família, ritual⁵⁴, entre outros fazem parte desses estudos (Ariza, 2016; Domínguez; Lara, 2013).

No Brasil, passamos por uma situação semelhante à encontrada nos EUA. Nossos clássicos brasileiros como Gilberto Freyre (1966), Paulo Prado (1970) e Sérgio Buarque de Holanda (1994) são correlacionados por alguns autores mais atuais como parte integrante da discussão da Sociologia das Emoções, porém, assim como ocorre entre os clássicos europeus, entende-se que os mesmos não tiveram o intuito de adentrar na discussão das emoções (Torres, 2009; Koury, 2009; Gil, 1994). Isso se deu porque a Sociologia no Brasil viveu do final dos anos 1930 até o final da década de 1970 um esforço significativo para consolidar-se como disciplina científica e, com isso, afastou-se de teorias que focassem análises mais “subjetivas” (Koury, 2009).

O crescente interesse pelo tema a partir da década de 1970 foi visto como certo modismo e desconfiança. Atualmente, o Brasil ainda possui poucos estudiosos dedicados à Sociologia das Emoções (Torres, 2009). Foi ao final desse período que Roberto DaMatta (1979), sob forte influência teórica de Mauss, entre outros, retomou o assunto, formulando hipóteses sobre os sentimentos e suas expressões no cotidiano social. Luiz Fernando Dias Duarte (1981) se dedicou a categorias de religiosidade, agressividade verbal, vergonha e nervosismo entre trabalhadores urbanos. Igualmente Gilberto Velho (1981, 1986, 1999), sob influência fenomenológica da Escola de Chicago e também da escola francesa, desenvolveu uma análise aprofundada das emoções na relação tensa e constrangedora entre indivíduo e cultura e a sociedade urbana brasileira (Koury, 2009, 2015).

Já no que diz respeito ao campo de estudos da Sociologia e Antropologia das emoções na atualidade brasileira, podemos destacar os trabalhos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS (2019). Koury (2009) nos apresenta uma revisão do cenário sob três grupos de estudos: o primeiro coordenado pelas pesquisadoras

⁵³ Para maiores informações a respeito dos estudos sobre trabalho e emoções sugiro Lively (2006) e Wharton (2014).

⁵⁴ Para maiores informações a respeito das emoções em teorias sobre o ritual indico Summers-Effler (2006) e Rossner e Meher (2014).

Maria Claudia Coelho e Claudia Barcellos Rezende, intitulado “Grupo de Pesquisa Transformações da Intimidade”; o segundo e terceiro grupos coordenados pelo autor, intitulados “Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções” (GREM, 2019, Koury, 2009; Torres, 2009) e “Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem”, sendo que este se utiliza de imagens, especialmente fotográficas, para suas análises (GREI, 2019). Os dois últimos grupos compreendem que a Antropologia e a Sociologia são disciplinas complementares, mas sem deixar de ser independentes. Como pode ser acompanhado no *site* do GREM (2019), este é alimentado com uma variada gama de estudos sobre as emoções, focando-se mais especificamente no âmbito do território nacional. O GREM é responsável pela publicação da Revista Brasileira de Sociologia da Emoção – RBSE (2019).

Temos ainda o “Grupo de Pesquisa Educação Emocional” (UFFS, 2022) coordenado pela Prof.^a Dr.^a Elisa Pereira Gonsalves, o qual estuda as emoções sob a abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais. Contamos também com o “Grupo de Pesquisa Inteligência Emocional” (UFSCAR, 2022), voltado às compreensões científicas da inteligência emocional nas diferentes esferas da vida social. Há outros dez grupos de pesquisa registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq⁵⁵ (2022). São eles: “Grupo de Pesquisa Transdisciplinar sobre Corpo, Saúde e Emoções” – CORPOSTRANS (área: Antropologia); “Grupo de Pesquisa em Família, Emoções, Gênero e Sexualidade” – FECS (Antropologia); “Formação, Tecnologias e Emoções” – FORTE (Linguística); “Grupo de Estudos em Educação, Linguagem, Alfabetização, Emoções e Subjetividade” – GEPLAES (Educação); “Grupo de Avaliação e Tratamento das Emoções” (Psicologia); “Grupo de Estudos em Avaliação, Terapia e Emoções” (Psicologia); “Identidades, Letramentos e Emoções na Formação Docente e na Educação Linguística” (Linguística); “Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade” – NEMES (Comunicação); “Núcleo de Pesquisa Qualitativa Translacional em Emoções e Espiritualidade na Saúde” (Enfermagem); “Núcleo de Pesquisa Trabalho, Meio Ambiente, Arte e Emoções em Saúde” – NUPETMAE (Saúde Coletiva).

Uma outra referência no campo das emoções no cenário brasileiro é o psiquiatra Augusto Jorge Cury (2015, 2018). O autor serve como base para diferentes áreas do conhecimento devido aos seus estudos sobre a “teoria da inteligência multifocal”. Cury trata sobre formas de gerir a emoção em todos os aspectos da vida, seja enquanto habilidades sociais, seja enquanto manutenção da própria saúde mental. Ele defende que a “inteligência

⁵⁵ Os critérios de seleção utilizados foram os seguintes: Termo de Busca: “emoções”; Campo: “Nome do grupo”.

socioemocional” deveria ser exercida e ensinada pelos professores de diversas áreas e nos mais distintos níveis educacionais, inclusive da Sociologia. Para o autor, a humanidade está adoecendo coletivamente devido aos nossos “cárceres mentais”, nosso excesso de informação e, conseqüentemente, nossa ansiedade.

Por fim podemos entender que as emoções são um empreendimento que deve ser criticamente seguido pelo compartilhamento de diferentes áreas do conhecimento científico como a Antropologia⁵⁶, a Sociologia, a Psicologia, a Pedagogia, a Biologia [evolucionista], a Psiquiatria e a Neurologia (Lima, 2011; Domínguez; Lara, 2013; Turner, 2003; Stets; Turner, 2006, 2014; Sapolsky, 2021; Corbin; Courtine; Vigarello, 2020c; Esperidião-Antonio *et al.*, 2008; Gonsalves; Lima, 2015; Ellis, 1996; Silva, 2019; Goleman, 2019; Cury, 2015, 2018; Schieman, 2006).

3.3 ONTOLOGIA

Na atualidade entende-se que os estudos sobre os fenômenos emocionais estão apresentando uma nova compreensão dos seres humanos, que abrange a multiplicidade de perspectivas de interação entre estes, envolvendo o intercâmbio de diferentes concepções teóricas tanto sobre os afetos (esferas individuais) quanto as emoções (coletivas). Há um aumento no interesse pela ontologia do conceito de emoção, da sua natureza em si, mais do que pela epistemologia (recursos e limites do conhecimento). Esse interesse permitiu que as ciências que tratam desses conceitos pudessem transformar suas próprias maneiras de produzir os conhecimentos (Domínguez; Lara, 2013).

O naturalista Charles Darwin⁵⁷ (1809-1882), preocupado com o bem-estar da humanidade, dedicou-se à “linguagem das emoções”. Para tanto, desenvolveu sua Teoria da evolução das espécies e das emoções no “homem” e nos animais, que atualmente é considerada uma referência inicial ao estudo das emoções humanas e de outros animais enquanto parte do conceito de “seleção natural”. Darwin (2009) retomou o uso da palavra *émotion* e utilizou-se

⁵⁶ Para maiores informações sobre a o vasto trabalho antropológico na área das emoções sugiro Corbin; Courtine; Vigarello (2020b).

⁵⁷ Darwin é amplamente criticado por sua visão e, também, pelos extremismos cometidos em nome da sua teoria. Ao apresentar autores que retomam parte de sua visão evolucionista, não pretendo transformar minhas argumentações rígidas como proposto no “darwinismo social” (Spencer, 1885) ou mesmo eurocêntricas e racistas, de que o próprio Darwin e seus seguidores mais próximos foram criticados (Blanc, 1994). Definitivamente não é meu intuito dizer que há superioridade de uns seres humanos em detrimento de outros, embora isso já tenha acontecido inclusive no cenário sociológico brasileiro (Prado Júnior, 1994; Nopes, 2013). Meu foco, entretanto, é conduzir de modo atual e sob embasamento científico parte do que foi o pensamento de Darwin.

de estudiosos ao redor do mundo para estudar expressões faciais “inatas ou instintivas” para justificar seus argumentos. O autor não definiu objetivamente um conceito para emoção, ocupando-se especialmente da descrição anatomomuscular (gestos involuntários) das suas expressões, mas seus escritos corroboram a íntima relação existente entre as emoções e as suas “expressões”, sendo estas resultado da adaptação ao meio, através da evolução e da mutação.

Darwin (2009) reconheceu que é através de diferentes tipos de comportamentos como os involuntários e os intensificados pela “força do hábito” e das “ações reflexivas” que podemos ver essas expressões das emoções de modo mais factível. Seguindo seus predecessores Thomas Brown e Charles Bell, aprofundou a etologia⁵⁸ (estudo da Biologia do comportamento animal) das emoções (Darwin, 2009; Corbin; Courtine; Vigarello, 2020c; Bove, 2009).

Ekman (2017, p. 31), um dos principais seguidores dos estudos de Darwin sobre as emoções⁵⁹, define-as enquanto “[...] um processo, um tipo específico de avaliação automática, influenciado por nosso passado evolucionista e pessoal, em que sentimos que algo importante para nosso bem-estar está acontecendo e um conjunto de mudanças fisiológicas e comportamentos emocionais influenciam a situação.” Para Turner (2003), todas as nossas emoções são importantes e são biológicas, haja vista que dependem desses processos “físicos” ocorridos no sistema límbico⁶⁰ e demais áreas do corpo para acontecerem. Os sentimentos são as sensações conscientes das emoções. Nesse sentido, Franks (2014) observa que as neurociências permitiram a observação de que as emoções são características cerebrais. A definição de emoção pode ser entendida enquanto “intencional” no sentido de que está direcionada para fora, para algo. Já o sentimento se expressa enquanto algo consciente e corporalmente sentido. Assim, se tenho raiva por algo ruim que me acontece, mas compreendo que aquilo não foi proposital, por exemplo, a emoção negativa se dissipa.

Thoits (1989) observa que existem vários entendimentos do que seria emoção. A partir de sua pesquisa junto a outros autores, compreende que as emoções precisam ser distinguidas dos sentimentos, dos afetos e dos humores, sendo definidas por seus quatro componentes: o primeiro está ligado à avaliação dos estímulos existentes na situação; o segundo diz respeito às mudanças que ocorrem no indivíduo; o terceiro corresponde à redução do comportamento expressivo; e, por fim, o quarto se refere a estereótipos culturais empregados em pelo menos

⁵⁸ Darwin (2009) constatava à época que o aspecto biológico ainda é ignorado por estudiosos do comportamento humano. Trata-se de nossos padrões comportamentais característicos enquanto espécie e que são somados às demais estruturas anatômicas que são transmitidas hereditariamente.

⁵⁹ Segundo Turner (2003).

⁶⁰ Ao invés de tratarmos do sistema límbico, podemos considerá-los “sistemas límbicos” que ainda estão em fase de compreensão pela ciência (Turner, 2003; Esperidião-Antonio *et al.*, 2008).

um dos três pontos anteriores. Esses quatro elementos permitiriam identificar as emoções em um indivíduo.

Damásio (2017) explica que as emoções, a mente, os sentimentos e corpo são estruturas interligadas. As emoções e os sentimentos são sequenciais e, por isso, torna-se tão difícil distingui-los na prática humana. A emoção é um “movimento para fora”, um processo inato que ocorre em nossos corpos. Ela não ocorre na mente, mas sim nos músculos, coração, pulmão, sistema endócrino, entre outras partes do corpo. Ela pode ser passageira e é

[...] a combinação de um *processo avaliatório mental*, simples ou complexo, com *respostas dispositivas a esse processo*, em sua maioria *dirigidas ao corpo propriamente dito*, resultando num estado emocional do corpo, mas também, *dirigidas ao próprio cérebro* (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais. Repare que, de momento, estou deixando de fora da emoção a percepção de todas as mudanças que constituem a resposta emocional. Como se descobrirá em breve, reservo o termo *sentimento* para a experiência dessas mudanças (Damásio, 1996, p. 168-169, grifos do autor).

Dessa forma, o sentimento é a resposta intelectual que damos a essa emoção, enquanto a emoção é mais facilmente perceptível, ficando imediatamente expressa em nosso corpo. Os sentimentos permitem que visualizemos aquilo que ocorre na nossa pele, ossos e corpo de modo geral após a significação dada à emoção inicial. Eles são expressões cognitivas do nosso córtex cerebral, assim como todas as imagens que produzimos mentalmente. Os sentimentos podem ser totalmente escondidos das outras pessoas e durar por longos períodos de tempo. Podemos nos sentir extremamente infelizes, mas ainda assim aparentar grande felicidade. Existem muitas variedades de sentimentos. A primeira se baseia nas emoções universais básicas; a segunda se baseia em emoções universais sutis (seria uma pequena variante) e que envolveria o remorso, a vergonha, a vingança, a satisfação maliciosa, entre outras. E a terceira comportaria aos sentimentos de fundo que não são emocionais, os quais não são demasiadamente positivos ou negativos e provavelmente são os que mais ocorrem ao longo da vida. Os nossos sentimentos corresponderiam ao que ocorre entre o corpo e as emoções, como parte de um processo contínuo de um corpo vivo (Damásio, 1996).

Os sentimentos são o processo de acompanhamento do que ocorre no corpo. Podem ser nomeados com/como emoção. Por exemplo: emoções como a compaixão, a culpa e a vergonha são responsáveis por orientar nossos comportamentos morais. Elas nos avisam quando nos comportamos de modo errado. Isso gerará vergonha, que despertará o sentimento de culpa. Assim, entendemos que emoções como a culpa e a vergonha podem ser transformadas em

sentimentos. Todas as emoções geram sentimentos, porém nem todos os sentimentos são resultados de emoções (Damásio, 2013).

A essência seja da tristeza ou da felicidade está justaposta pelos estados corporais desencadeados pelo estímulo e pelo sentimento e pensamento a respeito dele. As imagens relacionadas com estímulos negativos são lentas, ao contrário da formação de imagens de estímulos positivos. Repetidas situações negativas aumentam a proporção de pensamentos negativos (como ocorre na depressão). Nesse sentido, vale citar que, quando pessoas forjam expressões correspondentes a felicidade ou tristeza, por exemplo, seus corpos passam a responder a tais estímulos, e, em situações como essas, segundo estudos eletrofisiológicos, partes do cérebro poderiam ser afetadas por esse comportamento, o que comprova que, em parte, nos é possível “enganar o cérebro” (Amen, 2000; Beck *et al.*, 1997; Damásio, 1996; Goleman, 2019; Gonsalves; Lima, 2015).

4 FUNDAMENTOS NEUROSSOCIOLÓGICOS DOS FENÔMENOS EMOCIONAIS NAS RELAÇÕES DE “VIOLÊNCIA EXTREMA”

Como já está delimitado desde o título desta pesquisa, meu intuito não é me aprofundar nas diversas concepções de Sociologia das Emoções e da categoria violência que existem no campo acadêmico⁶¹, mas sim tratar da categoria “violência extrema” apresentada por Turner (2011, 2014) e complementada por Maciejczak (2013) para me auxiliar no entendimento neurosociológico dos fenômenos emocionais que ocorrem no Campo de Refugiados de Kakuma e no Assentamento Integrado de Kalobeyei. Quanto às demais teorias que estudam as formas de violência, apesar de reconhecer suas indiscutíveis contribuições, não me aprofundarei nelas por dois motivos. Primeiramente devido ao fato de que isso me retiraria do meu objetivo, descrito acima. Em segundo lugar pois, para que a “violência extrema” não fique “subteorizada”, procurarei me abster de teorias que justificam a base da violência pela geopolítica (Mann, 1980; Wallerstein, 1974; Turchin, 2006), pela classe (Marx [1847] 1971; Weber [1922] 1968; Paige, 1975; Tilly, 1978; Skocpol, 1979), pelas dinâmicas da discriminação (Bonacich, 1972; Turner, 1986), pelas práticas coloniais (Blauner, 1969), pela ecologia (Olzak, 1992; Roediger, 1991) e pela identidade nacional (Ellemers, 1993; Gaertner; Dovidio, 2000; Hogg, 2006; Hogg; Abrams, 1988; Tajfel; Turner, 1979). Tais teorias geralmente consideram essas “unidades categóricas⁶²” como centrais às discussões sobre violência, favorecendo uma unidade em detrimento de outra, inclusive no que se trata dos mecanismos interpessoais e intrapessoais envolvidos nos processos, desconsiderando as bases neurobiológicas que estão presentes em todos os fenômenos emocionais que geram relações sociais de violência (Turner, 2011). Para dar conta do meu objetivo, este Capítulo partiu dos fundamentos neurosociológicos das emoções, pelos fenômenos emocionais analisados: felicidade, medo, raiva, tristeza, vergonha, culpa e alienação, passando pelas emoções do *self* e suas identidades, pelas relações de solidariedade social e pela categorização da “violência extrema”.

⁶¹ Não por negar-lhes o valor que possuem, mas pelo fato de ter minha categoria específica selecionada e por não ser meu intuito nesta pesquisa fazer uma argumentação sobre as diferentes concepções existentes, o que mudaria o rumo do meu foco de estudo.

⁶² Ver Capítulo 5.

4.1 NEUROSSOCIOLOGIA

A Neurosociologia nos mostra que possuímos natureza humana que, enquanto tal, é social e está diretamente vinculada às nossas emoções, que reforçam esses laços (Franks, 2014; Davis, 2013). Podemos compreender que possuímos diversos mecanismos neurológicos programados antes de nossa humanização, mas também que há outros que fizeram parte desse processo e que continuam em “evolução” devido à estimulação social.⁶³ Os avanços nos estudos dos mecanismos cerebrais das emoções é algo recente. Muitos dos conhecimentos que possuímos estão focados no “comportamento emocional” (Ekman, 2017; Goleman, 2019).

Se pensarmos o cérebro como um “sistema adaptativo complexo”, entenderemos que todo cérebro é 100% normal, pois ele é o resultado da combinação genética e ambiental na qual se desenvolveu. Casos em que, por exemplo, o indivíduo nasce em ambientes hostis e violentos, terão como resultado cérebros ansiosos. Isso não significa que sejam cérebros “funcionais” do ponto de vista das regras e códigos morais aos quais estamos acostumados, mas sim cérebros considerados normais enquanto resultantes dessa combinação entre aquilo que a neuroanatomia nos permite e o que o ambiente incutiu (Gordon, 2021; Goleman, 2019; Harris, 2019; Amen Clinics, 2023; Amen, 2000; Amen *et al.*, 2011; Stark *et al.*, 2015; Lee *et al.*, 2021; NEUROMETRIA, 2022; BRAIN-TRAINER, 2021b). Assim, estudos realizados por

[...] mais de três décadas, demonstram ‘claramente’ que não é a mente, mas o cérebro que controla como pensamos, sentimos, agimos e realizamos nossas ações. De fato, tem sido demonstrado repetidamente que nossas respostas experimentais, aquilo que acontece em nossas vidas, estão diretamente relacionadas aos padrões elétricos/energéticos codificados em nossos cérebros. Estes são muito estáveis e são aprendidos em resposta à experiência. Além disso são reforçados até se tornarem habituais. Você pode pensar neles como “subconsciente”. Se você for honesto consigo mesmo, provavelmente precisará admitir que eles nos controlam, e não nossa mente racional/lógica consciente (BRAIN-TRAINER, 2021b, p. 69 – aspas simples nossa)

Nossos cérebros são definidos como “sistemas adaptativos complexos” pois, ao mesmo tempo em que são extremamente dependentes de suas condições originárias, eles aprendem e se modificam através das experiências de vida. Eles também são estáveis, pois criam padrões que se autorreforçam, mas que podem sofrer mudanças drásticas repentinas (Gordon, 2021; BRAIN-TRAINER, 2021b; Goleman, 2019). O sistema límbico é uma área que se formou há muito tempo no processo neuroevolutivo no cérebro dos mamíferos. Junto a outras áreas

⁶³ O seu desuso gera atrofia especialmente nos primeiros anos de vida, quando o cérebro jovem e altamente preparado para aprender não recebe esses estímulos. Gostaria de acrescentar que tal afirmação aqui objetivada não é simplista. De modo algum concorda com teorias que, até algumas décadas atrás, afirmavam, por exemplo, que filhos autistas eram culpa de “mães-geladeira” que não os amavam (Bettelheim, 1987; Kanner, 1943).

cerebrais e corpóreas, esse sistema possui uma função de extrema importância no que concerne às emoções e aos sentimentos. Essa área do nosso cérebro possui tanto redes de circuitos inatas quanto mutáveis ao longo das experiências e aprendizados (Gordon, 2021; Esperidião-Antonio *et al.*, 2008; Goleman, 2019; BRAIN-TRAINER, 2021b; NEUROMETRIA, 2023; Damásio, 1996; Amen, 2000; Alves, 2018, 2020).

Assim, a construção neurológica do *self* vai muito além da cognição e da linguística. Ela é extremamente complexa e corresponde ao que podemos considerar como um conjunto emocionalmente valioso de neurocognições explícitas e implícitas auto-organizadas em vários modos e graus para que possamos sobreviver (Gordon, 2021; Esperidião-Antonio *et al.*, 2008; BRAIN-TRAINER, 2021b; NEUROMETRIA, 2023; Damásio, 1996; Turner, 2003, 2011, 2014, 2014a; Goleman, 2019; Gonsalves; Lima, 2015; Shook, 2013). O físico Fritjof Capra (1990, 1993) compreende a nossa capacidade de auto-organização para além do somente intuito de manutenção e renovação contínua da vida. Essa capacidade tende, também, a transcender, a se estender e a criar novas formas, e o que permite essa dinâmica evolutiva básica [das espécies] não seria a adaptação em si, mas sim a criatividade para surpreender e transcender a nós mesmos, de forma que “coevoluímos” com o ambiente e com o planeta.

No início de seus estudos, Ekman (2017, 2021b) era contrário à visão de Darwin a ponto de não levar seus estudos em consideração, pois acreditava que as expressões e os gestos eram socialmente aprendidos. Apesar dessa visão inicial, suas experiências empíricas o ensinaram que as emoções possuem base fisiológica e são universais⁶⁴. O autor observou isso através das expressões faciais incontroláveis encontradas em todas as culturas pesquisadas ao redor do mundo. Para ele, no entanto, as nossas expressões e os nossos gestos são construídos socialmente através do que se considera como “regras de exibição”, que fazem com que rotulemos e controlemos o que estamos sentindo como positivo ou negativo, conforme o que nos é ensinado. Nesse sentido, Ekman (2017, 2021b) reflete que os estudos dos autores que acompanhava na época (antes das leituras de Darwin) e o que compreende atualmente estão em sintonia, pois tratam dessa relação entre o inato e o aprendido.

Schieman (2006) corrobora essa perspectiva. Todas as nossas emoções são importantes e precisam ser compreendidas e utilizadas de forma a potencializar nossos “comportamentos construtivos” (Turner, 2003, 2011, 2014, 2014a). Damásio (1996) compreende que os

⁶⁴ Uma das confirmações de que as emoções são inatas são os estudos com pessoas que nasceram cegas e que corroboram essa afirmação (Darwin, 2009; Ekman, 2017).

problemas de violência social não poderão ser resolvidos enquanto não entendermos que eles são parte de processos internos (neuroquímicos) e sociais concomitantemente. Nós precisamos existir para então pensarmos e só podemos pensar a medida em que existimos, contrariando a máxima cartesiana. A cultura somente foi possível devido a essa complexa habilidade de sentir e de expressar as emoções.

Para Ekman (2017, 2021b), mesmo que os “gatilhos emocionais” que nos levem a experienciar as emoções sejam diferentes de pessoa para pessoa, nossa expressão, fisionomia, voz e postura corporal são muito semelhantes. Darwin (2009) compreendia que as emoções são reforçadas a partir de ações internas e externas. Podemos ver abaixo, na Figura 10, um exemplo de emoções “inatas ou instintivas” retiradas dos trabalhos do autor:

Figura 10 – Emoções “inatas ou instintivas”: felicidade, medo, raiva, tristeza e nojo



Fonte: Adaptado de Darwin (2009).

Constatamos que todos os primatas e outros mamíferos além dos humanos vivendo em diferentes regiões ao redor do mundo possuem expressões faciais e corporais semelhantes quanto à expressão de emoções como felicidade, medo, raiva, tristeza e nojo ou desprezo e dor, que se assemelham às apresentadas na Figura 10, acima. Tanto essas expressões faciais e corporais quanto as vocalizações delas foram e são fundamentais para a sobrevivência dessas espécies e dos grupos. Não há um consenso entre os estudiosos e estudiosas das emoções sobre quais seriam as nossas “emoções básicas”, “instintivas”, “natas”, “iniciais”, “universais” ou “primárias”. O que existe são diferentes modelos de emoções que partiriam de quatro até sete emoções (Darwin, 2009; TenHouten, 1996, Turner, 2003, 2011, 2014a; Ekman, 2017, 2021b; Damásio, 1996; Gonsalves; Lima, 2015; Franks, 2014; Goleman, 2019; BRAIN-TRAINER, 2021a; Schieman, 2006).

Turner (2003), após convergir os resultados de estudos de diferentes disciplinas que se dedicam às emoções, observou um consenso no que diz respeito ao que seriam nossas quatro

“emoções primárias” de primeira ordem. São elas: felicidade, medo, raiva⁶⁵ e tristeza. Elas possuem suas variantes, de segunda ordem, que são a junção entre o inato e o que é aprendido em nossas relações, como é o caso da vergonha, da culpa e da alienação, que são de interesse neste estudo. Nossas emoções, assim como nós mesmos, não são puras, elas são complexas e combinadas de diferentes formas entre si. Manifestam-se conforme os contextos em que os indivíduos estão inseridos (Turner, 2003, 2011, 2014, 2014a; Ekman, 2017, 2021b; Damásio, 1996; Goleman, 2019; Gonsalves; Lima, 2015; TenHouten, 1996). A maior parte das emoções ocorre sem que nos demos conta, e essa compreensão é fundamental para que possamos entendê-las enquanto fenômenos sociológicos (Franks, 2014; Turner, 2014b; Gonsalves; Lima, 2015).

Damásio (1996) e Gonsalves e Lima (2015) observam que reações como medo de ursos ou cobras seriam consideradas emoções “iniciais”, pois, de modo geral, os bebês, mesmo muito jovens, já demonstram medo, ainda que eles nunca tenham visto ou mesmo sido atacados por um desses animais. Isso leva a um segundo ponto, que é a “sensação da emoção” em relação àquilo que a desencadeou. A resposta que damos a isso pode ser inata ou reflexiva a partir de experiências anteriores, ou seja, temos a capacidade de tomar consciência das emoções, flexibilizando nossas respostas a elas. As emoções secundárias originam-se em grande parte na amígdala, mas são processadas pelo pensamento ativando outras partes do nosso cérebro como o neocórtex⁶⁶, como explicarei logo adiante. Franks (2014) acrescenta a importância e distinção dos hemisférios cerebrais no estudo neurológico desse processo.

À época de Darwin (2009), as emoções eram classificadas como excitantes (felicidade e raiva) ou deprimentes (tristeza). Muitas como mistas, começando como excitantes, como no caso da dor e do medo, por exemplo, e se tornando deprimentes quando cronificadas. Faz-se importante salientar que três das quatro emoções primárias são negativas (Turner, 2003, 2011, 2014; Damásio, 1996). Nossas experiências de dor e prazer são inatas. Através desse aparato, nosso sistema cerebral calcula as probabilidades daquela experiência ser positiva ou negativa e sempre procura formas de evitar o negativo, preservando a sobrevivência⁶⁷. Nosso cérebro quer

⁶⁵ A versão brasileira de Turner (2003) traz “cólera” como uma emoção primária, mas, assim como Torres (2009), preferi a tradução de *anger* como “raiva”. Da mesma forma, a versão brasileira de Darwin (2009) apresenta “alegria” e não “felicidade”.

⁶⁶ Tratarei tanto dos conceitos de “neocórtex” quanto de “córtex”: o primeiro diz respeito à parte mais recente do córtex, que, por si só, já é uma área “recente” do nosso cérebro (Damásio, 1996).

⁶⁷ Nossa qualidade de vida é determinada por nossas emoções e elas começam rapidamente. Podemos nem nos dar conta delas, mas podem salvar nossas vidas ou nos arruinar. Nosso intuito está relacionado com o aumento de emoções positivas e redução das negativas. Há muito se fala sobre serem os instintos da fome, do sexo e da sobrevivência quem nos governam, mas são as emoções. Se os alimentos forem repugnantes para uma pessoa, ela morrerá, mas não comerá. Da mesma forma uma pessoa pode nunca ter contato sexual com outra por medo. Ainda

ter prazer, por isso que comer, dormir e reproduzir são experiências tão viciantes. Podemos observar que, de modo geral, as regras morais e das convenções sociais são vinculadas com impulsos e instintos (Damásio, 1996). Alves (2018, 2020) destaca que, tendo prazer, o cérebro evita a dor e economiza energia; ao tirá-lo dessa sua zona de conforto, forçamo-lo a criar novas estratégias.

Correlacionando com a ideia de que nossos cérebros procuram economizar energia, nossos componentes biológicos não são violentos e agressivos. Eles apresentam esses componentes de sobrevivência, que podem ou não ser utilizados, mas que nos exigem uma grande carga de energia, seja emocional ou física. Para Maturana (1995, p. 6, tradução nossa) “[...] a violência e a agressão são modos de relação próprios de um espaço psíquico que valida a negação do outro diante de qualquer desacordo desde a autoridade, a razão ou a força.” Um exemplo disso é a relação entre amigos e não amigos. Entre amigos há uma mutualidade na aceitação de ambos na relação. Quando isso é quebrado, surgem questionamentos e, havendo negação, pode-se chegar à inimizade e à violência. Refletir seria o último ato de liberdade humana. É a reflexão que nos permite optar pela amorosidade da legitimação da aceitação do outro.

A energia consumida para nossa sobrevivência também define como somos e como seremos. Locais onde há escassez ou excesso de determinados alimentos e nutrientes são responsáveis por definir características de saúde e até mesmo genéticas da geração atual como das futuras. O funcionamento do nosso cérebro, a cognição e os comportamentos também são definidos pela oferta ou privação de micronutrientes essenciais (Naidoo, 2021; Ornish, D.; Ornish, A., 2020; Carvalho *et al.*, 2021; INCCOR, 2021). O sofrimento, a dor e a privação de alimentos permitiram que atentássemos para situações que colocavam nossa sobrevivência em risco, corrigindo nossos comportamentos. Isso somente foi possível porque nossos cérebros já possuíam estruturas capazes de fazer essas ligações entre o inato e a previsão de suas consequências. Apesar de serem inatas, essas estruturas não são iguais e nem agem na mesma medida (Darwin, 2009; Damásio, 1996; Amen, 2000; Turner, 2003, 2014a). Talvez por isso que a máxima emocional de Tolstói (2017, p. I) em Anna Kariênina faça tanto sentido: “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira.”

Como podemos acompanhar na Tabela 3, a seguir, as variantes de emoções primárias positivas são menores do que das emoções consideradas negativas:

o desespero pode ser maior do que o próprio instinto de sobrevivência. São as emoções que nos movem (Ekman, 2017).

Tabela 3 – Emoções primárias e suas variantes

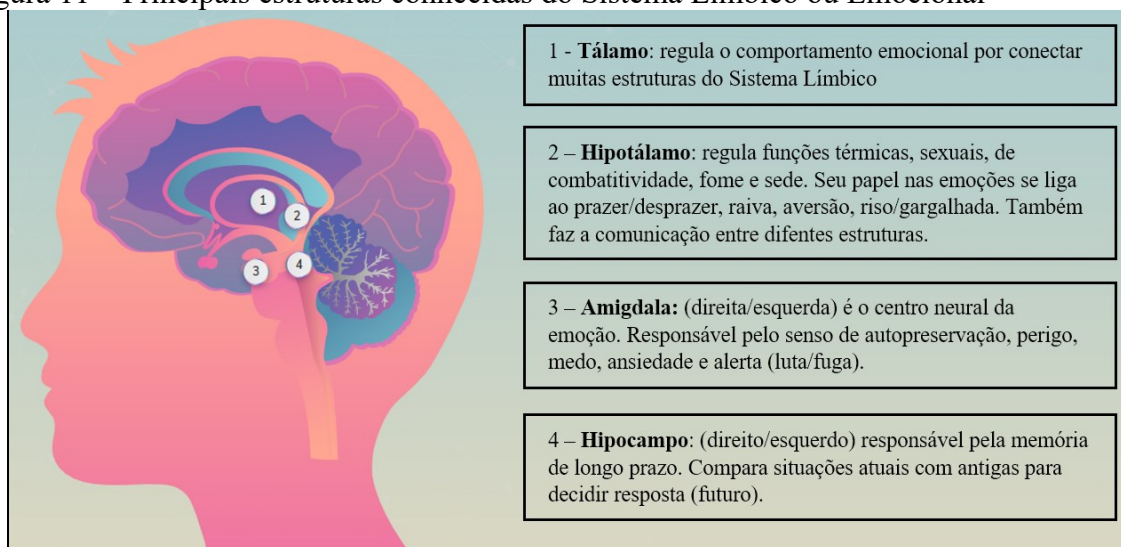
Emoções primárias	Polo de baixa intensidade – Emoção primária	Baixa intensidade	Moderada Intensidade	Alta intensidade
Felicidade	Satisfação-felicidade	Contente Ardente Serenos Grato	Bem disposto Vivaz Amigável Amável Satisfeito	Em regozijo Bem-aventurado Arrebatado Jubiloso Contente Exaltado Em deleite Encantado Animado
Medo	Aversão Medo	Preocupado Hesitante Relutante Tímido	Desconfiado Em trepidação Ansioso Assustado Alarmado Enervado Em pânico	Aterrorizado Horrorizado Com alta ansiedade
Raiva	Asserção Raiva	Chateado Agitado Irritado Vexado Perturbado Ofendido Enervável Ressentido/melindrado	Desagradado Frustrado Beligerante Contencioso Hostil Irado Animoso Ofendido Consternado	Antipático Com desprezo absoluto Descontente Com ódio Com desprezo Com aversão Muito agitado Raivoso/indignado Furioso Inflamável Encolerizado Ultrapassado
Tristeza	Desapontamento Tristeza	Agitado	Consternado Desesperançado Sorumbático Resignado Tristonho	Magoado Desolado Abatido Angustiado Desanimado Desgraçado Sofredor Rejeitado

Fonte: Adaptado de Turner (2003).

A partir dessas diversas combinações possíveis apresentadas na Tabela 3, acima, entre nossas emoções (sejam positivas, sejam negativas ou sejam “mistas”), fomos e somos capazes de gerar inúmeras novas emoções e respostas aos acontecimentos de nossas vidas. Foi essa capacidade, juntamente com a capacidade de reconhecer as emoções em nós e nos outros, que permitiu que superássemos a falta de “bioprogramadores” inatos para criação de laços sociais (como ocorre em animais de rebanho, por exemplo), e, com isso, evitássemos a extinção (Turner, 2003, 2011, 2014a; Damásio, 1996).

Como podemos ver na Tabela 3, o entendimento que muitos estudiosos possuem atualmente é de que nosso repertório emocional inicial foi alargado e que isso ocorreu especialmente com o desenvolvimento do nosso sistema límbico e do Córtex Pré-frontal. Seguindo essa linha, tanto a sensibilidade quanto o controle das emoções foram e continuam responsáveis pela criação dos laços sociais mais sólidos e pela perpetuação da nossa espécie (Damásio, 1996; Amen, 2000; Turner, 2003, 2011, 2014a; Franks, 2014; Sapolsky, 2021; Goleman, 2019; Corbin; Courtine; Vigarello, 2020c). Fazendo um levantamento elucidativo sobre as mudanças do nosso cérebro nesses processos descritos acima, podemos pensá-lo dividido em três áreas principais e complementares: a área mais externa, superior e mais “recente”, definida como (1) neocórtex; a porção intermediária, chamada de (2) sistema límbico ou emocional e que liga o neocórtex com a área mais inferior e antiga conhecida como (3) reptiliana. É no sistema límbico que se encontra considerável parte das estruturas responsáveis pelas bases das emoções conhecidas pela ciência atualmente, assim como pela possibilidade de criação de elos e laços sociais. É esse sistema que armazena lembranças (positivas ou negativas) com alto grau de emoção. É ele, também, que nos torna animais sociais. Danos ou bloqueios nesse sistema interferem diretamente na formação desses vínculos, independentemente da vontade ou dos reforçadores sociais (Esperidião-Antonio *et al.*, 2008; BRAIN-TRAINER, 2021a; NEUROMETRIA, 2023; SENAC, 2021; Amen, 2000; Damásio, 1996; Turner, 2003, 2014a; Franks, 2014; Corbin; Courtine; Vigarello, 2020c).

Figura 11 – Principais estruturas conhecidas do Sistema Límbico ou Emocional



Fonte: Adaptado de Esperidião-Antonio *et al.* (2008), Gordon (2021), BRAIN-TRAINER (2021a, 2021b), SENAC (2021), Amen (2000), Damásio (1996) e Turner (2003, 2014a).

Na Figura 11, é possível verificar algumas das principais estruturas responsáveis pelas emoções no sistema límbico. O tálamo é responsável pela regulação do comportamento emocional ao fazer a conexão entre as várias estruturas que compõem o sistema. Já o hipotálamo é responsável pela regulação de funções térmicas, sexuais, de combatividade, sono, fome, sede, entre outras. Ele é quem dá o tom de prazer ou desprazer, raiva, aversão ou riso e/ou gargalhada descontrolada às emoções que sentimos. Assim como o tálamo, o hipotálamo também fomenta a comunicação entre as diferentes estruturas. A amígdala é uma área antiga composta por duas glândulas que herdamos dos répteis, uma de cada lado do hemisfério cerebral (direito e esquerdo). Apresenta-se como o centro neural das emoções e das memórias carregadas de emoções. Sua função é de autopreservação, percepção do perigo e alerta, gerando o medo, a raiva e a ansiedade; é responsável pela decisão de luta ou fuga. Por último, o hipocampo, também situado em ambos os lados do cérebro, é o responsável pelas memórias de longo prazo. Permite a comparação da situação presente com as experiências antigas para que se decida as melhores respostas (futuro). Obviamente, como discuto ao longo da tese, elas não são fenômenos mentais únicos, nem isolados. Elas ativam e são ativadas por diferentes circuitos neuronais que alteram todo o corpo (Esperidião-Antonio *et al.*, 2008; BRAIN-TRAINER, 2021b; SENAC, 2021; Amen, 2000; Damásio, 1996; Turner, 2003, 2014a; Franks, 2014; Goleman, 2019; Mehta; Goetz; Carré, 2013; Sapolsky, 2021).

Em condições normais o tálamo recebe as informações vindas dos 5 sentidos⁶⁸ (visão, audição, tato, olfato e paladar) e atua organizando o fluxo dessas informações, encaminhando-as para áreas “adequadas” do córtex cerebral com o intuito de que o processamento delas seja adequado. Porém, quando temos uma reação emocional incontrolável, ou apresentamos um quadro de Transtorno de Estresse Pós-Traumático – TEPT⁶⁹, acontece o que chamamos de “sequestro da amígdala”. Isso ocorre pois o tálamo, ao invés de enviar as informações para o córtex cerebral, envia para a nossa amígdala, que toma o controle do cérebro, afetando nossa capacidade de comunicação quando necessário, por exemplo (Goleman, 2001, 2019)⁷⁰.

O TEPT pode levar dias, meses ou anos para acontecer. Pode durar uma vida inteira se não for tratado adequadamente. Seus danos envolvem a ativação desnecessária constante de

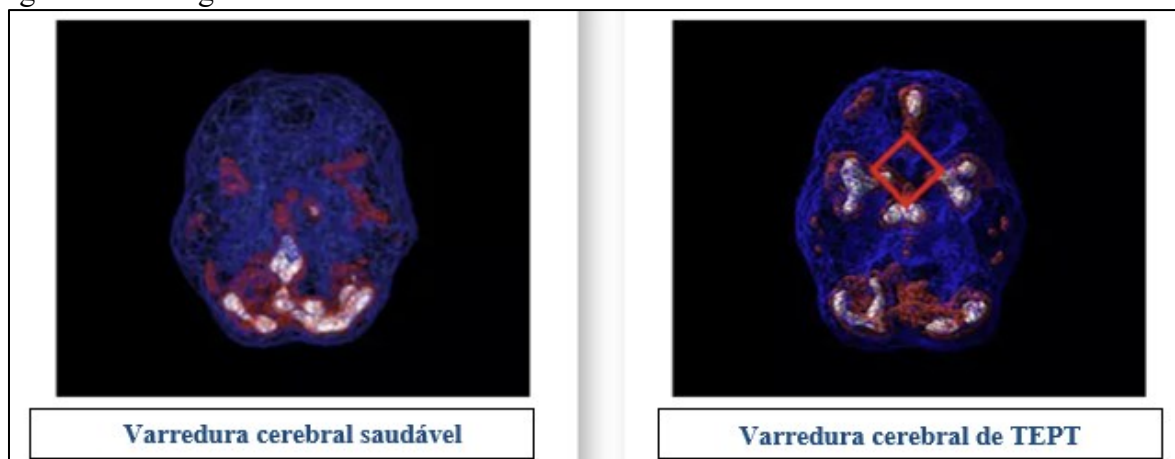
⁶⁸Diante das constantes descobertas científicas, atualmente já há o registro de pelo menos mais dois sentidos que, ao contrário dos demais, são voltados ao nosso interior: a interocepção (envia as informações sobre como estão nossos órgãos) e a propriocepção (envia ao cérebro informações sobre como está nosso lado externo: postura, gestos, entre outros) (Castellanos, 2023).

⁶⁹TEPT é um transtorno psiquiátrico no qual a pessoa que passou por um trauma terrível continua tendo flashes, pesadelos e reações fisiológicas muito próximas ao que sentiu no momento da experiência, mesmo após meses do acontecimento (Frances, 2015; Gordon, 2021; Rangé, 2001).

⁷⁰Aqui está a justificativa da famosa expressão “conte até dez” quando estiver extremamente irritado(a).

determinadas áreas do cérebro como a área límbica profunda, os gânglios da base e o giro cingulado anterior. Esse transtorno torna as pessoas que sofrem dele emocionalmente anestesiadas, muito assustadas ou ainda agressivas desnecessariamente (Amen, 2000; Amen *et al.*, 2011; Amen Clinics, 2023; Rangé, 2001). Crianças que crescem em lares e ambientes violentos, como os Campos de refugiados estudados nesta pesquisa, são tão afetadas pelo TEPT quanto os soldados combatentes (Amen, 2000; Amen Clinics, 2023). Ao longo das minhas experiências profissionais, inclusive de campo, ouvi inúmeras pessoas que sofrem de TEPT definirem sua condição como se elas não fossem mais elas mesmas após vivenciarem o evento traumático, sentindo-se como se estivessem anestesiadas ou quebradas. Na Figura 12, abaixo, apresento um exemplo concreto de como o TEPT altera o funcionamento cerebral:

Figura 12 – Imagem de SPECT cerebral saudável e com TEPT⁷¹



Fonte: Amen Clinics (2023).

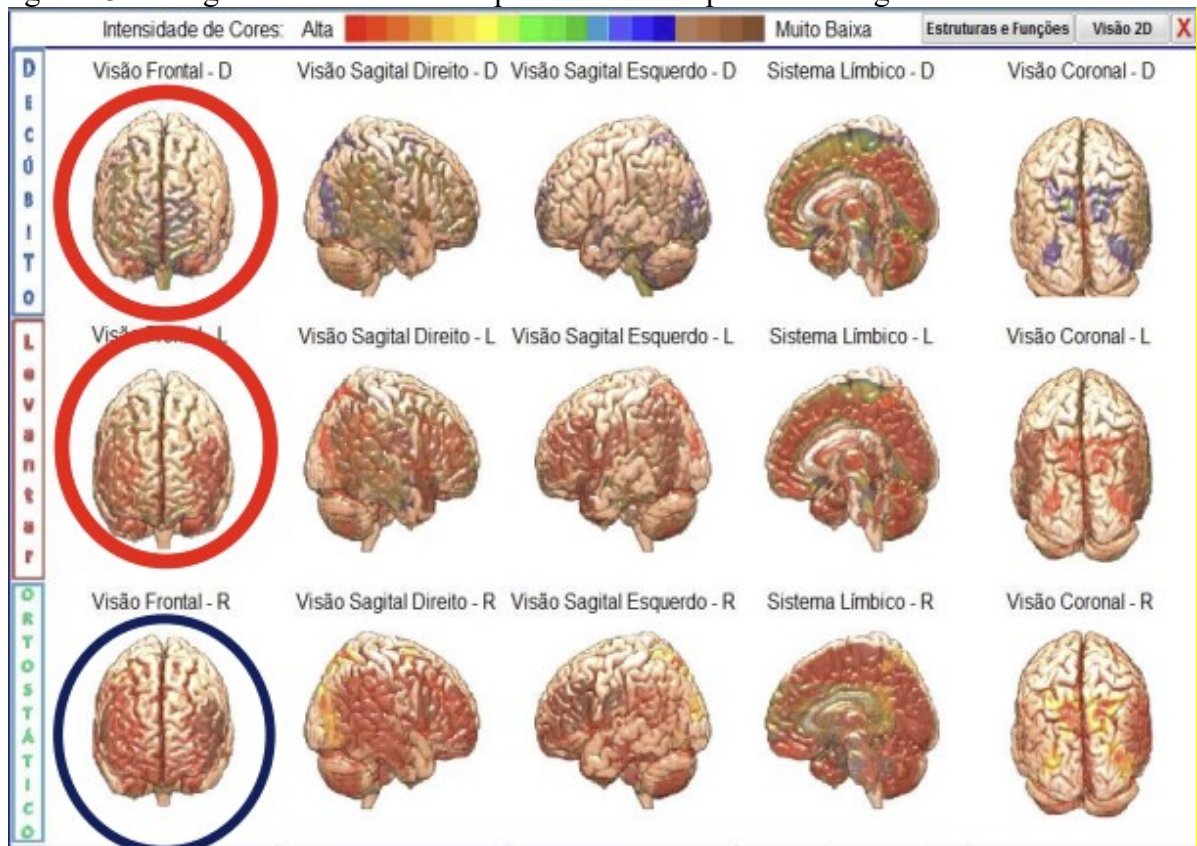
Daniel Amen (Amen Clinics, 2023; Amen, 2000; Amen *et al.*, 2011), através de muitas de suas pesquisas com tomografia computadorizada por emissão de fóton único – SPECT cerebral, pode nos apresentar uma visão mais concreta de como viver experiências emocionais intensas, violentas e traumáticas pode e afeta o funcionamento do nosso cérebro. Na imagem da esquerda da Figura 12, vemos um cérebro considerado funcional, com a maior parte de sua ativação (em vermelho e branco) na região cerebelar, que fica na parte posterior do cérebro. Já à direita, vemos a imagem do cérebro de uma pessoa que sofre com TEPT. O paciente em questão é um homem que lutou pelos EUA no Vietnã e, após essa experiência traumática, o seu

⁷¹ As imagens nas explicações deste trecho precisam ser pensadas dentro do contexto social e individual, no tempo e espaço vividos.

cérebro agia de modo não funcional devido à excessiva ativação da região límbica destacada pela figura vermelha.

Para focar nas mudanças cerebrais causadas pela violência, dependemos de um sistema completo e complexo de funcionamento corporal e social, que envolve inclusive as emoções. Nesse sentido, a Neurometria funcional pode nos dar uma visão mais concreta desses acontecimentos, como apresentado nas figuras 13 e 14, abaixo:

Figura 13 – Imagens cerebrais de uma pessoa com comportamento agressivo



Fonte: Neurometria (2022).

A Neurometria funcional é uma metodologia organizacional que se utiliza de ferramentas tecnológicas – reconhecidas nacional e internacionalmente – para avaliar e melhorar o estado de saúde das pessoas atendidas. Através dela, conseguimos observar o funcionamento elétrico das áreas cerebrais, inclusive do sistema límbico. A Neurometria mede a atividade encefálica, o nível de ansiedade, a variabilidade cardíaca, a resposta fisiológica e respiratória da pessoa analisada. Ao realizar esse conjunto de medições, avalia o funcionamento do Sistema Nervoso Periférico através do registro das atividades Simpáticas (ativadas diante de uma situação de alerta) e Parassimpáticas (ativadas após essas situações para voltar ao

relaxamento), conseguindo nos dar inclusive uma medição das nossas respostas emocionais. Trata-se do uso da tecnologia aliado a décadas de estudos nacionais e internacionais para alcançar tais feitos (Neurometria, 2023).

Na Figura 13, acima, vemos um exemplo em que a Neurometria funcional foi capaz de registrar diversas constatações relacionadas aos comportamentos agressivos e à atividade cerebral da pessoa analisada. Destacou-se o lobo frontal (imagens circuladas), que estaria, naquele contexto, responsável por comportamentos impulsivos, irritadiços, argumentativos, impacientes, antiempáticos, entre outros. O sistema límbico também está representado nessa Figura e sua coloração avermelhada evidencia a presença de hiperatividade límbica na pessoa em questão (Neurometria, 2022).

Já na Figura 14, abaixo, vemos o registro do treino e do resultado da variabilidade emocional de uma outra pessoa, realizado durante a análise neurométrica.

Figura 14 – Treino e resultado da variabilidade emocional com uso da neurometria



Fonte: Neurometria (2023).

A Figura 14 nos apresenta, do lado esquerdo, a imagem do treinamento neurométrico, registrando a variabilidade emocional da pessoa testada. Na imagem do lado direito, traz os resultados alcançados, que, neste caso, evidenciaram uma capacidade entre moderada e severa em lidar com a resposta a eventos estressores (ansiedade), destacada em vermelho.

Em uma meta-análise de estudos envolvendo neuroimagem e TEPT, Stark *et al.* (2015) observou que os estudos na área apontam evidências de que há mudanças duradouras no funcionamento cerebral, sendo seus efeitos passíveis de mensuração, mesmo que ainda sejam

necessários novos estudos para que se obtenham confirmações mais precisas. Lee *et al.* (2021) destaca ainda que refugiados comumente apresentam alterações neurais que causam maior reatividade emocional e dificuldades em sua regulação devido aos eventos traumáticos, muitas vezes cumulativos, ao quais são expostos. Devido a esses fatores, essas pessoas estão mais suscetíveis aos problemas de saúde mental como o Transtorno Depressivo e de Ansiedade.

Dentre os estudos precursores sobre as emoções e o funcionamento cerebral, podemos dar crédito aos trabalhos de Paul Broca e Joseph Papez, que foram peças-chaves no descobrimento do sistema límbico, do córtex cingulado, do hipocampo, do hipotálamo e dos núcleos anteriores do tálamo (Esperidião-Antonio *et al.*, 2008). De lá para cá, os fatos nos mostram cada vez mais que o processo que envolve as emoções é mais complexo do que isso (Esperidião-Antonio *et al.*, 2008; Damásio, 1996; Gonsalves; Lima, 2015). Entre tantos conhecimentos adquiridos na área das neurociências, sabe-se atualmente que as áreas de Broca e Wernicke são duas áreas responsáveis pelas relações linguísticas que possuímos interna e externamente, codificando como recebemos e como expressamos as informações recebidas. Não há um consenso entre os autores estudados sobre a forma como isso ocorre (Damásio, 1996; BRAIN-TRAINER, 2021b; Franks, 2014; Turner, 2003, 2011).

A linguagem verbal é superestimada pelos estudiosos. Esquece-se de que ela e as emoções são diferentes. As emoções e a linguagem corporal são anteriores à linguagem verbal devido ao fato de esta ter melhorado habilidades de sobrevivência como se comunicar enquanto está com as mãos ocupadas, por exemplo (Darwin, 2009; Turner, 2003; Ekman, 2017; Goleman, 2019). Nós usamos a comunicação verbal quando estamos emocionados, como uma forma de lidar com essas emoções, mas não podemos reduzir as emoções às palavras (Darwin, 2009; Ekman, 2017).

Nós estamos em constante avaliação de nós mesmos e do mundo a partir das nossas observações e da perspectiva de outras pessoas. Grande parte dessa avaliação não é linguística, e tal afirmação se justificaria por nossa dificuldade em expressar “sentimentos emocionais” sobre nós mesmos através das palavras (Turner, 2011). Pesquisas mais atuais evidenciam que o cérebro recebe a imagem antes do som e a segura para processar os dois ao mesmo tempo e não termos uma sensação que se assemelharia a assistirmos a um filme com *delay* no áudio (Alves, 2020).

4.2 FENÔMENOS EMOCIONAIS: FELICIDADE, MEDO, RAIVA, TRISTEZA, VERGONHA, CULPA E ALIENAÇÃO

Possuímos dois pontos fundamentais para compreensão das emoções humanas: o primeiro é o reconhecimento de que nós possuímos felicidade, medo, raiva e tristeza como nossas emoções primárias. E o segundo ponto é o fato de que nós somos capazes de reconhecer nos outros tanto a expressão física (não linguística/verbal) dessas emoções primárias, quanto as suas variações (Darwin, 2009; Ekman, 2017, 2021b; Turner, 2003, 2011, 2014, 2014a; Damásio, 1996). De modo sintetizado defino este subcapítulo a partir de uma questão: como podemos entender a felicidade, o medo, a raiva, a tristeza, a vergonha, a culpa e a alienação enquanto fenômenos emocionais que afetam e são afetados pelas nossas relações sociais?

4.2.1 Felicidade

Figura 15 – Felicidade



Fonte: A pesquisadora (2012).

“Furaha”, que em suaíli significa felicidade, era uma pessoa extremamente tímida e reservada, mas, nos momentos em que nos contava sobre a emoção de ter sua pequena

“Mischana” (garota) nos braços logo após nascer, seus olhos brilhavam em meio aos sorrisos e gesticulações⁷² (Silva Krüger, 2015a). Apesar de o conceito de felicidade possuir várias concepções ao redor do mundo, ela é facilmente identificada por nós nesta Figura 15. Nosso viés ocidental e individualista a correlaciona com uma busca constante, como se fosse algo sobre o qual teríamos controle (Kemper, 2014). Está relacionada com a sensação de estar alcançando os mais diversos objetivos pessoais e sociais. Geralmente vem acompanhada do bem-estar e do bom humor. Facilita a empatia⁷³ e as relações interpessoais. Tende a ser contagiosa, assim como a infelicidade. Temos a inclinação de associá-la ao futuro, mas ela é uma emoção que se sente no presente (Gonsalves; Carício; Pia, 2015). Pelo que os estudos na área das emoções apresentam, não somos viciados em felicidade, mas esperamos que nossas decisões produzam níveis moderados dela através das sanções positivas do grupo, o que gera uma espécie de “orgulho silencioso” por suprir as expectativas. Essas constatações apontam para o fato de que a relação entre as emoções seria parte do que desenvolveu nossa solidariedade grupal (Maciejczak, 2013; Turner, 2003, 2014; Hammond, 2013).

Na concepção sociológica apresentada por Kemper (2014), a felicidade é um resultado pessoal do equilíbrio entre *status* e “poder” das relações sociais. Há variáveis que interferem nisso, mas diferentes estudos evidenciam as relações entre emoções positivas e as sanções positivas do grupo. A socialização está diretamente relacionada com abrir mão de exercer nosso “poder” e aceitar as imposições que são reforçadas pelas pessoas que configuram o sistema. A relação entre *status* e felicidade não é linear, mas melhorar o *status* muda vários aspectos da vida seja para quem o recebe, seja para quem o oferece. O “altruísmo” e a “gratidão” possuem reflexos positivos a médio prazo. Nesta relação “*status*-poder”, observa-se que há a ampliação do próprio *status* e do próprio “poder”. A relação entre espiritualidade e felicidade demonstra estar ligada por dois fatores: primeiro que a espiritualidade lhe dá um propósito através da crença e segundo que geralmente está relacionada à criação de laços com outros (Kemper, 2014).

⁷² Furaha e Mischana também são nomes fictícios que utilizei para contar parte das histórias que acompanhei em minha primeira experiência de campo no Quênia, em 2012 (Silva Krüger, 2012, 2015e).

⁷³ Para estudos sobre emoções e empatia, consultar Davis (2006).

4.2.2 Medo

Figura 16 – Medo



Fonte: A pesquisadora (2015).

O medo, expressado na Figura 16, seria a mais depressiva das emoções e ocorre com o intuito de que se evite o perigo (Darwin, 2009). Mesmo as brincadeiras que fazíamos em nossas atividades com estudantes refugiados no Campo de Kakuma eram levadas muito a sério por eles e elas. Ninguém queria perder, nem mesmo deixar literalmente a peteca cair. Emoções como o medo e a raiva, que veremos a seguir, parecem ser aprendizados constantes para sobreviver no Campo (Silva, 2016; Silva Krüger, 2015c, 2015d; Silva Krüger; Ally, 2019). Quando enfrentamos algo desconhecido, o medo nos deixa em alerta para avaliar se a situação é uma ameaça, preparando-nos para luta ou fuga e, assim, sobreviver. É uma “emoção-choque”. Sua resposta no sistema nervoso autônomo é biológica, porém não se resume a isso. Ele também é uma construção a partir do momento em que se torna parte dos sentimentos e cognições. Neste século XXI, podemos exemplificar que o medo da violência, do terrorismo e da solidão são expressões desse tipo de medo que afeta o cotidiano de muitas pessoas, mesmo que nunca

tenham vivenciando tais situações diretamente. Neste caso, o medo se conectaria com o pessimismo e, conseqüentemente, com a tristeza (Gonsalves; Souza; 2015b).

O medo se mostra uma emoção de grande poder, pois permite tanto que observemos o desequilíbrio no ambiente, quanto avaliemos cuidadosamente nosso comportamento diante dele, todavia, quando em níveis extremos, torna os pensamentos transtornados, fazendo com que os comportamentos prejudiquem as relações sociais. As mudanças neuroevolutivas ocorreram de modo a fazer com que o medo estivesse presente em nossas decisões como se elas sempre representassem os efeitos sobre o grupo (seja pelas sanções negativas, seja pela afetação da solidariedade). Quando vinculado à felicidade, o medo gera atitudes respeitadas e de veneração. Quando associado à tristeza, ele alerta para a baixa de reforçamento. Quando combinado com a raiva, motiva a reparação de danos aos códigos morais. O medo se mostra uma emoção importante quando associado à vergonha e à culpabilização, as quais, juntas, movem os indivíduos a repararem erros cometidos a fim de conseguir atender às expectativas do grupo e a corrigir potenciais rupturas dos códigos morais e das relações de solidariedade (Maciejczak, 2013; Turner, 2003, 2014).

O medo é uma emoção central em situações de guerra. Vem acompanhado do terror e do ódio pelas perdas e pelo luto, seja dos soldados envolvidos em conflitos cada vez mais tecnológicos, seja dos cidadãos que temem a própria vida, seja por quem é capturado e sofre as torturas ou ainda por quem sobrevive a tudo isso e fica à deriva nos Campos. O processo emocional do medo é uma engrenagem fundamental nessas situações “apocalípticas” nas quais os soldados combatentes usam seu senso de dever acima de seu “instinto de preservação”. Na guerra, o medo se torna coletivo e gera elevados níveis de estresse e TEPT, que levam ao pânico, que, por sua vez, leva ao comportamento de fuga (Audoin-Rouzeau, 2020).

4.2.3 Raiva

Figura 17 – Raiva



Fonte: A pesquisadora (2015).

Estes meninos apresentados na Figura 17 brincavam tranquilamente durante o intervalo das aulas. Ao verem a câmera, sempre queriam fotos. Houve um deles que somente no momento das fotos fazia essa expressão raivosa como se estivesse ensaiando para dizer ao mundo que não era para mexer com ele (Silva Krüger, 2015c, 2015d). A raiva é uma emoção que pode auxiliar a Sociologia na compreensão da dinâmica das sociedades e, no meu caso, especialmente do “nexo vergonha-raiva-violência” (Maciejczak 2013; Scheff, 2014; Schieman, 2006; Ekman, 2021a). Ela ajuda as pessoas a se moverem em situações desfavoráveis. O sentimento negativo vinculado à emoção raiva pode estar relacionado a “distorções cognitivas”, entre outros fatores como atribuição de culpa e injustiça. Sua intensificação pode levar à fúria e à ira. Além disso, ao que tudo indica, a raiva é uma emoção social e de poder que nós sentimos quando acreditamos que somos insultados, injustiçados, traídos, sofremos desigualdade e impedimento, sentindo-nos agredidos verbal ou fisicamente por outro. Isso também é válido para a esfera social na qual *status* e papéis sociais são atribuídos. *Status* e “poder” podem gerar

uma relação diferente com a raiva, como por exemplo, pessoas em posições privilegiadas que expressam raiva para afirmar sua autoridade (Schieman, 2006). Evolutivamente os homens, mais do que as mulheres, tendem a usar a violência devido a questões relacionadas ao *status* (Ekman, 2017; Mazur, 2013, 2017; Franks; Thomas, 1999).

A raiva é uma emoção de excitação do tipo “violento-agressivo” produzida quando nos sentimos feridos ou ameaçados. Nas respostas incontroláveis, ela estimula o sistema límbico enquanto inibe o córtex. É uma emoção de luta, instintivamente existe para preservar nossa sobrevivência. Ela é ativada quando algo que é importante para nós ou quando nós mesmos nos sentimos ameaçados, inclusive nossa autoestima. Depende de quatro elementos: frustração, acontecimentos irritantes, provocações e injustiça. Ela pode ser passageira ou duradoura. Quando duradoura, passa pela “ruminação cognitiva”, podendo se transformar em rancor e vir a ser expressa pelo cinismo, hostilidade, irritação, agressão verbal ou física. Nesses casos, pequenas ações podem se tornar o gatilho para a “explosão emocional”, especialmente nas sociedades em que a “banalização da violência” ou a “desumanização” ocorre em ampla escala, como veremos no próximo subcapítulo (Gonsalves; Souza, 2015a). A raiva pode ajudar a reduzir o medo. Na injustiça, a raiva nos motiva a promover mudanças no sentido de parar o que o outro está fazendo (Ekman, 2017). Scheff (2014) compreende que as “emoções duradouras” seriam emoções que não tiveram o seu desfecho. Poderíamos pensar no caso da raiva sentida por outros grupos, mas que não foram expressas verbal ou fisicamente contra eles. Sequências de vergonha-raiva poderiam ter esse desfecho devido ao ciclo de retaliação.

As formas de violência seriam o “distúrbio” no qual a raiva é expressa. Nesse sentido, a raiva pode ser considerada a emoção mais perigosa que temos. Essa emoção provavelmente está relacionada com vários outros temas. Tanto a raiva quanto o medo são emoções importantes no sentido da nossa preservação, seja física, emocional ou moralmente. A rejeição e o desapontamento também demonstram ter ligação com a raiva. Uma característica perigosa dessa emoção é que ela pode potencializar a si mesma, podendo rapidamente se tornar algo mais intenso como a fúria, por isso expressar a raiva de modo raivoso pode excitá-la ao descontrole. A raiva cobra um preço quando expressada, porém há formas de violência que, de alguma maneira, são aprovadas, como quando se justifica o uso da força [fatal] para impedir um mal maior (Ekman, 2017).

Podemos sentir raiva de uma pessoa estranha que defenda crenças e valores distintos dos nossos. Basta um sinal disso, nem precisamos conhecê-la. Ao que estudos indicam, temos diferentes repertórios comportamentais para diferentes causas da raiva e o que seus diferentes

gatilhos suscitam. A raiva envolve desde aborrecimento até fúria. Nesse sentido, a indignação é uma faísca, o mau humor é sua expressão passiva, a exasperação refere-se ao ter sua paciência testada, e a vingança consiste em uma forma de ação furiosa. Junto a essas emoções, temos o ressentimento e o rancor. Estes ocorrem quando se considera que uma pessoa foi desleal ou injusta, e o sentimento pode durar até uma vida toda. O ressentimento se torna um “veneno” neste caso, o que aumenta a probabilidade de vingança. O rancor também é duradouro, não está presente a todo tempo, mas, quando se lembra ou vê a pessoa em questão, isso desperta repugnância e desprezo. O rancor também pode envenenar, tomando todo o tempo da pessoa, através da ruminação. Quando se tornam duradouros, ressentimento e rancor deixam de ser emoções e, para Ekman (2017), passam a se tornar uma “atitude emocional” e uma “ligação emocional” respectivamente. Eles estão ligados à raiva, mas não significam ela. O ressentimento deve ser considerado quando se trata da raiva. Tanto Darwin (2009) quanto Ekman (2017) observaram que o pensar, reviver e lembrar podem nos incitar à emoção novamente. Darwin (2009) observou que tanto as emoções são afetadas por nossa fisiologia quanto o contrário é verdadeiro. As emoções intensas e o sofrimento físico e emocional prolongado podem gerar emoções como a mágoa, o desânimo, entre outras.

A raiva pode não ser apenas o querer a distância do outro, mas pode representar querer ferir o outro, fazendo-lhe mal. Pode ser precedida pelo medo, pela aversão, pela repugnância, culpa e vergonha. O que geralmente nos impede de nos dominarmos pela raiva é o fato de que queremos manter o relacionamento com a pessoa em questão (Ekman, 2017).

A “teoria do processo de estresse” observa que o trabalho e as relações familiares representam forte correlação com o emprego das emoções e ligam os indivíduos aos níveis macros das relações de estratificação. Essas ligações podem levar à discórdia devido às relações de *status* e “poder”, e as emoções suscitadas em virtude desses dois aspectos não devem ser ignoradas. As relações de trabalho dizem muito respeito a como as pessoas se sentem em relação ao seu lugar na sociedade. Já a família mostra muito da realização pessoal, com atribuição de papéis como ser cônjuge, genitor(a), cuidador(a), provedor (a), entre outros. A vizinhança, por sua vez, tem um papel importante na emoção raiva por dois motivos: a presença de problemas e a qualidade dessas relações. Situações nas quais a vizinhança apresente maiores problemas sociais, ambientais, estéticos, entre outros, levam, conseqüentemente, a maiores desgostos. A região em que se vive ou se escolhe viver define escolhas, atitudes e comportamentos de quem mora lá. A ameaça percebida é uma forma central de estresse e de

provocação da raiva. Se sentir em “cativeiro” querendo sair do local em que se vive, mas não tendo condições, pode ser vergonhoso e é um estressor crônico (Schieman, 2006).

Dentre as emoções consideradas “universais”, a raiva seria uma emoção perigosa devido à conexão que possui com a violência (Ekman, 2021a). Para que possamos compreender a “violência extrema”, precisamos nos focar nas situações em que a vergonha é reprimida pelos indivíduos, pois, nessas situações, ela se intensifica e se transmuta em raiva. Isso também pode ocorrer com a alienação. Diferentes estudos indicam que a vergonha é uma emoção complexa, poderosa e conectada à violência. Ela guia nosso comportamento individual e denota nossa complexa capacidade de autoconsciência e identidade individual (Turner, 2011; Maciejczak, 2013). Seria um misto de ataque ao entendimento que temos sobre o *self* (nós mesmos) e o medo de que os outros reconheçam as nossas falhas, levando-nos ao sentimento de inferioridade e humilhação (Maciejczak, 2013).

Problemas na autoidentidade podem gerar emoções como aversão e raiva, que envolvem a rejeição do outro, impedindo a criação de vínculo e a manutenção da solidariedade social (Gordon, 2021; Gonsalves; Lima, 2015). Tanto o medo quanto a raiva são emoções mobilizadoras no sentido de prepararem o corpo para uma ação. Nosso comportamento também é definido pelo que Goleman (2001) considera “Neurologia da empatia”, que permitiria nosso distanciamento ou tomada de papéis a partir da observação do comportamento de outros (Goleman, 2001; Scheff, 2014). “Neurônios-espelho” mostram que estamos biologicamente e empaticamente conectados ao comportamento das outras pessoas através da ativação do córtex motor (Franks, 2013a, 2013b, 2014; Goleman, 2019; Solymosi, 2013; Molnar-Szakacs; Uddin, 2013; Liew; Aziz-Zaden, 2013; Hopcroft, 2013; Gonsalves; Lima, 2015; Lacerda, 2021).

4.2.4 Tristeza

Figura 18 – Tristeza



Fonte: A pesquisadora (2012).

No dia em que fizemos esta foto (Figura 18), no pátio de um hospital Dia que cuida de pessoas com HIV⁷⁴ e aids em Mombaça (Quênia), meu querido amigo “Karibu”, do suaíli “bem-vindo(a)”, brincava conosco fazendo diferentes expressões faciais. Ele é uma pessoa envolvida em várias ações para melhorar a vida da sua comunidade. A emoção captada neste momento representava muito bem o que sentíamos ao acompanhar tantas histórias de sobrevivência (Silva Krüger, 2012, 2015e). A emoção tristeza, apresentada na Figura 18, pode ser avassaladora ao mesmo tempo em que pode aumentar nossa empatia (Gordon, 2021). Pessoas leve e moderadamente tristes podem mobilizar-se, mudando comportamento, de modo a diminuir o que estão sentindo. Já níveis elevados de tristeza perturbam as relações sociais, embora a tristeza seja aceita diante de determinadas situações, geralmente relacionada às formas de luto. Fora esse contexto, possui potencial altamente destrutivo. Emoções que geram extremo

⁷⁴ HIV: Vírus da Imunodeficiência Humana.

sofrimento possuem esse perfil destrutivo, pois exigem um esforço exacerbado para manutenção das relações sociais, ao despertarem raiva e medo nas outras pessoas.

A tristeza é a emoção predominante, segundo creio, na vergonha e na culpabilização; e como tal, dilui o poder do medo e da raiva⁷⁵ nestas emoções enquanto simultaneamente opera, agindo como um constrangimento poderoso relativamente às decisões e comportamentos que possam eventualmente produzir tanto vergonha como a culpa (Turner, 2003, p. 209-210).

Tristeza e felicidade geram aceitação e consolação, salvo melancolia como forma de despertar nos outros mais atenção ao indivíduo. Tristeza e medo forçam ajustes comportamentais no meio que se vive. Tristeza e raiva sinalizam ao indivíduo e ao grupo necessidade de mudanças. A tristeza provavelmente é a mais complexa emoção primária, pois se origina do fracasso de ativar determinados sistemas neurológicos e corporais. São conexões mais intrincadas do que da raiva e do medo (que ocorrem especialmente na amígdala). A antecipação dela permite avaliar a correlação com a vergonha e a culpabilização (Maciejczak, 2013; Turner, 2003, 2014; Goleman, 2019; Nelson, 2013).

Trata-se de uma emoção relacionada com situações frustrantes e dolorosas da vida, como a perda de algo que nos é de valor: pessoas, bens, saúde⁷⁶ etc. Representaria, em muitos casos, a perda de amor ao deixar de ser amado por alguém que se considera especial. Denota nossa sensação de incontrolabilidade dos aspectos da vida em questão. Enquanto estado emocional, a tristeza é considerada uma emoção negativa. Cognitivamente, ela pode estar relacionada com a capacidade de focar apenas no lado negativo dos acontecimentos, o que teria uma relação direta com os processos depressivos (Gonsalves; Melo, 2015). Emoções que envolvam perdas profundas demonstram ser difíceis de ser superadas. Nesse contexto, o choro e o riso, por exemplo, são fundamentais para o desfecho das emoções que estejamos sentindo. Ações “catárticas” não deveriam ser desconsideradas no estudo das emoções (Scheff, 2014).

⁷⁵ A tradução traz “cólera”.

⁷⁶ Para maiores informações a respeito de estudos sobre emoções e saúde física e mental sugiro Francis (2006) e Simon (2014).

4.2.5 Vergonha, culpa e alienação

Figura 19 – Vergonha, culpa e alienação



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2012).

Ao contrário de Furaha (apresentada na Figura 15 sobre felicidade), Tina, da Figura 19, era uma moça muito alegre, sempre rindo e fazendo graça das coisas o tempo todo, mas, no momento desta foto em especial, fizemos algum comentário e ela ficou envergonhada (Silva Krüger, 2012). A vergonha, expressa na Figura 19, é uma emoção difícil de ser reconhecida e talvez por isso seja uma emoção extremamente dolorosa (Turner, 2011; Maciejczak, 2013). Ela agride diretamente o *self* e faz com que nos sintamos incompetentes na visão de outras pessoas ou grupos. Já a culpa geralmente fica limitada a situações específicas e, por isso, não afeta diretamente a identidade do indivíduo. Assim, ela pode ter o mesmo efeito que a vergonha, mas em menor grau. No entanto, nada impede que ela se torne crônica ou seja misturada a outras emoções, como a própria vergonha. Essas emoções são dolorosas e, como tal, espera-se que as pessoas as evitem ou reprimam quando sentidas, chegando à alienação. Sentir raiva representa um custo emocional muito menor do que vergonha, e alienação ou ansiedade, um custo emocional muito menor do que culpa (Turner, 2011).

Darwin (2009) observou que a culpa e a vergonha são manifestas através da fuga do olhar da pessoa que percebeu o erro cometido. Ekman (2017), apesar de se dedicar ao estudo da expressão universal das emoções, reconhece que emoções como a vergonha, a culpa e o constrangimento são difíceis de reconhecer pois [ainda?] não apresentam expressões únicas. Elas se assemelham a tristeza. A vergonha e a culpa são emoções que não queremos que os outros reconheçam em nós, e isso fez com que seus sinais não se desenvolvessem de modo evidente como as demais emoções. O constrangimento possui uma sequência de expressões, entende-se que ele veio tarde na nossa história evolutiva e, por isso, [ainda?] não teve tempo suficiente de desenvolvimento de um sinal específico. A inveja⁷⁷ se encontra em situação semelhante às da vergonha, culpa e alienação. Nessa linha de raciocínio, Turner (2003, 2011), Maciejczak (2013) e Damásio (2013) afirmam que emoções como a compaixão, a vergonha e a culpa foram fundamentais para que conseguíssemos viver em sociedade, pois são elas que orientam nosso comportamento moral.

Emoções como a vergonha, a culpa e a alienação podem tanto dificultar a criação de laços de solidariedade quanto ser responsáveis por essa criação. Elas seriam responsáveis pelo automonitoramento e pela geração e manutenção dos laços sociais ao tentarmos responder às expectativas dos outros evitando sanções negativas. Isso ocorre devido ao fato de que são essas emoções que respondem pelas sanções individuais que nos fazem ter comportamentos desde autocontrole até expressões de “violência extrema”, que, neste oposto, seria destruidora de vínculos em relação àqueles que se ataca (Turner, 2003, 2011, 2014).

A relação dinâmica entre vergonha e raiva pode durar uma vida inteira ou mesmo ser transmitida coletivamente através das identidades sociais de gerações de uma mesma sociedade. A vergonha se mostra como forma de sanção para sociedades hierárquicas e assim, ao ser reprimida pelos indivíduos, ela retorna como raiva, potencializando esse ciclo. A culpa crônica também pode apresentar o mesmo efeito, ou gerar ansiedade difusa (que é uma resposta ao medo), ou, ainda, a excitação da raiva. A alienação pode gerar, além da raiva, emoções como tristeza ou medo (Turner, 2011). A vergonha é um processo complexo que não pode ser compreendido separadamente de outras emoções e situações intrínsecas e extrínsecas ao indivíduo (Maciejczak, 2013).

A vergonha é uma poderosa arma de controle social, segundo a qual regras não seguidas fazem com que os indivíduos fiquem expostos a diferentes reprovações como a condenação, humilhação ou, em casos mais extremos, alienação e estigma social. Pesquisadores e

⁷⁷ Para maiores informações sobre estudos a respeito das emoções inveja e ciúme, sugiro Clanton (2006).

pesquisadoras tanto da área psicológica quanto sociológica observaram que a vergonha, juntamente com emoções “combustíveis”⁷⁸ como e especialmente a raiva podem apresentar impactos altamente destrutivos nas relações sociais, propiciando o desencadeamento da violência (Maciejczak, 2013). Segundo Scheff e Retzinger (1991), a vergonha, quando ocultada ou “alienada” e não reconhecida pelo indivíduo, leva à raiva, que, por sua vez, leva à violência. A vergonha, ao mesmo tempo que, em certos níveis, permite a manutenção da ordem social entre as pessoas e a manutenção dos laços de solidariedade social, em outras circunstâncias, é capaz de ocasionar profundas rupturas nesses laços.

O neuropsiquiatra Viktor Frankl (2021), sobrevivente do holocausto, criou a Logoterapia, que trata da relevância de ter um sentido na vida e de como isso ajuda as pessoas a aceitarem as dificuldades ou “as tristezas” da existência sem deixarem se abater por elas. Os estudos em neurociência evidenciam que toda ação humana é regida pela emoção, inclusive quando almejamos um objetivo. São elas, as emoções, que nos permitem dar sentido ou mesmo suportar as dificuldades por nós vividas. Nesse processo, todas as nossas emoções são importantes. Ao reprimir emoções, elas continuam nos influenciando (Gonsalves; Lima, 2015; Turner, 2003; Ekman, 2017). Refletirmos sobre a repressão das emoções pode ser central para o entendimento destas nas relações sociais em todos os seus níveis. Reconhecer as emoções ao invés de escondê-las seria uma forma de “desmascaramento” destas “emoções vulneráveis”, como o medo, a tristeza e a vergonha (Scheff, 2014).

4.3 *SELF* E IDENTIDADES, SOLIDARIEDADE SOCIAL E “VIOLÊNCIA EXTREMA”

Neste subcapítulo, abordarei explicações acerca de conceitos sociológicos importantes como *self*, identidades e solidariedade social para poder, então, adentrar na explicação da categoria “violência extrema”. Esses conceitos e categorias unidos nos ajudam a explicar os fenômenos emocionais que ocorrem tanto em Kakuma quanto em Kalobeyei, dos quais tratarei a partir do próximo capítulo.

4.3.1 *Self* e identidades

A Sociologia das Emoções possui um vasto material. Muitas teorias dentro deste arcabouço teórico se ocupam de explicar o “*self*”. De modo geral, todas se centram em quatro pontos de autorreflexão dos indivíduos como a autocognição, a autoavaliação, os

⁷⁸ Emoções que “aquecem” as relações interpessoais e que, dependendo das configurações, podem gerar conflitos.

autosentimentos e as respostas de autopreservação. Esses quatro pontos são construídos na relação consigo mesmo e com os demais, sempre à procura de sanções positivas. Mesmo que não haja um consenso entre as teorias, outro ponto de destaque é que esses mecanismos possuem um efeito autorregulador sobre as nossas emoções reforçando emoções positivas e evitando sanções negativas (Kaplan, 2006).

Durante o processo de autoavaliação do *self*, geramos respostas autoprotetoras ou autorreforçadoras em diferentes níveis de consciência (Kaplan, 2006). Emoções angustiantes motivam-nos a procurar respostas que reestabeleçam nossos sentimentos positivos, e isso inclui atacar aquilo que “percebemos” como fonte desse sofrimento. Respostas como a raiva podem estar relacionadas com o julgamento de não ter alcançado as expectativas esperadas e, devido a isso, ter sofrido sanções negativas. A raiva, assim como a depressão, pode servir como forma tanto de autoproteção quanto de autoaprimoramento. É um ciclo no qual elas reforçam essas repostas ao mesmo tempo em que servem a essas funções (Kaplan, 2006).

As emoções no *self* poderiam ser divididas de duas maneiras diferentes. A primeira delas consiste em três grupos: (1) emoções conscientes que possuímos, que podem ser expressadas linguisticamente e auxiliam na forma como o sistema cerebral retém e processa as informações; (2) emoções que possuímos sobre nós mesmos e nossas identidades⁷⁹, as quais são experimentadas como sentimentos e/ou não estão conscientes; e (3) as emoções sobre nós mesmos que foram reprimidas por nós e que ressurgem como respostas emocionais “transmutadas”. A segunda forma de classificar as emoções do *self* é dividi-las em três níveis de identidades dinâmicas e complexas de serem analisadas: (1) identidades de papel (ou situacionais); (2) identidades fundamentais (ou autoconcepções fundamentais); e (3) identidades sociais associadas à participação em “unidades categóricas”⁸⁰ (Turner, 2011).

É a junção entre essas cognições conscientes, sobre nós mesmos, sobre nossas identidades e as emoções que reprimimos e que foram transmutadas que constroem a base da concepção do *self* que possuímos. Isso exige que reorientemos nossas análises do *self*, enquanto objeto, em torno das respostas emocionais que as pessoas apresentam diante dos acontecimentos (Turner, 2011, 2014). As pessoas possuem identidades múltiplas que serão

⁷⁹ Para maiores informações a respeito dos estudos sobre as teorias da identidade e emoções sugiro Stets e Trettevik (2014).

⁸⁰ As unidades corporativas são estruturas que revelam uma divisão do trabalho voltada para o alcance de metas. Unidades categóricas são categorias sociais avaliadas diferencialmente e às quais são dadas respostas diferenciais. Exemplos: etnia, gênero, classe, afiliação religiosa, entre outras. Membros de unidades categóricas geralmente possuem uma identidade social (Turner, 2011).

expressadas conforme cada local que elas se encontram na sociedade. Destacando o agente do *self* na interação social, há uma hierarquia entre essas identidades. Quando o *self* recebe sanções positivas, atendendo as expectativas, e ao utilizar uma determinada identidade, esta é reforçada, podendo aumentar sua utilização. Assim como o contrário também pode ocorrer. Conforme os estudos apontam, emoções fortalecem vínculos, pois pessoas com afinidades comuns apresentam maior propensão a se aproximarem (Stets; Trettevik, 2014).

Segundo Zajonc (2001) e LeDoux (1996), apesar de não estarem presentes no pensamento direto do indivíduo, essas emoções continuam armazenadas subcorticalmente e podem, em muitos casos, ser observadas por outras pessoas através da expressão facial, vocal e/ou física que o indivíduo apresenta a respeito de um fato que aparentemente, para ele(a), não exerce maior interferência. Isso mostra o quanto somos seres complexos, formados por diversas dimensões e proteções que permitem nossa relação com o mundo. De modo geral, “todos” nós possuímos essas habilidades em maior ou menor grau e com mais facilidade para um ou outro ponto, conforme nossas capacidades intrínsecas e extrínsecas, salvo pessoas que possuam lesões, demências, determinados transtornos, entre outros fatores que afetem diretamente essas capacidades (Amen, 2000; Damásio, 1996).

Franks (2014) observa que, para Damásio, a racionalidade e tomada de decisão dos indivíduos não podem ocorrer sem emoção, já que é esta quem mobiliza nossos cérebros para a ação e, assim, nos motiva a sobreviver. O pensamento e a tomada de decisão humanas ocorrem de modo dependente das emoções⁸¹. Para tanto, a pessoa precisa estar consciente da utilidade, recompensa ou ainda da punição inerente à decisão (Collins, 1990; Turner, 2003, 2011, 2014, 2014a). Isso somente é possível a partir do acesso a memórias subcorticais anteriores, como também envolve a autoavaliação do *self*. Tal processo é extremamente complicado e possui diferentes níveis, dependendo do tipo de decisão a ser tomada (custo da resposta) (Turner, 2003, 2011, 2014, 2014a).

O orgulho, a vergonha e a culpabilização são emoções caras nesse processo (Collins, 1990; Turner, 2003; Maciejczak, 2013). Na concepção de Turner (2003, p. 203), “[...] emoções relevantes carregariam consigo [...] as marcas da seleção natural, muito mais do que da cultura.” Para entender essa conexão entre várias emoções, precisamos nos concentrar no crescimento da solidariedade social na qual nós, símios individualistas, nos envolvemos para sobreviver e “evoluir”. Para isso, precisamos entender que os seres humanos tomam decisões com o intuito

⁸¹ Para maiores detalhes sobre o funcionamento das quatro emoções primárias (felicidade, medo, raiva e tristeza) do ponto de vista neurobiológico, sugiro Esperidião-Antonio *et al.* (2008).

de evitar a vergonha e a culpabilização, experimentando o orgulho sempre que possível. Essa tríade de emoções é central para que haja integração dos indivíduos nos grupos e manutenção da solidariedade social (Turner, 2003, 2011, 2014, 2014a).

Levando em consideração os fatos descritos acima, observamos que a tomada de decisão de uma pessoa envolve a ativação de funções integradas do córtex pré-frontal⁸². Isso significa que tanto o pensamento quanto a tomada de decisão não podem ser realizados sem o uso das emoções. Quando o sistema límbico e o córtex pré-frontal atuam de modo harmonioso, encontramos o equilíbrio em nossa tomada de decisão, pois partimos de estruturas físicas e químicas que se desenvolvem desde a nossa concepção até as relações que se constroem entre elas e o ambiente (Franks, 2014).

Nossos pensamentos são definidos por nossas experiências passadas armazenadas em nossas estruturas neuroquímicas, assim como as decisões que tomamos, e estas, por mais que acreditemos na racionalidade pura de nossas escolhas e comportamentos no presente, são embasadas no cérebro pelas emoções despertadas nas experiências passadas com o intuito de antecipar reforçamentos e/ou mesmo evitar punições futuras (Damásio, 1996; BRAIN-TRAINER, 2021b; Franks, 2014; Alves, 2018, 2020; Turner, 2003, 2011, 2014, 2014a; Amen, 2000). Dito isso, entendemos que, para que o *self* possa tomar decisões conscientes, precisamos estar autoconscientes das emoções positivas ou negativas que temos (Damásio, 1996; Alves, 2018, 2020; Turner, 2003, 2011, 2014, 2014a; Amen, 2000; Franks, 2014).

A tomada de decisões não é neutra. Ela é tendenciosa à medida que buscamos a manutenção dos laços de solidariedade existentes nos grupos aos quais pertencemos. Trata-se de uma resposta evolutiva que permite grupos coesos⁸³ e viáveis de se manterem. Isso ocorre porque respondemos à nossa relação com os outros. Ao tomarmos decisões, sentimos-nos empoderados, como se nosso *self* simiesco e individualista decidisse aquilo que, na verdade, é pré-programado pelo nosso cérebro evoluído para fazê-lo pelo grupo (Turner, 2003).

⁸² O neocórtex se desenvolveu devido a essa nossa necessidade de sobrevivência. Mesmo que seja parte do que nos torna humanos, juntamente com todo nosso sistema cerebral, seu entendimento passa por constantes descobertas científicas, haja vista que animais não humanos são capazes de realizar tarefas e de expressar comunicação e emoções de modo semelhante a nós (Amen, 2000; Turner, 2003; Damásio, 1996; Darwin, 2009). O caso que abriu um novo entendimento para a importância das ligações neuroquímicas e o funcionamento do córtex pré-frontal foi o famoso caso de Phineas P. Gage, que após sofrer uma lesão em uma área específica do cérebro, foi atestado como não possuindo nenhuma deficiência mental, ao mesmo tempo em que “deixou de ser ele mesmo” (Amen, 2000; Damásio, 1996; Harkness; Hitlin, 2014; Esperidião-Antonio, *et al.*, 2007).

⁸³ Para maiores informações a respeito dos estudos sobre trocas e coesão nas emoções, sugiro Lawler e Shane (2006, 2014).

4.3.2 Solidariedade social

Nossa organização em redes já é uma forma antiga de existência, mas agora, com o advento das mídias sociais⁸⁴, ela constitui novas conotações que atravessam todas as práticas sociais⁸⁵ (Castells, 2011). Vivemos redes emocionais, relacionais e culturais (Maturana, 1995).

Entendo que as redes unem, separam e hierarquizam as pessoas e os grupos conforme as estruturas necessitam. Os fenômenos emocionais, nesse processo, seriam aqueles que Elias e Scotson (Elias; Scotson, 2000; Elias, 2008, 2001, 1994, 1993, 1990) nos apresentam como não evidenciados e que possuem sua importância. Para estudarmos as “configurações” nas quais os fenômenos emocionais do meu interesse são expressos, precisamos entender que as identidades “eu-nós” (*self*) são partes do *habitus* social, contemplando o caráter multiperspectivacional desses processos sem reducionismos ou “desumanização” dos conceitos. Os conceitos de *status* e “poder”, dentro dessa perspectiva, ficam explícitos em uma espécie de “balança nós-eu”, pois vivemos em um equilíbrio tenso e frágil do “poder” que não é estático. Este é estrutural e está em todas as nossas relações, o que inclui nossas comunicações linguísticas. Essa balança muitas vezes revela a desigualdade de *status* e “poder” entre as pessoas e os grupos. Os resultados das interações não podem ser premeditados. Mudanças sempre vêm acompanhadas de tensão e resistência.

Foucault (2007) reforça que o “poder” é forte pois se encontra no nível do “desejo”⁸⁶. Certeau (1994) enfatiza que as estruturas possuidoras de maior “poder” se utilizam de “estratégias” para que possam manter tanto o “poder” quanto *status quo*. Já os demais criam “táticas” a partir dessas estratégias para poderem criar formas de obter maior “poder” nessa relação. Nesse sentido, Ortiz (2008) e Burke (2010) observam criticamente que o ensino de línguas hegemônicas como o inglês são estratégias que mantêm essas configurações, mas, como veremos no próximo capítulo desta tese, as línguas hegemônicas também são usadas como tática pelos refugiados e refugiadas para poderem mover-se e reduzir as relações [desiguais] de “poder”⁸⁷. Afinal, em relações nas quais há desequilíbrio de “poder”, aquele que está em desvantagem aprende a compreender melhor o comportamento do outro (Kemper, 2014).

⁸⁴ Para maiores informações sobre o estudo das emoções e tecnologias, sugiro Shank (2014).

⁸⁵ Para Castells (2011), o uso da violência reflete tanto a dominação quanto o protesto. A comunicação, desde o surgimento da internet, tornou-se literalmente uma comunicação que ocorre em redes. Os Estados-nações se veem tendo que lidar com problemas globais e demandas locais ao mesmo tempo. Juntamos a isso os problemas ambientais e a criação de uma “nova estrutural social”.

⁸⁶ Ver Silva (2016).

⁸⁷ Ver Silva (2016) e Silva Krüger e Ally (2019).

Nossa organização social se desdobra em níveis micro, meso e macrosociais. Os domínios nesses três níveis ocorrem dentro de “unidades corporativas” (instituições, organizações e comunidades) que distribuem seus recursos valiosos, inclusive as emoções, de modo desigual. Os membros das “unidades categóricas”⁸⁸ recebem diferentes parcelas desses recursos, que, por sua vez, corresponderão ao seu valor moral. Aqueles que receberem maior parcela apresentarão maiores emoções positivas e conseqüentemente maior confiança. Aqueles com maiores recursos terão maior participação nas unidades corporativas. São as conotações morais que refletem a construção e manutenção das ideologias (Turner, 2014a).

O “meio simbólico generalizado” e as ideologias contidas nele estruturam e moralizam cada vez mais as visões de mundo das pessoas durante a adaptação. A “mídia simbólica” (amor, lealdade, piedade, conhecimento, entre outros) é discurso e troca entre as pessoas nos diferentes domínios, gerando similaridades. A “metaideologia” dominante legitima as desigualdades e estratificação, gerando crenças de *status* (Turner, 2014a).

Diante disso, quanto maior for o número de recursos acessado pelas pessoas e grupos nesse processo, menores serão as chances de usarem estratégias de conflito e mais provavelmente aceitarão as ordens institucionais transmitidas através das metaideologias⁸⁹. As emoções são cruciais no entendimento dos mecanismos de estratificação, pois criam um “vórtice positivo”. Os bem-sucedidos experimentam o “orgulho silencioso” e evitação da culpa, ao contrário da vergonha e fracasso do *self*. Pessoas presas aos ciclos de vergonha, frustração e raiva e culpa sentem sua energia emocional e confiança sendo drenadas por isso. Como discutido anteriormente, o fato de que tendemos a reprimir as emoções faz com que estas “transmutem” para outras emoções negativas, como a vergonha transmutada em raiva difusa e a culpa, em ansiedade difusa (medo) em um ciclo. Todas essas questões continuam em estudo e necessitam de maiores entendimentos sobre as emoções e como elas funcionam nos processos de estratificação (Turner, 2014a).

A solidariedade social é fortalecida pelas identidades pessoais e grupais através dos rituais e de totens “santificados” que concentram uma força emocional e física poderosa em torno de si (Turner, 2011). Se de alguma forma algo nesse esquema falhar, as emoções negativas despertadas serão muito mais intensas, pois atacam suas crenças centrais sobre quem você é, a

⁸⁸ “Unidades categóricas” são difusas ou marcam diferenças de moralidade etnia, gênero, religião. Elas estão dentro de sistemas de estratificação, que, por sua vez, respondem a domínios como economia, religião, política, parentesco, entre outros.

⁸⁹ Turner reconhece que esta afirmação se distancia de outras constatações sociológicas, especialmente no campo dos conflitos.

qual grupo pertence e no que este se distingue dos demais grupos. Aí que compreendemos que, quando essa simbolização é violada por “outros”, a resposta emocional gerada é de “raiva justa”, o que pode levar a formas de violência, inclusive a extrema (Turner, 2011). Dessa forma, ou as sanções reforçarão as identidades do indivíduo ou despertarão mecanismos de “defesa”. Assim, sejam quais forem as condições que forneçam a excitação emocional, elas, somadas à repressão, à intensificação e à transmutação, tornam-se propulsoras da “violência extrema”. Logo, quando o “eu” não atinge as expectativas do grupo, a pessoa sentirá tristeza, medo das possíveis consequências de sua falha e, provavelmente, vergonha e culpa. Caso isso se repita várias vezes, essas emoções se transformarão em alienação (Turner, 2011; Thamm, 2006).

Nesse segundo ponto, vale destacar que muitas vezes a pessoa que sofre as sanções negativas repetidas nem sempre é responsável pelo que ocorre. São aquelas situações nas quais outras pessoas dirigem a alguém o que seriam suas próprias emoções negativas em forma de negação, repressão, intensificação ou mesmo transmutação. Nesses casos, Turner (2011) utiliza dois conceitos: o de “deslocamento”, quando quem sofre é um alvo conveniente, como um membro da família; e o de “atribuição” da raiva a outra pessoa ou grupo após uma avaliação causal sobre quem ou o que deve ser responsabilizado por esses sentimentos negativos. Para Ekman (2017), é mais fácil direcionarmos nossa raiva para pessoas próximas, mas nada impede que o façamos a outros.

Ao estudar a “violência extrema” nos conflitos em Serra Leoa, Maciejczak (2013), constatou que a vergonha estava ligada tanto a elementos pré-guerra quanto da guerra, o que alimentava um ciclo infundável de conflitos violentos. A autora constatou também que a criação de zonas “livre de vergonha” enfraqueceu as responsabilidades morais e os laços sociais que existiam nos grupos. Tais afirmações corroboram o fato de que a vergonha é uma emoção responsável tanto pela manutenção quanto pela ruptura de laços sociais. Turner (2003) entende que o medo e a raiva já ocupavam as áreas mais primitivas do nosso cérebro, assim, diante da necessidade de agrupamento para sobrevivência, desenvolvemos emoções como a felicidade e a tristeza. Níveis moderados de satisfação-felicidade seriam emoções necessárias para manutenção da solidariedade social.

Em suas pesquisas, Barbalet (2001) observou que, em sociedades estratificadas, as emoções são igualmente estratificadas. Nestas configurações, as camadas superiores alcançam maior prestígio, “poder” e dinheiro. Quando determinados grupos passam a não fazer mais jus a tal posição como faziam as gerações anteriores, começam a sofrer sanções negativas. Isso ocorre com os terroristas, em geral pertencentes a classes médias, os quais, de alguma maneira,

acabam se sentindo menos valorizados e, diante disso, direcionam seus ataques a cidadãos em cidades distantes (como foi o caso das torres gêmeas em Nova York no ano de 2001) (Turner, 2011; Diamond, 2008). Pesquisando essa questão do ponto de vista do interacionismo simbólico⁹⁰, Turner (2011) compreende que, no nível macro, os diversos grupos possuem um reservatório de emoções positivas e negativas, segundo o qual as condições culturais e estruturais aumentam ou diminuem a probabilidade de que as emoções intensas surjam.

Diamond (2008) observa que métodos tradicionais de resolução de disputas entre diferentes grupos podem ser similares em diferentes lugares do mundo e diferentes culturas, especialmente onde o Estado é fraco em oferecer segurança aos seus cidadãos. Gangues nas áreas urbanas de grandes centros ou grupos étnicos no Quênia, Somália ou Afeganistão possuem similaridades quanto à forma como se unem para a execução da vingança. As motivações pelas quais esses conflitos geracionais se repetem ainda é alvo de discussão entre antropólogos, mas há uma especulação de que o real motivo é desviado em nome de outros. Mesmo que haja um código moral defendido pelos governos estatais, quando se trata de guerras e conflitos violentos, as regras se assemelham muito às dos grupos que se organizam em torno da “desumanização” daqueles que consideram seus inimigos. Tanto aqueles que internalizaram crenças de ideias pacificadoras quanto aqueles que possuem crenças de “ódios de guerra” conseguem livrar-se facilmente de tais crenças (como nos mostra a realidade de soldados que desenvolvem TEPT ao retornarem aos seus lares). Há, entretanto, diferença na “etiqueta de luta” para cada um desses grupos.

Um exemplo de mudança de crenças é observado no grupo do clã Handa (Papua-Nova Guiné), que, até o início do século XXI, sentia-se fortemente compelido à vingança quando outro grupo o fazia sentir envergonhado e humilhado, o que lhe despertava a raiva. Já as gerações papuenenses mais novas, que estão crescentemente sendo expostas aos sistemas estatais e armamentos mais eficientes, estão repensando os sistemas tradicionais de resolução de conflitos violentos e, assim, buscando ajuda na atuação do sistema judicial (Diamond, 2008).

Na prática, o que esses autores estão querendo informar, após anos de estudos e acompanhamentos, é que, quando indivíduos de um grupo veem sua identidade social humilhada por outro grupo ou grupos, e, apesar de seus esforços em tentar resolver a situação, se veem frustrados e sendo punidos pelas “unidades corporativas” e “categóricas” às quais pertencem (étnicas, religiosas, políticas, econômicas, entre outras), a vergonha pessoal que

⁹⁰ Para maiores informações a respeito dos estudos das emoções vinculados ao interacionismo simbólico e a desigualdades, sugiro Fields, Coop e Kleinman (2006).

sentem intensifica as emoções negativas sobre os erros que estão subjugando a sua identidade social (Turner 2003, 2011; Maciejczak, 2013; Barbalet, 2001; Damásio, 1996; Diamond, 2008). As estruturas sociais que envolvem dinheiro e “poder”, amor e prestígio demonstram ter maior efeito sobre a resposta apresentada pelos indivíduos (Turner, 2011).

Esses acontecimentos “justificarão” a “raiva justa” e o desejo de vingança contra os inimigos responsáveis pela difamação da identidade social. Isso se torna uma espécie de “mecanismo de defesa”. Para preservar a identidade pessoal (*self*), a raiva (resultante da vergonha e, também, da humilhação) se direciona cada vez mais para a identidade social de seus inimigos. Os encontros com esses inimigos são movidos por rituais e emoções referentes aos próprios erros cometidos no passado (distante ou não), que podem levar os indivíduos a cometerem a “violência extrema”. Esses conflitos se tornaram mais intensos à medida que os indivíduos reprimiram a vergonha e a humilhação decorrentes do fracasso na verificação das identidades de papéis e suas principais autoconcepções (Turner, 2011).

Enquanto a excitação de emoções positivas tem um “viés proximal” no qual os rituais de interação giram em torno de símbolos e totens que marcam a identidade social e organizam e planejam a violência, por outro lado, as emoções negativas possuem um “viés distal”, que gera emoções como vergonha, humilhação, culpa crônica ou alienação, as quais são reprimidas, intensificadas e transmutadas. Não apenas isso: essas emoções reprimidas são experimentadas como raiva e ansiedade difusa, no ódio, na retidão e na vingança, e canalizadas para aqueles que são considerados inimigos. Isso é utilizado por “ideologias negativas” que se aproveitam dessa condição para direcionar essa categoria “vitimada” contra aqueles que querem que o grupo considere como sendo os causadores dos males. Com frequência, vemos que, a partir da ideologia, os que acabam sendo considerados inimigos não são aqueles que diretamente causam o sofrimento discutido até aqui (que geralmente são instituições com grande “poder” e dinheiro), mas sim outros grupos que sofrem o mesmo tipo de problemas (Turner, 2011).

4.3.3 “Violência extrema”

O desejo de vingança gerado por combinações emocionais como felicidade, vergonha e raiva é o que alimenta experiências de “violência extrema” como o terrorismo, genocídio, entre outros atos de “violência extrema”⁹¹ (Turner, 2011, 2014; Maciejczak, 2013). Maciejczak

⁹¹ Parto da compreensão de que muitos desses atos são respostas aos próprios atos de “violência extrema” praticados “legalmente” pelo Estado.

(2013) argumenta que a repressão emocional decorrente do baixo *status* gera impotência e violência. A violência, nesse sentido, seria uma forma de passar ao outro a vergonha que se está sentindo e assim recuperar o orgulho. Dessa forma, Turner (2011) entende que a “violência extrema” geralmente é motivada pela raiva justa, mas também pelos desejos de vingança. Nesse caso, não há apenas a raiva, há também elementos de satisfação ou mesmo de felicidade em descarregar a raiva sentida em quem se considera inimigo. Darwin (2009) definiria esse processo como “respirando vingança”.

Diamond (2008) destaca que nós consideramos o amor, a raiva, a tristeza e o medo como emoções fortes e reconhecidas quase que universalmente. Nossas sociedades modernas e estatais nos permitem tais expressões emocionais, mas não “nossa sede por vingança”, que é vista como algo primitivo do qual devemos nos envergonhar e ao qual devemos transcender. Mesmo que todos nos vingássemos matando aqueles que consideramos nossos inimigos e entrássemos em um ciclo sem fim de mortes prematuras, ainda assim, Diamond (2008) reflete que a aceitação da emoção vingança e do sentimento de justiça⁹² por nós mesmos ou por aqueles que amamos poderia ser feita de alguma maneira. Nós, estudiosos das cognições, comportamentos e relações sociais, geralmente nos esquecemos de que o desejo de vingança é uma das emoções mais poderosas que nós, seres humanos, sentimos.

O que vemos atualmente no que tange às situações de violência como o terrorismo, o genocídio, entre outras, é que as pessoas estão emocionalmente excitadas em suas relações sociais. Emoções como medo, raiva, tristeza, vergonha, humilhação e alienação é o que vivemos em uma “nova era” constituída por uma intensa emocionalidade devido as instituições sociais que geram e distribuem diferentes recursos de modo desigual, ou seja, estratificadamente (Turner, 2014a; Zimbardo, 2012; Castells, 2011). Turner (2011) define tanto a categoria violência quanto a categoria “violência extrema”. Para ele, a violência é “[...] uma forma de conflito na qual atores individuais e coletivos procuram infligir danos físicos a outros atores” (Turner, 2011, p. 501, tradução nossa). A violência possui várias configurações que abrangem questões como pessoas diretamente envolvidas ou aquelas que se encontram apenas impactadas por ela, variando pela intensidade e pelo alcance, entre outros fatores. Já a categoria “violência extrema” é uma forma específica de violência, que é definida *a priori* enquanto

[...] um tipo especial de violência extrema na qual um número relativamente pequeno de indivíduos emocionalmente excitados é organizado para matar aqueles que definem como “inimigos”. Este tipo de violência extrema pode ocorrer no início das

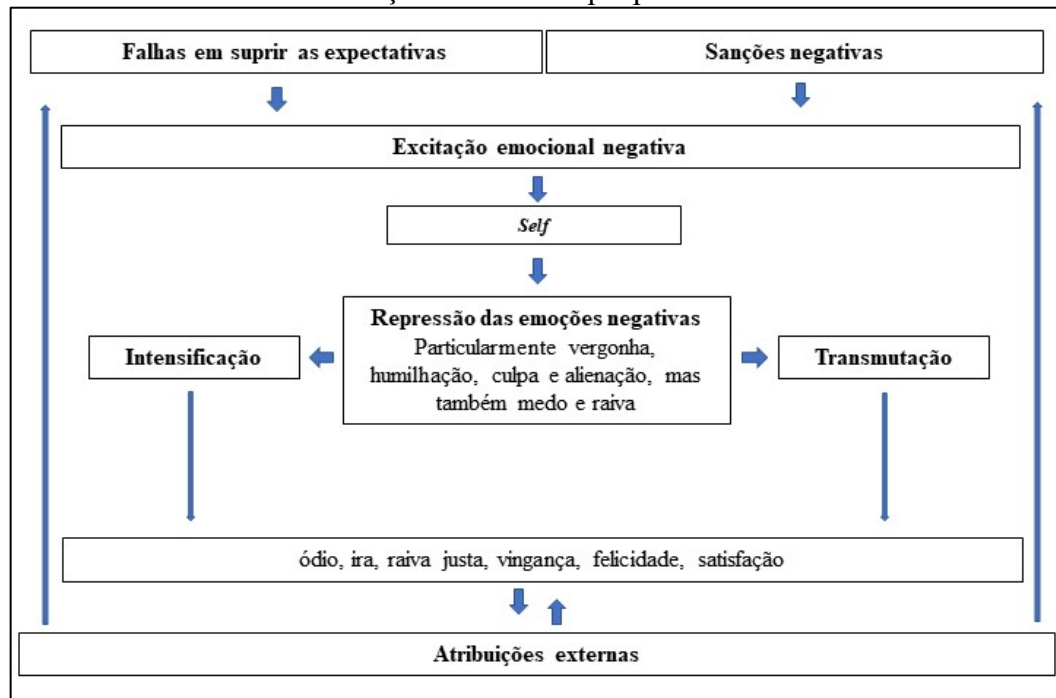
⁹² O perdão é mais facilmente alcançado quando temos a sensação de que alguma justiça foi feita. Para maiores informações sobre a relação entre emoções e processos judiciais, pesquisar Jasso (2006), Hegtvedt e Parris (2014).

fases violentas de uma revolução, nos esforços de uma subpopulação étnica para cometer genocídio em outra subpopulação étnica, no desejo de células terroristas de usar violência para matar cidadãos não combatentes de um inimigo, nos massacres não provocados de civis por unidades do exército, ou na necessidade de gangues de rua matar membros de gangues rivais. Há, eu argumento, algo de “especial” nessas formas de violência extrema [...] (Turner, 2011, p. 501-502, aspas do autor, tradução nossa).

Nosso maior interesse nesta pesquisa se volta à segunda forma “especial” de violência, a “extrema”, que foi utilizada para delimitação do escopo estudado. A partir dessa definição geral da categoria “violência extrema”, Turner (2011) delimita os cinco pontos que a caracterizam: (1) se alimenta de intensa excitação emocional negativa contra quem se considera inimigos/responsáveis pelo sofrimento/privações. Geralmente são emoções variantes da raiva, como ódio, ira, indignação e fúria; (2) nessas variantes também pode haver medo e tristeza, produzindo emoções ainda mais complexas: suspeita, amargura, aversão, inveja, mágoa e descontentamento; (3) ao que indica, também possui variantes de satisfação e felicidade que, ligadas às outras emoções, como a vingança, geram prazer em infligir danos aos inimigos; (4) essas emoções se sustentam em redes densas de rituais de interação em que são cobradas solidariedade e símbolos de grupo pelo uso de queixas, planejamento e execução da violência contra os inimigos e contra si mesmo (quando há o intuito de morrer por isso); e (5) manutenção de identidades em vários níveis (social e individual).

Para que possamos explicar os mecanismos da motivação emocional da “violência extrema”, precisamos compreender os cinco pontos acima apresentados. Imagine um grupo étnico na África subsaariana, que, vivendo diversas privações ambientais, religiosas, políticas e econômicas, observa decisões políticas recém tomadas que lhe passam a conotação de que seu grupo está sendo prejudicado. Pense nesse exemplo enquanto observa a Figura 20, a seguir:

Figura 20 – Mecanismos da motivação emocional que precedem a “violência extrema”



Fonte: Adaptado de Turner (2011).

No exemplo acima, as recém-noticiadas decisões políticas despertam a “excitação emocional negativa” nos integrantes do grupo étnico, que as recebem como “sanções negativas” e se sentem prejudicados por elas. Isso desperta no “*self*” emoções como vergonha e humilhação, pelo fato de o grupo sentir que foi inferiorizado e, talvez, sentir “culpa” e “alienação”, por achar que não se esforçou o suficiente para que seus interesses fossem atendidos, “falhando em suprir expectativas”, assim como “medo” de novas privações decorrentes dessa decisão política e, por fim, “raiva justa” e o desejo de “vingança” por vivenciar tal situação. Como veremos logo adiante, essas emoções podem ser “intensificadas” entre os integrantes do grupo e “transmutadas” em novas emoções como o “ódio”, a “ira”, a “raiva justa” e o desejo por “vingança”, que são “atribuídos externamente” nos demais grupos étnicos “inimigos” que competem pelos mesmos recursos e reconhecimentos. Um grupo acaba por atacar outro grupo étnico que também vive as mesmas privações. Por fim, um ou os dois lados do conflito acaba(m) expulso(s) ou fugindo de suas terras devido ao interesse político aliado ao de grandes corporações.

A “repressão” das emoções negativas envolvidas nesse processo é um dos principais “mecanismos de defesa” para evitar o sofrimento emocional, que nos leva a outros mecanismos como “deslocamento”, “projeção”, “formação de reação”, “sublimação” e “atribuição”. A “atribuição” externa do ponto de vista sociológico é o mecanismo de defesa mais importante. Isso ocorre pois ele tem um viés distal, afastando a pessoa do reconhecimento de si mesma ou

das demais esferas da sociedade. Reprimir emoções negativas sobre si mesmo só aumenta o sofrimento emocional, e é “natural” que as pessoas reprimam, cheguem até o ponto de transmutar suas emoções em raiva e direcioná-la a outras pessoas (Turner, 2014a).

Na tentativa de não sentir mais tal sofrimento, as pessoas culpabilizam outros, mesmo que esses outros não sejam os responsáveis por suas emoções. Maciejczak (2013) reconhece que tanto psicólogos(as) quanto sociólogos(as) falham ao estudar o nexos “vergonha-raiva-violência” ao focarem em singularidades como gênero, idade, cultura, entre outras “unidades categóricas”. O nexos pode ser entendido pela compreensão de que quando a vergonha é reprimida e se transmuta em raiva, ela pode culminar na violência. Pensando do ponto de vista neurobiológico, podemos retomar os estudos que evidenciam que esse processo de julgamento dos acontecimentos é prejudicado, também, por cérebros que vivenciam experiências longas de estresse tóxico, negligência e outras formas de violência (Harris, 2019; Ekman, 2017; Amen Clinics, 2023; Amen, 2000; Amen *et al.*, 2011; Neurometria, 2022; Stark *et al.*, 2015; Lee *et al.*, 2021; BRAIN-TRAINER, 2021b). Esses cérebros ficariam travados em frequências elétricas rápidas. Isso os torna mais intensos e faz com que intuição, julgamento, tomada de decisão e as relações emocionais dessas pessoas ou grupos sejam prejudicadas (BRAIN-TRAINER, 2021b).

A complexidade da problemática das migrações forçadas neste século XXI abrange o que Agamben (2004a, 2004b) define como “estado de exceção”, cuja proporção já tomou desdobramento planetário. Vemos a “vida nua” ocorrendo. Destitui-se o outro de sua humanidade, tornando-o matável por ser “menos” humano. Zimbardo (2012), Rechtman (2020), Albert Bandura, Bill Underwood e Michael E. Fromson (1975) e Maturana (1995) corroboram o entendimento de que há a “desumanização” das pessoas nesses processos. Ela é central em todas as formas de discriminação que observamos em nossas relações sociais, seja racismo, xenofobia, sexismo, terrorismo, genocídio⁹³, entre outras. O “medo”, nesse processo, é alimentado pela hostilidade recíproca e é uma questão macrossociológica (Elias, 2008).

Para Zimbardo (2012), quem desumaniza entende como se o outro tivesse sua identidade “estragada” e que, por isso, mereceria o sofrimento e a morte. É o que ele considera o “efeito Lúcifer”, cunhado sob a retomada das visões de Hannah Arendt⁹⁴ (1999) quanto ao conceito de “banalidade do mal”, segundo o qual pessoas de bem se engajam em ações sem utilizar seu

⁹³ Para outras informações a respeito dos genocídios na história recente, sugiro Harvardx (2020).

⁹⁴ Recomendo o filme que leva o mesmo nome da autora e que trata do julgamento de Eichmann e suas elocubrações a respeito da banalidade do mal (Trotta, 2013), bem como outras obras de Arendt (1975, 1985).

juízo moral, como a autora observou nos ocorridos da Segunda Guerra Mundial ao observar o comportamento de soldados nazistas e, também, de judeus no processo de extermínio em massa. A banalidade do mal resulta da normalidade e não da psicopatologia, devido à perpetuação de mentiras. Os símbolos grupais são importantes nesse processo, pois ligam as pessoas emocionalmente⁹⁵ (Arendt, 1999; Dejours, 2001; Elias, 2008). Ekman (2017) observa que o “impulso de fazer o mal” está em praticamente todas as pessoas enquanto parte fundamental da reação da emoção raiva, mas que, para cada pessoa, há diferenças em vários sentidos e níveis.

O filósofo camaronês Achille Mbembe (2016) complementa o trabalho de Arendt, Foucault e Agamben ao abordar, na contemporaneidade, o conceito de “necropolítica”, segundo o qual a “soberania”, enquanto forma de “poder” (disciplinar, biopolítico e necropolítico), decide quais vidas merecem ser vividas e quais podem ser matáveis, criando-se estratégias nas quais se pode eliminar grande número de “inimigos” em pouco tempo⁹⁶.

A literatura, ao longo dos séculos, transborda de casos nos quais homens que se dispunham a agir com “violência extrema” eram chamados de “monstros” que seriam totalmente destituídos de sua humanidade devido ao seu prazer máximo com a morte do outro. Ao estudar as emoções em situações de violência, Rechtman (2020) parte do ponto de vista de quem ataca brutalmente, questionando-se: o que essas pessoas “sentem quando matam?”. As respostas obtidas para tal indagação vão ao encontro do que Arendt (1999) já havia descrito a respeito do não uso do juízo moral.

Em seus estudos, Rechtman (2020) evidencia que são as peculiaridades das “configurações” às quais cada sujeito pertence que tornarão possível agir sem tal juízo moral. O genocídio, por exemplo, ocorre quando uma sociedade é compartimentalizada em grupos nos quais alguns são “sub-homens” destruíveis enquanto outros permaneceriam legalmente protegidos. Nesse processo, há a “desumanização” dos primeiros, que geraria uma espécie de anestesia parcial e contextual da sociedade. Essa explicação não contempla se todos nós somos passíveis de nos deixarmos levar a esse extremismo ou se apenas alguns. O que se pode concluir a princípio é que as pessoas cometem esses atos devido ao fato de não se darem conta do horror que estão cometendo, como se a “emoção repulsiva” que nos orienta fosse

⁹⁵ Ver Silva (2016) e Silva Krüger e Ally (2019).

⁹⁶ Esta contemporaneidade pode ser observada diariamente nas mídias sociais, que apresentam a trágica realidade de pessoas que, ao tentarem refúgio, são literalmente impedidas de prosseguir, chegando à morte (IHU, 2022a, 2022b, 2022c).

anestesiada ou invalidada por alguma questão fisiológica ou psicossocial, haja vista que a maior parte de nós sente repulsa ao ato de matar⁹⁷.

O que instiga o autor como resposta à sua pergunta inicial é que o que marca emocionalmente essas pessoas, homens e mulheres engajados no genocídio, são as emoções que lhes afetam pessoalmente, como por exemplo, a atribuição de todo sofrimento que estão sentindo sendo direcionado aos inimigos ou mesmo do próprio ato que envolve intensa excitação, esgotamento físico, odores, entre outras questões que geram desconfortos para eles e elas. A questão não é a desumanização da vítima, mas do próprio algoz, bem como a emoção extrema sentida por este diante da situação de genocídio. Alguns relatos mostram pessoas que se lembram de como matavam, como se sentiam depois, alguns se orgulhando do número de mortos, outros esperando nunca mais ter que repetir o ato. Dentre estes, há os que enfatizam que, apesar disso, faziam da melhor forma possível (Rechtman, 2020).

É como se, mesmo antes de serem mortas, essas pessoas já não existissem. Assim, muitos dos assassinos são pessoas não patológicas, mas ordinárias, que desenvolviam algumas técnicas, pois sabiam que suas vítimas não fugiriam ao seu destino demandado por superiores (Rechtman, 2020). Em seus estudos, os psicólogos Albert Bandura, Bill Underwood e Michael E. Fromson (1975) constataram similaridades com os achados de Rechtman (2020) ao observarem que, ao desumanizarmos os outros, tornando-os “sub-humanos”, diminuimos nossa propensão de autorreprovarmos atos violentos cometidos por nós ou por outros. Dependendo das dinâmicas que unem os grupos, as pessoas se comportam mais brutalmente quando estão agindo em nome do grupo do que quando respondem individualmente (Bandura, 1999; Zimbardo, 2012).

Para Maturana (1995), o biológico na violência é tudo que envolve a vida dos seres vivos. A violência na vida humana é uma forma de se viver o espaço psíquico cotidiano. A violência nas relações humanas acontece quando se nega o outro, levando-o à destruição devido ao esforço para alcançar sua obediência ou submissão. Situações nas quais possa haver um “desequilíbrio de poder” não significam necessariamente relações violentas. O que dá o caráter violento é a emoção envolvida no processo relacional.

A “Pedagogia do colapso” trata dos ensinamentos do que podemos considerar, a partir dos autores anteriormente citados, a banalização do mal, tão disseminada em nossa cultura

⁹⁷ Na minha percepção, essa reflexão envolve também pessoas que precisam lidar com isso diariamente através do abate de animais (Porcher, 2004) e com cuidados paliativos que culminam na morte (Kovács, 2010). Em ambos os casos, pode-se observar condições análogas ao Burnout como resposta da autopreservação.

capitalista. Essa Pedagogia origina-se na “cultura da violência” e é caracterizada como o espaço físico, estrutural e simbólico no qual a violência perpassa as relações como algo natural e invisível aos olhos de seus membros. As emoções são peças-chave nesse processo psíquico que configura a violência ou a amorosidade, guiando-nos a partir do conhecimento adquirido nas nossas culturas, que, se for violento, naturalizará um pensamento e um comportamento de igual natureza, como se estes fossem o melhor caminho, fundamentando a negação do outro. Somente um conflito entre as emoções sentidas pode gerar um desequilíbrio nos comportamentos de naturalização (Silva, 2019; Maturana, 1995). A cultura da violência pratica a indiferença e a negação das pessoas, da natureza da futuridade através de uma “razão instrumental” que nega os bens comuns. É uma prática de não reconhecimento, como se fosse uma “zona de ninguém”. Tanto a sua episteme quanto as emoções que a dominam permitem a propagação da “barbárie”. A negação do outro demonstra falta de cognição e autocrítica por não reconhecer que todos somos dependentes dos bens comuns (Silva, 2019).

Para Elias (2008), devemos temer o “poder” das interações humanas mais do que dos armamentos em si. Para Thompson (1985), nessas interações, as pessoas mutuamente se coagem e constroem, alimentando as hostilidades que levam às diversas formas de violência que estamos observando nesta pesquisa. Ocorre que, quando não conhecemos mais os limites do nosso “poder” é que destruímos a nós mesmos (Levi-Strauss, 1990). Ironicamente avançamos enormemente nas formas de controle dos problemas naturais, mas continuamos limitados quanto à solução da “deslocação” dos problemas da coexistência humana (Elias, 2008)⁹⁸. A ambiguidade da violência é o que a torna de difícil compreensão ao ser humano. O ponto é que “[...] nós não odiamos a violência. Odiamos e tememos o tipo *errado* de violência, aquela que ocorre no contexto errado” (Sapolsky, 2021, p. 10-11, grifo do autor).

Assim, a partir de tudo que discutimos até aqui, podemos definir que existem quatro elementos fundantes e convergentes da “violência extrema”: (1) o elemento “*neurológico*”, que envolve interações entre emoções como felicidade, medo e raiva; (2) a “*dramaturgia*”, que ocorre através de rituais de interação que sancionam positivamente as redes de indivíduos que planejam ou realizam atos de “violência extrema”; (3) a “*identidade*”, que, sob um papel positivo, reforça todos os “níveis de identidades”, como a identidade de papel, as autoconcepções essenciais e identidades sociais de pertencimento ao grupo; e (4) a “*evitação da repressão*” de emoções desagradáveis ou “negativas” sobre o *self*, como por exemplo, vergonha, culpa e alienação (Turner, 2011).

⁹⁸ Ver Silva (2016) e Silva Krüger e Ally (2019).

Os três primeiros elementos apresentados nos permitem compreender as estruturas existentes no processo de formação da “violência extrema”, evidenciando como os indivíduos se organizam para o conflito. Apesar disso, tais elementos não trazem à baila os movimentos interpessoais e intrapessoais que transformam o conflito em “violência extrema”, quando os envolvidos se mostram dispostos a matar e a morrer como modo de vingança pelas privações sofridas, aspectos que são contemplados pelo quarto elemento (Turner, 2011).

É no quarto elemento apresentado, a “evitação da repressão”, que os atos de extrema violência estão relacionados com o intuito dos indivíduos de protegerem a si mesmos, no sentido de reprimirem, intensificarem e transmutarem, através de ajustes cognitivos, emoções altamente dolorosas em relação ao eu, ao mesmo tempo que se tornam excessivamente emocionais até que chegam a esse ponto explícito de atribuírem a outros seu sofrimento. Este é o ponto que funda e diverge as características conflituosas e de violência com as da “violência extrema” (Turner, 2011; Maciejczak, 2013; Sapolsky, 2021; Scheff; Retzinger 1991).

A ciência atualmente compreende que nosso cérebro grande, composto por áreas subcorticais antigas e outras novas como o neocórtex, nos torna seres emocionais capazes de ter certo controle cognitivo e de reprimir e distorcer nossas próprias emoções (Damásio, 1996, Turner, 2003, 2011). Mead (1938) compreendeu que essa capacidade permite que tiremos de nossos pensamentos emoções que não sejam agradáveis, especialmente estas das quais estamos falando e que possuem um alto custo ao indivíduo.

5 NEUROSSOCIOLOGIA DOS FENÔMENOS EMOCIONAIS NAS RELAÇÕES SOCIAIS NO CAMPO DE REFUGIADOS DE KAKUMA E NO ASSENTAMENTO INTEGRADO DE KALOBYEI

A Revisão Sistemática da Literatura somada à Análise Textual Discursiva – ATD, apresentadas no percurso metodológico a respeito dos fenômenos emocionais que envolvem a “violência extrema” no Campo de Refugiados de Kakuma e no Assentamento Integrado de Kalobeyei conduziram-me à categorização dos 493 trechos contidos nos 48 documentos que apresentavam citações das emoções selecionadas. São elas: felicidade (citada 44 vezes), medo (219 vezes), raiva (63 vezes), tristeza (38 vezes), vergonha (citada 38 vezes), culpa (74 vezes) e alienação (17 vezes). Este Capítulo apresentará um breve resumo analítico da Neurosociologia dessas sete emoções, seguida pela explanação detalhada de todas as “unidades categóricas” correspondentes a cada uma delas.

Como é possível acompanhar logo a seguir, na Tabela 4, durante o processo de ATD, as sete emoções foram subdivididas em até oito “unidades categóricas” cada, pelo número de vezes que cada uma dessas unidades categóricas foi citada e também por sua “unidade de análise” correspondente. As “unidades categóricas” selecionadas exprimem situações de: Educação (diversas questões relacionadas às emoções e aos níveis de educação), Gênero (diversos assuntos relacionados às emoções e às relações de gênero como casamento, educação sexual e violência de gênero), Identidade (trata da relação entre emoções e temas que afetem ou gerem quebra na compreensão identitária e cultural dos indivíduos e grupos), Institucional (aborda pontos de correlação entre emoções e instituições como líderes locais, governos e entidades não governamentais/humanitárias), Outros (aborda conteúdos que não se mostraram relevantes para este objetivo da pesquisa), Reassentamento (trata de itens ligados às emoções e aos processos e anseios de reassentamento em novos países ou de repatriamento nos países de origem), Religião (trata de tópicos ligados às emoções e às instituições religiosas e crenças) e Violência (aborda assuntos ligados às emoções e situações conflituosas, violentas e seus gatilhos).

Essas unidades categóricas expressam emoções dos refugiados e refugiadas, mas também dos cidadãos locais, agentes governamentais e não governamentais, agrupando diversas expressões emocionais relacionadas a ambos os Campos. Há citações repetidas em mais de uma “unidade categórica”. Optei por fazer dessa forma porque algumas dessas citações expressam mais de uma emoção e, assim, correspondem a mais de uma unidade de análise e de significado para quem as lê. O mesmo ocorre com autores que são citados nesses trechos repetidamente ou por diferentes pesquisadores.

As “unidades de análise” serviram como fio condutor para as citações diretas ao longo deste Capítulo 5 e, também, do 6. Foram definidas pelo número que o documento representa e o número da citação dentro do documento. Por exemplo: a emoção 1 Felicidade + gênero (g) + documento 107⁹⁹ + citação 3 e 4 do documento serão representados pela unidade de análise: 1.g.107.3.4.

Tabela 4 – Categorização das emoções a serem analisadas (continua)

Emoção	Número de citações	Unidade categórica ¹⁰⁰	Número de vezes que cada unidade categórica foi apresentada	Unidade de análise
1 Felicidade	44	Educação	11	1.e.
		Gênero	8	1.g.
		Institucional	7	1.r.
		Reassentamento	7	1.i.
		Outros	5	1.o.
		Violência	4	1.v.
		Religião	2	1.c.
2 Medo	219	Violência	63	2.v.
		Institucional	47	2.i.
		Gênero	31	2.g.
		Outros	22	2.o.
		Religião	18	2.c.
		Educação	15	2.e.
		Identidade	14	2.id.
3 Raiva	63	Reassentamento	9	2.r.
		Violência	24	3.v.
		Institucional	14	3.i.
		Outros	8	3.o.
		Gênero	5	3.g.
		Reassentamento	4	3.r.
		Educação	3	3.c.
4 Tristeza	38	Religião	3	3.e.
		Identidade	2	3.id.
		Violência	16	4.v.
		Outros	7	4.o.
		Reassentamento	5	4.r.
		Educação	3	4.e.
		Gênero	2	4.c.
		Institucional	2	4.g.
		Religião	2	4.i.
		Identidade	1	4.id.

⁹⁹ Todos os 109 documentos pré-selecionados pela Revisão Sistemática da Literatura estão intitulados no Apêndice A desta tese.

¹⁰⁰ Na ATD, usa-se o termo “categoria final” para tratar dessa última sistematização dos trechos analisados. Mas optei por seguir o termo de Turner (2011) “unidade categórica”, que evidencia que, apesar de serem fundamentais aos entendimentos dos fenômenos emocionais nas relações sociais de “violência extrema”, essas categorias não superam os componentes neuroevolutivos das emoções. Caso haja maiores dúvidas a respeito, sugiro retomar o percurso metodológico no Capítulo 1.

Tabela 4 – Categorização das emoções a serem analisadas (conclusão)

Emoção	Número de citações	Unidade categórica	Número de vezes que cada unidade categórica foi apresentada	Unidade de análise
5 Vergonha	38	Institucional	14	5.i.
		Gênero	8	5.g.
		Educação	5	5.id.
		Identidade	5	5.e.
		Outros	5	5.o.
		Religião	1	5.c.
6 Culpa	74	Gênero	21	6.g.
		Institucional	18	6.i.
		Violência	12	6.v.
		Educação	8	6.id.
		Identidade	8	6.e.
		Reassentamento	4	6.r.
		Religião	1	6.c.
		Outros	2	6.o.
7 Alienação	17	Institucional	14	7.i.
		Identidade	2	7.id.
		Outros	1	7.o.

Fonte: Desenvolvido pela pesquisadora a partir da ATD (Moraes; Galiuzzi, 2020, 2006; Galiuzzi, 2021a, 2021b, 2021c).

5.1 EMOÇÃO FELICIDADE

A Felicidade seria a única das nossas emoções primárias que é positiva. Supõem-se que ela seja o elo junto às emoções negativas que permite que possamos criar e manter laços de solidariedade (Turner, 2011). Nos documentos estudados, ela foi citada 44 vezes. Seus significados foram subdivididos em 7 unidades categóricas: Educação, citada 11 vezes; questões relacionadas a Gênero, citadas 8 vezes; Reassentamento, citada 7 vezes; Institucional, citada 7 vezes; Violência, citada 4 vezes; Religião, citada 2 vezes, e Outros, citada 5 vezes (sobre o processo de pesquisa – 4 vezes – e sobre um incidente em um jogo – 1 vez).

Resumo analítico da emoção felicidade: As expressões de felicidade que foram coletadas nos documentos e que apresento logo após esse parágrafo são semelhantes entre si. Apresentam-se como respostas a comportamentos que reforçam as sanções positivas após suprirem expectativas do grupo. Como quando, por exemplo, os refugiados e refugiadas se dedicam aos estudos e alcançam bons resultados, sentindo, com isso, orgulho e reequilibrando as relações de *status* e “poder” de modo altruísta, tornando-se, em alguns casos, educadores. Ou mesmo quando se protegem de uma gravidez não planejada ou Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST e evitam sanções negativas. Ou ainda ao autorrefletirem sobre a possibilidade de retorno ao país de origem ou a um país dito de “primeiro mundo” e reforçam o *self* visualizando uma nova identidade. Seguir os ensinamentos de uma religião também é um indicativo de felicidade.

Tanto por trazer sentido à vida, como por reforçar os laços de solidariedade, guiando-os pelos comportamentos reforçados pelo grupo. “Ela estava feliz, vestida com um *hijab*¹⁰¹ vermelho e um vestido preto transparente. [...] Através de seu casamento, ela ampliou a comunidade somali Bantu¹⁰²; no entanto, ao fazê-lo, ela se tornou mais plenamente sujeito de sua própria vida” (Deramo, 2017, p. 126 e 131, tradução nossa – unidade de análise 1.g.73.6.).

Ambos os gêneros demonstram felicidade ao casarem pelo fato de que esse ato representa a aprovação do grupo por se seguir o *habitus* instituído por este. Além disso, o casamento e a constituição da família são provas de alcance de novas identidades e *status* no grupo. O uso da emoção felicidade também foi expressa com a conotação negativa, de não se encontrar feliz. Isso ocorreu com o ensino de línguas hegemônicas, que possui duas interpretações distintas: de aprovação e de reprovação. Ao contrário daqueles que aprovam esse ensino, há aqueles que se mostram totalmente contrários, sentindo que suas identidades e o grupo ao qual pertencem esteja sendo atacado devido à tal imposição. Demonstraram não estarem felizes com as instituições por sentirem que sofrem sanções negativas ao não terem suas expectativas atendidas por falta de suporte ou por não entenderem suas demandas. Já as pessoas que atuam nessas instituições expressam a não felicidade devido aos riscos que o país corre com a chegada de refugiados e também com as táticas utilizadas por eles que afetam a imparcialidade pretendida. A violência de gênero também entra neste grupo pois as mulheres, ao se sentirem desprotegidas e revitimizadas, também se sentem não felizes.

5.1.1 Unidade categórica Educação na emoção felicidade

No que diz respeito à unidade categórica Educação, citada 11 vezes, destaco que ela aborda diferentes esferas que o saber institucional proporciona. Estudar para se tornar um educador é motivo de felicidade mesmo que ainda não se tenha experiência ou quando se possui grandes responsabilidades (Mendenhall, 2018; Crea; Sparnon, 2017; Khasandi-Telewa, 2007). Receber orientações sobre sexo seguro para se prevenir de doenças como a aids e de gestações não planejadas, tendo a oportunidade de ver e aprender sobre o uso correto de preservativos também traz felicidade aos estudantes que se sentem perdidos em meio a informações desconstruídas (Ochieng, 2010). Já no que diz respeito ao aprendizado do arábico, há

¹⁰¹ É o véu utilizado por mulheres muçumanas.

¹⁰² A título de curiosidade, a palavra *Ubuntu*, originária do tronco linguístico Bantu, se tornou popular ao redor do mundo, possuindo – inclusive – várias referências a ela em português. *Ubuntu* expressa (de maneira resumida e simplificada) que “eu sou porque você é, você é porque nós somos”. Ela representa uma consciência de interdependência que as nossas existências possuem (UNESCO, 2016).

controvérsias quanto aos que se alegram e aos que não se alegram. Há, por um lado, os que se alegrem com o aprendizado, entendendo que o mundo árabe está se tornando mais forte. Há, por outro lado, quem justifique a guerra por isso (Khasandi-Telewa, 2007).

5.1.2 Unidade categórica Institucional na emoção felicidade

Já no que diz respeito à unidade categórica Institucional, mais da metade das vezes (5 vezes de 7) em que essa emoção foi usada para citar a relação dos refugiados e refugiadas com essas instituições foi sob um ponto de vista negativo, evidenciando frustração de expectativas e um sentimento de tristeza com os acontecimentos (Jaji, 2012; Deramo, 2017; Mwangi, 2005; Khasandi-Telewa, 2007; Silva, 2016). Parte disso pode ser observado pelo ideal de construção da realidade, segundo o qual se entende que refugiados e refugiadas dependem somente da própria boa vontade para serem felizes. Eles e elas compreendem, entretanto, que essa não é uma verdade absoluta e, muitas vezes, agem de modo a alegrar os(as) representantes das instituições (Khasandi-Telewa, 2007). Por vezes ignora-se que “a dor é real: qualquer que seja [...] [a] interpretação dela e qualquer construção que o sofredor possa fazer dela” (Mwangi, 2005, p, 64, tradução nossa – unidade de análise 1.i.106.2.).

Há um relato de refugiado(a) dizendo-se alegre ao ser incluído(a) nas discussões sobre o problema da água (Mwangi, 2005). Por mais que o “discurso do refugiado agradecido” pareça a solução, subjaz a esse discurso que a mesma mão [branca] que ajuda é aquela que está envolvida na guerra de muitas formas (Deramo, 2017). Chega-se à infeliz constatação de que os ideais civilizatórios ocidentais de outrora, hoje comparados aos humanitários ocidentais, geram rupturas nas tradições e, com isso, resultados diferentes dos esperados (Silva, 2016). Há quem compreenda que não se pode esperar que o ACNUR assuma a responsabilidade de tornar sua vida feliz e segura (Jaji, 2012). Os demais países e organizações precisam lidar com suas próprias inseguranças, pois não ficariam felizes se a proximidade dos Campos com as fronteiras estatais os tornasse vulneráveis (Mwangi, 2005). Além disso, não conseguem superar outros problemas frequentes nos Campos, como as táticas dos refugiados para alcançar benefícios (Khasandi-Telewa, 2007).

5.1.3 Unidade categórica Reassentamento na emoção felicidade

No que diz respeito à unidade categórica Reassentamento, posso destacar que a maior parte dos refugiados entrevistados por Eidelson e Horn (2008) disse sentir-se positiva quanto

ao retorno ao lar no Sudão: “[...] feliz (73,2%), com medo (41,3%), com raiva (17,0%) e triste (20,9%) (Eidelson; Horn, 2008, p. 22, tradução nossa – unidade de análise 1.r.8.3)¹⁰³. É interessante constatar como a felicidade é usada para expressar a emoção que se sente com o reassentamento a um país considerado “desenvolvido” e também com as oportunidades advindas disso. Nesse sentido, há quem leve consigo lembranças alegres de Kakuma (Wu, 2016). Mesmo com todas as dificuldades vividas, há quem sinta felicidade em concluir os estudos, reassentado(a) em Boston, com a esperança de retornar ao Sudão do Sul como fonte de apoio e conhecimento (El Jack, 2010). Mesmo que muitos reassentados tenham lembranças felizes de sua experiência em Kakuma, outros não guardam lembranças boas e sentem felicidade por estarem reassentados na “América” (Deramo, 2017).

5.1.4 Unidade categórica Gênero na emoção felicidade

As unidades categóricas não são estáticas, elas se comunicam. No que diz respeito às questões de Gênero, elas também se comunicam com as possibilidades de se sentir feliz durante o reassentamento. Uma das mulheres reassentadas expressa felicidade ao poder casar-se no reassentamento em um país dito “desenvolvido”, especialmente porque lhe foi proporcionada a oportunidade de manter a família unida em um novo local considerado mais seguro. “Ela estava feliz, vestida com um *hijab* vermelho e um vestido preto transparente. [...] Através de seu casamento, ela ampliou a comunidade somali Bantu; no entanto, ao fazê-lo, ela se tornou mais plenamente sujeito de sua própria vida.” (Deramo, 2017, p. 126 e 131, tradução nossa – unidade de análise 1.g.73.7.).

Tornar-se sujeito de sua própria história é apoderar-se das tradições da sua cultura, unindo-as com as do novo local, que permite novas formas de relações entre casais e pais e filhos. Isso pode ser observado tanto no comportamento como nas escolhas, como foi o caso de uma mulher somali Bantu que se casou, muito jovem, durante o reassentamento e fez do seu novo lar um “mix” entre as culturas somali e estadunidense (Deramo, 2017).

Ainda nesse sentido, a felicidade do casamento durante o reassentamento também é apresentada do ponto de vista dos homens. Para os Nuers, o ritual do casamento e da geração de descendentes dá ao homem “*wur nuära pany*”, que consiste em maturidade, respeito e sabedoria para sustentar sua família nuclear e genitores¹⁰⁴. Novamente essa tradição encontra

¹⁰³ Múltipla escolha.

¹⁰⁴ Para maiores informações a respeito dos estudos sobre famílias e emoções, sugiro Peterson (2014).

desafios diante da distância que muitas vezes os sudaneses estão das suas realidades culturais e espaciais. Revela também a ansiedade masculina quanto ao tipo de esposa que escolherá. Eles relatam insegurança com relação a mulheres que tenham maiores níveis de estudo e redes de amigos. Quando reassentados, homens na faixa dos 30 anos voltam a seus países de origem para escolher meninas entre 14 e 15 anos de idade, que seguirão suas tradições e que, tanto elas quanto a família, ficarão felizes pelo casamento (Grabska; Fanjoy, 2015). Apesar de relatarem felicidade ao casarem-se, quando jovens, meninos (muçulmanos) somalis e etíopes expressaram sentir-se mais alegres em atividades que não envolvam garotas, como esportes, que são majoritariamente de interesse masculino no Campo (Ochieng, 2010).

5.1.5 Unidade categórica Violência na emoção felicidade

Assim como a unidade categórica Gênero se comunica com a Reassentamento, comunica-se igualmente com a Violência, neste caso com a violência de gênero (Silva, 2015; Horn, 2010b, 2010c). Esta gera estigma e falta de suporte adequado para aquelas famílias que se sentem infelizes após a mulher ser vítima de crime sexual (Silva, 2015). A falta de aprovação das famílias quanto a um casamento também faz com que as mulheres sejam reféns de maridos violentos (Horn, 2010c). Além dessas questões, há o relato de pequenos grupos de mulheres que parecem se divertir ao gerar confusões entre si, as quais logo se dissipam em risos (Mwangi, 2005). Das 4 citações da unidade categórica Violência, a única que trata da felicidade em si é a de um deslocado interno (queniano) que se regozija por ter sobrevivido a um ataque (Silva, 2016).

5.1.6 Unidade categórica Religião na emoção felicidade

Por fim, a unidade categórica Religião, citada duas vezes, aborda que o ideal de vida eterna da fé cristã traz esperança e alimenta a felicidade diante de rituais fúnebres (Brown, 2008).

5.2 EMOÇÃO MEDO

A emoção medo foi citada 219 vezes nos documentos selecionados. Ela foi de longe a emoção mais citada. A sua subdivisão em 8 unidades categóricas representou: Violência, com 63 citações; Institucional, 47 vezes; Gênero, citada 31 vezes; Outros, citada 22 vezes; Religião,

citada 18 vezes; Educação, citada 15 vezes; Identidade, citada 14 vezes; e Reassentamento, citada 9 vezes. A unidade categórica Outros, citada 22 vezes, foi compreendida por 17 referenciais teóricos, 4 mensagens e 1 orientação de pesquisa.

Resumo analítico da emoção medo: A emoção medo é uma emoção antiga e formada na amígdala, ficando fortemente vinculada à ação desta. Essa área do cérebro registra experiências anteriores e evidencia quando há desequilíbrios no ambiente. Quando sentida em grandes níveis, a emoção medo gera pensamentos e comportamentos transtornados. Se fortemente excitada por experiências amedrontadoras, ela altera a fisiologia da área e facilita a criação de crenças fantasiosas e a alimentação da hostilidade recíproca entre as partes envolvidas em conflitos. Sentimos medo de sofrer as consequências pelas nossas falhas. Quando vinculada à felicidade, a emoção medo gera respeito e veneração. Com a raiva, motiva a reparação dos códigos morais grupais. Com a tristeza, reduz o reforçamento que mantém os laços de solidariedade. Quando sentida com a vergonha ou a culpa, repara erros que possam atender as expectativas do grupo.

No que diz respeito aos dois Campos estudados nesta pesquisa, esta foi a emoção de longe mais citada nos documentos pesquisados. Ela também está entre as emoções negativas verbalizadas pelos refugiados. O medo é uma emoção que os acompanha desde o momento em que fogem da violência em seus países de origem até o Campo, onde novos confrontos violentos são registrados, havendo um sentimento de que outros confrontos sempre estão prestes a acontecer. Muitos possuem o temor de ter questões do passado descobertas, como envolvimento com grupos de resistência. Sentem que são odiados e por isso temem ataques dos cidadãos locais, de seus cônjuges, de refugiados de outros grupos/etnias ou ainda da polícia. Temem também não ter recursos para se manter e por não saberem o que o futuro lhes proporcionará. O medo ocorre como resultado da perda de controle de parte de sua vida. Como praticamente em tudo que discutimos sobre as relações conflituosas nos Campos, o medo não é uma emoção exclusiva dos refugiados. Os cidadãos locais também relatam sentirem diferentes medos devido à presença dos refugiados. As agências humanitárias, o governo queniano e mesmo os policiais se sentem inseguros de atuarem na região. O medo de ataques terroristas percorre o imaginário dos diferentes envolvidos.

Os somalis são os principais afetados por esse medo em nível nacional. Sofrem calúnias e constrangimentos devido à sua nacionalidade e à sua religião. O medo também fortalece os laços de solidariedade dos grupos de resistência que usam essa emoção e o *status* para recrutarem refugiados para lutarem por eles. Tal emoção ocorre igualmente com o SPLM/A e

o Al Shabaab. Há ainda informações de que o governo queniano no passado recrutava refugiados para lutarem no Sudão, utilizando-se do medo e do desejo de retornarem aos seus lares para conseguir que as pessoas fossem recrutadas. Além disso, o medo serve como forma de motivar os refugiados e as refugiadas a criar táticas de proteção, como no caso do acampamento de OIiji¹⁰⁵, onde o rio Nilo se torna uma barreira protetora e preditora de ataques do Exército de Resistência do Senhor – LRA. Outro exemplo é o desenvolvimento do *site* “kanere.org”, que serve como um espaço, muitas vezes anônimo, de expressão mundial¹⁰⁶. Muitos refugiados enviados para Kakuma, não querendo ficar lá, pagavam os motoristas para que os deixassem em Nairóbi, mesmo que ilegalmente. No Sudão do Sul, os cristãos, por serem tão perseguidos pelos grupos hegemônicos árabes, disfarçavam-se para poder viver com menos medo de ataques. Há ainda os casos históricos em que os povos se moviam e levavam consigo seus conhecimentos e ferramentas a fim de fugirem dos colonizadores. Medo gera outras emoções, faz com que os grupos se guiem pelo tribalismo, pela raiva e desumanizem uns aos outros, mesmo que seus sofrimentos sejam muito semelhantes do ponto de vista dos infortúnios (já que cada caso apresentará suas singularidades a partir da base neurológica). O medo também é usado como forma de fazer com que as meninas tenham menos acesso à educação, e as mulheres, ao controle de natalidade e à justiça em casos de violência de gênero:

[nós] estamos sendo privados de nosso direito à segurança e enfrentando sofrimento contínuo, mas não podemos ajudar nossas vizinhas mesmo quando as ouvimos gritando enquanto são estupradas, porque tememos que nossas meninas também sejam estupradas. Fomos avisados pela polícia para não sairmos para ajudar, o que vai contra a cultura somali de ajudar o próximo (Silva, 2015, p. 69, unidade de análise 2.g.102.3.).

A religião também se apresenta como uma forma de diminuir o medo, trazendo conforto e harmonia entre grupos. O ambiente e a alfabetização multilíngue geram medo pela possibilidade de isso ocasionar a perda de identidades grupais e dos laços de solidariedade ainda pelo reforçamento da hegemonia dos povos e línguas dominantes, inclusive nos processos de reassentamento. Mesmo para nós pesquisadores(as), é impossível que não interpretemos de alguma forma os medos sentidos pelos refugiados. O medo de não poderem retornar aos seus países de origem é uma das principais emoções negativas nesse sentido.

¹⁰⁵ Como veremos mais adiante, OIiji é um dos Campos de refugiados de Uganda, sendo predominantemente ocupado por sul-sudaneses (UNHCR, 2022c). Muitos procuram voluntariamente o local pois o mesmo oferece maior segurança devido à sua localização geográfica junto ao Nilo (Brown, 2008).

¹⁰⁶ Para maiores informações sobre o estudo das emoções e movimentos sociais, sugiro Goodwin e Jasper (2006) e Jasper e Owens (2014).

5.2.1 Unidade categórica Violência na emoção medo

A unidade categórica Violência, citada 63 vezes, associada à emoção medo também se vincula aos cinco problemas emocionais mais identificados nos refugiados, que são: desesperança, medo, tristeza, raiva/agressão e preocupação. Os refugiados são influenciados pelos traumas vividos antes e depois de chegarem ao Campo (Horn, 2010a). O medo é exposto pelos refugiados e refugiadas como

[...] terror, preocupação, pânico, sensação de insegurança ou sensação de medo, ou ameaçado. As causas do medo mencionadas incluem que depois de escapar das “dificuldades das armas, este mesmo campo de refugiados está cercado por pessoas que estão sempre segurando armas, sempre temos medo de que eles nos matem com essas armas. Quando ouvimos o som das armas, dizemos que a guerra começou” (Horn, 2010a, p. 11, tradução nossa – unidade de análise 2.v.9.3.4.5.6.7.).

Os refugiados relatam que viver no Campo é viver sob ataques de milícias locais e que a própria polícia também é uma fonte de insegurança e medo. Eles se veem odiados por essas pessoas e presos ao local. Um dos poucos alívios que conseguem é vendendo alguns alimentos e comprando algumas coisas que tragam conforto à família (Oka, 2014).

Além disso, os refugiados relatam sentir-se assustados a todo momento, por várias coisas que os lembram de situações ruins que já viveram ou que viram pessoas conhecidas vivenciarem, sejam barulhos à noite, sair de casa sozinhos, afastar-se para coletar lenha etc. A saudade de parentes que foram mortos ou que ficaram e com os quais não possuem contato também é algo que os afeta profundamente. A incerteza financeira e pensar demais nos problemas são outras duas questões constantes. São inúmeras questões, envolvendo não apenas os acontecimentos do passado que lhes causam medo, mas também o futuro incerto e o temor de que sejam repatriados forçadamente, ou, ainda, de que os próprios maridos façam algo contra suas esposas. As pessoas se isolam, temendo o contato com os outros a tal ponto que algumas não saem de dentro de seus abrigos. Fazem isso tanto pelo medo da violência quanto pelo intuito de evitar problemas, ou, ainda, para esconder erros que possam ter cometido. Tudo isso faz com que algumas pessoas tenham insônia (Horn, 2010a).

As pessoas que vivem nessa condição de refúgio temem por suas próprias vidas devido à violência sofrida tanto anteriormente quanto no próprio Campo. Por causa desses fatores, muitos deles passam a sentir que já não têm mais “poder” sobre suas próprias vidas (Jaji, 2012). Mesmo para aqueles que fugiram da violência muito pequenos, as lembranças traumáticas podem segui-los, como no caso de uma refugiada somali que, em 1992, teve sua casa atacada enquanto ela, a irmã mais velha e a mãe se encolhiam em um canto com medo (Deramo, 2017).

Mulheres somalis, burundesas e ruandesas refugiadas queixam-se de não poderem contar com as embaixadas de seus países. Vivem em campos nos quais os pontos que definem sua liberdade são pré-definidos arbitrariamente, classificando previamente os refugiados em bons ou maus (Jaji, 2012).

A partir da década de 1990, com o crescimento da demanda por refúgio e também de ataques terroristas, o medo pela presença de refugiados no Quênia também cresceu. Nessa situação, os refugiados foram gradativamente mais reprimidos. Tudo isso começou com os que viviam em grandes centros como Nairóbi e Mombaça, levando essas pessoas a prisões em massa, além de obrigá-las a se restringirem aos Campos de refúgio (Burns, 2010). Nos Campos, cresceu também o sentimento de insegurança entre os moradores locais. É fato que a segurança em Kakuma foi melhorada se comparada com o que ocorria nos primeiros anos, nos quais confrontos entre a população local e os refugiados eram intensos devido à demanda pelos recursos escassos. Com o aumento da ameaça de ataques terroristas neste pós-século XXI, os cidadãos temem especialmente que os somalis sejam responsáveis por estes ataques (Jonsson, 2016).

O crescimento da migração de somalis a partir da década de 1990 para a Região Nordeste do Quênia trouxe preocupação de que o Al Shabaab ganhasse força no país semeando a discórdia entre muçulmanos e cristãos (BERKLEY CENTER, 2015). O medo de que novos ataques terroristas ocorressem foi tão forte que, quando crimes intensos ocorriam, as pessoas proibiam que somalis embarcassem nos mesmos carros, evitavam se aproximar de carros que parecessem com os carros usados no ataque ao Shopping Westgate em 2013, ou ainda à Universidade de Garissa em 2015, por exemplo. Por conta disso, aumentaram as declarações negativas contra somalis no país (BERKLEY CENTER, 2015).

Há relatos de refugiados que disseram ter sido recrutados pela ONU e pelos EUA para lutarem contra o Al Shabaab. Para tanto, lhes foi prometida uma quantia financeira. Eles afirmam que os recrutadores não utilizaram apenas o medo que possuem do grupo terrorista para persuadi-los, mas também a esperança de poderem voltar para casa (Burns, 2010).

O Al Shabaab é motivado pela religião e direciona seus ataques aos cristãos. As pessoas temem que os muçulmanos no país possam se simpatizar com a causa. A grande comunidade somali que vive em Nairóbi aumenta o medo dos cidadãos quenianos, policiais e governantes, que, por sua vez, passam a discriminá-los e assediá-los. Essa situação faz com que percam oportunidades econômicas. Observa-se que a disseminação de informação e o apoio de líderes

religiosos ajudou a diminuir os temores de que os somalis no Quênia apoiariam o Al Shabaab (BERKLEY CENTER, 2015).

No Campo de Refugiados de Dadaab¹⁰⁷, também localizado no Quênia, teve-se que os ataques para furto estão mais sujeitos ao uso da violência quando as pessoas reagem, apesar de isso não ser uma regra. Sabe-se também que os assaltantes se esforçam em manter um clima de medo e, também, de reconhecimento étnico de suas vítimas antes dos ataques. O processo judicial em Dadaab é complicado. As vítimas e testemunhas possuem medo devido à baixa proteção disponível, além da distância dos serviços, que ficam em Garissa. A fim de resolver parte dessa problemática, em 1998, o ACNUR criou um tribunal móvel, porém, além dos medos já relatados, não havia um local adequado para a instalação em Dadaab. Ironicamente é justamente a falta de segurança o principal empecilho para a instalação do tribunal no Campo (Crisp, 1999).

No que tange aos conflitos entre Turkanas e Dinkas, há relatos de que começaram com a proibição de que os refugiados cortassem as árvores para fazer lenha. Nesse contexto, os refugiados que coletavam essa lenha se uniram em gangues armadas e são acusados de estuprarem mulheres Turkanas e de assassinar um Turkana. Essas rivalidades geram temores de novos ataques (Aukot, 2003). Tanto a comunidade local, Turkana, quanto os refugiados passam por praticamente as mesmas dificuldades: perseguição, problemas políticos, trabalho forçado e problemas econômicos. Apesar disso, a diferença se encontra no fato de que eles, os Turkanas, não atravessaram a fronteira estatal de seu país em busca de refúgio. Essa questão pode ser muito útil na solução do problema das migrações forçadas (Aukot, 2003). Tanto os Turkanas quanto os Dinkas que vivem nas Zonas 1 e 3 relatam temer ataques uns dos outros durante a noite, precisando trancar suas casas (Brown, 2008). Por outro lado, a mesma inimizade não é vista entre os Turkanas e os Nuers que vivem na Zona 5. Pelo contrário, os Turkanas recebem ajuda com alimentos e são vistos dormindo naquela área (Brown, 2008). A longa história de conflitos e desentendimentos e confrontos entre Dinkas e Nuers não pode ser ignorada. Ações pacificadoras, também das igrejas, são bem-vindas nesse processo (Brown, 2008). Os refugiados e locais tem pouco acesso a água. Além disso, temem mover-se para outros locais por poderem ser atacados e, assim, passaram a se aglomerar em espaços menores. A água fornecida pelos rios Tarach e Lodoket, que cortam a região e que ficam cheios nas épocas chuvosas, são insuficientes para cobrir a demanda. Os cidadãos locais, tradicionalmente

¹⁰⁷ Tanto Dadaab quanto Kakuma são considerados os Campos de refugiados antigos do mundo (THE ECONOMIST, 2016; Silva, 2016).

nômades, vislumbram oportunidades de trabalho que passaram a ser oferecidas na região (Mwangi, 2005).

Os povos do Sudão do Sul que estão deslocados internamente se veem em uma situação em que as distinções raciais e a total dependência de outros destrói sua autonomia e reforça seu “[...] *status* de minoria e o medo constante de detenção, tortura e roubo impedindo o desenvolvimento de uma estabilidade conectada apesar dos anos de residência” (Brown, 2008, p. 93, tradução nossa – unidade de análise 2.v.108.13.). É interessante constatar que uma tática de proteção hidrogeográfica encontrada para pessoas refugiadas em Olijji [Uganda] contra os ataques do LRA é a presença do rio Nilo, que impede que o grupo, considerado altamente violento e cruel, ataque sem que seja visto. O governo de Uganda não oferece um alto nível de proteção aos refugiados, mas, neste local, devido às condições hidrogeográficas, estes se sentem mais seguros, inclusive muitas pessoas se instalam no local (mais da metade dos habitantes) por vontade própria, justamente por conta dessa segurança. Um dos motivos que os levam até o local é por terem presenciado emboscadas do LRA em outros locais (Brown, 2008). Um exemplo disso foi um dos ataques que o LRA fez ao Norte de Uganda, no qual deslocou mais de 3.000 refugiados sul-sudaneses à Olijji. O medo continua vivo na memória das pessoas. Os próprios ugandenses já procuraram o Sudão em busca de refúgio e vivem um ciclo de violência sem fim, que gera trauma intenso e isolamento crescente (Brown, 2008).

Os “sistemas de crenças” que os grupos possuem é fundamental para entender as “hostilidades recíprocas”, pois são eles que definem nossa forma de agir nas “teias de inter-relações que formamos”.

Quando alimentamos “crenças disfuncionais” que não condizem com as configurações daquele dado momento – neste caso das relações violentas entre os grupos – nos guiamos pelo “tribalismo”, pela raiva, pelo orgulho, pelo ódio, pelo medo e rancor e que “desumanizam” nossos “inimigos”. Porém, ao compreendermos os sofrimentos existentes nessas formas de relações sociais e de nos usarmos de sentimentos empáticos, passamos a assimilar que o sofrimento e a dor que a minha “identidade eu-nós” sente, em muito se assemelha ao “deles” (Silva, 2016, p. 194, aspas da autora – unidade de análise 2.v.109.14.).

O autor Norbert Elias (2008) observa que, em uma guerra, o perigo real não se encontra no “poder” do armamento, mas sim na hostilidade recíproca existente entre os lados confrontados. São as pessoas que se destroem (Silva, 2016). O “poder” é inerente a todas as relações sociais. A “deslocação” obscurece as causas sociais do medo e do mal-estar causados pela nossa incapacidade de lidarmos com nossos problemas de coexistência. Nesse processo, cada lado reciprocamente aumenta o seu “poder” por temer o outro (Silva, 2016), e os grupos criam “crenças fantasiosas”. Os fenômenos emocionais dentro dessa perspectiva precisam levar

em consideração o conceito de “desumanização” de Elias (2008). A desumanização está refletida macrossociologicamente. Autores como Hannah Arendt (1999), que tratou sobre o comportamento de nazistas e judeus durante a Segunda Guerra Mundial, e o estadunidense Philip Zimbardo (2012), que estuda comportamentos de guerra, nos atualizam sobre o conceito nesta era de “terrorismo global” (Silva, 2016).

As “teias de interdependência” que alimentam as hostilidades recíprocas entre grupos fortalecem o medo e o mal-estar (Silva, 2016).

Seus identidades grupais são diferenciadas entre um grupo e outros através de características culturais, políticas e religiosas que, somadas às hostilidades recíprocas, “medo” e o “mal-estar” intensificam o interesse pelo domínio do território, pasto e água, retroalimentando os constantes conflitos violentos (Silva, 2016, p. 133, aspas da autora – unidade de análise 2.v.109.9.10.).

A razão tomada pela fantasia dos sistemas de crenças desses grupos faz com que ataquem e matem uns aos outros pelo fato de quererem coisas distintas. Entre esses processos, há grupos que tentam reduzir as animosidades (Silva, 2016). O medo e a insegurança gerados pela possibilidade de tais grupos de perder suas terras alimentam a violência, ainda mais quando a isso se soma a percepção de outras variáveis que possam favorecer isso (Silva, 2016).

Arendt (1999) compreende que, para que façamos o bem ao outro, precisamos refletir, já para praticar o mal, não exige julgamento (mesmo que a pessoa seja capaz de fazê-lo). Dejours (2001), estudando a maldade no ambiente de trabalho, observa que se faz necessário o uso da mentira para que ela se perpetue (Silva, 2016). Os conceitos de paz utilizados nestes espaços como o de Kakuma e Kalobeyei não são estáticos e também não há apenas uma forma de compreensão para eles. Apesar disso, todos representam a futuridade de retornar aos seus países de origem sem o medo de perderem suas vidas (Silva, 2016).

5.2.2 Unidade categórica Institucional na emoção medo

A unidade categórica Institucional, citada 47 vezes, é associada ao medo no que diz respeito ao fato como os refugiados são percebidos nos países de acolhimento, à forma como as agências humanitárias se organizam para atendê-los e também à forma como os refugiados reagem a esses outros atores. Isso se dá pelo seguinte motivo:

A migração forçada tornou-se um fato importante na política mundial. A multiplicidade de conflitos intraestatais, desastres naturais e outras ameaças existenciais compeliu muitos a cruzar fronteiras nacionais ou serem deslocados em seus próprios países (Bado, 2015, p. 593, tradução nossa – unidade de análise 2.i.100.1.).

Foi o crescimento de pessoas temendo por suas vidas que fez com que diversas estratégias governamentais e não governamentais fossem desenvolvidas ao longo dos últimos anos (Bado, 2015).

Henri Dunant¹⁰⁸ fundou a Cruz Vermelha em 1862 por acreditar que a organização humanitária precisaria ser neutra para que pudesse ter acesso às vítimas. A concepção abrange que o espaço humanitário deva possuir dimensões físicas e metafóricas que incluam espaço de manobra seguro como corredores humanitários e os Campos de refugiados (Hilhorst; Jansen, 2010).

A definição de refugiado é complexa e, em cada região ou país, segue critérios próprios (Zúniga, 2005), mas a convenção de 1951 relativa ao estatuto do refugiado define [entre outras palavras] refugiado enquanto pessoa que:

[...] devido ao fundado temor de perseguição por motivos de raça¹⁰⁹, religião, nacionalidade, pertença a um determinado grupo social ou opinião política, esteja fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, devido a esse temor, não queira valer-se da proteção daquele país; ou que, não tendo nacionalidade e se encontrando fora do país de residência habitual como resultado de tais acontecimentos, não possa ou, devido a esse temor, não queira voltar para ele (Zúniga, 2005, p. 4 *apud* Galindo, 2000, p. 74, tradução nossa – unidade de análise 2.i.27.1.2.3.).

Essa definição é corroborada por Ochieng (2010), BERKLEY CENTER (2015), Silva (2015), Mwangi (2005), Brown (2008) e Silva (2016).

A categoria jurídica é a primeira a contemplar o ideal de refugiado enquanto uma pessoa deslocada que, à procura de asilo, cruzou uma fronteira internacional devido ao medo de perseguição ou morte (Deramo, 2017). Para administrar os Campos de refugiados, é necessário que se tenha regras bem definidas tanto para os agentes quanto para as pessoas que procuram pela proteção. Para que sejam aceitas, as pessoas precisam cumprir os critérios de elegibilidade, que também as distingue entre cidadãos, migrantes econômicos, daqueles que são diretamente afetados pela violência (Jaji, 2012).

Os funcionários da ONU dizem que a maior preocupação que possuem é o medo gerado pela insegurança como ocorre em ataques terroristas, por exemplo (Kaleda, 2014). Com o crescimento da demanda por refúgio na década de 1990, o ACNUR temia não dar conta de cumprir seu papel devido à falta de recursos financeiros (Crisp, 2017). O Programa Alimentar Mundial – PAM se orgulha de ter conseguido subir o número de calorias diárias por pessoa

¹⁰⁸ Para outras informações sobre a criação do trabalho humanitário, as Convenções que o fundamentam e sobre o Direito Humanitário Internacional, sugiro Harvardx (2020).

¹⁰⁹ Para maiores informações a respeito de emoções, classe e raça, sugiro Wilkins e Pace (2014).

refugiada de 1.400 calorias na década de 1990 para 2.100 calorias apesar de todas as dificuldades que a instituição passa com o aumento do preço dos alimentos e fadiga dos doadores. (Oka, 2011, 2014).

Em Kakuma, as instituições que cuidam de pessoas vivendo com o vírus HIV e aids sentem dificuldade em saber onde são os locais para acessar os infectados, situação que afeta a adesão das pessoas ao teste e ao tratamento em caso de positivo. Constata-se, assim, que as instituições não abordam questões referentes aos medos envolvidos (Gilbert; Cunliffe, 2011). Ao pensarmos nesse processo de ajuda humanitária, é importante que os atores envolvidos compreendam as necessidades dessas populações para que o auxílio possa ser realmente efetivo (Maceira, 2017). O ACNUR é o principal responsável por reuniões semanais e mensais entre as instituições humanitárias que estão envolvidas com os Campos. Ao não dar conta das demandas que possuem, essas instituições não se sentem à vontade para abordá-las junto ao ACNUR, por medo de possíveis más interpretações (Mwangi, 2005).

Compreende-se que foi pelo medo de que os refugiados se estabelecessem em terras férteis que o governo queniano os manteve nas duas zonas fronteiriças e áridas tanto de Kakuma quanto de Dadaab. Devido a esta questão geográfica, eles ficam dependentes das agências humanitárias. Em 1998, o censo demográfico registrou 58.000¹¹⁰ habitantes vivendo em Kakuma, o que é baixo para sua área total, porém, e devido ao medo e afinidades havia regiões com 400 pessoas por hectare (Montclos; Kagwanja, 2000; Mwangi, 2005).

Há uma preocupação com esta questão ocupacional especialmente no que diz respeito à migração dos somalis, que, desde 1960, tentam anexar terras quenianas da província do Nordeste ao seu país. Após o crescimento das migrações de somalis a partir de 1990, esses medos se reacenderam e, junto a eles, o do terrorismo e contrabando de armas de fogo (Crisp, 1999; Burns, 2010; Mwangi, 2005). A presença dos refugiados exprime muitos discursos que envolvem desde hospitalidade até o medo de ataques terroristas (BERKLEY CENTER, 2015; Mwangi, 2005).

Quando se trata da visão que muitos possuem sobre os refugiados, podemos pensar nas concepções de “refugiado indesejável” ou “refugiado da vida nua”, que contemplam o entendimento de que eles esgotam recursos e infraestruturas confundindo seus problemas com outras questões políticas que são utilizadas conforme o interesse nacional (Deramo, 2017). Um exemplo disso é a estigmatização dos povos do Sudão do Sul, que faz com que eles sejam

¹¹⁰ Retomando que até julho de 2020 havia aproximadamente 196.666 pessoas refugiadas em Kakuma e Kalobeyei; tendo Kalobeyei aproximadamente 40.000 refugiados (UNHCR, 2022b).

usados politicamente de modo a despertar sentimentos raciais e medo no restante da população ao Norte, no Sudão. Os sul-sudaneses deslocados em Cartum, Capital do Sudão, sentem diretamente os efeitos da estigmatização ao ponto de temerem por suas vidas (Brown, 2008).

Constata-se que a corrupção é um problema real que afeta todos os níveis que envolvem a proteção aos refugiados: as esferas governamental, humanitária e policial (Jansen, 2008). Além disso, a arbitrariedade estatal também se mostra um desafio na implementação da paz nos países da região. Um caso específico ocorreu após as eleições de 2006 no Sudão, quando uma parte de ex-soldados do SPLM/A¹¹¹ empossados decidiu realizar o desarmamento de um grupo Lou Nuer que vive na região do Alto Nilo. Para tanto, agrediram fisicamente mulheres e crianças que estavam coletando água. Os Nuer, em resposta, iniciaram um tiroteio que, ao fim, terminou com 30 representantes do governo mortos e outros 12 Nuer. Temendo que houvesse um ataque de vingança, forças do Quênia foram acionadas e juntas notificaram o grupo causador dos conflitos por sua ação ilícita (Brown, 2008).

Neste século XXI, os países movem-se de modo a tentar controlar o trabalho das agências humanitárias e moldá-las ao seu interesse interno, enquanto estas, por sua vez, temem perder sua imparcialidade e capacidade de ajudar aqueles que mais precisam (Gilbert; Cunliffe, 2011).

Os refugiados, através de seu *site* “kanere.org”, expressaram suas preocupações, em 2012, com o processo de repatriação encabeçado pelo ACNUR, que pretendia enviar ruandeses de volta ao país sem que estes se sentissem seguros para tal, colocando suas vidas em risco. Eles usam o *site* como forma de expressão contra possíveis injustiças (Kaleda, 2014). Apesar disso, os refugiados temem expressar seus problemas às agências humanitárias devido à violência que muitas vezes foi usada como resposta (Mwangi, 2005). Além disso, se tivessem “poder” de escolha, não ficariam em Kakuma e Dadaab, devido tanto à proximidade com seus países de origem quanto às terríveis condições climáticas das regiões (Mwangi, 2005). Em Dadaab, um dos maiores e mais antigos assentamentos humanitários do mundo, a burocracia é sufocante e, como resposta a ela, os refugiados aprendem os jargões mais usados pelos agentes humanitários como forma de tática a seu favor, entre eles: “determinação do Estado”, “parceiros de implementação” e “medos bem fundamentados” (THE ECONOMIST, 2016). Os refugiados, diante das situações prolongadas de refúgio em que vivem, veem-se dependentes da bondade de doadores e das agências e, assim, sem perspectivas de futuro (THE ECONOMIST, 2016).

¹¹¹ Retomando que os Nuer eram parte do SPLM/A até a divisão do grupo em 1994.

5.2.3 Unidade categórica Gênero na emoção medo

A unidade categórica Gênero, citada 31 vezes, no contexto da emoção medo, é uma categoria que enfatiza questões que envolvem o medo de mulheres de se posicionarem diante de seus direitos, inclusive quanto à escolha do uso de anticoncepcionais e controle de natalidade, de contaminação por IST e de denunciar violências sofridas.

Mesmo mulheres reassentadas em países tidos como “desenvolvidos” sentem os reflexos de uma vida em um local com baixíssimos recursos como um campo de refugiados. Se não bastassem essas dificuldades, alguns homens ainda hoje defendem que as meninas não tenham os mesmos acessos à educação, para que não percam as tradições de seus grupos (El Jack, 2010). A igreja também reforça essa conotação de submissão da esposa diante do marido (Ochieng, 2010). Apesar dessas visões, há mulheres que observam esses acontecimentos e refletem sobre possibilidades de educarem seus filhos e filhas de modo distinto, acreditando em uma educação mais baseada no diálogo e menos no medo e na repreensão física (Deramo, 2017).

A decisão pelo uso de contraceptivos é repleta de problemáticas culturais. Observa-se que muitas mulheres possuem o interesse em fazer uso de métodos contraceptivos, especialmente após terem vários filhos, porém muitos maridos são contrários, e, assim, elas temem perdê-los caso decidam usar algum desses métodos, como é o caso do exemplo a seguir: “Agora estou esperando meu quarto filho com meu segundo marido, e resolvi ter tantos filhos quantos meu marido quiser [...]. Eu sempre bloqueio qualquer pensamento sobre usar contraceptivos” (Kiura, 2014, p. 156, tradução nossa – unidade de análise 2.g.22.2.). Existem algumas barreiras que impedem tais mulheres de procurar esses serviços ofertados nos Campos, como por exemplo, o fato de que elas não podem contar com a confidencialidade. Há vários funcionários que as denunciariam. Sem a confidencialidade, as mulheres ficam expostas ao medo do estigma social e da discriminação (Kiura, 2014). Para alcançarem seu objetivo de modo a não serem pegadas, elas usam como táticas os vendedores de anticoncepcionais clandestinos para que maridos e familiares não fiquem sabendo. Eles são extremamente discretos, conhecem suas clientes e não desejam ser pegos nem pela comunidade, nem pelas instituições (Kiura, 2014). Outro ponto que reforça o não uso dos métodos contraceptivos por mulheres e homens são as informações desconstruídas que muitas vezes são desproporcionais com a realidade e geram medo, manutenção da ignorância, colocam a vida de mulheres em

risco com um excessivo número de gestações e perpetuam a disseminação das IST (Kiura, 2014).

Neste sentido das IST, há uma vasta tentativa de conscientização por parte das agências humanitárias (Ochieng, 2010), que se esforçam para reduzir as contradições na educação sobre sexo e HIV/aids, especialmente entre os jovens. A educação deles possui um misto de insegurança devido ao receio de que incentive a exposição precoce à atividade sexual (Ochieng, 2010). Há ainda a dificuldade dos próprios professores em realizar a educação. Algumas professoras se sentem constrangidas de tratar de determinados assuntos com os meninos. Além disso, a idade deles também é um fator na hora de abordar os assuntos (Ochieng, 2010). Apesar disso, observa-se que professoras católicas possuem maior cuidado ético ao falar sobre sexualidade com os estudantes, compreendendo que isso pode salvar-lhes a vida. Já os professores católicos homens, no geral, defendem que o sexo seguro não deveria ser ensinado, assim como os professores muçulmanos e protestantes, que preferem incutir o medo nos alunos apelando para as IST enquanto castigo de Deus. Há ainda os que reforçam, a partir de suas crenças religiosas, a possibilidade de celibato (Ochieng, 2010). Aqueles que se dedicam à conscientização fazem-se lembrar através de tapeçarias e mensagens espalhadas pelas escolas que remontem informações sobre sexo seguro e prevenção de IST (Ochieng, 2010).

Tanto diretores quanto estudantes do sexo feminino reportaram suas preocupações quanto à presença de professores homens mais jovens devido a problemas anteriores com violência sexual. Um dos pontos destacados por meninas somalis e etíopes a respeito da educação para sexualidade e que as levavam a evitar atividades ao ar livre sobre educação sexual é o fato de temerem a perda de sua virgindade, que é muito importante em suas crenças religiosas e culturais. Além disso, os trajes usados nos esportes as deixam expostas. Uma forma de reduzir os constrangimentos e incentivar os estudantes a apresentarem suas dúvidas a respeito de sexualidade foi a criação de caixas de perguntas (Ochieng, 2010).

A infidelidade feminina é vista com um olhar muito mais negativo do que a masculina. Há um temor alto entre os homens de que ela ocorra. Mesmo quando a infidelidade é apenas uma suspeita, serve como justificativa para que a mulher possa ser agredida por seu companheiro ou mesmo seja morta (Horn, 2010c). Muitas mulheres que sofrem com a Violência por Parceiro Íntimo – VPI preferem buscar ajuda de meios tradicionais do que das agências humanitárias. Isso ocorre pois elas possuem medo de serem retiradas de perto de suas comunidades e líderes. Também há a pressão para que não se procure esse tipo de ajuda (Horn,

2010c). Observa-se que elas se sentem mais motivadas a reportar os casos de violência quando sentem que suas vidas realmente estão ameaçadas (Horn, 2010c).

O fato de que no Campo haja escassez de alimentos e de oportunidades econômicas diferentes para mulheres refugiadas, as quais se veem trabalhando em trabalhos domésticos ilegais ou na prostituição, faz com que elas fiquem mais expostas a casos de violência sexual, seja por parte de empregadores, funcionários das agências ou policiais. Essas mulheres são coagidas a temer serem detidas ou mesmo deportadas. A falta de informação sobre seus direitos e como proceder no caso de abuso sexual por parte dessas autoridades deixam-nas com medo de denunciar (Robbers; Morgan, 2017).

Há campanhas que sensibilizam para a questão da violência sexual e incentivam a busca por serviços jurídicos, porém sem garantias de proteção contra o estigma, a revitimização e traumatização, o que torna tais campanhas ineficazes e mantém as mulheres em situação de temor onde a impunidade prevalece (Robbers; Morgan, 2017). As mulheres refugiadas em Kakuma possuem medo de procurar ajuda ao sofrerem violência de gênero por receio de acabarem estigmatizadas e perderem o apoio do seu grupo étnico. Assim, geralmente elas só o fazem quando percebem que suas vidas estão em risco (Silva, 2016).

O problema da violência sexual contra refugiados e refugiadas é um problema global no qual se revitimiza pessoas que já se encontram extremamente traumatizadas (Silva, 2015), como é o caso do exemplo a seguir: “Desde a época em que sofri uma tentativa de estupro à noite, tenho medo todas as noites e tenho fobia noturna. E mais, é que eu não conheço os caras que tentaram me estuprar. Desconfio de quem fala comigo” (Silva, 2015, p. 51, tradução nossa – unidade de análise 2.g.102.2.).

Outro problema na questão da violência contra a mulher e as tradições é a obrigação do agressor de se casar com a vítima, o que vai contra a Carta Africana dos Direitos Humanos (Silva, 2015). Ser mulher refugiada é sentir que se é privada do

[...] direito à segurança e enfrentando sofrimento contínuo, mas não podemos ajudar nossas vizinhas mesmo quando as ouvimos gritando enquanto são estupradas porque tememos que nossas meninas também sejam estupradas. Fomos avisados pela polícia para não sairmos para ajudar, o que vai contra a cultura somali de ajudar o próximo (Silva, 2015, p. 69, tradução nossa – unidade de análise 2.g.102.3.).

Engana-se quem acredita que a violência sexual ocorre apenas contra meninas e mulheres. Apesar de ser pouco relatada na literatura, ela também ocorre com meninos e homens, como no exemplo do relato a seguir:

Uma noite, enquanto caminhava para casa depois do trabalho, ele foi atacado por um grupo de homens e sodomizado. Imediatamente após a agressão ele foi ao médico, mas estava com muito medo de explicar o que realmente tinha acontecido e recebeu apenas analgésicos básicos. Ele acabou sendo forçado a fechar seu negócio e, quando o conheci, não conseguia andar sozinho à noite por medo de novos ataques (Mwangi, 2005, p. 195, tradução nossa – unidade de análise 2.g.106.13.)¹¹².

5.2.4 Unidade categórica Religião na emoção medo

A unidade categórica Religião, citada 18 vezes no contexto da emoção medo, foi balizada pela compreensão de que, ao observarmos a questão do sul-sudanês¹¹³, ela foi cercada pela imposição da fé islâmica, afetando-os nos contextos mais pessoais, ao ponto de as pessoas temerem ser reconhecidas como cristãs e optarem por fingir ser árabes. As mulheres usavam longos *hijab*, pois temiam as atrocidades que eram cometidas contra homens e mulheres cristãos, inclusive pelas próprias autoridades (Brown, 2008).

Se pensarmos um pouco além, no contexto histórico do século XIX, estima-se que mais de 10.000 escravizados foram enviados para outras partes do mundo a partir de Cartum (hoje capital do Sudão ao Norte, na região que antes contemplava Sudão e Sudão do Sul em uma única colônia). Muitos missionários europeus compravam esses escravizados com o intuito de evangelizá-los na Europa. Essas ações eram tanto incentivadas quanto vistas de modo temeroso por estimular o comércio de escravizados da época (Brown, 2008). Ao redor do mundo, há uma associação da fé islâmica com o terrorismo (Ochieng, 2010). No Quênia, não é diferente, inclusive isso se reflete no microcosmo escolar, no qual conflitos relacionados às crenças religiosas também ocorrem. Essa visão gera medo, preconceito e discriminação (Ochieng, 2010).

Apesar dessas dificuldades encontradas no cenário das crenças religiosas, as pessoas utilizam a ajuda da igreja por acreditarem que esta pode lhes fornecer apoio que os governantes não podem. Veem que a igreja pode ajudar nas questões de doença, haja vista a desconfiança que muitos refugiados e refugiadas sentem de procurar os sistemas de saúde oferecidos, nos quais seus antigos inimigos atuam. “Gravado por Elizabeth Coker, um refugiado sudanês no Egito lamentou: ‘Eles [médicos] retiram o útero para que nossas mulheres nunca deem à luz. Estas são todas as coisas que estamos enfrentando aqui como refugiados’” (Brown, 2008, p. 103, tradução nossa – unidade de análise 2.c.108.3.). Mesmo os árabes que vivem no Sul são

¹¹² Durante a pesquisa de campo em 2015, relataram-me verbalmente sobre a existência de casos de violência sexual contra meninos, mas que as mesmas ficariam subdenunciadas.

¹¹³ Dentro do território Sudanês, antes mesmo da divisão em dois países.

segregados em relação aos do Norte quando buscam por refúgio na região. Essa situação alimenta ainda mais crenças e medos, como o citado acima (Brown, 2008).

Além desses pontos observados, os refugiados e refugiadas enfatizam que há outros motivos para buscarem o apoio das igrejas, entre eles: a fé em um Deus que deseja paz, liberdade e a sabedoria para que o medo não seja reavivado até que se chegue ao lar eterno (Boan *et al.*, 2018). As atividades ministradas pelas igrejas também refletiram sobre a qualidade de vida dos refugiados atendidos, reduzindo o medo, reforçando o senso de comunidade e apresentando um propósito de vida a essas pessoas através da fé. Os pesquisadores observaram que esse propósito, de modo geral, não se conecta ao desejo de repatriação, o que os levou a crer que há uma ligação entre o trauma e a justiça, facilitando a superação do trauma através de uma comunidade coesa, alinhada sob valores como fé e justiça (Boan *et al.*, 2018). Há também a crença na capacidade de a fé curar doenças a partir de experiências pessoais positivas (Brown, 2008).

O crescimento dessa sensação de segurança e cooperação que é construída pelas e entre as igrejas e as demais instituições humanitárias permite que as pessoas se sintam à vontade para frequentarem outras igrejas, reduzindo a sensação de medo que antes predominava (Boan *et al.*, 2018). Os refugiados relembram que antes do apoio, as instituições religiosas possuíam maiores temores de ir além de seus grupos pré-estabelecidos. Hoje elas incentivam a cooperação entre grupos Somalis, Congolese, Burundese, Turkanas, entre outros (Boan *et al.*, 2018), e, inclusive, são as principais acolhedoras da causa LGBTQQICAAPF2K+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink), mesmo que de modo tímido, devido ao receio da rejeição de outros atores e do temor constante de novos conflitos (BERKLEY CENTER, 2015).

5.2.5 Unidade categórica Educação na emoção medo

A respeito da unidade categórica Educação, citada 15 vezes, e a emoção medo, ela se comunica com outras categorias, como já foi apresentado anteriormente. Observa-se uma alta taxa de desistência entre os estudantes, especialmente entre as garotas, que abandonam as escolas a partir dos anos 7º e 8º. No caso delas, constata-se que muitas desejavam saber apenas o suficiente para serem consideradas alfabetizadas, haja vista que possuem temor de não serem consideradas elegíveis para o casamento devido a maiores níveis de instrução, ainda mais em

sociedades que utilizam o casamento forçado como expressão cultural (Khasandi-Telewa, 2007).

Outro ponto que podemos destacar para o abandono escolar são as oportunidades limitadas de emprego e de uso da língua inglesa tão reforçada pelas escolas (Khasandi-Telewa, 2007). Uma questão importante diante de novos aprendizados é que o apoio de professores se faz relevante diante do medo de ser ridicularizado(a) e mesmo agredido(a) por não saber pronunciar corretamente o inglês (Khasandi-Telewa, 2007).

Pesquisar as questões que envolvem o processo de aprendizado, inclusive da língua inglesa, às vezes pode ser um desafio se os estudantes ficarem com medo de que você os esteja espionando de alguma maneira (Khasandi-Telewa, 2007). Isso exige cautela na abordagem e acompanhamento das aulas e das conturbadas discussões a respeito do ensino de línguas. Os resultados advindos dessas pesquisas apresentam pontos que podem ser usados tanto por aqueles líderes, professores e pais que são favoráveis à educação multilíngue quanto por aqueles que a temem (Khasandi-Telewa, 2007).

Entre os que defendem o ensino do inglês, discute-se inclusive a criação de internatos que os impedissem de voltar ao convívio da família ao final do dia, mostrando que o medo da dominância da língua materna é real (Khasandi-Telewa, 2007). Os estudantes, por sua vez, possuem posturas distintas quanto à alfabetização em mais de uma língua, variando entre os que apoiam o ensino do inglês e os que o temem por ser difícil e pelo esquecimento de suas línguas maternas (Khasandi-Telewa, 2007). Observa-se que o principal valor dado à linguagem é o utilitário e monetário. Com raras exceções ouve-se eles expressarem a preocupação com a manutenção da língua materna, afinal: “Não é bom que eles falem somente inglês porque [assim] esquecem sua língua materna” (Khasandi-Telewa, 2007, p. 155, tradução nossa – unidade de análise 2.e.107.7.). Ironicamente, há autores que temeram a perda da língua inglesa no próprio centro colonizador, no Reino Unido, devido ao crescimento no número de estudantes de outras nacionalidades. Chega-se a prever a temerosa possibilidade de que as várias formas de expressão da língua inglesa se tornem inteligíveis, como ocorreu com o latim, neste caso, a solução para eles seria ter pelo menos uma outra língua para comunicar-se. No contexto subsaariano, as mesmas preocupações se estendem ao árabe (Khasandi-Telewa, 2007).

5.2.6 Unidade categórica Identidade na emoção medo

Ao tratarmos da unidade categórica Identidade, citada 14 vezes, no contexto da emoção medo, destaquei que a população local, os Turkanas, temem pela perda de sua identidade cultural, histórica e linguística com o afluxo constante e em grande quantidade de novos chegados de outras regiões. Observam que há refugiados que não respeitam a sua cultura e que os Turkanas mais jovens já não valorizam os mais velhos, bebem álcool e envolvem-se com a prostituição de refugiadas. Apesar disso, a vinda deles trouxe desenvolvimento à região (Jonsson, 2016).

Para os refugiados sul-sudaneses, sua identidade é marcada pela marginalização do seu povo diante da imposição árabe do Norte, permeada por medo e opressão nos deslocamentos de suas terras (Brown, 2008). Nesse sentido, os sistemas tradicionais do grupo étnico Shilluk também se baseiam no respeito aos mais velhos. Além disso, eles não casam entre parentes, como os árabes fazem, e percebem que a incorporação dessas novas características culturais estão os enfraquecendo (Brown, 2008).

Encontramos também aqueles que preferem esconder suas identidades, como é o caso dos ruandeses hutus ou tutsis, que poderiam ser prejudicados pela representação que esses grupos tiveram durante o genocídio em Ruanda (Mwangi, 2005).

Muitos dos que são reassentados em países como os EUA são inundados em uma nova cultura norte-americana ou afro-americana e, assim, acabam perdendo a proficiência em suas línguas maternas, como é o caso da Maay Maay, que pertence à cultura somali Bantu e sobre a qual há um temor de que “desapareça”. Eles consideram a homossexualidade uma “aberração” e não aceitam o casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas, ao se verem em uma nova cultura de caráter liberal, passam a se adaptar (Deramo, 2017).

Não são somente os reassentados que passam por problemas com a adaptação de suas identidades culturais em um novo contexto. As pessoas que já haviam construído suas identidades nesses locais sentem o mesmo, inclusive há casos de pessoas que se chocam ao verem uma pessoa negra. Baseando-se anedoticamente nas elucubrações de Fanon (1975) sobre o colonialismo, mesmo que haja uma impossibilidade de entendimento da língua ao serem reassentados em um país novo como a Austrália, eles

[...] não precisam saber inglês para ter aprendido algo sobre seu lugar na sociedade australiana por meio da interação e da linguagem corporal. [...] seria um erro pensar que os estudantes refugiados, particularmente aqueles que são lidos como pessoas de cor, devido à falta de alfabetização em inglês não tenham aprendido [seu lugar] por meio de suas interações na escola e na sociedade – a sociedade e os educadores podem

desempenhar um papel na direção de quais são essas lições (Ficarra, 2017, p. 77, tradução nossa – unidade de análise 2.id.84.1.).

Apesar de os subordinados verem suas identidades afetadas pela imposição racial desde as sociedades antigas, observa-se que eles já possuíam um grande “poder” de influência na construção dessas mesmas sociedades. Como tática, os povos africanos subjugados possuíam mobilidade em áreas desocupadas, além de contarem com tecnologias agrárias simples de fácil reprodução. Dessa forma, contribuía tanto à ação política quanto nas rotas de fuga de que se utilizavam. Tais condições geravam temor naqueles que dominavam esses povos (Mwangi, 2005).

Não são apenas os cidadãos locais e os refugiados e refugiadas que se questionam quanto às identidades e ao “poder” referentes aos acontecimentos no Campo. Os pesquisadores e pesquisadoras também se sentem afetando e afetados(as) pelas configurações desses espaços. Convivemos com essas pessoas que passam por sofrimentos reais e profundos e, para nós, é impossível não interpretar os medos que sentem (Mwangi, 2005).

Nossas identidades – se somos negros, brancos, homens ou mulheres – afetam como as pessoas se portarão conosco. Isso nos gera o temor de que não confiem em nós por causa dessa representação (Mwangi, 2005; Khasandi-Telewa, 2007). Nesse sentido, ser refugiado é como ser “[...] um espelho que reflete suas dores, seus medos e suas vitórias. [...] também o inquiridor que faz perguntas por vezes difíceis, que procura evidências e padrões” (Deramo, 2017, p.72, tradução nossa – unidade de análise 2.id.73.4.). Essa constatação igualmente coloca nós, “acadêmicos privilegiados”, em uma posição difícil ao escolher quais vozes serão ouvidas e quais conhecimentos serão reproduzidos (Mwangi, 2005).

5.2.7 Unidade categórica Reassentamento na emoção medo

No que diz respeito à unidade categórica Reassentamento, citada 9 vezes, e a emoção medo podemos observar que ela desperta diferentes questões no imaginário dos refugiados e refugiadas. Em uma pesquisa realizada no Campo de Kakuma, a maioria dos participantes demonstrou se sentir otimista com a possibilidade de retornar ao país (73% feliz), mas o medo foi a segunda emoção mais expressa, com 41,3% dos entrevistados, ficando a tristeza com 20,9% e a raiva com 17% (Eidelson; Horn, 2008).

Os processos de assentamento, reassentamento e repatriação muitas vezes envolvem longas idas e vindas, além dos meses e anos de espera, como vimos ao longo desta pesquisa.

Observa-se que, com a situação de refúgio previamente resolvida, os refugiados passam a se concentrar nas questões da vida imediata, deixando aquelas relacionadas ao repatriamento em segundo plano, haja vista que ele também envolve lembranças dolorosas (Beogo *et al.*, 2018). Os refugiados expressam medo de vivenciarem as longas jornadas entre um Campo e outro. Além disso, muitos refugiados enviados para Kakuma não queriam ficar lá e acabavam subornando os motoristas para que fossem deixados ilegalmente em Nairóbi (Verdirame, 1999).

Mesmo em Kakuma, quando há processos de vistoria, veem-se refugiados que possuem algum tipo de problema com as instituições pedindo aos moradores locais para ficarem abrigados em suas casas devido ao medo das consequências caso sejam encontrados. Como o medo é uma emoção constante nos Campos, mesmo aqueles que estão em conformidade com as exigências do ACNUR ficam receosos quanto ao seu futuro, pois entendem que não há segurança na condição de refugiado. Eles e elas, refugiados, constatam que, ao fugirem da violência, acabam não encontrando segurança nos Campos: “Foi uma vida de medo constante onde até mesmo aqueles que se sentiam seguros porque detinham [critérios] adequados de refugiados muitas vezes acabavam descobrindo que sua sensação de segurança não se justificava” (Verdirame, 1999, p. 73, tradução nossa – unidade de análise 2.r.2.3.).

Esses medos se justificam por situações em que há relatórios, como da *Human Right Watch*, que citam casos de repatriação forçada de refugiados à Somália (BERKLEY CENTER, 2015). Isso ocorre sem levar em consideração que muitos refugiados passaram a maior parte da vida no Quênia e que possuem maior identificação com seu país hospedeiro do que com sua terra natal. Por outro lado, há aqueles e aquelas que gostariam de voltar, mas que temem por suas vidas devido aos conflitos que ainda são existentes e pela falta de recursos (BERKLEY CENTER, 2015). Há ainda aqueles que foram filiados a movimentos rebeldes no passado e que veem que não podem retornar ao país de origem por verem suas vidas em risco (Jansen, 2016).

5.3 EMOÇÃO RAIVA

A raiva se manifesta desde situações verbais até a violência física em si. Foi citada 63 vezes nos documentos selecionados, e a sua interpretação rendeu 8 unidades categóricas. São elas: Violência, citada 24 vezes; Institucional, citada 14 vezes; Outros, citada 8 vezes; Gênero, citada 5 vezes; Reassentamento citada 4 vezes; Religião e Educação, citadas 3 vezes cada e Identidade, citada 2 vezes. Todas as citações correspondentes à unidade categórica Outros, 6, foram referências bibliográficas, e houve 2 referentes a instruções de pesquisa.

Resumo analítico da emoção raiva: De início já podemos pré-concluir que obviamente o que não falta na vida de um(a) refugiado(a) são motivos que o(a) faça sentir raiva. A raiva se mostrou uma das emoções negativas mais verbalizadas pelos(as) refugiados(as). Assim como as outras emoções, esta também possui relação com eventos tanto anteriores aos Campos quanto nestes locais. A raiva se manifesta desde situações verbais até a violência física em si. Muitas das queixas que os refugiados apresentam de uns para outros são semelhantes, considerando as situações que vivenciam. São grupos que estão emocionalmente fragilizados e que alimentam crenças que não condizem com a realidade, bem como desconfiança, tristeza, vergonha e raiva. Ficam vulneráveis a grupos maiores e mais fortes que os incentivam conforme seus interesses. Um exemplo disso é o caso citado anteriormente e que ocorreu no Quênia, 2012, em Kilengwani, onde grupos locais que possuíam suas rivalidades, mas também parentesco e troca mercantil, começaram a atacar-se sob novas configurações. Nisto, mataram mulheres e crianças de modo indiscriminado. A raiva pode ser sentida tanto por quem sofre a violência e precisa fugir para sobreviver quanto por quem recebe essas pessoas, pois passa a ter suas configurações afetadas pela presença desses novos elementos, ainda mais quando se trata de manter os grupos conflituosos vivendo no mesmo espaço e trazendo aspectos dessa violência que afetam tanto o novo local quanto as pessoas. A raiva também é alimentada por situações de beneficiamento de um grupo em detrimento do outro, ou “tribalismo”. A princípio dizer que os homens são mais propensos a transformar a frustração em raiva e violência por não suprirem as expectativas familiar e do grupo pode parecer sexista, mas as informações nos mostram que essa escolha comportamental é muito mais adotada por eles do que por elas. Nesses casos, os próprios refugiados percebem que homens que ficam ruminando situações “[...] são mais propensos a se tornarem violentos” (Horn, 2010b, p. 370, tradução nossa – unidade de análise 3.v.12.8.9.). E eles deslocam essa violência para suas famílias em muitos casos. Quando as mulheres se casam sem o consentimento familiar e do grupo ficam ainda mais suscetíveis a essas agressões. Para lidar com emoções desagradáveis como a raiva, as mulheres procuram encontrar outras soluções de modo mais resiliente, como por exemplo, novas formas de subsistência na educação e na religião. Do ponto de vista institucional, eles e elas sentem raiva por serem tratados de modo dicotomizado como vítimas esperançosas ou raivosas, deixando de serem considerados por suas particularidades pessoais e grupais. Os refugiados se sentem expostos quando tentam denunciar as irregularidades, o que os deixa com raiva. Observam, inclusive, como esses ciclos de violência tornam as pessoas raivosas, como é o caso do reconhecimento do sofrimento dos combatentes do LRA, que são considerados extremamente

cruéis devido ao fato de viverem imersos nessa perpetuação da violência. Nesse sentido, também podemos incluir a raiva expressa violentamente por grupos como o Al Shabaab, que vitimiza pessoas totalmente alheias à sua causa religiosa e espalha o medo pelo Quênia. A impossibilidade de viver suas normalidades, inclusive alimentar, também os deixa com raiva. A religião demonstra ter o papel de trazer um pouco da normalidade de volta e a conexão com suas culturas, diminuindo assim emoções negativas através desse senso de pertencimento e acalmando os grupos na ocorrência de conflitos. Os líderes, diante de situações violentas, adentram “[...] no território inimigo para oferecer condolências, reconciliação e demonstrar normalidade e, portanto, a segurança no desenvolvimento de inter-relações pacíficas” (Brown, 2008, p. 60, tradução nossa – unidade de análise 3.c.108.3.). A raiva em torno da educação gira em vários sentidos. Temos os conflitos gerados pela hegemonia do ensino do inglês e do árabe, que oprime a manutenção de línguas-mães, fazendo com que mesmo quem não tenha condições financeiras faça cursos para se adequar às exigências e sentir-se aceito e ter oportunidades. Até mesmo aqueles que já alcançaram todos os requisitos se sentem com raiva por ver que não há espaço no universo do trabalho e do empreendimento para suas habilidades.

5.3.1 Unidade categórica Violência na emoção raiva

A unidade categórica Violência foi a que apresentou mais citações, foram 24 vezes. Como apresentamos anteriormente, com base em vários autores, a emoção raiva e expressões violentas andam juntas em espaços como esses. Nos estudos em saúde mental, sabe-se que “crenças disfuncionais” – verdades que carregamos e que não condizem com o mundo ao nosso redor e, dessa forma, prejudicam nossa tomada de decisão, por mais racional que achemos que esta seja – fazem com que acabemos guiados

[...] pelo “tribalismo”, pela raiva, pelo orgulho, pelo ódio, pelo medo e rancor e que “desumanizam” nossos “inimigos”. Porém, ao compreendermos os sofrimentos existentes nessas formas de relações sociais e de nos usarmos de sentimentos empáticos, passamos a assimilar que o sofrimento e a dor que a minha “identidade eu-nós” sente, em muito se assemelha ao “deles” (Silva, 2016, p. 194, aspas da autora – unidade de análise 3.v.109.4.).

Esses grupos já tão emocionalmente fragilizados pelos problemas que enfrentam se tornam vulneráveis nas mãos de instituições e grupos maiores que incentivam os conflitos violentos entre eles. Um exemplo dessa constatação foi o ataque ocorrido em Kilelengwani, na costa Leste queniana, onde, no ano de 2012, tive uma das experiências mais impactantes da minha vida ao acompanhar de perto o ocorrido entre dois grupos locais que se atacaram. Retratei

essa experiência na minha Dissertação de mestrado (Silva, 2016). Tais grupos, de um lado pastores e de outro agricultores, compartilham parentesco e mercadorias. Não é incomum entrarem em conflitos entre homens, porém, naquele ano, um dos grupos invadiu o vilarejo no momento em que os homens estavam na Mesquita, e estes foram trancados lá. Do outro lado, na pequena área destinada às mulheres, esfaquearam estas e as crianças que com elas estavam. Neste mesmo momento, outra parte do grupo esfaqueava pessoas nas casas e ateava fogo. Foi um ano marcado por violências desproporcionais, que deixavam policiais e agências humanitárias em choque. Ironicamente, com os vilarejos sendo destruídos e/ou ameaçados pelos ataques, esses mesmos grupos precisaram refugiar-se nos mesmos espaços sob os cuidados de instituições humanitárias. Houve 38 mortos naquele ataque, e acredita-se que, pelas características da crueldade, não se tratou de uma manifestação de “raiva tribal”, mas sim de algo incentivado por alguém de fora e que se beneficiaria com o enfraquecimento tribal almejado. Esses grupos entendem que, quando os ataques envolvem mulheres e crianças, que representam a perpetuação da identidade do grupo, eles ocorrem com o intuito de limpeza étnica (Silva, 2016; Gatehouse, 2012; Silva Krüger, 2012, 2015e). Nesse sentido, tanto quem migra forçadamente quanto quem recebe, de modo despreparado, esses migrantes passam a apresentar emoções relacionadas a ódio, injustiça e impunidade (Silva, 2016).

Esses ambientes são tão ricos em desconfiança mútua e discursos de violência que não é incomum vermos os jovens se envolverem em episódios de violência devido à raiva não resolvida, muitas vezes desencadeados por situações muito básicas, como jogos de futebol, mas que acabam tomando proporções muito maiores. Um exemplo de “violência extrema” aparentemente desencadeado por algo simples e que tomou proporções assustadoras ocorreu em 6 de setembro de 1998 no Campo de Kakuma, quando, no final de uma tarde, os funcionários do ACNUR foram surpreendidos com um confronto entre somalis e sudaneses, que acabou em mortes e queima de lojas e abrigos dentro do Campo (Brown, 2008).

Outro ponto que alimenta a desconfiança e a situação de raiva entre os grupos étnicos é o favorecimento que as lideranças locais alimentam. Um exemplo disso ocorreu quando o ACNUR doou bicicletas aos líderes da comunidade Nuer para que fossem igualmente divididas entre os membros dos grupos no intuito de serem usadas especialmente como modo de renda. Apesar das orientações, elas foram dadas aos membros familiares e a outros líderes gerando um grande conflito violento com várias mortes. As forças de segurança e de paz não quiseram intervir, restando à polícia tal obrigação de resolver os confrontos (Brown, 2008).

Essa relação entre os homens e a violência pode parecer preconceituosa e sexista em um primeiro momento, mas, de modo geral, os pesquisadores e pesquisadoras observam que homens tendem a resolver seus problemas e quebras de paradigmas com maior agressividade e menor efetividade do que as mulheres. Nessa constatação, precisamos relevar, dentre os fatores psicológicos e emocionais que fortalecem esses atos dentro do espaço do Campo, o fato de que os homens se veem [novamente] impotentes e violados ao viverem nos Campos de refugiados. Informam que a destruição de sua cultura, a escassez de alimentos e o longo tempo vivido em situação de refúgio os deixa sem esperanças quanto a oportunidades de trabalho, de reassentamento em um novo país ou de um retorno à normalidade de outrora. Esses homens tornam-se, portanto, mais irritáveis, inclusive com a família, expressando sua raiva contra os mais próximos e mais fracos (Horn, 2010b).

A ruminação é um comportamento característico de pessoas que vivenciam um processo de estresse extremo, porém só tende a agravar a situação, pois mantém os efeitos desse estresse. Conforme observa um dos próprios refugiados estudados: “Homens que pensam muito são mais propensos a se tornarem violentos [...]” (Horn, 2010b, p. 370, tradução nossa – unidade de análise 3.v.12.8.9.). A arquitetura organizacional do Campo demonstra contribuir para o tédio, a ruminação, a desesperança e a raiva. Outras duas características que se destacam como resultados dessa situação são o alcoolismo e o uso de drogas ilícitas (Horn, 2010b).

Já as mulheres expressam outras formas de lidar com a raiva, que também geralmente vem acompanhada dos demais aspectos enfatizados pelo contexto do Campo. Elas demonstram uma maior resiliência ao aceitarem a sua condição atual de refugiadas, tentando viver esse momento presente¹¹⁴ do melhor modo possível. Como no exemplo de uma refugiada que atualmente, considerando-se mais madura, compreende que ficar alimentando a esperança por retornar ao país a deixava triste e zangada (Deramo, 2017).

Meus sentimentos juvenis de bem-aventurança há muito diminuíram. Enquanto eu permanecia uma pessoa otimista e esperançosa, muitas vezes me sentia triste e com raiva, e incapaz de expressar qualquer um dos dois. Continuei servindo agora como mãe, esposa e administradora, criando experiências para outras pessoas: minha família, alunos [...] (Deramo, 2017, p. x, tradução nossa – unidade de análise 3.v.73.1a.).

A partir de tudo que já discutimos, observa-se que a emoção raiva é usada para descrever a experiência de se tornar um refugiado e seus efeitos psicológicos. Raiva e depressão são

¹¹⁴ É interessante ressaltar que essa capacidade de resiliência em aceitar a situação atual e procurar vivê-la de modo inteiro é um dos aspectos trabalhados na Psicologia com o intuito de redução do estresse e melhoria da qualidade de vida (Frankl, 2021).

sentidas pelos refugiados pois suas desventuras começam com a fuga da guerra, da perseguição e da perda de contato com pessoas próximas e com sua cultura. A partir desse momento, a procura por refúgio é precária, e a vida nos Campos com os demais refugiados é repleta de mal-estar. Por estarem traumatizados, os refugiados são afetados negativamente em seu bem-estar emocional, físico, econômico e social. Nesse sentido, estudos evidenciam que políticas focadas na educação atuam positivamente na redução de problemas psicossociais durante o processo de adaptação (Beogo *et al.*, 2018).

Os próprios refugiados reconhecem que há muitas causas possíveis no que diz respeito ao descontrole da raiva vinculada à violência: possíveis insultos são prontamente revidados com raiva, outros aborrecimentos, frustrações contínuas, percepção de injustiça, movimento restringido, falta de oportunidades de trabalho, estudo e reassentamento, amargura pelos acontecimentos do passado em especial no que tange à perda de familiares e terras para os conflitos, falta de recursos como água e segurança e inveja pelo que outros alcançam. Esse contexto leva a sintomas como insônia, tentativas de suicídio, isolamento social e choro. Tudo isso só aumenta as emoções negativas, que, muitas vezes, somadas ao alcoolismo e ao uso de drogas, aumentam a probabilidade de atos violentos (Horn, 2010a).

Em uma pesquisa que se ocupou dos principais problemas emocionais que os refugiados do Campo de Kakuma apresentam, a desesperança, o medo, a tristeza, a raiva, a agressividade e a preocupação estavam entre eles. A pesquisa demonstrou que a maior parte dessas emoções são despertadas pelos acontecimentos no próprio Campo, todavia a tristeza e a mágoa possuem maior relação com perdas e experiências anteriores ao deslocamento. A “‘perda de entes queridos’ foi a causa de problemas emocionais mais citada pelos informantes-chave; experiências de perda parecem desempenhar um grande papel nos problemas emocionais dos refugiados em Kakuma” (Horn, 2010a, p. 22, tradução nossa – unidade de análise 3.v.9.11.). Isso demonstra que tanto o estresse atual quanto o anterior ao Campo impactam diretamente tanto nas emoções negativas expressas quanto em suas expressões violentas. Foi observado que intervenções psicossociais, que abordem os problemas emocionais, são tão importantes quanto programas que abordem e atendam questões materiais e de segurança e que juntas aumentariam o bem-estar dos refugiados e refugiadas (Horn, 2010a).

5.3.2 Unidade categórica Institucional na emoção raiva

Quanto à unidade categórica Institucional, citada 14 vezes, talvez um dos pontos mais relevantes seja o fato de que, quando tratamos de emoções no contexto de pessoas vivendo situação de refúgio, é fundamental que entendamos os refugiados e refugiadas como seres humanos complexos e não como “rótulos dicotômicos”: apolíticos, raivosos e/ou vítimas esperançosas. O *site* “kanere.org”, administrado por eles, traz essa possibilidade de observá-los como parte dessa “teia de interdependências¹¹⁵” (Silva, 2016). Eles expressam com riqueza e muitas vezes raiva a forma como veem os acontecimentos e, também, como querem que o Ocidente veja, inclusive no que diz respeito ao abuso por parte das autoridades, o que gera animosidade em ambos os lados. São ao mesmo tempo jornalistas e refugiados que colocam suas vidas em riscos ao se exporem publicamente. Essa exposição tanto deles quanto das pessoas que denunciam gera desentendimentos, irritação e processos judiciais (Kaleda, 2014). Os refugiados se expressam com raiva, implorando, criticando e reclamando, pois veem outras possibilidades para a forma de executarem as ajudas que recebem, exigindo que sejam ouvidos (Mwangi, 2005). Isso é perceptível nas várias expressões de raiva que são expressas em Kakuma e Kalobeyei.

Um exemplo interessante que emergiu da literatura foi o povo Gosha (somalis Bantu), que sofreu com a escravidão e marginalização. Apesar da raiva interna gerada, eles se esforçaram em não sucumbir à revolução armada. Utilizando-se de lemas: igualdade, dignidade, autoconfiança e orgulho, esses agricultores e produtores valeram-se de táticas mais sutis para se enraizar em meio à hegemonia, atravessando as estruturas sociais e culturais de seu país (Deramo, 2017). Há relatos de refugiados e cidadãos locais direcionando raiva e ódio às ONGs, acusando-as de serem racistas e não empatizarem com seus valores culturais (Aukot, 2003).

Por outro lado, temos o relato da raiva sentida por um refugiado sul-sudanês de testemunhar o profundo sofrimento emocional em que se encontram os combatentes do LRA devido aos atos bárbaros e cruéis destes. Ele entende que os horrores das guerras moldaram os esquemas psicológicos desses combatentes para considerar o ser humano como inimigo, e isso os tortura constantemente. Agindo à noite, o grupo comete grandes destruições, como a queima de casas. Em civis eles procuram não fazer uso de armas automáticas e preferem esquarterar as pessoas, não poupando mulheres e crianças (Brown, 2008).

¹¹⁵ Conceito utilizado por Norbert Elias (2008) para definir a complexidade de relações que permeiam o agir humano.

A qualidade e quantidade de alimentos geram raiva por diferentes motivos entre os envolvidos com o Campo. Para os agentes humanitários, há uma enorme pressão para que fechem os mercados clandestinos de alimentos doados e que são vendidos pelos refugiados. Para os refugiados, a raiva se manifesta por entenderem que os agentes e as instituições como o Programa Alimentar Mundial – PAM e a Federação Luterana Mundial – FLM não se importam com a péssima qualidade dos alimentos que servem. Essa raiva já se transformou em violência contra eles antes. Determinados alimentos como feijão e milho geralmente são servidos juntos em um prato típico das regiões rurais e pobres da Somália, que é conhecido como *cumbuulo*. Já os somalis que estão em Kakuma, em sua maioria, são deslocados das áreas urbanas e estão acostumados com uma dieta variada, mais cosmopolita. Eles sentem raiva por serem forçados a aceitar alimentos que não condizem com suas normalidades. “Embora muitos trabalhadores humanitários no local estejam irritados e frustrados com o mercado negro, eles também entendem os benefícios do consumo muito melhor do que as políticas oficiais e o discurso de ajuda sugerem.” (Oka, 2014, p. 34, tradução nossa – unidade de análise 3.i.21.6.). Por outro lado, o uso desses alimentos gera um vasto mercado que envolve crédito e dívidas com varejistas e que ajuda a fornecer alguma fonte de dinheiro para os refugiados mais pobres, que não teriam acesso a outras formas de alimento se não fosse por essa troca, inclusive porque as instituições não teriam condições de fornecer bens comerciais de custos mais elevados a essa vasta população (Oka, 2014).

5.3.3 Unidade categórica Religião na emoção raiva

Ao tratarmos da unidade categórica Religião, citada 4 vezes, observamos que a religião tem impacto positivo no controle da raiva dos refugiados. Os líderes religiosos têm como intuito impedir e resolver conflitos a fim de evitar que se transformem em confrontos [mais] violentos, trazendo alguma sensação de segurança aos refugiados. O trabalho desses líderes reforça a identificação de grupo e, diante de tais conflitos, que muitas vezes levam a mortes, volta-se para reprimir a raiva e trazer palavras em busca da paz. Líderes religiosos usam seu “poder” para aplacar ações destrutivas, como os comportamentos vistos entre os Dinka e Nuer do Sudão do Sul, por exemplo. Se usarmos somente esse caso como exemplo, conseguimos entender que vivenciamos um intercâmbio cultural, que apresenta que a representatividade grupal também pode ser usada como forma apaziguadora quando a raiva, paixões inflamadas e danos pessoais exagerados se transformam em formas de “violência extrema”, gerando medo constante de

ataques em ambos os lados. Nesses casos, quando os danos são inevitáveis, os líderes de ambos os lados, a fim de evitarem o agravamento da situação, arriscam-se “[...]no ‘território inimigo’ para oferecer condolências pessoais e compartilhar a dor e o luto, ao mesmo tempo em que pedem à comunidade para que se una pela paz [...]” (Brown, 2008, p. 60-61, aspas do autor, tradução nossa – unidade de análise 3.c.108.3.).

5.3.4 Unidade categórica Gênero na emoção raiva

No que concerne à unidade categórica Gênero e raiva, citada 5 vezes, ela aborda as mudanças abruptas nos papéis de gênero que são causadas pela chegada dos refugiados e refugiadas aos Campos, que, por sua vez, são regidos por regras ocidentais, vistas pelos homens como uma das causas da violência intrafamiliar. Justificam isso devido ao empoderamento feminino que faz com que as mulheres passem a desafiar as tradições e os seus maridos. Nisso: “O homem fica com raiva, se sua esposa te diz ‘você não me controla’, você tem que ficar com raiva [...]” (Horn, 2010b, p. 368, tradução nossa – unidade de análise 3.g.12.4.5.). Parte da queixa não é quanto às mudanças em si, mas à velocidade em que ocorrem (Horn, 2010b). Cada etnia possui suas tradições. Casais que se casam sem o consentimento dos familiares deixam estes irritados e, conseqüentemente, não recebem o suporte necessário. Isso inclui o dote que a família da noiva deveria receber. Com a inclusão de outros elementos como recursos limitados, a possibilidade de violência se agrava (Horn, 2010b). A dependência das agências humanitárias para praticamente tudo, tirando esse papel masculino de provedor, é considerada um dos pontos que leva os homens a sentirem raiva e aumenta a violência. A infidelidade feminina é outro ponto que gera raiva em muitos homens. Ela seria a denúncia de que este marido não está fazendo o seu papel, inclusive de provedor e protetor do lar, o que incentivaria a violência. “Um participante descreveu o medo de um homem de perder a esposa desta forma: Ele sente raiva, pode até matá-la ... Não só porque está com ciúmes, mas porque sente que não tem nada para lhe dar, então acredita que você vai procurar outro homem [...]” (Horn, 2010b, p. 367, tradução nossa – unidade de análise 3.g.12.3.).

5.3.5 Unidade categórica Reassentamento na emoção raiva

A respeito da unidade categórica Reassentamento, ela foi citada 4 vezes, e a raiva sobre voltar ao país de origem foi referida por 17% dos entrevistados da pesquisa (Eidelson; Horn,

2008). Essa situação estática e de dependência para repatriação ou realocação na qual se encontram os refugiados leva a emoções negativas como a frustração e a raiva e/ou vitimização. Essas emoções geram comportamentos de conflitos intrafamiliares e sociais com outras etnias (Oka, 2011). A raiva e a frustração sentidas por um refugiado sul-sudanês após diversas dificuldades enfrentadas durante o reassentamento no Canadá são vividas também por outros refugiados que romantizam a ida para um país dito “desenvolvido” acreditando que essa oportunidade será a solução para uma vida de paz. Além de se depararem com a realidade que é muito diferente, ao regressarem aos vilarejos do qual fazem parte, descobrem que lá não há muitas oportunidades (Grabska; Fanjoy, 2015).

5.3.6 Unidade categórica Educação na emoção raiva

No que tange à unidade categórica Educação, citada 3 vezes, a raiva é expressa quanto à discordância em torno de como deve ser a educação de crianças multilíngues, o que é tenso (Khasandi-Telewa, 2007), inclusive quando se discute que o motivo de as pessoas estarem em Kakuma é o fato de que a educação está entre as melhores da região. Isso serve de justificativa para alguns entenderem por que pessoas de outros Campos migram para Kakuma, enquanto que, para outros, não há justificativa aceitável para isso, haja vista as demais dificuldades vividas (Tagenbos; Büscher, 2017).

5.3.7 Unidade categórica Identidade na emoção raiva

No que diz respeito à unidade categórica Identidade, citada 2 vezes, o trecho em especial não trata especificamente dos Campos, mas da raiva sentida pelos extremistas que atacaram a revista satírica francesa Charlie Hebdo em maio de 2015, após sentirem sua identidade de grupo e religiosa agredida pela sátira sobre o profeta Maomé¹¹⁶. Tal assunto está conectado a uma família muçulmana, somali bantu, que foi reassentada e que, através das redes sociais, vinha até então expressando sua cultura de modo afirmativo junto ao trabalho de “sustentabilidade cultural”. Há, também, comentários ofensivos e até raivosos quanto ao interesse de refugiados e refugiadas em manter características culturais como o uso das vestimentas tradicionais (Deramo, 2017).

¹¹⁶ Para maiores informações sobre o atentado e a repercussão dessas charges sugiro Moraes e Santos (2016).

5.4 EMOÇÃO TRISTEZA

A emoção tristeza é citada 38 vezes nos documentos estudados. A sua interpretação rendeu 8 unidades categóricas. São elas: Violência, citadas 16 vezes; Outros, citada 7 vezes; Reassentamento, citada 5 vezes; Educação, citada 3 vezes; Religião, Gênero e Institucional, citadas 2 vezes cada; e Identidade, citada 1 vez. Todas as citações correspondentes à unidade categórica Outros foram referentes a informações de pesquisa.

Resumo analítico da emoção tristeza: Entre os refugiados e refugiadas, a perda de bens, *status* e pessoas importantes parece ser o principal motivo para sentirem tristeza. Sendo que emoções despertadas por perdas são emoções difíceis de superar. Alimentar expectativas de sonhos que talvez não sejam supridos antecipa tristeza e raiva, como se pode constatar no exemplo a seguir: “Meus sentimentos juvenis de bem-aventurança há muito diminuíram. Enquanto eu permanecia uma pessoa otimista e esperançosa, muitas vezes me sentia triste e com raiva, e incapaz de expressar qualquer um dos dois” (Deramo, 2017, p. x, tradução nossa – unidade de análise 4.v.73.1a.). O comer também é um ato emocional, que nos reporta ao que gostamos e à possibilidade de compartilhar isso com outros, reforçando nossas relações de solidariedade, inclusive em momentos difíceis. É também usado como forma de diminuir a tristeza. Não alcançar os níveis exigidos da educação em inglês é algo que gera tristeza, pois é o que se espera dos estudantes. As mulheres expressam tristeza por se verem em uma situação de vulnerabilidade. A religião novamente se mostra uma forma de diminuir essa emoção. “A emoção está dentro. Peço a Deus que mude essa emoção” (Gladden, 2013, p. 76, tradução nossa – unidade de análise 4.v.20.1.). Há tristeza quando se observa o enfraquecimento da identidade enquanto povo africano que se deixa subjugar pelos “brancos”.

5.4.1 Unidade categórica Violência na emoção tristeza

A unidade categórica Violência é de longe a que mais consegui relacionar com expressão da emoção tristeza. Em uma pesquisa realizada em Kakuma em 2010, para estudo das emoções, a tristeza ficou entre as cinco emoções mais verbalizadas pelos refugiados (desesperança, medo, tristeza, raiva/agressão e preocupação). Tanto a situação atual que envolve a falta de bens materiais e de segurança quanto os acontecimentos traumáticos do passado pesam sobre essas emoções. Atribui-se a esse conjunto de situações considerável parcela dos comportamentos antissociais que muitas dessas pessoas apresentam. Ações voltadas

à melhora dessas questões reduziriam os problemas de violência. “Esses achados também sugerem que alguns comportamentos antissociais que contribuem para problemas dentro e entre comunidades em Kakuma se devem em parte a problemas emocionais; se assim for, abordar os problemas emocionais seria um uso valioso de recursos” (Horn, 2010a, p. 24-25, tradução nossa – unidade de análise 4.v.9.1.).

Dentre as situações que despertam a emoção tristeza, os refugiados e refugiadas informam que surge quando se lembram de algo que foi perdido. Isso inclui desde a perda de suas propriedades, do que tinham à disposição em suas casas, alimentos e trabalho, tudo isso quando comparado com a situação de refúgio. Também ocorre ao lembrarem das pessoas que ficaram nos países de origem, que foram mortas ou ainda as experiências negativas que sofreram ou viram alguém sofrer: “Vimos nossas irmãs serem estupradas e não podemos esquecer” (Horn, 2010a, p. 13, tradução nossa – unidade de análise 4.v.9.3.4.5.6.7.8.9.10.).

Mesmo que muitas emoções negativas sejam despertadas pelos acontecimentos do Campo, a tristeza e a mágoa possuem um papel central nos problemas emocionais vinculados aos acontecimentos anteriores ao Campo, em especial a perda de pessoas queridas para a guerra (Horn, 2010a; Verdirame, 1999; Wu, 2016). A tristeza e o trauma andam juntos (Deramo, 2017; Silva, 2016). Outra refugiada afirma que, enquanto mantinha expectativas, por vezes sentia-se aborrecida, mas que hoje superou essas expectativas e que se dedica a viver para o bem do marido, dos filhos e das demais pessoas do seu vínculo social (Deramo, 2017).

Refugiados e refugiadas reconhecem que muitas vezes a tristeza segue sem motivo evidente, haja vista a quantidade de dificuldades que enfrentam diariamente no Campo. As dores que desencadeiam a tristeza não ficam só na nostalgia do passado (Horn, 2010a). A guerra nos países continua existindo, e, com ela, chegam as notícias de novas mortes e destruições (Horn, 2010a; Oka, 2011; Grabska; Fanjoy, 2015). A desesperança na possibilidade de retorno ao lar também gera tristeza. Ficar em Kakuma para muitos deles parece insuportável, mas retornar ao Lar é impossível. Seus sonhos são constantemente frustrados, e as pessoas passam a se isolar, o que aumenta o ciclo de tristeza (Horn, 2010a). Considerando a tristeza sentida por essas injustiças sofridas, a educação no processo de reassentamento em um país dito “desenvolvido” se apresenta como forma de superação e também como forma de reconstruir suas esperanças por uma vida digna diante das tristezas e incertezas da vida (El Jack, 2010).

5.4.2 Unidade categórica Reassentamento na emoção tristeza

No que diz respeito à unidade categórica Reassentamento, outra pesquisa observa que apesar de a maioria dos refugiados entrevistados apresentarem emoções positivas quanto à possibilidade de retorno ao país de origem, 20,9% deles(as) expressaram tristeza ao pensarem a respeito (Eidelson; Horn, 2008). Essa tristeza se dá pela desesperança em acreditar que o país se tornará seguro o suficiente para isso. Diante disso, eles tentam recuperar parte da normalidade de suas vidas pregressas. Os alimentos são relatados como forma de diminuir a emoção tristeza entre os refugiados. A aquisição de alimentos que compunham suas normalidades nos países de origem e a procura por uma vida digna têm uma relação direta com os acontecimentos cotidianos do Campo (Oka, 2011, 2014). O ato de comer representa tanto sobrevivência quanto acalento e, também, resistência ao que é instituído pelo ACNUR. Um exemplo dessa afirmação foi observado no aumento do consumo de alimentos reconfortantes nos dias seguintes ao recebimento de uma notícia triste a respeito de refugiados que tiveram suas possibilidades de reassentamento para outros países rejeitadas. Notícias como essas reforçam os laços de solidariedade entre os refugiados, que, momentaneamente, diminuem as conflituosidades existentes para se consolarem mutuamente (Crisp, 1999).

5.4.3 Unidade categórica Educação na emoção tristeza

No que tange à emoção tristeza e à unidade categórica Educação, outras constatações infelizes dizem respeito à escolarização em todos os níveis, o que inclui: a triste constatação de que a escola não tinha mingau para oferecer aos estudantes (Khasandi-Telewa, 2007); a hegemonia da língua inglesa em provas e exames nacionais que desclassificam alunos que não a usem, mesmo que suas respostas estejam certas (Khasandi-Telewa, 2007); a infelicidade de constatar que são poucos refugiados que conseguem um diploma de graduação e que, mesmo entre estes, vários não conseguirão um espaço no mercado formal por serem considerados superqualificados, ou ainda, por não possuírem o preparo necessário para empreender sozinhos (Mwangi, 2005).

5.4.4 Unidade categórica Gênero na emoção tristeza

A unidade categórica Gênero tem na emoção tristeza a manifestação da estigmatização do ser negra, ser refugiada e ser mulher em um ambiente tão hostil e violento. Um dos estudos relata o compartilhamento do sentimento de insegurança diante da grandeza da problemática dos crimes sexuais e as consequências disso: “Foi durante a noite; um refugiado veio à minha casa e me deu um soco. Ele me arrastou de casa e me estuprou a poucos metros dela até eu perder a consciência. Desde o momento deste incidente, sofri muitos problemas” (Silva, 2015, p. 48, tradução nossa – unidade de análise 4.g.102.2.). Outro estudo aborda a sensação de tristeza que uma refugiada sentiu em sua formatura quando serviu de referência para mostrar às outras jovens que, se elas engravidassem, não teriam chances de ir para a faculdade (o que a mesma mais tarde provou ser possível) (Deramo, 2017).

5.4.5 Unidade categórica Institucional na emoção tristeza

Os dois trechos que associam tristeza com questões da unidade categórica Institucional dizem respeito ao resultado das ações afirmativas do ACNUR diretamente. O primeiro deles critica a marginalização dos oficiais do governo quenianos quanto à sua participação nos assuntos dos refugiados, o que resultou em ressentimento e apatia quanto à causa (Verdirame, 1999). O segundo critica os restos de abrigos temporários pré-fabricados utilizados pelas agências humanitárias, os quais se tornam “lembranças tristes” de recursos que não foram usados da melhor forma, pois não são baratos, não são duráveis e não apresentam instruções de descarte após o uso (Maceira, 2017).

5.4.6 Unidade categórica Religião na emoção tristeza

No que diz respeito à unidade categórica Religião, os dois pontos relacionados com a tristeza enfatizam o relato de mulheres refugiadas de que, com frequência, para superar a tristeza e outras emoções negativas, buscam a fé em Deus, na bíblia e nas pessoas da igreja, quando disponíveis. Tais mulheres relatam que fazem da mesma forma com a educação. O caminho da religião acaba por ser a principal fonte de suporte delas, haja vista que muitos de seus familiares e amigos não têm condições emocionais de fazê-lo.

“Elizabeth declarou: ‘Eu rezo a Deus e digo a mim mesma, para deixar essa tristeza’. Jennifer disse: ‘A emoção está dentro. Peço a Deus que mude essa emoção’” (Gladden, 2013, p. 76, tradução nossa – 4.c.20.1.). Em outro exemplo, Mariel relata que se não “há ninguém [...] para me aconselhar. Então, se eu sinto essa emoção [...] costumo ler a Bíblia” (Gladden, 2013, p. 76, tradução nossa – unidade de análise 4.c.20.2.).

5.4.7 Unidade categórica Identidade na emoção tristeza

No que diz respeito à emoção tristeza no contexto da unidade categórica Identidade, ela foi expressada pela constatação da perda da identidade africana na subjugação de suas religiões, culturas e tradições por outras, apesar do tamanho que o continente possui em relação à Europa. Não apenas isso, também gera indignação ver as pessoas odiarem o seu próprio cabelo e a cor que ele possui a ponto de usar os de outras pessoas. “Qual é o jeito dos homens negros? Você não pode mandar um gorila para a escola para aprender como ser um urso polar. Respeito todas as raças, só acredito que ninguém deve esquecer seu jeito original [...]” (Deramo, 2017, p. 183, tradução nossa – unidade de análise 4.id.73.3.).

5.5 EMOÇÃO VERGONHA

Dentre as emoções expressas pelos refugiados, a vergonha, citada pelos autores 38 vezes, foi uma delas. Ela pôde ser subdividida nas 6 unidades categóricas: Institucional, citada 14 vezes; Gênero, citada 8 vezes; Educação, Identidade e Outros, citadas 5 vezes cada; e Religião, citada 1 vez. A unidade categórica Outros tratou de questões de organização de pesquisa (3 vezes) e referencial (2 vezes).

Resumo analítico da emoção vergonha: Considerando a impossibilidade de retomar a normalidade nos Campos, a forma como o governo e as agências humanitárias lidam com os refugiados faz com que estes se sintam envergonhados. Eles desenvolvem táticas para poderem se adequar às novas normas e rotinas instituídas. Desenvolvem formas de conseguir se alimentar para além do que é fornecido pelas agências humanitárias e que também possibilite unir-se aos outros de seu grupo. Essas táticas aumentam a pressão sobre os grupos de refugiados e fazem com que essa vergonha se potencialize devido ao fato de que as agências não acreditam em muitas das questões que eles possuem. Ao pensarmos nas questões entre vergonha e gênero, as mulheres são extremamente afetadas pela violência sexual dentro dos próprios grupos (pelos

parceiros ou pessoas próximas ou através da mutilação genital) ou pelos outros grupos que usam essa forma de violência como “arma de guerra”. O próprio sistema judicial reforça a vergonha de quem se sente vitimado. Para os homens, o fato de se sentirem envergonhados por não cumprir seus papéis faz com que isso justifique, para eles, seus atos violentos contra esposas e filhos. Para alguns, as agendas escolares também reforçam a vergonha ao afirmarem a hegemonia de línguas como o inglês e o árabe.

A raça negra é tão fraca que dói meu coração. Basta olhar para o tamanho da Europa em relação a África. Eu acho que nenhuma outra raça na terra se deixou escravizar como nós. Somos o povo original, mas a maioria de nós tem a religião, cultura e tradição de alguém. É triste quando você tem vergonha de mostrar o seu cabelo e usa o cabelo de outra pessoa como trança, odeia sua própria cor ao ponto de descolorir. Hoje, quase tudo que fazemos é do jeito dos homens brancos. Qual é o jeito dos homens negros? Você não pode mandar um gorila para a escola para aprender como ser um urso polar. Respeito todas as raças, só acredito que ninguém deve esquecer seu jeito original [...] (Deramo, 2017, p. 183, tradução nossa – unidade de análise 5.id.73.3.).

Aplicam-se novos *habitus* culturais a esses grupos subjugados que até há algumas décadas eram vistos como contrários às suas normas internas, inclusive reforçando a vergonha do “negro” diante de outras nações. As fofocas entre os grupos espalham rumores e fazem com que a pessoa que se vê como alvo se sinta envergonhada diante da difamação.

5.5.1 Unidade categórica Institucional na emoção vergonha

A unidade categórica Institucional, citada 14 vezes, tratou de como as estratégias das instituições afetam os refugiados e como estes criam suas próprias “táticas” para superá-las. Eles e elas não querem ser vistos com piedade, mas sim como seres que trazem consigo, ao Campo de refugiados, capacidades prévias aprendidas a partir de suas experiências culturais (Deramo, 2017). Conforme abordado em outros momentos, como os refugiados e as refugiadas dependem das agências, não podem ter empregos e são submetidos a uma quebra de suas rotinas culturais, acabam se sentindo envergonhados, inclusive os idosos (Horn, 2010a).

Os alimentos ofertados pelas agências humanitárias muitas vezes são distintos daqueles que os refugiados e refugiadas ofereceriam às pessoas em suas casas, e isso os envergonha. Essa situação é observada pois os alimentos são utilizados como forma de encontrarem alguma normalidade no Campo. Por outro lado, observa-se também que os códigos morais adotados pelos grupos em seus países de origem, ao serem confrontados com as regras e benefícios oferecidos pelas agências humanitárias, são remodelados e passam a ser empregados de modo

que até então considerariam “vergonhosos e inapropriados” para sua cultura. Essa moralidade ainda se manteria junto ao grupo, mas sofreria uma “espécie de decadência moral” ao entrar em contato com agências impessoais. Isso deixa transparecer que os refugiados não confiam nas agências, assim como elas não confiam nos refugiados (Grayson, 2016).

A desconfiança das agências humanitárias em relação aos refugiados é permeada por dois pontos. De um lado, visualizam os refugiados como vítimas que não possuem agência sobre suas próprias decisões e precisam ser regulados pelas burocracias das instituições que as permeiam. Por outro, como pessoas que mentem e tiram vantagens dos benefícios que lhes são oferecidos por essas mesmas instituições, o que aumenta o ciclo de desconfiança e o emprego de técnicas de gestão focadas em controle, as quais mapeiam, monitoram e marcam os refugiados, inclusive com uso da coerção policial (Grayson, 2016).

A desconfiança das agências é justificada por situações como não se sentir envergonhado por possuir mais de um cartão de racionamento de alimentos. Além disso, agentes humanitários também desviavam alimentos. Essas questões aconteceram até que foram denunciadas ao PAM, que aumentou o controle sobre a distribuição de alimentos devido à pressão dos financiadores/doadores (Grayson, 2016). Os agentes também desconfiam de histórias de violência sexual, por acreditarem que sejam inventadas pelas refugiadas para alcançarem reassentamento ou por situações de infidelidade (Grayson, 2016)

Brown (2008) observa que a “mobilização da vergonha” enquanto forma de monitoramento pode ajudar as diferentes instituições humanitárias na solução da guerra civil do Sudão. Para tanto, atuar-se-ia na aquisição de estratégias de longa duração que envolvessem pessoas com habilidades de agir em situações de conflito juntamente com pessoas que entendam as tradições indígenas (Brown, 2008).

Elias (1990) se dedicou a estudar as mudanças de comportamentos após a Idade Média e como as emoções vergonha e nojo passaram a fazer parte da etiqueta de comportamentos aceitos ou não na sociedade europeia daquela época através do “processo civilizador” vivido. O autor compreendeu que as interações das pessoas em meio às estruturas sociais fazem com que elas se coajam e constriam umas as outras. A experiência de Elias mostrou que o reforçamento dessa dominação e da superioridade imposta pelas estruturas sociais ocorre através da hierarquização e da distinção social. Isso significa que o uso das regras instituídas pelas colônias desperta emoções como vergonha ou culpa nos grupos sociais considerados inferiores. Essas emoções negativas passam a ser sentidas como se houvesse uma “desordem

dentro da própria personalidade” da pessoa e, para evitá-las, responde-se ao que as normas exigem (Silva, 2016).

5.5.2 Unidade categórica Gênero na emoção vergonha

A unidade categórica Gênero, ligada à emoção “vergonha”, foi citada 8 vezes. Dentre elas, temos a questão da vergonha ligada a questões de sexualidade e gênero, que começa pela educação sexual de jovens refugiados, a qual é percebida por diferentes pontos. Primeiramente pela abordagem do tema, que gera desde constrangimento até empolgação. Em segundo lugar, temos a percepção de que a genitália feminina é vista como menos bonita do que a masculina, seja por meninos ou meninas, o que reforçaria a oposição de gênero (Ochieng, 2010). Em terceiro, pelas falácias que são transmitidas aos estudantes, inclusive pelos professores, como por exemplo, a de que usar duas camisinhas ao mesmo tempo seria uma forma de reduzir o risco de contaminação pelo HIV. Essas questões aumentariam a vergonha e a disseminação da ignorância, do estigma e dos crimes sexuais (Ochieng, 2010).

A frequente violência baseada em gênero justificaria que as meninas sejam acometidas de mutilação genital, violência sexual, casamento forçado, pais alcoolistas ou mães envolvidas na prostituição, excesso de trabalhos domésticos [em comparação aos meninos], entre outras normas culturais que as impedem de procurar os serviços escolares e outros ofertados pelas instituições, colocando-as em risco aumentado de contraírem a aids e de serem expostas a outras formas de violência, bem como deixando-as envergonhadas de procurarem seus direitos (Wright; Plasterer, 2010).

Em Dadaab, a grande maioria das mulheres somalis não se sente segura. A violência sexual é extremamente vergonhosa para aquelas que a vivenciaram, e muitas nem relatam o que sofreram. Lembramos que as mulheres que vivem nessa região do Quênia e da Somália, ao leste, e que são muçulmanas, em grande maioria, passam pela mutilação genital. O sistema judicial de Dadaab é falho. As vítimas carecem de proteção, sentem medo de ataques de vingança, além de vergonha pelo ocorrido. Não há tribunais no Campo, o que as deixa temerosas de viajarem para depor (Crisp, 1999). Há, por outro lado, a discussão de que elas seriam incentivadas a denunciar crimes sexuais que não ocorreram na tentativa de conseguirem benefícios (Crisp, 1999).

Há uma falha grave nas intervenções protetivas à violência sexual, que faz com que muitos casos não sejam reportados às autoridades. Isso inclui a educação sobre os direitos dos

refugiados. Assim, há a construção da cultura do entendimento de que a violência sexual é algo vergonhoso, mas que não pode ser evitável, normalizando-a (Robbers; Morgan, 2017).

Para os homens, essa dependência das agências humanitárias faz com que afirmem sentir raiva e vergonha por não poderem cumprir seus papéis de provedores, o que muitas vezes resulta em violência contra aqueles que estão mais próximo ou são mais fracos, como o caso dos familiares. Crer na infidelidade da esposa pode ser um desses fatores ou mesmo coisas aparentemente pequenas (Horn, 2010c).

5.5.3 Unidade categórica Educação na emoção vergonha

A unidade categórica Educação, citada 5 vezes, expressou preocupações que envolvem o contexto educacional-identitário no que tange à emoção vergonha. O fato de as pessoas não terem passado pelo processo escolar, terem sofrido experiências traumáticas e/ou terem sido contaminadas pelo HIV faz com que sintam vergonha (Horn, 2010a). Dependendo de como interpretemos essa afirmação, veremos que praticamente todos os refugiados e refugiadas se enquadram em pelo menos uma dessas três situações.

No período da dominação colonial britânica, vieram os internatos cristãos, nos quais meninos e meninas do Sul foram matriculados, haja vista que havia o interesse dessa elite de que os filhos adquirissem o conhecimento ocidental. No entanto, a grande maioria optou por manter a educação de seus filhos dentro das crenças locais, vendo a educação ocidental como uma forma de envergonhar o filho por pertencer a uma família com poucas vacas (pobre) ou quando era preguiçoso ou incompetente para cuidar do rebanho da família (El Jack, 2010).

A educação de outras línguas como o inglês ou o árabe também reforça a vergonha da identidade grupal à qual originalmente se pertence. As agendas políticas escolares forçam o aprendizado do inglês de forma que ele seja feito com rapidez e desconsidere completamente as línguas locais. Isso ocorre tanto nos Campos de refugiados quanto na população queniana pelo país. Essa imposição faz com que as pessoas paguem pelo ensino da língua, mesmo aqueles que vivem em condição de extrema pobreza. Essa hegemonia da língua inglesa representa tanto a expansão dos interesses estadunidenses nos Campos quanto as condições dos doadores para tal (Khasandi-Telewa, 2007). Além disso, houve a criação de uma ideologia no Quênia na qual quem fosse pego falando outra língua na sala de aula era punido (Khasandi-Telewa, 2007).

5.5.4 Unidade categórica Identidade na emoção vergonha

No que tange à unidade categórica Identidade, citada 5 vezes, ela aborda as fofocas ocorridas dentro das próprias comunidades e que espalham rumores e fazem com que as pessoas se sintam envergonhadas e humilhadas (Horn, 2010a). A narrativa usada na condição de refugiado sugere que se esqueça a vergonha, o sofrimento e a destruição envolvidos nesse contexto, com o intuito de que se permita uma “paz frágil” e um senso de comunidade, que garantiriam a construção da sociedade, mas que custaria, em parte, as identidades dos refugiados (Deramo, 2017).

A raça negra é tão fraca que dói meu coração. Basta olhar para o tamanho da Europa em relação a África. Eu acho que nenhuma outra raça na terra se deixou escravizar como nós. Somos o povo original, mas a maioria de nós tem a religião, cultura e tradição de alguém. É triste quando você tem vergonha de mostrar o seu cabelo e usa o cabelo de outra pessoa como trança, odeia sua própria cor ao ponto de descolorir. Hoje, quase tudo que fazemos é do jeito dos homens brancos. Qual é o jeito dos homens negros? Você não pode mandar um gorila para a escola para aprender como ser um urso polar. Respeito todas as raças, só acredito que ninguém deve esquecer seu jeito original [...] (Deramo, 2017, p. 183, tradução nossa – unidade de análise 5.id.73.3.).

Em Cartum, a imposição árabe afeta as demais tradições, envergonhando-as com a perda de *status*. Os Shilluk, grupo pertencente à região centro/leste do país, por exemplo, não se casam entre parentes, o que é permitido aos árabes, situação que hoje afeta os Shilluk diretamente (Brown, 2008). Os sulistas sofrem o estigma da discriminação racial. São submetidos a condições de trabalho degradantes. Sofrem diversas formas de preconceito que reforçam ainda mais essa condição. Sua vergonha é reforçada por um governo que não os protege, perpetuando o ciclo de desgraças. Nesse ambiente, a igreja intenta se fortalecer conquistando fiéis (Brown, 2008).

5.5.5 Unidade categórica Religião na emoção vergonha

A unidade categórica Religião também aborda a função da Igreja como educadora, no sentido de que esta educa os fiéis a não sentirem vergonha de terem um emprego digno que garanta alguma renda, mesmo que isso seja difícil nas condições de refúgio (Brown, 2008).

5.6 EMOÇÃO CULPA

A emoção culpa foi citada 74 vezes nos documentos selecionados. Ela foi subdividida nas 8 unidades categóricas: Gênero, citada 21 vezes; Institucional, citada 17 vezes; Violência, citada 13 vezes; Identidade e Educação, citadas 8 vezes cada; Reassentamento, citada 4 vezes; Outros, citada 2 vezes; e Religião, citada 1 vez. A unidade categórica Outros trata de um subtítulo de pesquisa e uma referência bibliográfica.

Resumo analítico da emoção culpa: Ao pensarmos as questões de gênero apresentadas pelos refugiados e refugiadas, vemos que, em muitos casos, as mulheres são culpabilizadas pelas violências que sofrem ou venham a sofrer, vindo a perder a proteção e os laços de solidariedade com os demais. Sofrem sanções negativas por parentes, pelo grupo e mesmo pelos representantes das instituições, que muitas vezes são os próprios agressores. Elas temem ser estigmatizadas pela perpetuação de IST, por não acreditarem nas denúncias, ou ainda por não conseguirem lidar com a situação que tal denúncia possa desencadear.

As atitudes da comunidade em relação à VPI influenciam se uma mulher relatará isso. Em alguns casos, a esposa pode ser culpabilizada pela violência, ou toda a família pode ser estigmatizada pela comunidade. Alguns sentem que refletiria mal para a mulher se ela relatasse que seu marido a agrediu (Horn, 2010c, p. 164, tradução nossa – 6.g.15.2.).

A culpabilização pelos problemas ocorre em várias direções. Os refugiados atribuem externamente a culpa a outros refugiados, cidadãos locais, governos, mídias e demais instituições por seus problemas. Por outro lado, os cidadãos locais culpam os refugiados, governos, mídias e instituições. Da mesma forma, as instituições apontam culpabilizações entre si, entre refugiados, mídias e cidadãos locais pelas dificuldades enfrentadas para lidar com a situação. Há queixas de tribalismo, corrupção, racismo, xenofobia, repatriação forçada, multilinguismo, entre outras. A impressão que se passa é que, em qualquer direção para a qual se olhe, haverá pontos de desconfiança e culpabilização entre esses atores que não são passivos. A emoção culpa pode ser pensada em ambas as vias: seja nos próprios refugiados pelos seus erros e incapacidade de cumprir as expectativas culturais, seja pela atribuição externa da culpa de seus infortúnios aos outros. Em ambos os casos, vemos situações repletas de sofrimento interno e de violência propriamente dita. A estratificação influencia as formas como os recursos valiosos são distribuídos entre esses grupos. As relações de “poder” existentes entre esses grupos são configuradas dependendo de onde se fala e para quem se comunica.

5.6.1 Unidade categórica Gênero na emoção culpa

Ao abordarmos a unidade categórica Gênero, citada 21 vezes, dentro do entendimento da emoção culpa, vemos que ela circunda vários pontos delicados da relação entre homens e mulheres refugiados e aqueles que deveriam protegê-los. A violência de gênero culpabiliza a mulher pelas formas de violência sofrida, seja intrafamiliar, sexual ou outras, bem como estigmatiza sua família através da relação com a comunidade. Muitas vezes as formas como as agências humanitárias e o governo conduzem os casos pioram a situação (Horn, 2010c; Robbers; Morgan, 2017; Silva, 2015). Além disso, os acordos nupciais e a maneira como as cerimônias são conduzidas pelos noivos geram ou agravam culpabilizações preexistentes e desentendimentos dentro das comunidades islâmicas (Deramo, 2017). Há uma grande tolerância aos crimes em nome de quem julga ou dos costumes grupais, reforçando a culpabilidade e o silenciamento das vítimas. Tanto mulheres quanto homens são desencorajados a levarem questões à Justiça, deixando a decisão a cargo de líderes comunitários e étnicos (Silva, 2015).

Por outro lado, os refugiados que chegam ao processo de “justiça restaurativa” já foram considerados culpados por seus delitos e devem assumir suas sentenças, pois não estão ali para serem avaliados sobre sua culpabilidade ou inocência. Apesar disso, muitas vezes a justiça falha em cumprir as sentenças (Silva, 2015). Dentro dos crimes sexuais, abordam-se três acusações: de “estupro”, com penas entre 10 anos e perpétua; de “tentativa de estupro”, com penas entre 5 anos e perpétua; e “estupro coletivo”, com penas entre 15 anos e perpétua (Silva, 2015).

A não aplicação dos direitos humanos em detrimento das tradições culturais faz com que mulheres acusadas de adultério, pessoas com deficiências intelectuais, entre outros, sejam presos (Verdirame, 1999). Observou-se que as medidas comunitárias não conseguem, necessariamente, proteger as mulheres, podendo, muitas vezes, ter o efeito oposto, seja em contexto de parceiros abusivos ou outras formas de violência de gênero, como a sexual. Diante disso, a literatura evidencia a importância de se rever as normas de gênero que sejam prejudiciais e assim conscientizar “[...] o público sobre VS, oferecendo oportunidades econômicas às mulheres refugiadas para diminuir sua vulnerabilidade à exploração sexual repetida, bem como abordando os mecanismos sociais subjacentes que levam a abusos repetidos de mulheres refugiadas” (Robbers; Morgan, 2017, p. 77, tradução nossa – unidade de análise 6.g.101.1.).

A estigmatização da vítima e da família em decorrência do processo de denúncia faz com que as mulheres não procurem os serviços de apoio e proteção que existem em Kakuma, pois isso faria com que toda a família passasse pela rotulação e, assim, perdesse o apoio do grupo étnico ao qual pertence, dos vizinhos e dos líderes comunitários (Silva, 2016).

No que diz respeito à contaminação de IST de modo geral, os refugiados e refugiadas entendem que esta é uma responsabilidade compartilhada. Os próprios estudantes expressam suas opiniões, que são as mais variadas possíveis, seja o entendimento de que há pessoas culpadas por saberem que possuem doenças como o HIV e transmitem propositalmente, seja aqueles que defendem a castidade e entendem que as pessoas são culpadas por fazerem sexo antes do casamento. Há também aqueles que culpam os homens pela poligamia e os que culpam as meninas por se prostituírem. Nesse sentido, uma pesquisa realizada entre professores evidenciou a percepção de que os homens não culpabilizam as mulheres por esses problemas, mas elas os culpabilizam. Eles demonstraram entender que são “mais aventureiros” do que elas, mas também há o entendimento de que, com o crescimento dos conhecimentos a respeito dos direitos e da igualdade, elas também possuem maior liberdade sexual, embora essa liberdade seja algo recente se comparada ao comportamento explicitado pelos homens. Observa-se que essa transferência de responsabilidade pela contaminação não ajuda a resolver o problema. O importante nessa discussão é tornar os gêneros sensíveis à situação para que se tornem parte da solução (Ochieng, 2010).

5.6.2 Unidade categórica Institucional na emoção culpa

Quando constatamos a conexão da emoção culpa com a unidade categórica Institucional, citada 18 vezes, observamos que ela possui apontamentos para vários lados. As instituições e os locais, Turkanas, culpam os refugiados, mas temos também os refugiados culpando as agências humanitárias e os governos, como veremos a seguir. O que ocorre, de modo geral, são diferentes percepções para a problematização das dificuldades encontradas por esses atores. Como no acontecido com o ex-vice-presidente do Sudão e líder do SPLM/A, que foi criticado por deixar brechas que permitiram a culpabilização do SPLM/A por problemas ocorridos e que acabou por reduzir o apoio dos EUA ao país (Brown, 2008).

No que tange à culpabilização de refugiados e refugiadas pelos problemas, eles e elas foram responsabilizados por desequilibrar a economia na cidade de Kakuma devido ao fato de que muitos vendem os alimentos que recebem das agências humanitárias, e não apenas isso, o

fazem a preços mais baixos do que os praticados pelo comércio local. Esse foi um dos motivos pelos quais foram transferidos da cidade para o Campo, porém, como resultado indesejado, acabaram por ser acompanhados pelos clientes exatamente por este motivo, fortalecendo a economia interna do Campo (Aukot, 2003).

Além disso, os refugiados também são acusados de causarem a devastação e erosão do solo, o que prejudica os anfitriões que são nômades pastoris e dependem dos alimentos, do solo e da água para seus animais (Aukot, 2003). Especificamente os refugiados sudaneses são culpados de causarem danos ao leito do rio, por utilizarem-no como campo de futebol, para jogarem lixo e como banheiro. Nesse contexto, cabe adiantar que as agências também são acusadas de não terem realizado um estudo que avaliasse o impacto que a manutenção desses refugiados geraria no meio ambiente local e na vida da comunidade anfitriã (Aukot, 2003).

Há ainda o entendimento, neste caso, de que uma indenização deveria ser cobrada não das agências, mas do governo, por ser este o responsável legal pelos habitantes locais. O governo, contudo, parece entender que a presença dos refugiados é mais “vantajosa” para ele do que o cuidado com os Turkanas. Essa situação aumenta o risco de os habitantes locais culpabilizarem os refugiados pelas suas mazelas, haja vista que, diante da extrema pobreza em que vivem, tais habitantes se sentem excluídos ao verem os refugiados receberem assistência e passarem a viver melhor do que os próprios Turkanas. A situação é paradoxal em relação ao restante dos refugiados no mundo, pois, em Kakuma, são os cidadãos locais que prestam serviços braçais aos refugiados (babá, faxina, entre outros) e se tornam dependentes destes para melhorar sua própria economia, ficando sujeitos a diversas formas de abuso (Aukot, 2003).

Sabe-se da existência da corrupção e má administração dos recursos destinados aos refugiados. Apesar disso, os funcionários públicos usam o “jogo da culpa”, apresentando que a causa das dificuldades seja advinda de problemas econômicos e da dependência da condicionalidade de doadores (Mwangi, 2005).

No que tange aos valores tradicionais dos Turkanas, estes culpam os refugiados por casarem-se com meninas da etnia local, que geralmente possuem poucos recursos, impedindo os familiares das moças de receber o dote característico do acordo matrimonial desse grupo. Além disso, os refugiados são acusados de gerar crescimento na prostituição e no surgimento de ISTs (Aukot, 2003).

A “transnacionalização da responsabilidade”, como foi apelidada por Landau (2001), significa culpar os refugiados pelos problemas enfrentados pela população local, quando há uma falta de comprometimento e corrupção política no que diz respeito ao atendimento das

necessidades dessa população (Mwangi, 2005). Ao culpar os refugiados por suas mazelas, estes são usados como “bode expiatório” contra as agências e o governo. Percebe-se, em muitos casos, que a visão das agências e do governo para soluções é “ingênua”. Apesar disso, o perigo de confrontos violentos e a deficiência no acolhimento prestado aos próprios refugiados são reais (Aukot, 2003). Nem todos os refugiados, entretanto, culpam os policiais pela não aplicação total da sua função, pois entendem que essa situação decorre da falta de equipamentos (Mwangi, 2005).

As políticas judiciais também sofreram mudanças. Era prática comum que o refugiado que se declarasse culpado de um crime no tribunal fosse levado de volta ao Campo. Atualmente, as práticas estão mudando, de forma que os refugiados são acusados e sentenciados a cumprimento de prisão e/ou pagamento de multa.

Quanto às agências, elas são culpabilizadas por apresentarem os refugiados enquanto vítimas para conseguir a simpatia de doadores. Os refugiados são, assim, apresentados como seres passivos e submissos à ajuda humanitária, na tentativa de fazer as pessoas se sentirem culpadas para que doem (Mwangi, 2005). Simon Turner (2004) vê que enquanto o ACNUR for visto como uma figura patriarcal, ele será visto como uma ameaça às estruturas das comunidades que estão sob seu mandato. Há sugestões para que a instituição busque por parceiros locais, ou os desenvolva, para que a culpa pelos problemas não necessariamente recaia sobre o ACNUR (Horn, 2010c).

Os Turkanas culpam as agências humanitárias de reforçarem o “tribalismo”, escolhendo pessoas de grupos que lhes sejam afins ao invés de pessoas da comunidade local, mesmo para serviços básicos como limpeza e que não exigem conhecimento específico (Aukot, 2003). Além disso, os refugiados se sentem hesitantes em denunciar os funcionários das agências humanitárias (além de outros) por crimes sexuais devido à falta de orientações e de segurança para denunciar os casos, tendo em vista que não são informados sobre os próprios direitos de acesso gratuito aos serviços humanitários (Robbers; Morgan, 2017). Alguns refugiados reconhecem que a culpa dos problemas não é totalmente das agências humanitárias em si, e sim dos seus funcionários corruptos, que empregariam pessoas de suas comunidades sem qualificação, venderiam identidades étnicas, alimentos e privilegiariam reassentamentos em face disso (Mwangi, 2005; Grayson, 2016).

Por fim, diante de tantas percepções, observa-se que não se pode atribuir toda a culpa dos problemas africanos à ocidentalização ocorrida com as colonizações. Nenhum dos dois lados é um “ator passivo” e, por mais que sejam inegáveis os problemas decorrentes da

colonização, já havia questões conflituosas muito antes disso. Além do mais, e com a ajuda da globalização, ambos os lados enraízam suas culturas e fazem seleções do que querem ou não assimilar das outras culturas (Mwangi, 2005).

5.6.3 Unidade categórica Violência na emoção culpa

Ao falarmos da unidade categórica Violência, citada 12 vezes, no contexto da emoção culpa, observamos que há relatos de que os refugiados e os Turkanas possuíam uma boa relação no começo da chegada daqueles, mas que os Turkanas teriam acusado os Dinkas de diversos crimes, o que colocou um fim nessa convivência pacífica. Somaram-se a isso mais problemas causados por outras etnias fronteiriças, forçando os Turkanas a aumentarem o número de armas para se protegerem. Entre esses problemas relatados, encontram-se: trapacearem nos negócios, causarem brigas, cortarem árvores, criarem gangues, estupros, assassinatos, ameaças de morte e roubos (Aukot, 2003).

Observa-se que os refugiados somalis são discriminados por sua nacionalidade e pelo islamismo, sendo, assim, associando à violência causada pelo Al Shabaab (BERKLEY CENTER, 2015). Em 2006, o governo os culpou pela distribuição de armas pequenas, gangues, crimes, degradação ambiental e proliferação de doenças contagiosas. Devido a isso, em outros momentos, o governo já forçou a repatriação de refugiados, fechou fronteiras e Campos (Jaji, 2012; UNESCO, 2019; BERKLEY CENTER, 2015). Numa tentativa de acalmar os ânimos diante dos acontecimentos violentos e declarações inflamadas, o então Ministro da Segurança Interna do Quênia informou que os culpados pelos acontecidos foi o Al Shabaab e que o país não toleraria a presença do grupo. Inclusive em 2011 enviou tropas à Somália como apoio ao Governo Federal de Transição (Jaji, 2012). Outra medida que os responsáveis pelos Campos de refugiados no Quênia adotaram para prevenir a violência interna é o *layout* adotado com o intuito de evitar que os grupos étnicos se culpem entre si por problemas ocorridos dentro de suas áreas. Além disso, essa forma se apresenta como um “mecanismo de vigilância e disciplina” (Jaji, 2012). Apesar de o ACNUR ser o mandatário do espaço dos Campos, é a polícia queniana a principal responsável e culpabilizada pelos problemas de segurança nesses locais. Inclusive os funcionários da Agência atuam e se hospedam na periferia justamente para se manterem em uma situação de maior segurança (Mwangi, 2005).

Especula-se que são as afirmações dos funcionários do governo que influenciem os cidadãos quenianos a acreditar que os refugiados sejam culpados por estas violências (Mwangi,

2005). As pessoas alimentam a percepção de que a violência em Kakuma piorou depois que os refugiados começaram a chegar na década de 1990. Isso, de qualquer maneira, não pode ser ignorado, pois, além dos conflitos étnicos e culturais, há a competição por recursos escassos. Soma-se o crescimento populacional de refugiados com “[...] brigas, estupros e assassinatos, especialmente se muitas pessoas estão frustradas, negligenciadas e carentes de recursos fundamentais” (Jonsson, 2016, p. 37, tradução nossa – unidade de análise 6.v.64.1.). Soma-se novamente a essas questões os crescentes ataques terroristas no país. Aí que a correlação entre os somalis, o Al Shabaab e o terrorismo se fortalece (Jonsson, 2016). Numa tentativa de resolver essa situação, o governo propôs a realização de um censo para regularização dos refugiados vivendo em outras áreas do país e que não estivessem cadastrados, justificando que seriam os migrantes irregulares os responsáveis pelos crimes e pelo contrabando de armas. Além disso, o governo argumentou que essa atitude aumentaria o bem-estar dos refugiados e melhoraria a segurança geral (Mwangi, 2005). A realização do censo também se justificaria devido ao fato de que pessoas que estiveram ou estejam envolvidas em crimes considerados contra a humanidade¹¹⁷, como a participação em movimentos de resistência, mesmo que no passado, seriam inelegíveis à condição de refugiado. Como resultado, muitos refugiados se mantêm calados a fim de que não sofram sanções negativas como serem aprisionados ou pagarem multas (Mwangi, 2005).

5.6.4 Unidade categórica Identidade na emoção culpa

No diz respeito à unidade categórica Identidade, citada 8 vezes, e à emoção culpa, estas podem ser associadas à “desesperança”, pois observa-se que as pessoas que entendem sua situação como imutável perdem o interesse em atividades e na própria vida. Essas pessoas passam boa parte de seu tempo lamentando os problemas emocionais e físicos que possuem, além de culparem outros por sua situação. Elas se negligenciam a ponto de tentar o suicídio. “[...] sem esperança, sem encorajamento, eles estão meio mortos psicologicamente e emocionalmente” (Horn, 2010a, p. 10, tradução nossa – unidade de análise 6.id.9.1.). Vale ressaltar que essa não é uma emoção exclusiva dos refugiados e refugiadas: as demais pessoas que convivem com eles e elas e que registram esses infortúnios também carregam essa dor. Muitas vezes o sentimento de impotência é dominante ao se ver tantas desgraças, sabendo que

¹¹⁷ Conforme orienta a Convenção de Refugiados de 1951 (Jaji, 2011; Jansen, 2016; Burns, 2010; Grabska, 2011; Ohta, 2005).

há tantas riquezas e que não se pode fazer praticamente nada para mudar a situação. Um exemplo é o caso do fotógrafo Kevin Carter, que fotografou a icônica foto da menina africana desfaledida no auge das migrações entre 1980 e 1990 e que cometeu suicídio (Silva, 2016).

A identidade também apresenta uma relação direta entre a visão que o “negro africano” tem da situação e a “exotização” e culpabilização pessoal deslocada dos problemas que muitos ocidentais possuem (Mwangi, 2005). Nesse sentido, o “mito do negro” com a alienação de brancos e negros é muito bem-vindo. A superação dessa visão mitológica depende da percepção sociológica de que as relações sociais ocorrem entre pessoas em movimento, que não são estáticas, nem os papéis que exercem, e que respondem a diferentes níveis hierárquicos ou de “poder”. Nesse processo, não há causa e nem efeito, há posições identitárias “eu-nós” e “eles” (ou outros agentes). Assim, reconhecendo que os refugiados e refugiadas possuem suas posições políticas, culturais, religiosas e econômicas, constata-se que são capazes de articular seus saberes locais e globais (Silva, 2016).

5.6.5 Unidade categórica Educação na emoção culpa

Ao abordar a unidade categórica Educação no que se trata da emoção culpa, citada 8 vezes neste contexto, observamos que a discussão gira em torno da educação multilíngue que encontramos nos Campos de refugiados quenianos. Como já abordado antes, países como o Sudão do Sul possuem uma colcha de retalhos de línguas maternas. Diante disso, há uma contradição em como se entendem os programas adotados que reforçam o ensino de inglês e do suaíli nas escolas. A mídia culpabiliza os professores pelo baixo rendimento dos estudantes nos exames nacionais. O discurso xenofóbico embasa a discriminação neste espaço multicultural (KHASANDI-TELEWA, 2007).

Neste contexto talvez o primeiro ponto que se destaca é o alto índice de abandono escolar. O governo queniano culpa a pobreza pelas altas taxas encontradas no início do século XXI quando nem o ensino primário era gratuito, o que impedia que crianças pobres tivessem acesso aos estudos, inclusive em Kakuma (Khasandi-Telewa, 2007).

Além da culpabilização da pobreza, nos defrontamos com a culpabilização dos estudantes e a conseqüente revitimização destes: a) por não se querer que eles se tornem bilíngues, enquanto estudantes de países ricos são incentivados a isso; b) por não conseguirem crescer e empreender em um ambiente no qual há poucas oportunidades no mercado de

trabalho, e isso também vale para aqueles que se destacam nos estudos (Khasandi-Telewa, 2007).

Por outro lado, compreende-se que as línguas maternas são forças poderosas de união dos grupos e de reforçamento de suas identidades. Também a culpam por interferir no aprendizado fluente do inglês. Ao longo da história ocorreram casos nos quais se culpou o multilinguismo pela desunião dos refugiados (Khasandi-Telewa, 2007).

Por fim, há a responsabilização dos educadores pelos problemas educacionais encontrados, desconsiderando-se a precariedade dos locais em que lecionam. Dessa forma, os professores precisam se reinventar para superar tantos desafios enfrentados, inclusive no que diz respeito à alfabetização de adultos das distintas etnias, que, em sua grande maioria, acaba ocorrendo em inglês (Khasandi-Telewa, 2007).

5.6.6 Unidade categórica Reassentamento na emoção culpa

No que diz respeito à unidade categórica Reassentamento, citada 4 vezes, e à emoção culpa, podemos identificar a existência de culpabilização dos refugiados, dos países de origem, do país anfitrião como também das demais Nações pela negligência na atenção à problemática do refúgio de cidadãos africanos no Quênia e na Europa (Eidelson; Horn, 2008).

Refugiados sul-sudaneses relatam a crença de que se voltarem ao país serão culpabilizados, mais do que deveriam, por aqueles que ficaram lá (Eidelson; Horn, 2008). Em 2013, houve um incentivo por “repatriação voluntária” de refugiados somalis do Campo de Dadaab para Mogadíscio. Nesse sentido, os refugiados culpam as agências humanitárias por reduzirem os investimentos no Campo, fazendo com que mais de 14.000 refugiados aceitassem ser repatriados na Somália (THE ECONOMIST, 2016). Por outro lado, o Quênia culpabiliza os refugiados por afetarem a segurança do país devido ao crescimento do fluxo migratório a partir de 1990, situação que ocasionou o aumento da criminalidade¹¹⁸ e o contrabando de pequenas armas de fogo. Isso por vezes justificou o fechamento de fronteiras, especialmente com a Somália (Mwangi, 2005). O ex-ministro italiano Matteo Renzi compreende que o problema migratório no Mediterrâneo, que envolve refugiados africanos e do Oriente Médio, é culpa dos países europeus, sendo, portanto, responsabilidade destes a busca por uma solução (Gardels, 2018).

¹¹⁸ Para maiores informações a respeito dos estudos sobre emoções e criminalidade, sugiro Clay-Warner (2014).

5.6.7 Unidade categórica Religião na emoção culpa

A unidade categórica Religião foi citada uma única vez, num contexto em que cristãos do Sudão do Sul, que consideram suas terras sagradas, assumem a responsabilidade por estarem vivendo as desventuras da atualidade: “[...] não podemos culpar Deus por termos vindo para o Quênia como refugiados. Não, não podemos fazer isso porque talvez na época em que estávamos no Sudão fizemos coisas ruins e agora Deus transforme essas coisas ruins em coisas boas” (Brown, 2008, p. 150, tradução nossa – unidade de análise 6.c.108.2.).

5.7 EMOÇÃO ALIENAÇÃO

A emoção alienação, citada 17 vezes nos documentos estudados, é apresentada pelos autores que estudam Kakuma e Kalobeyei sob perspectivas diferentes. Pode dividi-las em 3 unidades categóricas: Institucional, com 14 trechos; Identidade, com 2 trechos; e Outros, com 1 trecho com referência bibliográfica.

Resumo analítico da emoção alienação: Quando tratamos da questão da migração forçada e procura por refúgio nos países da África Subsaariana, precisamos compreender que há grande alienação sobre essas histórias, seja por desconhecimento, seja por repressão de emoções pelo *self* dos envolvidos. Ela ocorre em todos os lados envolvidos nestas redes de relações construtivas do “mito do negro”. Essas histórias incompletas geram emoções incertas e permitem que grupos como o SPLM/A e o Al Shabaab comandem ações nos Campos, fortalecendo seu *status* e os laços de solidariedade com aqueles que veem neles a recuperação de sua autoestima. Para isso, esses grupos utilizam-se de discursos que se alinham aos seus “desejos” de retornarem ao lar, aumentando, assim, seu “poder” nos Campos do Quênia, como podemos verificar nos dois exemplos a seguir:

I – “Muitos refugiados que foram entrevistados sobre o assunto reconheceram que o propósito do Al Shabaab no Quênia é ganhar apoio na Somália radicalizando os refugiados insatisfeitos e mulçumanos quenianos para alienar ainda mais o TFG¹¹⁹ de seus vizinhos” (Burns, 2010, p. 11, tradução nossa – unidade de 7.i.13.1.); e

¹¹⁹ Governo Federal de Transição.

II – “Ao usar os refugiados como peões na guerra contra o Al Shabaab, o governo queniano pode alienar organizações humanitárias e nações doadoras” (Burns, 2010, p. 13, tradução nossa – unidade de análise 7.i.13.2.).

As agências humanitárias, religiosas e governamentais se veem lidando com esses discursos que causam insegurança nos refugiados, e essa cascata de alienação gera insegurança coletiva, que alimenta todas as demais emoções negativas discutidas até aqui. Outra questão importante nessa discussão é o fato de que todas essas instituições são feitas por pessoas, pessoas que tendem a agir em benefício próprio ou do próprio grupo, o que significa serem corruptos, burlarem normas e desrespeitarem direitos humanos considerados inalienáveis.

5.7.1 Unidade categórica Identidade na emoção alienação

Procurei apresentar as demais emoções partindo decrescentemente da unidade categórica que mais teve trechos, mas, neste caso em específico, a primeira alienação da qual quero tratar é a de que todos sofremos diferentes graus de alienação no que se trata do “negro”. Apesar de escrever no singular, refiro-me à complexidade envolvida na “evolução” desses povos africanos, que, a partir da colonização europeia, foram dizimados, escravizados e estigmatizados como seres inferiores, pertencentes de menos humanidades que os brancos. Nessa falácia acreditaram e acreditamos tanto “brancos” quanto “negros”. Esquecemo-nos ou ignoramos que as ricas linguagens e discursos de tais povos sempre foram proferidas, mas que muitas vezes se perdem nessa alienação mitológica (Silva, 2016).

5.7.2 Unidade categórica Institucional na emoção alienação

É nessa construção mitológica citada acima que as instituições deixam de se comunicar umas com as outras, ou ainda tentam se comunicar como forma de alcançarem seus objetivos. Em Kakuma e Kalobeyei, por exemplo, o Al Shabaab se infiltra pelos somalis e o SPLM/A pelos sul-sudaneses, transformando esses locais em espaços de refúgio e recrutamento. Há especulação de que o próprio governo do Quênia tenha procurado recrutar refugiados somalis para lutarem contra o Al Shabaab na Somália. Isso significaria sacrificar ideais humanitários para garantir sua fronteira, alienando, neste caso, as agências humanitárias e demais nações de

seus interesses, a fim de evitar represálias quanto ao não cumprimento dos direitos humanos (Burns, 2010).

Há uma vasta luta pela execução dos direitos humanos, entendidos como inalienáveis, mas que são desrespeitados quando de interesse dessas instituições. Dentre eles, estão os direitos das mulheres e das meninas, frequentemente vítimas da violência (Silva, 2015). As instituições criam mecanismos de desenvolvimento na crença de que eles promovam os demais direitos e acabem com os conflitos (Braga, 2013).

Kakuma se vê em constantes conflitos étnicos entre sul-sudaneses dentro do Campo. Isso ocorre devido à alienação, segregação e discriminação de alguns grupos diante da imposição de uma agenda islâmica de pureza no Sudão do Sul. As instituições religiosas precisam ser cautelosas para equilibrar suas próprias crenças sem alienar a liderança do SPLM/A. Para tanto, mantiveram uma agenda afirmativa de direito inalienável à autodeterminação de grupos marginalizados. O governo estadunidense se aliou ao regime de Cartum com o intuito de implementar a paz sem sofrer condenação ou alienação sobre operações terroristas no Sudão e Oriente Médio (Brown, 2008).

Essas instituições governamentais e não governamentais estão constantemente em busca de atrair os refugiados para si e de moldá-los conforme suas regras. Deramo (2017) nos apresenta que a alienação, nesses casos, também pode ser vista como “positiva”, haja vista que as pessoas que vivem fora da cultura dominante – e isso inclui tradições e linguagens – também se veem alienadas da construção autoritária, homogeneizada e “sinteticamente unificada” da identidade individual. Um exemplo disso é o estatuto jurídico de refugiado, que está baseado na transformação dos refugiados em um processo homogeneizado, através do qual as pessoas refugiadas se veem alienadas de muito do que constitui sua identidade.

6 ANÁLISE NEUROSSOCIOLÓGICA DOS FENÔMENOS EMOCIONAIS NAS RELAÇÕES DE “VIOLÊNCIA EXTREMA” NO CAMPO DE REFUGIADOS DE KAKUMA E NO ASSENTAMENTO INTEGRADO DE KALOBYEI, QUÊNIA (1992 – 2022)

Ao longo deste Capítulo, tratarei de responder minha pergunta de pesquisa a partir da produção do “metatexto” a seguir. Começarei apresentando alguns aspectos mais gerais que considero relevantes para o entendimento do contexto no qual as relações de “violência extrema” ocorrem no Campo de Refugiados de Kakuma e no Assentamento Integrado de Kalobeyei. Em seguida, abordarei questões do *self*, identidades e da solidariedade social. Por fim, refletirei sobre a “violência extrema” em si.

6.1 ASPECTOS GERAIS

Primeiro existimos para então podermos pensar. Partindo desse entendimento neurosociológico é que construo a compreensão de que somos seres naturalmente individualistas que, para sobrevivermos, evoluímos vários de nossos mecanismos neuronais. Segundo os estudos dos principais autores e autoras mencionados nesta pesquisa, somos símios evoluídos que continuam prosperando graças à nossa capacidade de sair da condição de um cérebro individualista para cérebros que desenvolveram emoções que favoreceram nosso convívio social através de laços de solidariedade. Foram essas estruturas cerebrais específicas e emoções que nos tornaram quem somos hoje. Obviamente que é impossível separar dicotomicamente o emocional (biológico) do social. Ambos se constroem simultaneamente, porém o que destacamos, a partir dos autores de base neurosociológica citados nesta pesquisa, é esse emocional que dá o tom para que todo o restante possa ocorrer e sem o qual não existiriam as relações sociais. Não apenas isso, o que quero exemplificar neste contexto é como podemos colocar as emoções enquanto foco das relações sociais violentas que ocorrem em Kakuma e Kalobeyei.

Reconhecendo como a importância das emoções afetam as relações sociais, entendo que afetamos e somos afetados pelas estruturas das quais fazemos parte. Apesar de termos nossas peculiaridades, as bases emocionais que possuímos são muito semelhantes, tanto que as reconhecemos nas “emoções primárias” de outras pessoas em qualquer parte do mundo. Os refugiados e refugiadas, ao serem reassentados na Austrália, mesmo que sem falar o inglês,

conseguiram identificar o medo na atitude das pessoas do país, e não apenas isso, identificaram que o medo é causado por sua cor de pele¹²⁰, conforme se verificar no trecho a seguir:

[...] não precisam saber inglês para ter aprendido algo sobre seu lugar na sociedade australiana por meio da interação e da linguagem corporal. [...] seria um erro pensar que os estudantes refugiados, particularmente aqueles que são lidos como pessoas de cor, devido à falta de alfabetização em inglês não tenham aprendido por meio de suas interações na escola e na sociedade – a sociedade e os educadores podem desempenhar um papel na direção de quais são essas lições (Ficarra, 2017, p. 77, tradução nossa – unidade de análise 2.id.84.1.).

Se focarmos no reconhecimento da expressão emocional de quem os vê, mesmo se tratando de uma cultura tão distante, podemos compreender que consiste em um reconhecimento emocional universal aliado às “respostas reflexivas” que possuem sobre ser negro.

As informações contidas nos documentos estudados também nos evidenciam que somos seres com cérebros complexos. Não somos apenas o resultado biológico e nem social. Somos uma junção em constante construção entre essas variáveis. Isso permite que reconheçamos que esses refugiados, refugiadas, cidadãos(ãs) locais, governos, instituições, doadores(as) e pesquisadores(as) fazem parte dessas redes de interdependência, mudam a si mesmos e aos demais. Nesse processo, reconhecemos não apenas as emoções em nós, mas nos outros. Alteramos nossas visões de mundo, nossas culturas e a forma como nossos cérebros responderão aos novos acontecimentos.

Este nosso interesse nas emoções que nos move ao longo dos séculos é que permitiu tantas reflexões. Os clássicos da Sociologia, por exemplo, a partir de suas observações do mundo ocidental na era industrial, nos auxiliaram no entendimento de que as emoções poderiam ser compreendidas enquanto parte dos estudos das relações sociais, e não dicotomizadas da alma, como via-se até então. O entendimento destes autores de que há “estruturas” que nos guiam e que seriam o interesse da Sociologia pode nos ajudar no entendimento das dinâmicas grupais pré e pós-Campos de Refugiados.

Assim, em suas observações sobre o suicídio recorrente, tanto Durkheim (1967, 2003) quanto Marx (2006) constataram uma relação emocional direta entre o ato e o local que se ocupa socialmente dentro das estruturas sociais. Enquanto, para Marx, o suicídio estaria relacionado à alienação na vida social sob as condições impostas pela estrutura econômica existente nas

¹²⁰ Neste caso, o termo atual BIPOC (Negros, Indígenas, Pessoas de Cor) nos ajuda a compreender as discriminações que essas “minorias” hegemônicas vivem e que muitas vezes se transformam em formas de Estresse Pós Traumático – TEPT. Seu humor torna-se deprimido, sua autoestima cai, sentem insônia e outros sintomas físico-somáticos (AMEN CLINICS, 2021).

sociedades industriais capitalistas, em Durkheim (1967), a partir da lógica funcionalista, seria a coesão ou a “solidariedade” de seus integrantes o responsável por esses atos.

Utilizando-nos da lógica durkheimiana (Durkheim, 1967, 1970), podemos refletir que a organização desses grupos étnicos antes dos e mesmo nos Campos pode ser entendida enquanto composta por uma “solidariedade mecânica”, segundo a qual as pessoas possuem as mesmas crenças e valores que garantiriam a manutenção do grupo. No entanto, quando as pessoas passam a viver nos agrupamentos humanitários, ocorre diretamente uma confluência entre a “solidariedade mecânica” e a “solidariedade orgânica”, e, de acordo com esta, as relações sociais se tornam mais complexas, de forma que, apesar de haver uma dependência mútua entre as pessoas para um bom funcionamento da dinâmica do grupo, também há interesses particulares diferenciados. Os indivíduos, enquanto “substrato” das representações coletivas construídas nesses espaços humanitários, geram novas formas de “consciência social”. Um “fato social” observável nesse contexto dos Campos estudado aqui é a forma como as suas sociedades afetavam esses indivíduos de modo coeso através da religião e cultura, por exemplo. Dessa forma, a administração local impessoal e as dificuldades econômicas e sociais para continuar as tradições enfraquecem os indivíduos emocionalmente.

Correlacionando as reflexões durkheimianas e marxistas descritas acima com os escritos de Weber (1968), podemos entender que o governo e as agências humanitárias, do ponto de vista legal e jurídico, fazem-se valer do uso da “administração impessoal” – baseada na burocratização e na secularização da vida moderna – para tratar os refugiados e as refugiadas não como sujeitos, mas enquanto objetos do universo administrado. Utilizando-nos da concepção de ação social afetiva de Weber (1968), Kalberg (2012) e Franke (2020), podemos pensar as ações sociais de “violência extrema” ocorridas nos Campos enquanto ações informativas da discrepância existente entre essas sociedades tradicionais, comunitárias, afetivas ou empáticas, altamente pautadas na religião e, por outro lado, a concepção de administração impessoal imposta pelas agências humanitárias e pelo governo queniano. Aqui novamente cabe o conceito de alienação de Marx (1982, 2006), haja vista que essa administração impessoal resultante da lógica industrial capitalista reflete diretamente nas relações sociais desenvolvidas nesses Campos, fazendo com que as pessoas se tornem peças intercambiáveis desse sistema burocrático. Assim, ao distanciar as diferentes pessoas envolvidas no processo de refúgio do ideal de solidariedade proposto por Durkheim, contribuir-se-ia para a alienação tanto de refugiados e refugiadas quanto dessas demais pessoas envolvidas no processo.

Simmel (2011), ao tratar da concepção de “família ampliada”, pode nos ajudar a refletir que esses grupos possuíam um forte vínculo familiar, com tradições que se mantinham justamente por esses laços familiares ampliados e que se perderam com o distanciamento abrupto causado pela situação que passaram a viver a partir das grandes migrações forçadas. Perder-se-ia o contato não somente físico com essas pessoas, mas também as emoções despertadas pelo sentimento de pertencimento e de continuidade. A amplificação de relações individualistas e focadas no dinheiro (ou na falta dele) empobreceria as dinâmicas relacionais e o sentimento de comunitarismo.

Talvez Mauss (1974) e Elias (2008) sejam os divisores de água desse entendimento das emoções no século XX. O primeiro, com a visão do “tríplice ponto de vista”, enxerga o ser humano integralmente, considerando os aspectos fisiológico, psicológico e social em suas relações sociais. Já o segundo, com o conceito de “configurações”, nos oferece uma visão amplificada de que não apenas a estrutura social afeta as emoções do sujeito, mas essas estruturas também são afetadas de diferentes maneiras e níveis. Passa-se a entender que não apenas as minorias são afetadas, mas as culturas hegemônicas também sofrem alterações em suas estruturas devido a esses novos integrantes. Para Elias (1990), a vergonha e o orgulho estariam fortemente vinculados às nossas organizações sociais mais recentes; quanto mais vergonha o indivíduo sente, menos punição ele sofre devido ao controle de suas ações. Podemos refletir que, nas organizações comunitárias em que refugiados e refugiadas vivem, tal situação pode ser representada pela forte assimilação dos costumes, porém, já no ambiente dos Campos, isso passa a não ser mais real, pois as arbitrariedades a que são expostos são constantes, e isso pode ser um dos combustíveis ao comportamento violento extremo.

Quanto à concepção da natureza humana dos autores que serviram de base para nossa pesquisa, podemos ver que há perspectivas distintas sobre a qualidade boa ou má de tal natureza. Hobbes (1974), Maquiavel (1973), Einstein (1981), Elias (1994) e Orwell (2021) possuíam uma visão negativista, crendo que naturalmente não seríamos bons uns para com os outros. Já Rousseau (2020) nos via como seres bons e “ingênuos”, corrompidos pelas instituições e pela sociedade. Por outro lado, Marx (1982, 1987, 2006) alimentava uma visão mais neutra sobre o assunto, acreditando que poderíamos transformar a sociedade em uma forma mais justa e igualitária através da superação do sistema capitalista.

Refugiados e refugiadas não são atores passivos: moldam-se às exigências das agências humanitárias, mas não somente às delas. Eles e elas mudam as relações através do desenvolvimento de táticas que permitam favorecer e responder as expectativas de seu grupo

identitário inicial ou mesmo das novas culturas, a fim de que sejam aceitos ou não sejam subjugados, o que lhes permite sentir felicidade e/ou evitar a vergonha e a culpa. Apesar do “jogo da culpa” das instituições ser normal entre esses atores, há relatos do entendimento de que os problemas com proteção não são apenas humanos, como no caso da corrupção, pois há uma verdadeira falta de recursos que impede que determinadas normas sejam seguidas: “[...] nem todos os refugiados colocam o peso da culpa na polícia. Alguns refugiados acreditam que a polícia é incapaz de fornecer segurança adequada porque eles são limitados por instalações precárias” (Mwangi, 2005, p. 214, tradução nossa – unidade de análise 6.i.106.4.).

Como podemos acompanhar pelo recorte histórico utilizado, a “violência extrema” permeia as relações sociais na África subsaariana desde o advento das colonizações. O interesse humano pelo acesso ao *status* e ao “poder” através do controle de determinadas riquezas naturais e minerais fez com que a vida humana se tornasse descartável, salvo quando a exploração dos grupos subjugados permitia o alcance e a manutenção dos objetivos dos detentores do “poder”. Isso inclui tanto nações estrangeiras quanto grupos políticos e “revolucionários” internos.

Os movimentos de descolonização ocorridos ao longo do século XX colocaram esses países africanos em situações radicais nas quais viviam da dependência externa ou da tirania *versus* anarquia interna (que, mesmo assim, como já vimos, ocorre sob forte influência externa). O crescimento econômico de vários países africanos, que ocorreu durante um período do século passado, juntamente com a melhora em alguns recursos (pelo menos em parte do tempo), trouxe consigo a explosão demográfica, que se tornou uma situação desesperadora quando os recursos começaram a diminuir e os conflitos violentos se espalharam. Foi o que vimos especialmente no início da década de 1990 e que particularmente me marcou ao ponto de querer passar parte considerável da minha vida compreendendo esta nossa capacidade humana de tornar vidas descartáveis, desumanizando aos outros a ponto de tirar-lhes a vida aos milhares e milhões, como se isso fosse apenas parte indesejável do processo de produção capitalista.

A exemplo da Guerra Fria, o *status* e o “poder” das duas grandes nações em conflito afetaram diretamente os países africanos. A injeção de reforçadores positivos econômicos, financeiros e bélicos fez com que prestígio, orgulho, *status* e “poder” dos altos escalões dos grupos envolvidos crescessem, trazendo novas formas de “poder” desigual entre os grupos étnicos. Mesmo com a cessação da Guerra Fria, essa injeção de reforçadores permitiu que alguns grupos dominantes, como o governo árabe em Cartum e o SPLM/A, tivessem fôlego para manterem seu *status* e “poder”, inclusive com o intuito de uso da força violenta para

detenção do controle da extração e venda do petróleo. O SPLM/A não é um grupo pequeno, ele é extremamente bem organizado e com sua hierarquia, totens e símbolos bem definidos. Nesse processo, não podemos ignorar as estratégias adotadas que envolveram a destruição de recursos básicos necessários à subsistência no Sul: suas vilas, seus recursos naturais e as vidas humanas. Não apenas isso: as armas de guerras envolvem assassinatos de líderes, estupros e o uso de crianças-soldado. Ao mesmo tempo, as estratégias evidenciam que o interesse do Sul pela sua autonomia está atrelado tanto ao fim dos séculos de escravidão sofridos quanto ao controle total do petróleo.

Focando na atuação do SPLM/A para explicar esses fenômenos emocionais nas relações de “violência extrema”, o grupo se utilizou do *status* e “poder” adquirido ao longo das décadas de recebimento de recursos valiosos como dinheiro e armamentos para manter seu “poder”. Não tenho a pretensão de julgar suas intenções. Até onde pesquisei, seu intuito era de proteger o Sul de mais sanções negativas como discriminação, escravidão, assassinatos, destruição e roubo de recursos naturais, culturais e linguísticos decorrentes da imposição árabe. Além disso, o grupo contou inclusive com o apoio e/ou pelo menos com a não interferência de atores externos como governantes e agências humanitárias. Em algumas situações, isso pode ter custado mais mortes e destruições. Um exemplo do que estou querendo falar aconteceu em Kakuma, onde o ocorria o recrutamento e saída de refugiados para combater junto ao SPLM/A.¹²¹ Essa situação afetou e continua a afetar emocionalmente as diferentes pessoas envolvidas na criação e manutenção do Campo de Refugiados de Kakuma e no Assentamento Integrado de Kalobeyi.

Sabemos que o SPLM/A se utiliza das expectativas das pessoas em poder voltar para suas terras como forma de manter-se forte em seus recrutamentos e que por anos isso foi aceito e tolerado em Kakuma. Sabemos também que hoje, após o crescimento de ataques terroristas, o uso de armas de fogo e de outras formas de violência, bem como a associação com qualquer grupo “rebelde” se tornou um impeditivo para que os refugiados se mantivessem no Campo. Também sabemos que o SPLM/A se utiliza desses sonhos de volta à terra natal, o que nos remete a Foucault (2007): o “poder” envolve o “desejo” de pertencer a algo representativo de *status* e “poder” e que permita mostrar tanto a bravura quanto a colaboração para que os sonhos se realizem. Assim, o SPLM/A se utiliza de emoções alegres como felicidade ao incitar o senso de pertencimento sul-sudanês e aplicando sanções positivas aos que se dispõem a fazer seu papel

¹²¹ Isso sem entrarmos no debate se o próprio governo queniano entrou ou não nesse processo de recrutamento e lutas.

defendendo a terra natal. Reforça o orgulho tanto quanto se torna um viés proximal que reúne milhares de pessoas que possuem interesses comuns. Além disso, também incita emocionalmente a tristeza ao utilizar-se das memórias do que foi perdido e de perigos futuros. Dessa forma, através do estímulo ao medo, à vergonha e à raiva, incentiva as pessoas a agirem antes que elas sejam vitimadas novamente.

O SPLM/A, após a chegada dos *Lost boys of Sudan* à cidade de Kakuma, criou leis e sistemas de ensino, organizando o espaço de forma a torná-lo um campo de refúgio para seus combatentes e familiares e também local para recrutamento.

A cisão de 1994 no SPLA, na qual uma seção Nuer se separou sob o comando de Riek Machar, refletiu-se no campo em confrontos entre os Dinka e os Nuer. Como resultado desses confrontos, os Nuer se separaram espacialmente dos Dinka, o que também resultou em confrontos entre tribos equatorianas e os Dinka. Os Nuer estavam concentrados em uma área específica doravante chamada de “comunidade equatoriana”. Como tal, as comunidades Dinka, Equatoriana e Nuer foram reorganizadas espacialmente para evitar ao máximo [as fontes com] a água umas das outras. O Chefe do Subcomissariado do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) em Kakuma falou de um problema de violência institucionalizada, em que pequenos problemas podem crescer a ponto de envolver grupos ou comunidades completos, em alguns casos levando a mortes. Algumas batalhas, como as mencionadas acima, ressoaram pelo acampamento como eventos fundamentais (Jansen, 2016, p. 434, tradução nossa).

Essa cisão do grupo, somada ao *status* e “poder” dos Dinka, mais a superlotação do Campo são elementos que estimulam a excitação emocional e os medos recíprocos. Não apenas isso, somam-se ainda aos demais problemas de violência com os quais o Sudão e Sudão do sul se envolviam. São 30 anos de formação do Campo e quase 30 anos de separação entre eles com mágoas, rancores, medos e raivas acumulados. A impunidade e o senso de injustiça somados a esse medo constante e cumulativo originam essas reações inflamadas. É geracional: histórias, mágoas, raivas e medos são passados de geração a geração. O nível de ansiedade e o padrão mental necessário para sobreviver a esses ambientes geram as respostas inflamadas que observamos. Junta-se a esse vórtex emocional o crescimento do terrorismo e o medo da repatriação forçada.

O medo da violência e de represálias nesses espaços faz com que quem protege refugiados e refugiadas, como agentes humanitários e policiais, não tomem conhecimento de tudo que ocorre. Isso se dá pelo medo de sanções negativas pelo próprio grupo, por outros grupos e pelos próprios cuidadores. Nessas situações, manter papel de vítima para receber os recursos e alguma proteção seria uma tática encontrada para que se evitem novas represálias e constrangimentos. Não podemos esquecer que esses mesmos profissionais se sentem, ao mesmo tempo, ameaçados pelos refugiados e pressionados pelos superiores, além de terem regras a

serem seguidas, vendo-se, portanto, em situações conflituosas e arbitrárias nesse espaço físico e temporal que não é apolítico.

Diante de tantas informações importantes, talvez o ponto mais relevante para os objetivos desta pesquisa se encontre no fato de que os grupos que compunham o SPLM/A, Dinkas e Nuers, que teoricamente possuiriam sofrimentos e interesses comuns, romperam suas relações e de parceiros estratégicos, tornaram-se inimigos e hoje travam conflitos violentos entre si, seja no país de origem, seja nos Campos, mesmo que sejam vitimados pelas mesmas questões iniciais que os trouxeram até Kakuma e Kalobeyei. Para além disso, os próprios subclãs se envolvem em conflitos violentos que são reconfigurados entre aliados e inimigos conforme a situação que esteja em questão.

6.2 *SELF*, IDENTIDADES E SOLIDARIEDADE SOCIAL

Ao pensarmos sobre a constituição do *self* de refugiados e refugiadas, podemos entender que ela ocorre de modo consciente. Dessa maneira, as informações são processadas neurocognitivamente e expressadas verbalmente, sendo reconhecidas por eles e elas em seus discursos. Há as emoções que correspondem à constituição das “identidades dinâmicas” dessas pessoas e que não são necessariamente conscientes, como no caso das que ferem a identidade. Temos, então, a partir dessas últimas, aquelas emoções que foram reprimidas pela dor que geram e que são transmutadas em outras, como é o caso da vergonha. É importante lembrar que as identidades sociais são subdivididas em “unidades categóricas” como gênero, religião, classe, nacionalidade, etnia, entre outras.

Esses são exemplos que confirmam que somos seres complexos possuidores de variações emocionais, habilidades e táticas. As emoções tidas como negativas, dependendo de seus níveis, permitem tanto a sobrevivência dessas pessoas quanto a criação e manutenção de seus laços sociais. A procura por sanções positivas através da aprovação de nossos atos pelos grupos aos quais pertencemos gera emoções como felicidade moderada e orgulho silencioso, fugindo assim de punições e constrangimentos. Trata-se de um esforço para preservação de nossas identidades. Os cérebros humanos são programados para que a tomada de decisão seja voltada aos interesses do grupo, mesmo quando se acredita estar exercitando a individualidade simiesca. Essa atitude reforça os laços de solidariedade e as identidades sociais (Franks, 2014).

A felicidade sentida ao pensar na possibilidade de voltar aos seus países de origem faz com que os refugiados se sintam orgulhosos de suas nacionalidades. Isso reforça o *self* em todos os três níveis, como veremos a seguir. Reforça o sentimento individualista de pertencimento ao

mesmo tempo que gera a identificação grupal dinâmica (exemplo disso é ser sul-sudanês, mas também ser Dinka e ser da região de Bahr el Ghazal). Por outro lado, a incerteza de poder ou não retornar aos seus países de origem – perpassada tanto pelos acontecimentos tristes do passado que os fizeram fugir, quanto pelas notícias das novas destruições que continuam sendo relatadas e pelas relações violentas entre esses grupos intranacionais que representam seus inimigos – gera “excitação emocional” quando se pensa no retorno ao “lar”. Devido a esses fatores, refugiados e refugiadas também expressam sentir medo, raiva, tristeza¹²² e vergonha, emoções que são dolorosas e, por isso, reprimidas. Como veremos no próximo tópico deste Capítulo (6.3), tais emoções justificariam o uso da violência.

O comer é um ato emocional em seu sentido mais completo. A relação que construímos entre a nutrição do nosso cérebro, do paladar e das memórias afetivas ditam como nos relacionamos com os alimentos, os quais geralmente são associados a emoções positivas de afeto e união, além de poderem ajudar na superação de processos traumáticos. As pessoas refugiadas em Kakuma e Kalobeyei usam os alimentos como forma de recuperarem essa memória afetiva, lembrando quem são e os grupos aos quais pertencem. Isso reforça seus laços de solidariedade. Usam ainda os alimentos como forma de se acalentarem diante de momentos difíceis ou para celebrar os bons. Essas constatações talvez justifiquem o porquê de o mercado clandestino de venda de alimentos ser um ponto tão delicado nesses locais.

O *self* também pode ser reforçado pela possibilidade de reassentamento. Percebe-se que, mesmo que ir a um país distante cultural e fisicamente do de origem traga diversos desafios, isso também apresenta aos refugiados uma possibilidade de sanção positiva, por terem alcançado critérios positivos que lhes permitiram ser escolhidos para viverem em um lugar tido de primeiro mundo. Esse contexto gera uma nova construção identitária ao mesmo tempo em que reforça a identidade grupal ao expandi-la a um novo local no mundo.

Tanto o *self* quanto as identidades dinâmicas que refugiados e refugiadas possuem são constituídos por “sistemas de crenças” que justificariam as respostas aos acontecimentos. Quando são disfuncionais, tais respostas alimentam emoções como tristeza, medo e raiva, que, como expresso anteriormente, em níveis elevados, teriam pouca utilidade para resolver os problemas, pois seriam respostas carregadas de alta carga emocional. Essas atitudes permitem-nos desumanizar aqueles e aquelas a quem direcionamos essa carga emocional a fim de encontrarmos o que acreditamos ser justiça. Nas histórias que envolvem Kakuma e Kalobeyei

¹²² Dados retirados da pesquisa sobre as emoções expressas pelos refugiados e refugiadas em Kakuma a respeito das expectativas de retorno aos países de origem (Eidelson; Horn, 2008).

(sejam pré-Campo, no Campo ou nos países de origem), vemos uma explosão bilateral dessa “atribuição” da culpa por suas desgraças. Esses ciclos de ódio são alimentados por toda a vida e envolvem os novos membros dos grupos. São inúmeros os exemplos que temos disso: são os Dinkas contra os Nuer no Sudão do Sul, os sul-sudaneses contra os sudaneses do norte, os cidadãos locais contra os Dinka, os ruandeses tutsis contra os hutus, entre tantos outros grupos. Essa mistura de culturas gera medo da perda da identidade grupal. A população local Turkana, por exemplo, expressa o seguinte:

Há pessoas que estão preocupadas com a cultura Turkana devido ao afluxo de refugiados. Um entrevistado teme que sua cultura, tradição, história e língua estejam sendo corroídos por causa do influxo de pessoas com outras origens. Ele afirma que os jovens Turkana não respeitam mais os mais velhos, eles bebem bebidas ilícitas e visitam prostitutas dentro dos campos e eles abandonaram a cultura Turkana. Ele também sente que há refugiados que não respeitam a cultura Turkana e que não a compreendem. Ao mesmo tempo, ele tem o cuidado de explicar que grande parte do desenvolvimento positivo se deve à presença dos refugiados (Jonsson, 2016, p. 35, tradução nossa – 2.id.64.1.).

No meio dessas relações violentas, temos também aquelas pessoas que reforçam positivamente as identidades que possuem enquanto refugiadas, procurando ampliar os laços de solidariedade ao lidarem com essas emoções negativas conscientemente, diminuindo o sofrimento interno e amenizando o sentimento de medo e insegurança que esses atos espalham pelos Campos. Um exemplo disso seriam os trabalhos realizados por líderes religiosos, tanto ao confortarem os que sofrem quanto ao se dirigirem à área dos grupos afetados a fim de se desculparem e se reconciliarem. Esses líderes agem também para reduzir os temores que se sente em relação ao islamismo e ao Al Shabaab. Tais ações se ocupam de reduzir os medos, trazendo conforto com atividades que melhorem o senso de justiça e a qualidade de vida. Os líderes religiosos demonstram ter resultados sobre aspectos traumáticos através dessas ações, reforçando, assim, aspectos emocionais positivos. Outro exemplo desse trabalho pode ser observado no grupo de refugiados¹²³ que organiza o *site* “kanere.org”, no qual são apresentados os eventos ocorridos nos Campos pela perspectiva deles e delas, ampliando a sensação de serem ouvidos, de expressarem seus medos, sentindo-se mais protegidos e, de alguma forma, justificados pelas tragédias vividas. O *site* também é utilizado para compartilhar informações positivas que reforçam o orgulho dos grupos.

Hoje, com o advento da tecnologia, podemos ouvir o que dizem esses refugiados e refugiadas e como percebem o espaço em que vivem.

¹²³ Obviamente que isso ocorre sob o viés de interesse de quem escreve e, com isso, gera outras formas de desagrado.

Assim, uma análise qualitativa das questões mais cruciais que estas vozes inéditas de refugiados estão cobrindo no atual clima político agora não só é possível, como também pode ser confidencialmente acessada com uma rica variedade de conteúdo redigido. Além disso, examinando o que os jornalistas-refugiados mais desejam que o mundo ocidental ouça, dando uma olhada profunda e honesta nas vozes dos refugiados, muitas vezes estão frustradas, irritadas e, às vezes, altamente questionadoras (muitas vezes em grande risco tanto para aqueles que estão falando quanto publicando) [...] (Kaleda, 2014, p. 95, tradução nossa – unidade de análise 3.id. 23.1.).

Os refugiados e refugiadas usam as línguas hegemônicas para se comunicarem entre si e, também, com o mundo. Em Kakuma e Kalobeyei, o ensino do arábico, do inglês e mesmo do suaíli são acompanhados de várias questões contraditórias. Uma dessas questões é que o reforçamento da língua nativa do local de refúgio, como o suaíli no Quênia e o inglês no reassentamento, potencializa o *self* e as identidades dinâmicas dos indivíduos e grupos que a utilizam no sentido de transformarem uma imposição hegemônica em tática de acesso aos recursos daqueles que possuiriam maior *status* e “poder”. Assim, ao mesmo tempo em que o aprendizado da nova língua reforça o *self* do aprendente, também aumenta seu *status* e a sua identidade social por ampliar a capacidade de comunicação com novos grupos. Também gera orgulho ao alcançar os interesses institucionais locais e receber sanções positivas e proximais como boas notas, diálogo fluente com grupos dominantes e reforçamento dos laços de solidariedade com esses grupos. Outra questão é que o ensino de línguas hegemônicas também reforça o *status* dos grupos dominantes ao obrigar refugiados, refugiadas e os cidadãos locais a aprenderem o inglês. Gera, ainda, tristeza, vergonha e raiva naqueles que não conseguem aprendê-las e sofrem as sanções físicas e emocionais negativas por isso, ou mesmo naqueles que entendem que suas identidades sociais são humilhadas por essa imposição. Um bom exemplo dessa contrariedade no aprendizado de línguas dominantes se encontra na relação dos sul-sudaneses e o arábico, que, para eles, “[...] é uma língua controversa com dinâmicas complexas de amor e ódio, quando chega aos sudaneses. Muitos dos refugiados sudaneses são do Sul. [...] alguns refugiados foram afetados pela tentativa de arabizar e islamizar o Sudão” (Khasandi-Telewa, 2007, p. 182, tradução nossa – unidade de análise 1.e.107.3.). Por fim, temos as questões vividas por aqueles e aquelas estudantes que conseguiram alcançar os níveis mais altos de educação e se sentem frustrados e frustradas por não terem oportunidades para usá-la.

Em muitos casos, os professores são culpabilizados pelos baixos desempenhos. Ignora-se que, muitas vezes, eles mesmos não tiveram acesso a uma educação de qualidade e não possuem recursos básicos para ministrarem as aulas. Além disso, os estudantes refugiados em

Kakuma e Kalobeyi também não dispõem dos diversos recursos necessários para acompanhar as aulas nesse espaço multilíngue precário. As línguas maternas são forças poderosas aos laços de solidariedade, reforçando as identidades sociais.

Ao analisar a questão da constituição de Kakuma, percebe-se que a imposição da cultura árabe, através de expressões linguísticas e religiosas, ocorrida no Sudão foi uma violenta agressão às identidades sul-sudanesas que não reconheciam tais expressões como suas. A retaliação das identidades sofridas pelos sul-sudaneses os deixava inseguros e sentindo-se inapropriados, subjugados e não respondendo às sanções. Apesar disso, diante da impossibilidade de deter o avanço da cultura árabe, há o viés de vê-la como tática para aquisição do *status* e “poder” que a acompanham ou mesmo como forma de garantir a vida. Adotar características da identidade do grupo dominante é uma forma de suprir expectativas desse grupo e garantir sanções positivas que possam ampliar *status* e “poder”.

As estratégias e táticas dos diferentes grupos para reforçarem os laços de solidariedades entre os indivíduos envolvidos e, assim, alcançarem seus objetivos, podem envolver: a) situações em que se usam reforçadores positivos para persuadir, como benefícios e recursos financeiros; e b) uso de coerção e constrangimento, agindo sobre medos, vergonhas e expectativas. Um exemplo disso são os relatos dos refugiados que dizem ter sido abordados pelas instituições para recrutamento para lutarem em seus países de origem.

Os recrutas dizem que eles estarão lutando com a ONU e os EUA ao lado do TFG¹²⁴ e contra o Al-Shabaab e lhes é prometida uma compensação financeira de quatrocentos a seiscentos dólares. Um refugiado, Daud (dezoito anos), entrevistado pela *Human Rights Watch*, disse que esses recrutadores se utilizam não apenas dos medos dos refugiados pelo Al-Shabaab, mas também de suas esperanças de contribuir para a reconstrução de seu país. Daud disse que foi abordado e ficou impressionado com a ideia de ganhar uma quantia tão substancial de dinheiro. Ele foi conduzido de ônibus e despejado em um deserto fora de Mombaça com outros recrutas (Burns, 2010, p. 12, tradução nossa – unidade de análise 2.v.13.4.).

Assim como a religião nos Campos age de modo a procurar apaziguar as emoções e reforçar laços de solidariedades dos grupos, em muitos outros casos, ela é usada como forma de alimentação da excitação emocional, incentivando emoções como a raiva, o ódio e a vingança, fortalecendo, assim, “ideologias negativas” como a dos grupos e subgrupos discutidos aqui. Exemplos disso são relatados quando retomamos a discussão da arabização do povo sul-sudanês, que foi imposta juntamente com a supremacia islâmica. O temor por suas vidas sentido pelos cristãos foi tamanho que estes se viam obrigados a fingir serem árabes. Aqui

¹²⁴ Governo Federal de Transição.

também entra o Al Shabaab e o LRA. Esses grupos utilizam o nome de Deus e Allah como forma de atrair pessoas emocionalmente fragilizadas e alimentarem suas tristezas, medos, raivas, vergonhas e culpas, excitando-as emocionalmente para conseguirem o que desejam, que é manipulá-las para matarem ou morrer por seus interesses.

Entre as formas negativas encontradas para coagir as pessoas a temerem os grupos e não se afastarem deles, está a violência de gênero. Ela se mostrou uma arma poderosa de coerção de várias maneiras: o acesso desigual aos direitos que homens e mulheres possuem em seus espaços culturais; o menor acesso à educação; a maior vulnerabilidade física e sexual dentro e fora desses espaços, inclusive quando essa violência é usada como arma de guerra. As mulheres demonstram internalizar tanto o medo de serem rejeitadas por seus grupos, que muitas desistem dos estudos para que esse conhecimento não se torne um fator de vergonha e discriminação. Outras, mesmo sabendo que não conseguem dar o suporte necessários a mais filhos, aceitam tê-los para não irem contra a vontade do marido e correrem o risco de se divorciarem e serem estigmatizadas pelo grupo. Há ainda aquelas mulheres e famílias que não relatam violência sexual ocorrida por não quererem que a família seja estigmatizada socialmente pelo grupo ao qual pertencem. O que temos de igual em todos esses casos é que a dor da injustiça ainda se mostra menor do que o medo da vergonha de perder o reconhecimento de pertencimento ao grupo. Sendo assim, muitas dessas mulheres, quando agem em desacordo com as normas dos grupos, veem-se totalmente desamparadas para lidar com seus problemas. Nos casos mais extremos, o medo desses fatores só parece ser superado pelo medo da própria morte, levando-as a procurar ajuda das autoridades e instituições.

O favorecimento de alguns grupos em detrimento de outros também reforça os conflitos. No Campo de Kakuma, sabe-se que os Dinka, que são a maioria dos refugiados e refugiadas, são o grupo mais forte. Eles conseguem se impor enquanto grupo, reforçando suas identidades e conseguindo maiores benefícios. Apesar disso, não são os únicos a agirem de modo a privilegiarem o tribalismo e o interesse pelo favorecimento daqueles que são mais próximos ou com os quais se possui maior afinidade. Esses atos, como discutido anteriormente, permeiam a tomada de decisão humana. Também variam conforme a identidade dinâmica que possui maior valor de reforçamento naquela situação em questão, como no exemplo a seguir:

Em 2005, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados presenteou várias bicicletas ao Presidente da comunidade Nuer. As bicicletas representam o principal modo de transporte e um importante meio de renda. Elas deveriam ser distribuídas de forma justa para toda a comunidade, mas foram alocadas apenas para a família extensa dos membros da liderança política. Esta ação causou grande raiva e exacerbou uma situação difícil. Sentindo-se menosprezados, os destinatários decidiram “bater no

Presidente”, mas “o Presidente também [tinha seu] clã.” A área rapidamente se dividiu em segmentos concorrentes que se transformaram em conflitos armados que abalaram a Zona 5 por vários dias e que resultou em várias mortes. A polícia queniana conseguiu separar os grupos combatentes, mas “a separação do problema não é a solução do problema” e o As forças de segurança da FLM¹²⁵ e o programa de paz e reconciliação recusaram-se a ser envolvidos (Brown, 2008, p. 82, aspas do autor, tradução nossa – unidade de análise 3.v.108. 5.).

Podemos refletir ainda que tanto o favorecimento de alguns no momento da distribuição dos recursos pelo responsável local quanto a não aceitação da FLM e do programa de paz em ajudar quando os conflitos começaram podem denunciar uma tentativa do governo de tirar sua responsabilidade pela falta de estrutura social e econômica, culpabilizando os refugiados, que, na verdade, sofrem com as sanções negativas que são impostas pelo governo. Além disso, a “mobilização da vergonha” também ocorre através de fofocas e difamações por parte dos funcionários governamentais e não governamentais, que culpabilizam os refugiados pela violência no Quênia e em Kakuma. Há ainda as estratégias utilizadas pelas agências humanitárias com o intuito de monitorarem refugiados e refugiadas; para isso, utilizam-se de agentes que entendam das normas grupais para interagirem com eles. Mesmo o discurso das agências humanitárias solicitando que os refugiados se esqueçam de acontecimentos traumáticos em nome de uma “paz frágil” – o que, em muitos casos, custaria parte da identidade dos refugiados – reforça as emoções supracitadas.

Os cidadãos locais (Turkanas) também acusam agentes humanitários por corrupção, crimes sexuais e “tribalismo” devido à má vontade em orientá-los, evitando usá-los como mão de obra, mesmo sabendo que os Turkanas vivem profundas dificuldades econômicas e sociais, que chegam, muitas vezes, a ser maiores do que a dos próprios refugiados. Esses fatores somados aumentam o medo e a insegurança.

A vergonha se mostra uma emoção poderosa no alcance de determinadas ações que são esperadas pelos grupos e pelas instituições. Ela também faz com que os grupos possuidores de maior *status* consigam se distinguir. Quando somada à privação prolongada de recursos, a vergonha gera constantes “[...] brigas, estupros e assassinatos, especialmente se muitas pessoas estão frustradas, negligenciadas e carentes de recursos fundamentais” (Jonsson, 2016, p. 37, tradução nossa – unidade de análise 6.v.64.1.). A estigmatização social é alcançada não somente pelos acontecimentos em si, mas também pelas fofocas e difamações que são espalhadas entre e/ou pelos grupos de refugiados, fazendo com que as pessoas se sintam envergonhadas e humilhadas.

¹²⁵ Federação Luterana Mundial.

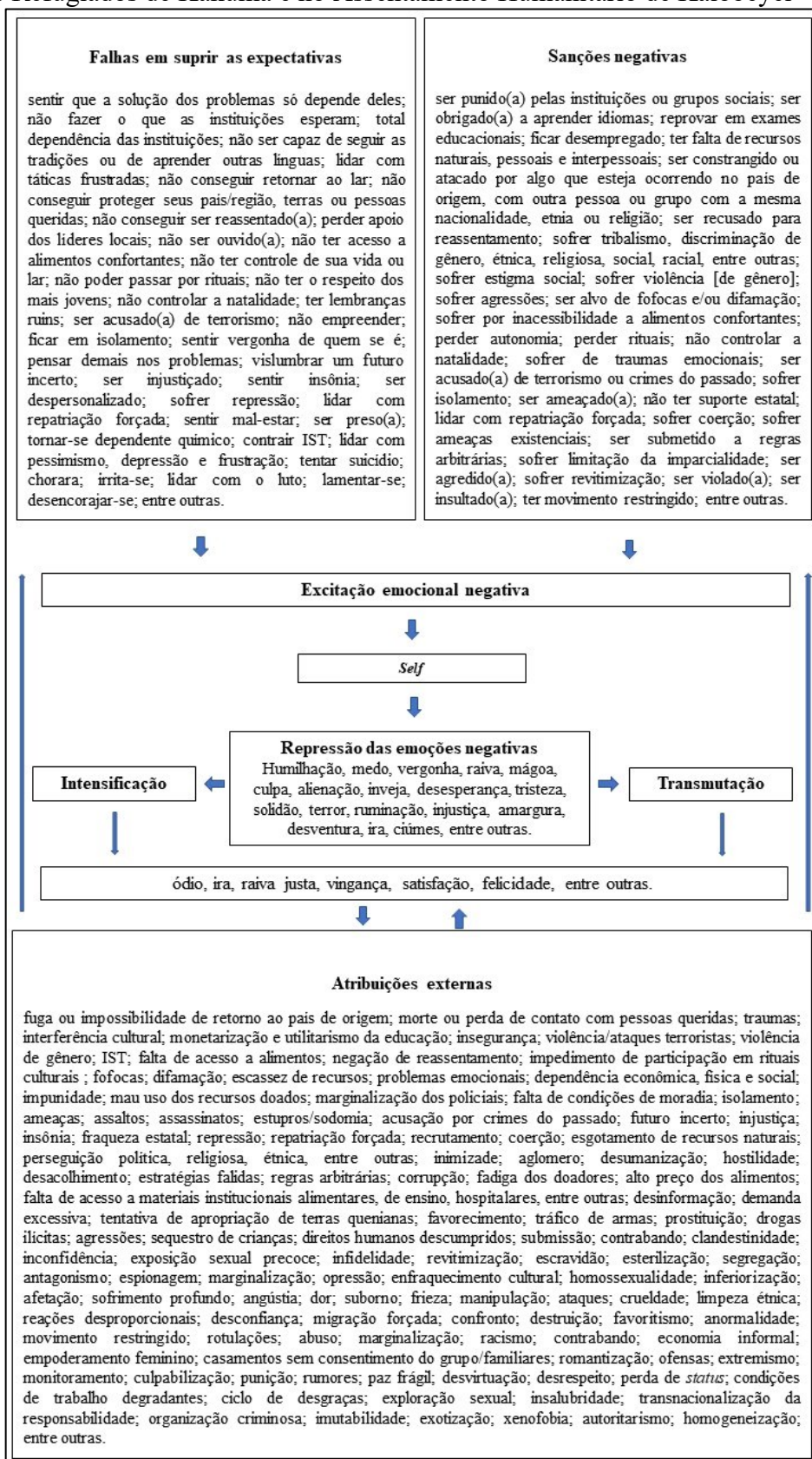
A situação de ver suas vidas estagnadas gera altos níveis de tristeza e culpa em refugiados e refugiadas, que, por sua vez, alimentam a depressão e a ansiedade difusa, fazendo com que eles e elas não consigam encontrar modos de lidar com suas realidades, tornando essas pessoas desesperançadas, doentes física e emocionalmente, bem como levando muitas a pensarem em suicídio e até a cometê-lo: “[...] sem esperança, sem encorajamento, eles estão meio mortos psicologicamente e emocionalmente” (Horn, 2010a, p. 10, tradução nossa – unidade de análise 6.id.9.1). Como já discutimos, muitos transformam essas emoções em raiva e culpabilização de terceiros, direcionando suas frustrações de diversas formas.

Diante das discriminações e segregações vividas, os grupos do Sul do Sudão se envolvem em constantes conflitos, e os líderes religiosos se esforçam em intervir sem afetarem as lideranças, inclusive do SPLM/A.

6.3 “VIOLÊNCIA EXTREMA”

Início este trecho da análise retomando a figura apresentada no Capítulo 4, porém, desta vez, ela estará preenchida com algumas das principais informações que encontrei nos documentos analisados sobre o Campo de Refugiados de Kakuma e o Assentamento Integrado de Kalobeyei:

Figura 21 – Mecanismos da motivação emocional que precedem a “violência extrema” no Campo de Refugiados de Kakuma e no Assentamento Humanitário de Kalobeyei



Fonte: A pesquisadora (2023).

Do Capítulo 5 até aqui, trabalhei detalhadamente todos os aspectos desta Figura 21 no que diz respeito às “falhas em suprir expectativas”, “sanções externas” e “atribuições externas” que afetam o *self*, as identidades e a solidariedade social entre as pessoas envolvidas. Agora, focarei na parte central que trata da excitação emocional, da repressão, da intensificação e da transmutação dessas emoções para que a “violência extrema” seja possível.

Partindo do recorte histórico adotado, podemos dizer que parte dos motivos que levam à excitação emocional das pessoas envolvidas nas relações de “violência extrema” no Campo de Kakuma e Kalobeyei ocorre desde as colonizações europeia e árabes. Isso foi intensificado após a descolonização através dos conflitos entre o Sul pelo SPLM/A e as atuações do Norte. Processos de escravização, assassinatos, estupros, agressões físicas e emocionais, fome, destruição de aldeias e de recursos naturais forçaram as pessoas a saírem de suas terras. Aqueles que sobreviveram carregam consigo elementos emocionais pré-Campo como **tristeza, medo, raiva, vergonha, culpa, alienação, rancor, suspeita, amargura, desesperança e preocupação**, que os fazem sentir que falharam em suprir as suas **expectativas** e a dos seus grupos em defender seu país, terras e familiares. Veem-se, assim, incapacitados de seguir suas tradições; de conseguir retornar ao lar; e de conseguir proteger seus país/região, terras ou pessoas queridas. São igualmente consumidos pelas lembranças ruins que todos esses acontecimentos geram. Somado a isso, sentem que sofreram, ao serem forçados a migrar dos locais que remontam à sua ancestralidade, **sanções negativas** ou punições arbitrárias que envolvem: discriminação de gênero, étnica, religiosa, social e racial; estigma social; violência [de gênero]; agressões, ameaças e falta de suporte estatal; repressão; repatriação forçada; ameaças existenciais, entre outras.

Esses acontecimentos que os forçam a migrar são somados a novas **falhas em suprir as expectativas** após suas chegadas aos Campos, envolvendo questões como: sentir que a solução dos problemas só depende deles; não fazer o que as instituições esperam; total dependência das instituições; não ser capaz de seguir as tradições ou de aprender outras línguas; lidar com táticas frustradas; não conseguir retornar ao lar; não conseguir proteger seus país/região, terras ou pessoas queridas; não conseguir ser reassentado(a); perder apoio dos líderes locais; não ser ouvido(a); não ter acesso a alimentos confortantes; não ter controle de sua vida ou lar; não poder passar por rituais; não ter o respeito dos mais jovens; não controlar a natalidade; ter lembranças ruins; ser acusado(a) de terrorismo; não empreender; ficar em isolamento; sentir vergonha de quem se é; pensar demais nos problemas; vislumbrar um futuro incerto; ser injustiçado; sentir insônia; ser despersonalizado; sofrer repressão; lidar com repatriação forçada; sentir mal-estar;

ser preso(a); tornar-se dependente químico; contrair IST; lidar com pessimismo, depressão e frustração; tentar suicídio; chorar; irritar-se; lidar com o luto; lamentar-se; desencorajar-se; entre outras.

Essas expectativas frustradas são seguidas por novas **sanções negativas** como: ser punido(a) pelas instituições ou grupos sociais; ser obrigado(a) a aprender idiomas; reprovar em exames educacionais; ficar desempregado; ter falta de recursos naturais, pessoais e interpessoais; ser constrangido ou atacado por algo que esteja ocorrendo no país de origem, com outra pessoa ou grupo com a mesma nacionalidade, etnia ou religião; ser recusado para reassentamento; sofrer tribalismo, discriminação de gênero, étnica, religiosa, social, racial, entre outras; sofrer estigma social; sofrer violência [de gênero]; sofrer agressões; ser alvo de fofocas e/ou difamação; sofrer por inacessibilidade a alimentos confortantes; perder autonomia; perder rituais; não controlar a natalidade; sofrer de traumas emocionais; ser acusado(a) de terrorismo ou crimes do passado; sofrer isolamento; ser ameaçado(a); não ter suporte estatal; lidar com repatriação forçada; sofrer coerção; sofrer ameaças existenciais; ser submetido a regras arbitrárias; sofrer limitação da imparcialidade; ser agredido(a); sofrer revitimização; ser violado(a); ser insultado(a); ter movimento restringido; entre outras.

Todas as emoções negativas despertadas nesses processos pré-Campos e nos Campos somadas às expectativas não supridas e às sanções negativas recebidas geram **excitação emocional negativa** dessas pessoas e desses grupos refugiados, e o *self*, com o intuito de autopreservação, **reprime, intensifica e transmuta** essa excitação em novas **emoções intensas** como: **ódio, ira, raiva justa, vingança, satisfação, felicidade, entre outras**. Essas emoções intensas, muitas vezes, são **atribuídas externamente** àqueles que enfrentam as mesmas dificuldades e disputam os mesmos recursos.

As principais atribuições encontradas foram: fuga ou impossibilidade de retorno ao país de origem; morte ou perda de contato com pessoas queridas; traumas; interferência cultural; monetarização e utilitarismo da educação; insegurança; violência/ataques terroristas; violência de gênero; IST; falta de acesso a alimentos; negação de reassentamento; impedimento de participação em rituais culturais; fofocas; difamação; escassez de recursos; problemas emocionais; dependência econômica, física e social; impunidade; mau uso dos recursos doados; marginalização dos policiais; falta de condições de moradia; isolamento; ameaças; assaltos; assassinatos; estupro/sodomia; acusação por crimes do passado; futuro incerto; injustiça; insônia; fraqueza estatal; repressão; repatriação forçada; recrutamento; coerção; esgotamento de recursos naturais; perseguição política, religiosa, étnica, entre outras; inimizade; aglomerado;

desumanização; hostilidade; desacolhimento; estratégias falidas; regras arbitrárias; corrupção; fadiga dos doadores; alto preço dos alimentos; falta de acesso a materiais institucionais alimentares, de ensino, hospitalares, entre outras; desinformação; demanda excessiva; tentativa de apropriação de terras quenianas; favorecimento; tráfico de armas; prostituição; drogas ilícitas; agressões; sequestro de crianças; direitos humanos descumpridos; submissão; contrabando; clandestinidade; inconfiência; exposição sexual precoce; infidelidade; revitimização; escravidão; esterilização; segregação; antagonismo; espionagem; marginalização; opressão; enfraquecimento cultural; homossexualidade; inferiorização; afetação; sofrimento profundo; angústia; dor; suborno; frieza; manipulação; ataques; crueldade; limpeza étnica; reações desproporcionais; desconfiança; migração forçada; confronto; destruição; favoritismo; anormalidade; movimento restringido; rotulações; abuso; marginalização; racismo; contrabando; economia informal; empoderamento feminino; casamentos sem consentimento do grupo/familiares; romantização; ofensas; extremismo; monitoramento; culpabilização; punição; rumores; paz frágil; desvirtuação; desrespeito; perda de *status*; condições de trabalho degradantes; ciclo de desgraças; exploração sexual; insalubridade; transnacionalização da responsabilidade; organização criminosa; imutabilidade; exotização; xenofobia; autoritarismo; homogeneização; entre outras.

Partindo do pressuposto de que nossos cérebros querem economizar energia, as emoções negativas e a violência seriam o oposto disso. Podemos compreender a carga emocional e fisiológica que viver em ambientes como esses exige das pessoas. Elas não apenas sentem o peso das próprias emoções, mas também são capazes de reconhecer as expressões dessas emoções e a tensão que é passada não apenas verbalmente, mas fisionicamente pelos outros, tanto pela atuação de neurônios-espelho que conectam essas emoções e expressões violentas de comportamento quanto pela durabilidade dessas emoções que acabam por se tornar “ligações emocionais” que são passadas a novas gerações. Esse ressentimento coletivo se torna um veneno que aumenta a chance de vingança. Toda essa tensão neurofisiológica faz com que as pessoas fiquem em estado de alerta, ruminando seus problemas, não conseguindo dormir, nem conseguindo se relacionar de modo a criar vínculos de confiança e, assim, manter seus laços de solidariedade.

Nesse processo, os cérebros dos envolvidos avaliam, a partir das experiências anteriores, as probabilidades de quais seriam as melhores respostas a emitir para preservar a sua sobrevivência e recuperar o equilíbrio emocional. Os mecanismos naturais do sistema límbico – no qual o tálamo enviaria as respostas emocionais ao neocórtex, que naturalmente faz com

que as pessoas tenham aversão à violência – são bloqueados devido às constantes experiências estressantes. A amígdala, através de uma reação emocional incontrolável e ou mesmo do “sequestro da amígdala”, faz com essas emoções transmutadas se transformem em expressões comportamentais de “violência extrema”. Todo esse processo ocorreria com o intuito de que o *self* parasse de sentir os efeitos das sanções negativas (vergonha, culpa e alienação) e pudesse sentir que as injustiças cometidas contra si e contra aqueles com os quais possui uma relação de solidariedade social fossem vingadas, recuperando-se, assim, o orgulho silencioso alcançado quando se suprem expectativas. Se somarmos a isso o fato de que essas pessoas já passaram e passam por longos e repetidos processos traumáticos e violentos, temos cérebros que já possuem padrões elétricos e metabólicos ansiosos.

O nexó vergonha-raiva-violência seria produzido por esses cérebros ansiosos que não conseguem observar o contexto de modo adequado e nem tomar as melhores decisões para si, para o grupo e para o meio ambiente no qual estão inseridos, podendo interpretar de modo exagerado ações que não seriam ameaçadoras. Se nossos cérebros não criam vínculos, ao nos sentirmos envergonhados, é muito mais difícil controlar a raiva, pois não há motivações internas que nos façam querer manter essas relações ou pessoas próximas a nós. Isso faz com que se mantenha um ciclo de violência pelas atribuições externas inferidas, devido à incapacidade de mudança neurológica e social ciclicamente. Diante de tamanhas adversidades, não é de surpreender que se vejam tantas expressões de comportamentos violentos nos Campos. Por outro lado, esse mesmo cérebro ansioso e preparado constantemente para luta e fuga pode ser a diferença entre sobreviver ou não diante de uma situação de ataque repentina à qual as pessoas estão repetidamente sujeitas. Essas compreensões neurosociológicas ajudam-nos a entender e a criar novas estratégias para atuar com pessoas vivendo longos processos de “violência extrema”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar as concepções de que não somos naturalmente bons uns com os outros e de que o nosso processo “evolutivo” de humanização tenha se iniciado há milhões de anos na África, parece-me impossível determinar quando as expressões de “violência extrema” passaram a ocorrer naquela região. Apesar disso, sabemos que tais elementos neuroevolutivos, observados desde Darwin, somados às configurações impostas pela expansão das grandes navegações há mais de cinco séculos, foram cruciais para esse processo devido ao rompimento de laços de solidariedades e demarcações físicas e imaginárias desses povos originários. Os processos colonizatórios, eurocêntrico e cartesiano, criaram o “mito do negro” e, com ele, a desumanização dos povos da África com a negação literal de sua humanidade por séculos.

Essa situação não se encerrou junto ao fim da colonização, pelo contrário, os processos de descolonização dos países africanos trouxeram com eles novos modos de desumanização. Por um lado, o fim da Segunda Guerra Mundial, a “banalidade do mal” ocorrida e os traumas deixados exigiram a amplificação de medidas e órgãos em defesa dos ideais humanitários e pacificadores, como é o caso do próprio ACNUR¹²⁶. Por outro lado, a Guerra Fria reforçou o poderio bélico desses Estados jovens e, conseqüentemente, a destruição ambiental e social sem precedentes através do fortalecimento do tribalismo, como no caso do SPLM/A. Diante disso, a década de 1990 ficou marcada pela explosão demográfica do Continente, pelo início das guerras civis e pelas migrações em massa em busca de refúgio. Deu-se início a uma crise geopolítica, humanitária e ambiental sem precedentes na história humana¹²⁷.

A destruição ambiental nesses países por si só é colapsista, pois inviabiliza a continuidade da vida nesses ambientes e, conseqüentemente, a continuidade das relações de solidariedade social constituídas nesses espaços. Ao longo deste estudo, ficou evidenciado que os grupos étnicos se veem e organizam de modo extremamente comunitário e pessoal, o que acaba confrontado pela lógica administrativa, que é impessoal, e pelo ambiente hostil e aglomerado dos Campos. Tais condições inviabilizam a nossa lógica cerebral evolutivamente programada para a cooperação grupal e acabam reforçando emoções e sentimentos que estimulam relações sociais de “violência extrema” devido à constante excitação emocional negativa em decorrência das falhas em suprir expectativas e das constantes sanções negativas sofridas. Isso ocorre tanto do ponto de vista dos grupos aos quais pertencem refugiados e

¹²⁶ ACNUR (2015) e UNHCR (2014).

¹²⁷ Causada por humanos.

refugiadas quanto do das agências humanitárias. São inúmeras as emoções vividas diariamente nesses ambientes hostis, que, enquanto comunidades imaginadas, deveriam ser espaços apolíticos e de paz, mas, enquanto espaço real, vivido por diferentes entendimentos de mundo e interesses, mostra-se um espaço político do “não pergunte, não diga”, um “estado de exceção” no qual ideologicamente a violência e a militarização parecem não existir. Essas emoções atingem pessoalmente o *self*, se intensificam e se transmutam em novas emoções, enquanto são retroalimentadas pelos outros grupos, chegando a expressões de “violência extrema”.

Por fim, após essa elucidação geral, retomo meu problema inicial, que se incumbiu em investigar: Como a análise a partir da perspectiva neurosociológica pode contribuir para a compreensão dos fenômenos emocionais no CRK e AIK? Em síntese, compreendi que a “violência extrema” é possível devido aos mecanismos neuroemocionais como as sete emoções trabalhadas nesta pesquisa (felicidade, medo, raiva, tristeza, vergonha, culpa e alienação). Partindo do pressuposto de que somos símios individualistas, foi o desenvolvimento dessas emoções ao longo de milhões de anos que permitiu nossa sobrevivência enquanto espécie, pois foi através delas que alcançamos nossa capacidade de união e segurança, que empregamos sociologicamente como relações de solidariedade social. Porém, dependendo dos níveis em que essas emoções são estimuladas e das configurações em que as pessoas se encontram, pode-se despertar atos de intensa crueldade a fim de evitar sanções e recuperar expectativas junto ao grupo ao qual se pertence, ou mesmo a fim de estabelecer o senso de justiça por algo que tenha ocorrido contra nós ou contra alguém por quem zelamos. Além disso, outra implicação direta alcançada foi a de contribuir para as reflexões e/ou para o desenvolvimento metodológico acerca das possibilidades e limitações do constructo teórico-metodológico multidisciplinar em questão.

Assim, meus objetivos foram alcançados partindo da visão sociológica configuracional de que não somos seres estáticos nem lineares, mas que fazemos parte de redes estruturais. Dentro desse contexto, as partes foram trabalhadas sem perder de vista a complexidade do todo. Da disciplina Sociologia das Emoções utilizei conceitos centrais como *self*, identidades, solidariedade social, *status* e “poder”. Chegando à Neurosociologia, reverberei a importância da multidisciplinaridade para a compreensão do seu foco central: o viés biológico da “natureza humana” na compreensão da categoria “violência extrema”, atuando em um esforço para superar as lacunas deixadas pela “biofobia”. Para tanto, as emoções utilizadas nos trechos destacados nos trabalhos pesquisados foram cruciais, pois muitas delas contêm expressões

biológicas e sociais que são características à categoria “violência extrema” e que permitiram a construção dos metatextos apresentados nos capítulos 5 e 6.

Como já havia constatado ao início da pesquisa, nenhum dos autores estudados que tratam sobre os Campos teve como intuito estudar a categoria “violência extrema” em si, ou mesmo se dedicar profundamente ao estudo de um caso específico que me permitisse fazer tal criação. O que encontrei e procurei trazer na íntegra foram os recortes dessas situações em uma espécie de correlação trinária entre emoções, unidades categóricas e a categoria “violência extrema”. Compreendi que essas relações sociais violentas explodem em ambos os Campos devido às bases neuroevolutivas que estão presentes em todos os fenômenos emocionais humanos que geram relações sociais traumáticas e de “violência extrema”. Essas relações ocorrem em circunstâncias específicas e acarretam conexões importantes como o nexo vergonha-raiva-violência, que, no Campo de Refugiados de Kakuma e no Assentamento Integrado de Kalobeyei, transforma-se em “violência extrema”. Tais circunstâncias incluem as experiências anteriores de quem precisou fugir para sobreviver, tornando o trauma cumulativo.

O uso da metodologia quantitativa e qualitativa com análise dos resultados através da ATD me permitiu criar uma linha-guia que, ao mesmo tempo em que gerou segurança pelo uso da Revisão Sistemática da Literatura, explorando de modo profícuo o estado da arte dos estudos sobre ambos os Campos, também permitiu compreender e analisar a subjetividade existente nos fenômenos emocionais estabelecidos nas relações sociais de “violência extrema” observadas no Campo de Refugiados de Kakuma e no Assentamento Integrado de Kalobeyei sob a perspectiva neurosociológica.

Em suma, concluo que Kakuma, que vem do suaíli “lugar nenhum”, nestes completos trinta anos de existência, se mostra um lugar rico à compreensão da complexa existência humana, onde as relações sociais violentas são passíveis de observação devido a suas diversas configurações “colapsistas”. Mesmo Kalobeyei, criado recentemente sob novas configurações por parte das agências humanitárias, não conseguiu superar a dialógica existente entre emoções e “violência extrema” na vida em sociedade no Campo de Refugiados de Kakuma. Kalobeyei, pensado pelas agências como um espaço sustentável e de empoderamento, na prática, não consegue se distanciar da realidade vivida pelo CRK, justamente devido ao fato de que os discursos estão distantes das realidades apresentadas ao local.

Minha sugestão para trabalhos futuros é de que haja a possibilidade de se explorar uma análise de caso ou mesmo uma análise comparativa entre dois casos de experiências nesses Campos observando como as relações sociais de “violência extrema” afetam a saúde mental

das pessoas envolvidas. Junto a isso, sugiro a realização de pesquisas que utilizem tecnologias de imagem como a Neurometria funcional para avaliação das atividades cerebrais e emocionais dessas pessoas refugiadas, especialmente aquelas que lutaram ou vivenciaram diretamente situações traumáticas cumulativas.

Julgo, pelas minhas experiências empíricas e acadêmicas, que essas seriam excelentes oportunidades de dar mais um passo nas conceitualizações da Sociologia das Emoções e da Neurosociologia na direção do concreto e menos “especulativo”, como abordam Turner (2003), Franks e Turner (2013) e Turner e Maryanski (2013). Reforço isso pois reconheço que esta pesquisa se ocupou de situar os fenômenos emocionais de “violência extrema” nos dois Campos, mas sem conseguir aprofundar-se em um caso específico devido às etapas necessárias que precisei seguir, bem como ao trabalho “cauteloso” de adentrar-me em um subcampo multidisciplinar promissor, mas que reconhece suas limitações.

Admito que, quando tive minha primeira experiência em situações de conflito no ano de 2012, observei-as enquanto um contexto estranho, distante e exótico à minha realidade. No entanto, a partir da segunda experiência, em 2015, constatei que nós não somos diferentes, menos violentos e nem estamos distantes do que ocorre nestes países discutidos aqui; pelo contrário, com um olhar um tanto pessimista quanto ao nosso futuro comum, reflito que viveremos cada vez mais histórias colapsistas como essas.

Acredito que estudos multidisciplinares que se esforcem pela compreensão dessa complexa simbiose existente entre a nossa longa história neuroevolutiva, refletida nesta pesquisa pela imagem do *Turkana Boy*, e as relações sociais entre o “indivíduo” e a “sociedade” sejam uma necessidade crescente para refletir os desafios globais deste século XXI. Admito que eles me fascinam e fazem com que o meu cérebro esteja em constante busca de novos conhecimentos e que não queira se acomodar na tranquilizadora zona dos conhecimentos já estabelecidos.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Documentos**. 2015. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos/>. Acesso em: 13 jan. 2015.
- ADICHIE, Chimamanda N. *The danger of a single story*. TEDGlobal, 2009. Disponível em: [Chimamanda Ngozi Adichie: The danger of a single story | TED Talk](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story). Acesso em: 18. dez. 2021. Som, color, 18:33’.
- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004a.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. 1. Reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2004b. 197 p.
- ALVES, Rosana. **Neurociência da felicidade**. 1. ed. atualizada. São Paulo: MK Editora, 2018.
- ALVES, Rosana. **Neurociência e alta performance**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cf71HwTC3T0>. Acesso em: 18. dez. 2020.
- AMÂNDIO, Sofia. Jack Barbalet (1998/ 2001). *Emotion, Social Theory, and Social Structure. A Macrosociological Approach*. Cambridge University. **Forum Sociológico**, Série II, n. 17, p. 157-158, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologico/1690>. Acesso em: 22 jul. 2019.
- AMEN CLINICS. *Unique challenges facing BIPOC mental health patients*. 7 jul. 2021. Disponível em: https://www.amenclinics.com/blog/unique-challenges-facing-bipoc-mental-health-patients/?trk_msg=5KBLA1S8AT6KP04NTM14FOCC90&trk_contact=0NC2MK55S7KHUCC1GSCMBOG0V0&trk_sid=FC1TOHNM73NJMESC66LV6BRQS&trk_link=G0Q1VS VBO5O4PANI8P7I5S6D44&utm_source=ACI-Listrak&utm_medium=Email&utm_term=Read+More&utm_campaign=Friday+Send. Acesso em: 22 jul. de 2022.
- AMEN CLINICS. *Posttraumatic Stress Disorder (PTSD) & Emotional Trauma*. Disponível em: <https://www.amenclinics.com/conditions/post-traumatic-stress-disorder/>. Acesso em: 2 out. 2023.
- AMEN, Daniel G. **Transforme seu cérebro, transforme sua vida**. Tradução de Judit G. Pely. São Paulo: Mercuryo, 2000.
- AMEN, Daniel G.; STUBBLEFIELD, Matthew; CARMICHAEL, Blake; THISTED, Ronald. *Brain SPECT findings and aggressiveness*. 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.3109/10401239609147750?needAccess=true>. Acesso em: 15 maio 2023.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. Tradução de Catarina Mira. Lisboa: Edições 70, 2005.

ANPOCS. **Portal das ciências sociais brasileiras**. Disponível em: <http://anpocs.com/>. Acesso em: 21 fev. 2019.

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Tradução de Maria Claudia Drummond. Brasília, DF: UnB, 1985.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução de José R. Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1975.

ARIZA, Marina. **Emociones, afectos y sociología**. *Diálogos desde la investigación social y la interdisciplina*, México, UNAM, 2016. Disponível em: [https://www.semanticscholar.org/paper/Ariza%2C-Marina-\(2016\).-Emociones%2C-afectos-y-Di%C3%A1logos-Ariza/399890a7ca659ca23fa0b7e1933976ef49756dbc](https://www.semanticscholar.org/paper/Ariza%2C-Marina-(2016).-Emociones%2C-afectos-y-Di%C3%A1logos-Ariza/399890a7ca659ca23fa0b7e1933976ef49756dbc). Acesso em: 29 set. 2018.

ASA. **Section on emotions past award recipient**. Disponível em: <https://www.asanet.org/asa-communities/asa-sections/current-sections/emotions/section-emotions-past-award-recipients>. Acesso em: 9 jun. 2019.

ASA. **Section on the sociology of emotions lifetime achievement award**. 2022a. Disponível em: <https://research.franklin.uga.edu/EmotionsSection/section-sociology-emotions-lifetime-achievement-award>. Acesso em: 9 fev. 2022.

ASA. **Section on the sociology of emotions outstanding recent contribution award**. 2022b. Disponível em: <https://research.franklin.uga.edu/emotionssection/section-sociology-emotions-outstanding-recent-contribution-award>. Acesso em: 9 fev. 2022.

AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Apocalipses da Guerra. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções: do final do século XIX até hoje**. Dirigido por Jean-Jacques Courtine. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. v. 3. p. 291-336.

AUKOT, Ekuru. “It is better to be a refugee than a Turkana in Kakuma”: *Revisiting the relationship between hosts and refugees in Kenya*. **Refugee**, 2003. Disponível em: <http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/viewFile/23482/21678>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BADO, Arsène B. **Assessing Advocacies for Forcibly Displaced People: a Comprehensive Approach**. 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12134-015-0413-5>. Acesso em: 27 fev. 2019.

BANDURA, Albert. Moral Disengagement in the Perpetration of Inhumanities. **Personality and Social Psychology Review**, v. 3, n. 3, p. 193-209, 1999.

BANDURA, Albert. UNDERWOOD, Bill. FROMSON, Michael E. *Disinhibition of Aggression through Diffusion of Responsibility and Dehumanisation of Victims*. **Journal of Research in Personality**, v. 9, n. 4, p. 253-269, 1975.

BARBALET, Jack M. **Emoção, Teoria Social e Estrutura Social**: uma abordagem macrossocial. Tradução de Paula Talpas. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BDTD. **Biblioteca digital brasileira de teses e dissertações**. Disponível em: <http://bdtb.ibict.br/vufind/> Acesso em: 21 fev. 2019.

BECK, Aaron. Além da Crença: uma teoria de *modos*, personalidade e psicopatologia. In: SERRA, Ana Maria; SALCOVSKIS, Paul M. (ed.). **Fronteiras de terapia cognitiva**. Ana Maria Serra (organizadora da tradução brasileira). São Paulo: Casa do Psicólogo, [1996] 2004. cap. 1, p. 21-40.

BECK, Aaron. *Meaning and emotions*. In: BECK, Aaron. **Cognitive therapy and emotional disorders**. New York: A Meridian Book, 1979. cap. 3, p. 45-75.

BECK, Aaron T.; RUSH, A. John; SHAW, Brian F.; EMERY, Gary. **Terapia cognitiva da depressão**. Tradução: Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BEOGO, Idrissa; DARBOE, Amadou; ADESANYA, A. Oluwafunmilade; ROJAS, Bomar M. **Critical assessment of refugees' needs in post-emergency context: the case of Malian war refugees settled in Northern Burkina Faso**. 2018. Disponível em: <http://go-galegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?&id=GALE|A557715393&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BERKLEY CENTER. **Refugees in Kenya: roles of faith**. 2015. Disponível em: <https://repository.library.georgetown.edu/bitstream/handle/10822/1052073/151115WFDDRefugeesinKenyaRoleofFaiths.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BETTELHEIM, Bruno. **A fortaleza vazia**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BJERG, María. *Una genealogía de la historia de las emociones*. **Revista Quinto Sol**, v. 23, n. 1, ISSN 1851-2879, p. 1-20, jan.-abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.19137/qs.v23i1.2372>. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/235044802.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BLANC, Marcel. **Os herdeiros de Darwin**. São Paulo: Scritta, 1994.

BLAUNER, Robert. *Internal Colonialism and Ghetto Revolt*. **Social Problems**, 16, p. 393-408, 1969.

BOAN, David; ANDREWS, Benjamin; SANDERS, Kalen D.; MARTINSON, Daniel; LOEWER, Elizabeth; ATEN, Jamie. **A Qualitative Study of an Indigenous Faith-Based Distributive Justice Program in Kakuma Refugee Camp in Kenya**. 2018. Disponível em: <https://journal.cjgh.org/index.php/cjgh/article/view/215/514>. Acesso em: 27 fev. 2019.

BOGEN, Joseph E.; DEZURE, R.; TENHOUTEN, W. D.; MARSH, J. F. Jr. *The other side of the brain IV. The A/P ratio. Bulletin of the Los Angeles Neurological Societies*, 37, p. 49-61, 1972.

BONACICH, Edna. *A Theory of Ethnic Antagonism: The Split Labor Market. American Sociological Review*, 37, p. 547-559, 1972.

BOVE, Laurent. *Émotions, manières d'être et nature « humaine » chez Spinoza. In: ROUX, Sylvain. Les émotions. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2009. p. 103-134.*

BRAGA, Matilde P. Responsabilidade social das empresas e processos de autonomização em regiões em desenvolvimento: estudo de caso da área Energia para o desenvolvimento da fundação EDP. 2013. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7403>. Acesso em: 27 fev. 2019.

BRAIN-TRAINER. **Neurofeedback curso introdutório**. 2021a.

BRAIN-TRAINER. **Fundamentos para formação em neurofeedback**. 2021b.

BROWN, Elijah M. *The road to Peace: the role of the Southern Sudanese church in*. 2008. Disponível em:

<https://www.era.lib.ed.ac.uk/bitstream/handle/1842/3260/EM%20Brown%20PhD%20thesis%2008.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 fev. 2019.

BRZOZOWSKI, Fabiola Stolf; CAPONI, Sandra. Determinismo biológico e as neurociências: no caso do transtorno de déficit de atenção com hiperatividade. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 22 [3]: 941-961, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/7qZWj5qRGy5yrVLnpV8CqZj/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2023.

BURKE, Peter. **Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: UNESP, 2010.

BURNS, Avery. *Feeling the Pinch: Kenya, Al-Shabaab, and East Africa's Refugee Crisis. Refugee*, 2010. Disponível em:

<http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/viewFile/34356/31263>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BU UFSC. **Base de dados – geral**. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/framebases.html>. Acesso em: 8 nov. 2018.

BU UFSC. **Pesquisa integrada**. Disponível em: <https://widgets.ebscohost.com/prod/customerspecific/s2259824/new-searchbox/searchbox-ufsc.html>. Acesso em: 19 jan. 2015.

BU UFSC. **Pesquisa integrada**. Disponível em: <https://widgets.ebscohost.com/prod/customerspecific/s2259824/new-searchbox/searchbox-ufsc.html>. Acesso em: 22 fev. 2019a.

- BU UFSC. **Repositório online**. Disponível em: <https://widgets.ebscohost.com/prod/customerspecific/s2259824/new-searchbox/searchbox-ufsc.html>. Acesso em: 21 fev. 2019b.
- CAPES. **Catálogo de teses e dissertações**. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 21 fev. 2019a.
- CAPES. **Portal de Periódicos**. Disponível em: <http://www-periodicos-capes-gov-br.ez46.periodicos.capes.gov.br/index.php>. Acesso em: 23 fev. 2019b.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação** (“*Mindwalk*”). Direção de Bernt Amadeus Capra. 1990. 112 min.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CASTELLANOS, Nazareth. *¿Sabias que la postura corporal influye en el sistema nervioso?* Disponível em: <https://nazarethcastellanos.com/articulos/neurociencia-corporal/>. Acesso em: 2. fev. 2023.
- CASTELLS, Manuel. **Fim do milênio**. 2. ed. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roseneide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2011. (coleção/trilogia: A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da 'invenção do outro'. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, CLACSO, 2005. p. 87-95.
- CARVALHO, Ana Paula L.; LAFER, Beny; SCHUCH, Felipe B. (ed.). **Psiquiatria do estilo de vida**. Santana de Parnaíba [SP]: Manole, 2021.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CLANTON, Gordon. *Jealousy and envy*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2006. v. 1. p. 410-442. (2 volumes).
- CLAY-WARNER, Jody. *Crime and emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 473-494. (2 volumes).
- CNPq. 2022. **Consulta parametrizada**. Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf. Acesso em: 14 fev. de 2022.

COELHO, João P.; PEREIRA MELO, José J. **A escola estoica: um modelo educativo para o homem antigo**. 2008. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2008/pdf/c005.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2008.

COLLINS, Randall. *Stratification, emotional energy, and the transiente emotions*. In: KEMPER, Theodore D. (ed.) **Research Agenda in the sociology of emotions**. State University of New York Press, 1990. p. 27-57.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. Tradução de João Maia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** (RBCS), São Paulo, SP, v. 27, n. 80., p. 9-20, out. 2012.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções: da antiguidade às luzes**. Dirigido por Georges Vigarello. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020a. v. 1. (3 volumes).

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções: das luzes até o final do século XIX**. Dirigido por Alain Corbin. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020b. v. 2. (3 volumes).

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções: do final do século XIX até hoje**. Dirigido por Jean-Jacques Courtine. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020c. v. 3. (3 volumes).

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020d. (3 volumes).

CREA, Thomas M.; SPARNON, Neil. *Democratizing education at the margins: faculty and practitioner perspectives on delivering online tertiary education for refugees*. 2017. Disponível em:

<https://search.proquest.com/docview/2147582784/fulltextPDF/4928C6ECBE2947A6PQ/6?accountid=26642>. Acesso em: 27 fev. 2019.

CRISP, Jeff. *A state of insecurity: the political economy of violence in Kenia's refugee camp*. **African Affairs**. 1999. Disponível em:

https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=23&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1 Acesso em: 6 jan. 2015.

CRISP, Jeff. *Finding Space for Protection: an Inside Account of the Evolution of UNHCR's Urban Refugee Policy*. 2017. Disponível em:

<file:///C:/Users/jucel/Downloads/40451-Article%20Text-50980-2-10-20180622.pdf>. Acesso em: 26. fev. 2019.

CURY, Augusto. **Gestão da emoção: técnicas de coaching emocional para gerenciar a ansiedade, melhorar o desempenho pessoal e profissional e conquistar uma mente livre e criativa**. São Paulo: Saraiva, 2015.

CURY, Augusto. **Palestra Gestão da emoção**. Boston, 2018. Palestra (60 min.). Son. Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E70A9C1QHCE>. Acesso em: 3 jan. 2020.

- DAMÁSIO, António. **A diferença entre emoção e sentimento**. Galileu, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2COAN5Y6S9U> Acesso em: 22 maio 2020.
- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DAMÁSIO, António. **O homem está evoluindo para conciliar a emoção e a razão**. Veja, 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/o-homem-esta-evoluindo-para-conciliar-a-emocao-e-a-razao-diz-antonio-damasio/> Acesso em: 22 maio 2020.
- DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma Sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.
- DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Tradução de Leon S. L. Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DAVIS, Mark H. *Empathy*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2006. v. 1. p. 443-466. (2 volumes).
- DAVIS, Jeff. *Persistent Inequality: A Neurosociological Perspective*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. **Handbook of neurosociology**. New York: Springer, 2013.
- DEJOURS, Jacques C. **A banalização da injustiça social**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). **Handbook of qualitative research**. 2. ed. London: Sage, 2000.
- DERAMO, Michele C. **Performing Bantu: Narrative Constructions of Identity in Diaspora**. Dissertation submitted to the faculty of Virginia Polytechnic Institute and State University in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy In: Alliance for Social, Political, Ethical, and Cultural Thought. 2017. Disponível em: <https://vtechworks.lib.vt.edu/handle/10919/76736>. Acesso em: 26. fev. 2019.
- DIAMOND, Jared. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. Tradução de Alexandre Raposo. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- DIAMOND, Jared. *Vengeance is ours: What can tribal societies tell us about our need to get even?* In: **The New Yorker**, 2008. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/annals-of-anthropology>. Acesso em: 2 abr. 2019.
- DIOP, Cheikh A. Origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, Gamal (ed.). **História geral da África: África antiga**. Brasília: UNESCO, 2010. v. 2, p. 1-36. (8 volumes).
- DJALÓ, Mamadú. **Relações sul-sul: a cooperação Brasil – Guiné-Bissau na educação superior no período de 1990 – 2011**. Orientadora, Elizabeth Farias da Silva. Florianópolis, SC, 2014.

DOAB. *Directory of open access books*. Disponível em: <https://www.doabooks.org/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

DOAJ. *Directory of open access journals*. Disponível em: <https://www.doaj.org/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

DOMÍNGUEZ, Alonso M. M. Resenha. 2011. In: TAUSIET, María y; AMELANG, J.S. (ed.). *Accidentes del alma: Las emociones en la edad moderna*. Madrid: ABADA editores, 2009. ISBN: 978-84-96775-55-3.

DOMÍNGUEZ, Giazú E.; LARA, Alí. *El Giro Afectivo*. *Athenea Digital*, 13(3), p. 101-119, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenead/v13n3.1060>. Acesso em: 28 out. 2018.

DOMÍNIO Público. *Biblioteca digital desenvolvida em software livre*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do>. Acesso em: 26 fev. 2019.

DUARTE, Luiz F. D. Identidade social e padrões de agressividade verbal em um grupo de trabalhadores urbanos. *Boletim do Museu Nacional*, Nova Série, n. 36, 1981.

DURKHEIM, Émile. *De la división del trabajo social*. Buenos Aires: Schapire, 1967.

DURKHEIM, Émile. Representações individuais e representações coletivas. In: DURKHEIM, Émile. *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense, 1970.

DURKHEIM, Émile. *Suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EBSCO. *EBSCOHOST*. Disponível em: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/search/basic?vid=0&sid=cbb9fcb5-2d98-4269-aec4-4c7052243b0b%40sessionmgr4008>. Acesso em: 6 jun. 2019.

EIDELSON, Roy; HORN, Rebecca. *Who Wants to Return Home? A Survey of Sudanese Refugees in Kakuma, Kenya*. *Refugee*, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/255656880_Who_Wants_to_Return_Home_A_Survey_of_Sudanese_Refugees_in_Kakuma_Kenya. Acesso em: 17 jun. 2015.

EINSTEIN, A. *Como vejo o mundo*. Tradução de H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

EISENBERG, Anne F. *A Neurosociology of Mental Health*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. *Handbook of neurosociology*. New York: Springer, 2013. p. 385-402.

EKMAN, Paul. *A linguagem das emoções: revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor*. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Lua de Papel, 2017. Disponível em: <https://issuu.com/alessandragarcia5/docs/a-linguagem-das-emocoes-paul-ekmanp>. Acesso em: 2 out. 2020.

- EKMAN, Paul. **O que é a raiva?** Disponível em: <https://www.paulekman.com/universal-emotions/what-is-anger/>. Acesso em: 30 mar. 2021a.
- EKMAN, Paul. **Sobre Paul Ekman.** Disponível em: <https://www.paulekman.com/about/paul-ekman/>. Acesso em: 29 mar. 2021b.
- EL JACK, Amani. “*Education Is My Mother and Father*”: *The “Invisible” Women of Sudan. Refugee, 2010.* Disponível em: <http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/viewFile/34719/31549>. Acesso em: 17 jun. 2015.
- EL PAÍS. **Assim nasce um campo de refugiados na África.** 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/29/internacional/1464531515_124939.html. Acesso em: 5 set. 2023.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia.** Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo.** Tradução de André Telles. RJ: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. v. 1.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização.** Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELLEMERS, N. “The Influence of Socio-cultural Variables on Identity Management Strategies.” *European Review of Social Psychology*, 4, p. 27-57, 1993.
- ELLIS, Lee. *A discipline in peril: sociology’s future hinges on curing its biophobia.* **The American Sociologist**, 27, p. 21-42, 1996.
- ERICKSON, Rebecca J. COTTINGHAM, Marci D. *Families and emotions.* In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions: volume II.* New York: Springer, 2014. v. 2, p. 359-384. (2 volumes).
- ESPERIDIÃO-ANTONIO, Vanderson *et al.* Neurobiologia das emoções. **Revista de Psiquiatria Clínica**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 55-65, 2008.
- EUMED. **Enciclopedia virtual.** Disponível em: <https://eumed.net/>. Acesso em: 26 fev. 2019.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Porto: Paisagem, 1975.

FELMLEE, Diane H.; SPRECHER, Susan. *Love*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. vol. 1. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 389-409. (2 volumes).

FERES JÚNIOR, João. **A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos**. Bauru: USC, 2005.

FERRO, Marc. **História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

FICARRA, Julie. **Comparative International Approaches to Better Understanding and Supporting Refugee Learners**. 2017. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1139319.pdf> Acesso em: 26 fev. 2019.

FIELDS, Jessica; COOP, Martha; KLEINMMAN, Sherryl. *Symbolic Interactionism, Inequality, and Emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 155-178. (2 volumes).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 2007.

FRANCES, Allen. **Fundamentos do diagnóstico psiquiátrico: respondendo às mudanças do DSM-5**. Tradução de Marcelo A. Almeida. Porto Alegre: Artmed, 2015.

FRANCIS, Linda E. Emotions and health. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 591-610. (2 volumes).

FRANKE, Felipe A. **Weber e nossos demônios: afeto, emoção e paixão**. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção de grau de doutor em Sociologia Política. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth Farias da Silva. 2020.

FRANKL, Viktor. **Um psicólogo no campo de concentração**. Tradução de Bruno Alexander. Campinas: Auster, 2021.

FRANKS, David D. *Emotions and neurosociology*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions: volume II**. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 267-282. (2 volumes).

FRANKS, David D. *Notes Toward a Neuroethics*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. **Handbook of neurosociology**. New York: Springer, 2013a. p. 99-106.

FRANKS, David D. *Why We Need Neurosociology as Well as Social Neuroscience: Or—Why Role-Taking and Theory of Mind Are Different Concepts*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. **Handbook of neurosociology**. New York: Springer, 2013b. p. 27-32.

FRANKS, David D.; SMITH, Thomas S. *Mind, Brain, and Society: Toward a Neurosociology of Emotion*. Stamford, CT: JAI Press, 1999.

FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. *Handbook of neurosociology*. New York: Springer, 2013.

FREITAS, Jeane Silva; ANDRADE, George Bronzeado. A Eficácia da Responsabilidade de Proteger aos Refugiados no Sudão do Sul: um estudo de caso. *In: Seminário Nacional Sociologia & Política*, V, 2014, Curitiba/PR. *Anais [...]*. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/seminariosociologiapolitica/files/2014/08/24571_1397606513.pdf. Acesso em: 22 out. 2015.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

GAERTNER, S. L.; DOVIDIO, J. F. *Reducing Intergroup Bias: The Common Ingroup Identity Model*. New York: Psychology, 2000.

GALIAZZI, Maria do C. *Análise textual discursiva*. Palestra. Jornada Integrada de Pesquisa Ensino e Extensão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=193YEbbavu8>. Acesso em: 18 nov. 2021a.

GALIAZZI, Maria do C. *Análise textual discursiva: das perguntas ao metatexto*. Live. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fmYQubabEME>. Acesso em: 18 nov. 2021a.

GALIAZZI, Maria do C. *Análise textual discursiva: entre a descrição e a compreensão*. Live. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MPI94LmzSQY&t=4s>. Acesso em: 18 nov. 2021c.

GARDELS, Nathan. *Identity is at the heart of today's immigration crisis*. 2018. Disponível em: <http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capex&id=GALE|A543979205&v=2.1&it=r&sid=ebSCO>. Acesso em: 25 fev. 2019.

GATEHOUSE, Gabriel. *Tana Delta massacres raise election violence fear*. *BBC*, London, 17 set. 2012. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-africa-19621246>. Acesso em: 4 jul. 2014.

GAZZANIGA, Michael S. *The social brain: discovering the networks of the mind*. New York: Basic Books, 1985.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Gilson. Gilberto Freyre versus Paulo Prado: a questão da identidade nacional brasileira. *Ci. & Tróp.*, Recife, v. 22. n. 2 p. 211-220, jul./dez., 1994.

GILBERT, Hannah; CUNLIFFE, Alex. *Non-governmental organisations and the management of HIV and AIDS in refugees camps: a comparison of Marratane camp in Mozambique and Kakuma Camp in Kenya*. *Journal of Contemporary African Studies*. 2011. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02589001.2011.533061>. Acesso em: 6 jan. 2015.

GLADDEN, Jessica. *Coping strategies of sudanese refugee women in Kakuma refugee camp, Kenya*. *Refugee Survey Quarterly*, v. 32, n. 4, p. 66-89, 2013. Disponível em: <http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2-s2.0.084890057890&origin=resultslist&sort=plff&src=s&stl=Coping+strategies+of+sudanese+refugeewomen+in+Kakuma+refugee+camp%2cKenya%C2%A0&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a450&sot=b&sdt=b&sl=79&s=TITLE%28Coping+strategies+of+sudanese+refugeewomen+in+Kakuma+refugee+camp%2cKenya%C2%A0%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=1&searchTerm=TITLE%28Coping+strategies+of+sudanese+refugeewomen+in+Kakuma+refugee+camp%2cKenya%C2%A0%29>. Acesso em: 6 jan. 2015.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades artigos: uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. *RAE*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência social**: a ciência revolucionária das relações humanas. Tradução de Renato Marques. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

GOMES, Suely F. D. R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília S.; GOMES, Suely F. D. R. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-69.

GONSALVES, Elisa P.; CARÍCIO, Márcia R.; PIA, Jefferson S. Felicidade: o bem-estar subjetivo. *In*: GONSALVES, Elisa P.; LIMA, Francisca A. (org.). **O livro das emoções**: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais. Curitiba: CRV, 2015. p. 133-137.

GONSALVES, Elisa P.; LIMA, Francisca A. (org.) **O livro das emoções**: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais. Curitiba: CRV, 2015.

GONSALVES, Elisa P.; MELO, Anniely L. L. Tristeza: a emoção perdida. *In*: GONSALVES, Elisa P.; LIMA, Francisca A. (org.) **O livro das emoções**: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais. Curitiba: CRV, 2015. p. 35-40.

GONSALVES, Elisa P.; SOUZA, Andressa R. O. Raiva: perdi as estribeiras e agora? *In*: GONSALVES, Elisa P.; LIMA, Francisca A. (org.) **O livro das emoções**: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais. Curitiba: CRV, 2015a. p. 17-25.

GONSALVES, Elisa P.; SOUZA, Andressa R. O. Sem ter medo da própria sombra. *In*: GONSALVES, Elisa P.; LIMA, Francisca A. (Org.) **O livro das emoções**: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais. Curitiba: CRV, 2015b. p. 49-55.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James M. *Emotions and social movements*. *In*: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 611-636. (2 volumes).

GORDON, James S. **Transformação**: como buscar a cura para o trauma. Tradução de Lucas B. de Mello. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2021.

GORDON, Steven L. *The sociology of sentiments and emotion*. *In*: ROSENBERG, M.; TURNER, R. H. (ed.). **Social Psychology: Sociological Perspectives**. New York: Basic Books, 1981. p. 562-92.

GRABSKA, Katarzyna. *Constructing 'modern gendered civilised' women and men: gender-mainstreaming in refugee camps*. **Gender and Development**, 2011. Disponível em: <http://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/constructing-modern-gendered-civilised-women-and-men-gender-mainstreaming-in-re-131754>. Acesso em: 17 jun. 2015.

GRABSKA, Katarzyna; FANJOY, Martha. "And When I Become a Man": *Translocal Coping with Precariousness and Uncertainty among Returnee Men in South Sudan*. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273333970_And_When_I_Become_a_Man_Translocal_Coping_with_Precariousness_and_Uncertainty_among_Returnee_Men_in_South_Sudan. Acesso em: 27 fev. 2019.

GRAYSON, Catherine-Lune. *Le camp de réfugiés de Kakuma, lieu de méfiance et de défiance*. **Canadian Journal of Development Studies / Revue canadienne d'études du développement**, v. 37, n. 3, 2016, p. 341-357. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02255189.2016.1153458>. Acesso em: 5 mar. 2019.

GREGORY, Stanford Jr.; KALKHOFF, Will. *Comprehending the Neurological Substratum of Paraverbal Communications: The Invention of SplitSpec Technology*. *In*: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. **Handbook of neurosociology**. New York: Springer, 2013. p. 369-384.

GREI. **Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem**. Disponível em: <http://grei-ufpb.blogspot.com/>. Acesso em: 6 jun. 2019.

GREM. **Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções**. Disponível em: <http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com/>. Acesso em: 6 jun. 2019.

GUERRA, Lolita G. Há lugar na história para uma era matriarcal? *In*: Semana de História UENP Jacarezinho, 34, 2020, Jacarezinho. **Anais** [...]. Diálogos com a antiguidade: Perspectivas de ensino, pesquisa e extensão. Jacarezinho, PR: UENP, 2020. p. 8-29. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/662883>

[80/GUERRA. Ha lugar na Historia para uma Era Matriarcal -with-cover-page-v2.pdf?Expires=1662149399&Signature=aCDZvim4s~7eRVbQ0znHDu5VvQgOPFvNEKYg65TKU2yW~O4D~yQ5EEiKGOh1zy4RBLIFoz6FVHoig5Br0ao84I3XSpNpZM9I9U45SaH8kSQGK-FTQODa54SddIVuhJFJUwWkUfrJ0BPSu6bU8wCT7msoMco1ZWLbQUvoK26iMu0COboAn6iCHSDPU~-5vjpcwtjYfCaL9jGzkhCjeRZeSPJGUky5YlsEES8BFuVwY~F~G0kd1fzk-bBmuDRWntuba5oFMPA989S8fd5Ood3Qhinsy4EqFARbQYWmtmfemg-bX6Hi696xVm3sh3accE1pabVaupj3EIOTjENIh6-kQ_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://www.researchgate.net/publication/358149399/figure/fig/55b08413XSpNpZM9I9U45SaH8kSQGK-FTQODa54SddIVuhJFJUwWkUfrJ0BPSu6bU8wCT7msoMco1ZWLbQUvoK26iMu0COboAn6iCHSDPU~-5vjpcwtjYfCaL9jGzkhCjeRZeSPJGUky5YlsEES8BFuVwY~F~G0kd1fzk-bBmuDRWntuba5oFMPA989S8fd5Ood3Qhinsy4EqFARbQYWmtmfemg-bX6Hi696xVm3sh3accE1pabVaupj3EIOTjENIh6-kQ_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 8 nov. 2021.

HALBWACHS, Maurice. A expressão das emoções e a sociedade. Tradução de Mauro Guilherme Pineiro Koury. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 8, n. 22, 2009, p. 201-218. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/HalbwachsTrad.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

HAMMOND, Michael. *The Neurosociology of Reward Release, Repetition, and Social Emergence*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. *Handbook of neurosociology*. New York: Springer, 2013. p. 311-332.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-21-licoes-para-o-seculo-21-yuval-noah-harari-em-epub-mobi-e-pdf-ou-ler-online/>. Acesso em: 3 mar. 2019.

HARKNESS, Sarah K.; HITLIN, Steven. *Morality and emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 451-472. (2 volumes).

HARRIS, Nadine B. **Mal profundo**: como nosso corpo é afetado pelos traumas da infância e o que fazer para romper este ciclo. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2019.

HARVARDX. *Humanitarian response to conflict and disaster*. Curso. 2020. Disponível em: <https://learning.edx.org/course/course-v1:HarvardX+PH558x+2T2021/home>. Acesso em: 6 abr. 2020.

HEGTVEDT, Karen A.; PARRIS, Christie L. *Emotions in Justice Processes*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 103-126. (2 volumes).

HILHORST, Dorothea; JANSEN, Bram J. *Humanitarian Space as Arena: a Perspective on the Everyday Politics of Aid*. 2010. Disponível em: https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=11&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1. Acesso em: 6 jan. 2015.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Tradução de Rachel de Queiroz. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HOCHSCHILD, Arlie. R. *The sociology of feeling and emotion: Selected possibilities*. In: MILLMAN, M.; KANTER, R. M. (ed.). **Another Voice: Feminist Perspectives on Social Life and Social Science**, 1975. p. 280-307.

HOCHSCHILD, Arlie. R. *The Managed Heart*. Berkeley: University of California Press, 1983.

HOGG, Michael. *Social Identity Theory*. In: BURKE, P. J. (ed.). **Contemporary Social Psychological Theories**. Stanford, CA: Stanford University Press, 2006. p. 111–36.

HOGG, Michael A.; ABRAMS, D. **Social Identifications: A Social Psychology of Intergroup Relations and Group Processes**. New York: Routledge, 1988.

HOLANDA, Sérgio B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

HOPCROFT, Rosemary L. *Neurosociology and Theory of Mind (ToM)*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. **Handbook of neurosociology**. New York: Springer, 2013. p. 231-242.

HORN, Rebecca. *A Study of the Emotional and Psychological Well-being of Refugees in Kakuma Refugee Camp, Kenya..* **International Journal of Migration, Health and Social Care**, v. 5, n. 4, 2010a, p. 20. ISSN 1747- 9894.

HORN, Rebecca. *Exploring the Impact of Displacement and Encampment on Domestic Violence in Kakuma Refugee Camp*. **Journal of Refugee Affairs**, 2010b. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/44111>. Acesso em: 6 jan. 2015.

HORN, Rebecca. *Responses to intimate partner violence in Kakuma refugee camp: refugee interactions with agency systems*. **Social Science and Medicine**, 70, 2010c, p. 160. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277953609006273>. Acesso em: 6 jan. 2015.

HUSSERL, Edmund. **L'idée de la phénoménologie. Cinq leçons. Collection Epiméthée**. Paris: PUF, 1997.

IBICT. **Instituto brasileiro de informação em ciência e tecnologia**. Disponível em: <http://oasisbr.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 24 fev. 2019.

IHU. *As crianças mortas de fome e sede no mar. “Seu alarme ignorado por dias”*. 2022a. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/622159-as-criancas-mortas-de-fome-e-sede-no-mar-seu-alarme-ignorado-por-dias> Acesso em: 14 jul. 2023.

IHU. **Nawal, o anjo que tenta salvar os migrantes: “No nosso mar vivemos um segundo Holocausto”**. 2022b. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/622160-nawal-o-anjo-que-tenta-salvar-os-migrantes-no-nosso-mar-vivemos-um-segundo-holocausto>. Acesso em: 14 jul. 2023.

IHU. **Seis sírios morreram de sede em um bote: o massacre no Mediterrâneo não para.** 2022c. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/622161-seis-sirios-morreram-de-sede-em-um-bote-o-massacre-no-mediterraneo-nao-para>. Acesso em: 14 jul. 2023.

ILLOUZ, Eva; GILON, Daniel; SHACHAK, Mattan. *Emotions and Cultural Theory*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 221-244. (2 volumes).

INCCOR. **Psiquiatria nutricional**. Formação. 2021.

ISRE. **Sociedade internacional de pesquisa em emoção**. Disponível em: <https://isre.org/index.php> Acesso em: 9 jun. 2019.

JAJI, Rose. *Social Technology and Refugee Encampment in Kenya*. *Journal of Refugee Studies*, 2012. Disponível em: <http://jrs.oxfordjournals.org/content/25/2/221.full>. Acesso em: 6 jan. 2015.

JAMES, William. *What is an emotion?* *Mind*, v. 9, n. 34, abr. 1884, p. 188-205.

JANSEN, Bram J. *Between vulnerability and assertiveness: Negotiating resettlement in Kakuma refugee camp, Kenya*. *African Affairs*, v. 107, n. 429, out. 2008, p. 569-587.

Disponível em:

<https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=20&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1>. Acesso em: 6 jan. 2015.

JANSEN, Bram J. *The Refugee Camp as Warscape: Violent Cosmologies, "Rebelization," and Humanitarian Governance in Kakuma, Kenya*. *Humanity*, v. 7, n. 3, 2016. Disponível em: <https://muse-jhu-edu.ez46.periodicos.capes.gov.br/article/643496>. Acesso em: 26 fev. 2019.

JASPER, James M.; OWENS, Lynn. *Social movements and emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 529-548. (2 volumes).

JASSO, Guilhermina. *Emotion in Justice Processes*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 321-346. (2 volumes).

JONES, Robert A. *Émile Durkheim: an introduction to four major works*. Beverly Hills, Sage Publications, 1986.

JONSSON, Ellen. *Host community and refugees – a healthy relationship? Field study on the effects of the refugee influx on the host community in Kakuma, Kenya*. *School of Social Science. Bachelor Thesis Peace and Development Studies*. 2016. Disponível em: <http://lnu.diva-portal.org/smash/get/diva2:941805/FULLTEXT01.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2019.

KALBERG, Stephen. *La sociologie des émotions de Max Weber*. França: Revue du Mauss, n. 40, 2012/2, p. 285-299.

KALEDA, Collen. *Media perceptions: mainstream and grassroots media coverage of refugees in Kenya and the affects of global refugee policy*. *Refugee Survey Quartely*, v. 33, n. 1, 2014, p. 94-111. Disponível em: <http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2-s2.0-84895783403&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&st1=Media+perceptions%3a+Mainstream+and+grassroots+media+coverage+of+refugees+in+Kenya+and+the+effects+of+global+refugee+policy%C2%A0&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a280&sot=b&sdt=b&sl=129&s=TITLE%28Media+perceptions%3a+Mainstream+and+grassroots+media+coverage+of+refugees+in+Kenya+and+the+effects+of+global+refugee+policy%C2%A0%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=1&searchTerm=TITLE%28Media+perceptions%3A+Mainstream+and+grassroots+media+coverage+of+refugees+in+Kenya+and+the+effects+of+global+refugee+policy%C2%A0%29>. Acesso em: 6 jan. 2015.

KANERE. *Are Rwandan Hutu Refugees Facing Discrimination in the International Protection Regime?* 2011. Disponível em: <https://kanere.org/are-rwandan-hutu-refugees-facing-discrimination-in-the-international-protection-regime-2/>. Acesso em: 26 out. 2021.

KANERE. *Five Dead, Many Injured in Communal Violence*. 2020. Disponível em: <https://kanere.org/five-dead-many-injured-in-communal-violence/>. Acesso em: 17 out. 2021.

KANERE. *Inter-Communal Conflicts*. 2013. Disponível em: <https://kanere.org/inter-communal-conflicts/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

KANERE. *The Rwandan Refugee Cessation Clause*. 2012. Disponível em: <https://kanere.org/the-rwandan-refugee-cessation-clause/>. Acesso em: 26 out. 2021.

KANNER, Leo. *Autistic disturbances of affective contact*. *The Nervous Child*, New York, n. 2, p. 217-250, 1943.

KAPLAN, Howard B. *Self theory and emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 224-253. (2 volumes).

KEMPER, Theodore D. *A Social Interactional Theory of Emotions*. New York: Wiley, 1978.

KEMPER, Theodore D. *Status, power and felicity*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions: volume II*. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 154-177. (2 volumes).

KEMPER, Theodore D. *Themes and variations in the sociology of emotions*. In: KEMPER, Theodore D. (ed.). *Research agenda in the sociology of emotions*. Albany: Sunny Press, 1990.

KEMPER, Theodore D. *Power and Status and the Power-Status Theory of Emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 87-113. (2 volumes).

KHASANDI-TELEWA, Vicky. *'English is must to us': languages and education in Kakuma refugee camp*. 2007. Disponível em: http://wrap.warwick.ac.uk/2408/1/WRAP_THESIS_KTelewa_2007.pdf Acesso em: 27 fev. 2019.

KIURA, Annet Wanjira. *Constrained agency on contraceptive use among somali refugee women in the Kakuma refugee camp in Kenya*. **Gender, Technology and Development**, v. 18, n. 1, 2014, p. 147-161. Disponível em: <http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2-s2.0-84893601027&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&st1=Constrained+Agency+on+Contraceptive+Use+among+Somali+refugee+women+in+the+Kakuma+refugee+camp+in+Kenya&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a20&sot=b&sdt=b&sl=109&s=TITLE%28Constrained+Agency+on+Contraceptive+Use+among+Somali+refugee+women+in+the+Kakuma+refugee+camp+in+Kenya%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=0&searchTerm=TITLE%28Constrained+Agency+on+Contraceptive+Use+among+Somali+refugee+women+in+the+Kakuma+refugee+camp+in+Kenya%29>. Acesso em: 6 jan. 2015.

KOURY, Mauro G. P. Emoções e sociedade: um passeio na obra de Norbert Elias. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, jul./dez. 2013, p. 79-98. Editora UFPR.

KOURY, Mauro G. P. **Emoções, sociedade e cultura**: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia. Curitiba: CRV, 2009.

KOURY, Mauro G. P. Gilberto Velho e a antropologia das emoções no Brasil. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 14, n. 41, ago. 2015, p. 22-37. ISSN: 1676-8965. Disponível em: https://www.waunet.org/downloads/wcaa/dejalu/feb_2017/RBSE%E2%80%93RevistaBrasileiradeSociologiadaEmo%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 4 set. 2020.

KOVÁCS, Maria Julia. Sofrimento da equipe de saúde no contexto hospitalar: cuidando do cuidador profissional. **O mundo da saúde**, São Paulo, v. 34, n. 4, out./dez. 2010, p. 420-429.

LACERDA, André Luís R. Abordagens biossociais na sociologia: biossociologia ou sociologia evolucionista? **RBCS**, v. 24, n. 70, jun. 2009, p. 155-188. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcso/a/HbGgpQTWvNBmmVbVCmDNwsD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 jul. 2022.

LACERDA, André Luís R. Sob o espectro da neurociência: a neurossociologia, a psicologia social e as abordagens biossociais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, e221265, 2021, p. 1-13. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221265>. Acesso em: 14 jul. 2022.

LAKOFF, Georg. *Neural Social Science*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. **Handbook of neurosociology**. New York: Springer, 2013. p. 9-26.

LAWLER, Edward J.; SHANE, Thye R. *Emotions and Group Ties in Social Exchange*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions: volume II**. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 77-102. (2 volumes).

- LAWLER, Edward J.; SHANE, Thye R. *Social Exchange Theory of Emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 295-320. (2 volumes).
- LAZARUS, Richard. S. *On the primacy of cognition*. *American Psychologist*, 39, 1984, p. 124-129.
- LEE, Kyung H.; LEE, Ha Young; PARK, Inkyung; LEE, Yu J.; KIM, Nambeom; JEON, Sehyun; KIM, Soohyun; JEON, Jeong E.; KIM, Seog J. *Neural correlates of emotional reactivity and regulation in traumatized North Korean refugees*. *Translational Psychiatry*, v. 11, n. 452, 2021. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41398-021-01579-1>. Acesso em: 7 out. 2023.
- LEVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. **De perto e de longe**. Tradução de Léa Mello e Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Cap. Raça e Política. p. 187-210.
- LEWONTIN, Richard C.; ROSE, Steven.; KAMIN, Leon J. *Not in Our Genes: Biology, Ideology, and Human Nature*. 2. ed. Chicago: Haymarket Books, 2017.
- LIEW, Sook-Lei; AZIZ-ZADEH, Lisa. *The Human Mirror Neuron System, Social Control, and Language*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. *Handbook of neurosociology*. New York: Springer, 2013. p. 183-206.
- LIMA, Ana Carolina R. **Algumas aproximações do modelo cognitivo das emoções de Aaron T. Beck com a filosofia, a biologia evolutiva e as neurociências**. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17130>. Acesso em: 17 nov. 2018.
- LIVELY, Kathryn J. *Emotions in the workplace*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 569-590. (2 volumes).
- LIVELY, Kathryn J.; HEISE, David R. *Emotions in Affect Control Theory*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions: volume II*. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 51-76 (2 volumes).
- LIVIVO. **Portal de pesquisa de ciências da vida**. Disponível em: <https://www.livivo.de/>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- LÓPEZ, Freddy Timmermann. *Miedo, emoción e historiografía*. *Revista de História social y de las Mentalidades*, v. 19, n. 1, 2015, p. 159-177. Disponível em: <https://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/historiasocial/article/view/2132/1986>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- LORDON, Frédéric. **A sociedade dos afetos: por um estruturalismo das paixões**. Campinas, SP: Papirus, 2015.
- LYND, Helen. *On shame and the search for identity*. New York: Hartcourt, 1958.
- MAATHAI, Wangari M. **Inabalável**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2007.

MACEIRA, Ana Filipa C. **Arquitetura em comunidades desalojadas em contexto de poucos recursos**. 2017. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/15934>. Acesso em: 27 fev. 2019.

MACIEJCZAK, Justyna. *Shame and Violence Nexus in the Sierra Leone Civil War*. 2013. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2013/09/04/shame-and-violence-nexus-in-the-sierra-leone-civil-war/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MANN, Michael. *The Sources of Social Power*. Berkeley: University of California Press, 1980.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Tradução de Lívio Xavier. São Paulo: Athenas, 1973.

MARX, Karl. Para a crítica da economia política. Tradução de José Barata-Moura. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas em três tomos**. Moscovo: Editorial Avante, 1982. v. 1. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm>. Acesso em: 5 ago. 2023.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, Karl. *The Communist Manifesto*. New York: International, [1847] 1971.

MARYANSKI, Alexandra. *Doing evolutionary sociology: strategies and tactics*. *Newsletter of ASA – Section on Evolution & Sociology*, fall, 2006.

MARYANSKI, Alexandra. *The Secret of the Hominin Mind: An Evolutionary Story*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. *Handbook of neurosociology*. New York: Springer, 2013. p. 257-288.

MARYANSKI, Alexandra; TURNER, Jonathan H. *The social cage: human nature and evolution of society*. Stanford, California: Stanford University Press, 1992.

MATURANA, Humberto. *Biología y violencia*. In: CODDOU, Fernando; MONTENEGRO, Hernán; KUNSTMANN, Gloria; MÉNDEZ, Carmen Luz; MATURANA, Humberto. *Violencia en sus Distintos Ámbitos de Expresión*. Dolmen Ediciones, 1995.

MAUSS, Marcel. Efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletividade. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Lamberto Puccinelli, Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. v. 1, p. 37-176.

MAZUR, Allan. *A biosocial model of status in face-to-face primate groups*. *Social Forces*, Oxford University Press, v. 64, n. 2, dez. 1985, p. 377-402.

MAZUR, Allan. *Dominance, Violence, and the Neurohormonal Nexus*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. *Handbook of neurosociology*. New York: Springer, 2013. p. 359-368.

MAZUR, Allan. *Testosterone in biosociology: a memoir*. *Hormones and behavior*, v. 92, jun. 2017, p. 3-8. Disponível em: [Testosterone in biosociology: A memoir - ScienceDirect](#). Acesso em: 2 jun. 2022.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. *Arte & Ensaios* – Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dez. 2016, p. 122-151.

MEAD, George Herbert. 1938. *The Philosophy of the Act*. Chicago: University of Chicago Press.

MEADOWS, Donella H.; MEADOWS, Dennis L.; RANDERS, Jorgen. *Beyond the Limits: Confronting Global Collapse, Envisioning a Sustainable Future*. White River Junction, Vermont: Chelsea Green Publishing, 1993.

MEADOWS, Donella H.; RANDERS, Jorgen; MEADOWS, Dennis L. *Limits to Growth: the 30-year update*. White River Junction, Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004.

MEHTA, Pranjal H.; GOETZ, Stefan M.; CARRÉ, Justin M. *Genetic, Hormonal, and Neural Underpinnings of Human Aggressive Behavior*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. *Handbook of neurosociology*. New York: Springer, 2013. p. 47-66.

MENDENHALL, Mary. *Teachers for Teachers: Advocating for Stronger Programs and Policies for and with Refugee Teachers in Kakuma Refugee Camp, Kenya*. 2018. Disponível em: <https://journals.library.brocku.ca/index.php/SSJ/article/view/1633>. Acesso em: 27. fev. 2019.

MINAYO, Maria Cecília S.; GOMES, Suely F. D. R. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOLLISON, Bill. **Introdução à permacultura**. 2009. Disponível em: <https://www.ecocentro.org/wp-content/uploads/2016/02/I-Intro-Permacultura-Transcri%C3%A7%C3%A3o-B.-Mollison.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2017.

MOLNAR-SZAKACS, Istvan; UDDIN, Lucina Q. *The Emergent Self: How Distributed Neural Networks Support Self-Representation*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. *Handbook of neurosociology*. New York: Springer, 2013. p. 167-182.

MONTCLOS, Marc-Antoine P.; KAGWANJA Peter M. *Refugee camps or cities? The socio-economic dynamics of the Dadaab and Kakuma caps in northern Kenya*. *Journal of Refugee Affairs*, 2000. Disponível em: <http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2-s2.0-0034212003&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&st1=Refugee+camps+or+cities%3f+The+socioeconomic+dynamics+of+the+Dadaab+and+Kakuma+camps+in+Northern+Kenya&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a850&sot=b&sdt=b&sl=108&s=TITLE%28Refugee+camps+or+cities%3f+The+socioeconomic+dynamics+of+the+Dadaab+and+Kakuma+camps+in+Northern+Kenya%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=28&searchTerm=TITLE%28Refugee+camps+or+cities%3f+The+socioeconomic+dynamics+of+the+Dadaab+and+Kakuma+camps+in+Northern+Kenya%29>. Acesso em: 6 jan. 2015.

MORAES, Thiago P. B.; SANTOS, Romer M. *Charlie Hebdo*: Polêmica, religião e o interesse dos usuários de Internet franceses. 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/1193>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C. **Análise textual discursiva**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Unijuí, 2020. E-book.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, 2006, p. 117-128. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wvLhSxkz3JRgv3mcXHBWSXB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2021.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. Para além da globalização e do desenvolvimento: sociedade mundo ou império mundo? *In*: Carvalho, E. A.; Mendonça, E. T. **Ensaio da complexidade 2**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 7-20.

MORIN, Edgar; KERN, Anne B. **Terra-Pátria**. Traduzido por Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MWANGI, Annabel Namik. *Refugees and the state in Kenya: the politics of identity*. 2005. Disponível em: https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:bc15ce78-28c0-421f-b639-61ce55f646d3/download_file?file_format=pdf&safe_filename=604788862.pdf&type_of_work=Thesis. Acesso em: 27 fev. 2019.

NAIDOO, Uma. **Seu cérebro bem alimentado**: um guia indispensável para os surpreendentes alimentos que combatem doenças como: depressão, ansiedade, demência, TOC, insônia e mais. Tradução de André Fontenelle. São Paulo: Fontanar, 2021.

NELSON, Todd D. *The Neurobiology of Stereotyping and Prejudice*. *In*: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. **Handbook of neurosociology**. New York: Springer, 2013. p. 349-358.

NEUROMETRIA. **GEN IX – Grupo de Estudos em Neurometria Discussão de Casos Clínicos**. Disponível em: <https://www.neurometria.com.br/wp-content/uploads/2018/11/www.neurometria.com.br-casos-clinicos-3-ix-encontro-para-estudo-de-caso-clinico-gen.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2022.

NEUROMETRIA. **NEUROMETRIA IA PRIME. Curso**. 2023.

NMD. **Núcleo Transdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Disponível em: <https://nmd.ufsc.br/>. Acesso em: 9 jan. 2022.

NOPEs, Adriane. **Eurocentrismo e o projeto de modernização do Brasil**: uma análise sociológica a partir da fala dos engenheiros professores da UFSC (1960-1980). 2013. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina,

Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/122874>. Acesso em: 30 jun. 2020.

NORMAN, Greg J.; HAWKLEY, Louise C.; LUHMANN, Maïke.; CACIOPPO, John T. *Social Neuroscience and the Modern Synthesis of Social and Biological Levels of Analysis*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. *Handbook of neurosociology*. New York: Springer, 2013. p. 67-82.

OCHIENG, Rubai Mandela. *Gender and HIV/AIDS education in the multicultural context of schools in Kakuma Refugee camp and its host community in Kenya*. A thesis submitted in fulfillment of the requirements for the award of the degree of doctor of philosophy in the School of Education Kenyatta University. 2010. Disponível em: <https://ir-library.ku.ac.ke/handle/123456789/7045>. Acesso em: 22. fev. 2019

OHTA, Itaru. *Multiple Socio-Economic Relationships Improved between the Turkana and Refugees in Kakuma Area, Northwestern Kenya*, 2005. Disponível em: https://jambo.africa.kyoto-u.ac.jp/eng/enmember/thesis/Ohta2005_1.pdf. Acesso em: 6 jan. 2015.

OKA, Rahul C. *Coping with the Refugee Wait: The Role of Consumption, Normalcy, and Dignity in Refugee Lives at Kakuma Refugee Camp, Kenya*. *The American Anthropological Association*, v. 116, n. 1, 2014, p. 23-37. Disponível em: https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=8&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1. Acesso em: 6 jan. 2015.

OKA, Rahul C. *Unlikely Cities In The Desert: The Informal Economy As Causal Agent For Permanent "Urban" Sustainability In Kakuma Refugee Camp, Kenya*. *Urban Antropoly*, 2011. Disponível em: <http://the-instituteny.com/Supporting%20Materials/SAMPLE%20ARTICLES/OKA.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2015.

OLZAK, Susan. *The Dynamics of Ethnic Competition and Conflict*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1992.

OPENGREY. *System for information on Grey Literature in Europe*. Disponível em: <http://www.opengrey.eu/>. Acesso em: 25. fev. 2019.

ORNISH, Dean; ORNISH, Anne. **Reverta!**: como simples mudanças no estilo de vida podem reverter a maioria das doenças crônicas. Tradução de Luiz R. M. Gonçalves, Thais Costa e Vera Caputo. São Paulo: nVersos, 2020.

ORTIZ, Renato. **A diversidade dos sotaques**: o inglês e as ciências sociais. São Paulo, Brasiliense, 2008.

ORTONY, Andrew; CLORE, Gerald L.; COLLINS, Allen. *The Cognitive Structure of Emotions*. New York: Cambridge University Press, 1988.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. Tradução de Karla Lima. São Paulo: Principis, 2021.

PAIGE, Jeffrey. *Agrarian Revolution: Social Movements and Export Agriculture in the Underdeveloped World*. New York: Free Press, 1975.

PERALDI, Michel. Muros e lágrimas: refugiados, deslocados, migrantes. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções**: 3. Do final do século XIX até hoje. Dirigido por Jean-Jacques Courtine. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. 3 v. p. 364-389.

PETERSON, Gretchen. *Cultural Theory and Emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 114-134. (2 volumes).

PETERSON, Gretchen. *Sports and emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 495-510. (2 volumes)

PIXLEY, Jocelyn; McCARTHY, Peter; WILSON, Shaun. *The economy and emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 307-334. (2 volumes).

PLUTCHIK, Robert. *Emotion: a psychoevolutionary synthesis*. New York: Harper and Row, 1980.

PORCHER, Jocelyne. **Você liga demais para os sentimentos "Bem-estar animal", repressão da afetividade, sofrimento dos pecuaristas**. São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/ybYDrFT94MXqft4zctzMVnS/?lang=pt>. Acesso em: 21 maio 2022.

PORTCOM. **Portal de livre acesso à produção em ciências da comunicação**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/>. Acesso em: 27 fev. 2019.

PPGSP UFSC. **Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política**. Disponível em: <http://ppgsp.posgrad.ufsc.br/>. Acesso em: 21 fev. 2019.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**. São Paulo: Ibrasa, 1970.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ProQuest. *ProQuest dissertations e theses global*. Disponível em: <https://search.proquest.com/pqdtglobal/index?accountid=26642>. Acesso em: 24 fev. 2019.

RAMOS, Albenides. **Metodologia da pesquisa científica: como uma monografia pode abrir o horizonte do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2009.

RAMOS, Érika P. **Refugiados ambientais: em busca de reconhecimento pelo direito internacional**. 2011. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RANGÉ, Bernard. (Org) **Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RBSE. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>. Acesso em: 6 jun. 2019.

RECHTMAN, Richard. O que os genocidas sentem quando matam? *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções: 3. Do final do século XIX até hoje**. Dirigido por Jean-Jacques Courtine. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. 3 v. p. 337-363.

RENISCE. **Red Nacional de Investigadores em Los Estudios Socio-Culturales de las Emociones**. Disponível em: <https://renisce.wordpress.com/>. Acesso em: 21 jun. 2019.

RIDGEWAY, Cecilia. *Expectation States Theory and Emotions*. *In*: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 347-367. (2 volumes).

ROBBERS, Gianna M. L.; MORGAN, Alison. *Programme potential for the prevention of and response to sexual violence among female refugees: a literature review*. **Reproductive Health Matters**, v. 51, n. 25, 2017, p. 69-89. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09688080.2017.1401893>. Acesso em: 31 dez. 2019.

ROBINSON, Dawn. T.; SMITH-LOVIN Lynn; WISECUP, Allison K. *Affect Control Theory*. *In*: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 179-202. (2 volumes).

ROEDIGER, David R. **The Wages of Whiteness: Race and the Making of the American Working Class**. New York: Verso, 1991.

ROGERS, Kimberly B.; ROBINSON, Dawn T. *Measuring affect and emotions*. *In*: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 283-306. (2 volumes).

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2013.

ROSE, Nikolas. Cérebro, *self* e sociedade: uma conversa com Nikolas Rose. **Resenha • Physis** 20 (1) • 2010. Entrevista. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/BVGCcFZxwySRndKB43WrLKg/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2023.

ROSSNER, Meredith; MEHER, Mythily. *Emotions in ritual Theory*. *In*: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 199-220. (2 volumes).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Hugo Barros. Lisboa: Edições 70, 2020.

- RUSSELL, Ruth V.; STAGE, Frances K. *Leisure as burden: Sudanese refugee women*. *Journal of Leisure Research*, v. 28, n. 2, 1996, p. 108-121. Disponível em: https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=25&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1. Acesso em: 6 jan. 2015.
- SAPOLSKY, Robert M. **Comporte-se**: a biologia humana em nosso melhor e pior. Tradução de Giovane Salimena e Vanessa Barbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- SCHEFF, Thomas J. *A retrospective look at emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 245-266. (2 volumes).
- SCHEFF, Thomas J. *Catharsis in Healing, Ritual, and Drama*. Berkeley, Calif: Univ. Calif. Press, 1979.
- SCHEFF, Thomas J. *Microsociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- SCHEFF, Thomas. J.; RETZINGER, Suzanne M. *Emotions and Violence: Shame and Rage in Destructive Conflicts*. Lincoln: iUniverse, 1991.
- SCHIEMAN, Schott. *Anger*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 493-515. (2 volumes).
- SCHROCK, Douglas; KNOP, Brian. *Gender and Emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 411-428. (2 volumes).
- SciELO. *Scientific eletronic library online*. Disponível em: <http://www.scielo.org/php/index.php>. Acesso em: 27 fev. 2019.
- SENNETT, Richard. **Autoridade**. São Paulo: Record, 2001.
- SENNETT, Richard; COOB, Jonathan. *The hidden injuries of class*. New York: Vintage Books, 1972.
- SHANK, Daniel B. *Technology and emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 511-528. (2 volumes).
- SHIELDS, Stephanie A.; GARNER, Dallas N.; DI LEONE, Brooke; HADLEY, Alena M. *Gender and emotion*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 63-83. (2 volumes).
- SHOOK, John R. *Social Cognition and the Problem of Other Minds*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. *Handbook of neurosociology*. New York: Springer, 2013. p. 33-46.
- SHOTT, Susan. *Emotion and social life: A symbolic interactionist analysis*. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 84, n. 6, maio 1979, p. 1317-1334. The University of Chicago Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2777894>. Acesso em: 29 set. 2020.

SILVA, Daniel J. **Pedagogias da sustentabilidade**. Florianópolis: GTHIDRO/UFSC, 2019. Disponível em: https://www.unitransd.eco.br/_files/ugd/72df76_628949881284499f857d8687a89797ba.pdf Acesso em: 25 jun. 2022.

SILVA, Elizabeth F. **Núcleo de Estudos: Projetos Globais e o Estranho. Situações Locais e o Diverso**. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4706505T2>. Acesso em: 21. fev. 2018.

SILVA, Elizabeth F.; NOPEs, Adriane; BAO, Carlos E. A engenheira, ainda uma “variável incógnita”, apesar de tudo! **Revista Ártemis**, v. XX, ago.-dez. 2015, p. 92-101.

SILVA KRÜGER, Jucéli. **A valente leozinha Ziah = Brave little lioness Ziaht**. Texto Juceli A. Silva. Ilustração Tatiana de S. Mattos. Tradução Jessyca Steele G. Weickert. Florianópolis: Postmix, 2015a.

SILVA KRÜGER, Jucéli; ALLY, Bakari. **As vozes do refúgio: campo de refugiados de Kakuma, Quênia**. Florianópolis: Amazon KDP, 2019. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/AS-VOZES-DO-REF%C3%9AGIO-Refugiados-ebook/dp/B07Q83T9GP>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SILVA KRÜGER, Jucéli. **Baú de sonhos: práticas políticas e culturais para a paz**. Atividades de contrapartida do Projeto com estudantes de Florianópolis, 2015b.

SILVA KRÜGER, Jucéli. **Baú de sonhos: práticas políticas e culturais para a paz**. Exposição de fotos, imagens e textos interativa. Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral – MARquE – UFSC, 2015c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bbE5QHmsWRA>. Acesso em: 24 jun. 2015.

SILVA, Juceli A. **Desmistificando sonhos: uma análise configuracional dos discursos de pacificação entre refugiados(as) do Campo de Kakuma – Quênia – (1992-2015)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/174701/345363.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 set. 2018.

SILVA KRÜGER, Jucéli. **Diário de campo**. Mombaça: [s. l.], 2012. 1 diário de campo.

SILVA KRÜGER, Jucéli. **Diário de campo**. Kakuma: [s. l.], 2015d. 1 diário de campo.

SILVA KRÜGER, Jucéli. **Diário Karibu: histórias de sobrevivência**. Florianópolis: Postmix, 2015e.

SILVA KRÜGER, Jucéli. **Kakuma: refugiados em lugar nenhum**. Produção: Ana Carolina S. Rutzen. Gênero: Biografia, Documentário. Quênia, 2015f. 6:34 minutos. son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y4Jx2HPE0PQ>. Acesso em: 12 out. 2023.

SILVA KRÜGER, Jucéli. **Projeto Karibu Quênia: seja bem-vind@**. Disponível em: <https://jucelis.wixsite.com/karibuquenja>. Acesso em: 24 jul. 2017.

SILVA, Tatiana M. R. A. **A Violência Sexual e de Gênero nos Campos de População Refugiada: Análise e Enquadramento Legal**. 2015. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/38501/1/Tatiana%20Morais%20Ribeiro%20de%20Aguiar%20e%20Silva.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2019.

SIMMEL, Georg. *The philosophy of money*. Translated by Tom Bottomore and David Frisby from a first draft by Kaethe Mengelberg. Routledge Classics: London, New York, 2011.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SIMMEL, Georg. *The problem of sociology*. In: K. H. Wolf (ed.) **Georg Simmel 1858-1918: a Collection of Essays, with Translations and Bibliography**. Columbus: Ohio State Press, 1959.

SIMON, Robin W. *Mental health and emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 429-450. (2 volumes).

SKINNER, Frederic B. **Questões recentes da análise comportamental**. Campinas: Papyrus, 1995.

SKOCPOL, Theda. *States and Social Revolutions: A Comparative Analysis of France, Russia, and China*. New York: Cambridge University Press, 1979.

SOLYMOSI, Tibor. *Can the Two Cultures Reconcile? Reconstruction and Neuropragmatism*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. **Handbook of neurosociology**. New York: Springer, 2013. p. 83-98.

SPENCER, Herbert. *eu'Individu Contre l'État*. Paris: Félix Alcan, 1885.

SPRINGER. **Springer link**. Disponível em: <https://link.springer.com/search?query=&showAll=false>. Acesso em: 25 fev. 2019.

STARK, Eloise A.; PARSONS, Christine E.; VAN HARTEVELT, Tim J.; CHARQUERO-BALLESTER, Marina; MCMANNERS, Hugh; EHLERS, Anke; STEIN, Alan; KRINGELBACH, Morten L. *Post-traumatic stress influences the brain even in the absence of symptoms: A systematic, quantitative meta-analysis of neuroimaging studies*. *Neurosci Biobehav Rev.* 2015 Sep., 56:207-21. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26192104/#full-view-affiliation-1>. Acesso em: 7 out. 2023.

STETS, Jan E.; TRETTEVIK, Ryan. *Emotions in identity theory*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 33-50. (2 volumes).

STETS, Jan. E. TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1. (2 volumes).

STETS, Jan. E. TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2014. v. 2. (2 volumes).

SUDÃO: a próxima tragédia da África? *Época*, 2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI194940-15227,00-SUDAO+A+PROXIMA+TRAGEDIA+DA+AFRICA.html>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SUMMERS-EFFLER, Erika. *Ritual theory*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 135-154. (2 volumes).

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. *An Integrative Theory of Intergroup Conflict*. In: AUSTIN, William G.; WORCHEL, Stephen (ed.). *The Social Psychology of Intergroup Relations*. Monterey, CA: Brooks/Cole, 1979. p. 33-47.

TAGENBOS, Jolien; BÜSCHER, Karen. *Moving Onward? Secondary Movers on the Fringes of Refugee Mobility in Kakuma Refugee Camp, Kenya*. *Transfers*, v. 7, n. 2, 2017, p. 41-60. Disponível em: http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=ufsc_br&id=GALE%7CA536397002&v=2.1&it=r&sid=ebsco. Acesso em: 24 fev. 2019.

TENHOUTEN, Warren D. *Outline of socioevolutionary theory of the emotions*. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 16, p. 190-208, 1996.

THAMM, Robert A. *The classification of emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 11-37. (2 volumes).

THE ECONOMIST. *From here to eternity*. Refugee camps in Africa. 2016. Disponível em: <https://www.economist.com/special-report/2016/05/26/from-here-to-eternity>. Acesso em: 23. fev. 2019.

THE EVOLUTION INSTITUTE. *Alexandra Maryanski*. 2022. Disponível em: <https://evolution-institute.org/profile/alexandra-maryanski/> Acesso em: 30 mar. De 2022.

THOITS, Peggy A. *The Sociology of Emotions*. *Annual Review of Sociology*, v. 15, 1989, p. 317-342. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/31f4/9f63a2c2fae11888423ff438e5f045f25285.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

THOMPSON, Edward P. *Notas sobre o exterminismo, o estágio final da civilização*. In: THOMPSON, E. P. *et al. Exterminismo e guerra fria*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 15-57.

TILLY, Charles. *From Mobilization to Revolution*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1978.

TOGNETTI, Marilza Aparecida Rodrigues. **Metodologia da pesquisa científica**. São Carlos: Serviço de Biblioteca e Informação, Instituto de Física de São Carlos – USP, 2008. Disponível em: http://sbiweb.if.sc.usp.br/metodologia_pesquisa_cientifica.pdf. Acesso em: 13 abr. 2019.

TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TOMKINS, Silvan. **Affect, imagery, consciousness**. New York: Springer, 1962. v. I-IV.

TORRES, Marieze, R. **Hóspedes incômodas?** Emoções na sociologia norte-americana. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11368>. Acesso em: 9 ago. 2018.

TROTTA, Margarethe von. **Hannah Arendt**. 1h 53min. 2013.

TURCHIN, Peter. **War and Peace and War: Life Cycles of Imperial Nations**. New York: Pi, 2006.

TURNER, Jonathan H. **Origens das emoções humanas: um inquérito sociológico acerca da evolução da afetividade**. Tradução de Sofia Lemos. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

TURNER, Jonathan H. *Emotions and societal stratification*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2014a. v. 2, p. 179-198. (2 volumes).

TURNER, Jonathan H. *Neurology and Interpersonal Behavior: The Basic Challenge for Neurosociology*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. **Handbook of neurosociology**. New York: Springer, 2013. p. 119-138.

TURNER, Jonathan H. *Self, Emotions, and Extreme Violence: Extending Symbolic Interactionist Theorizing*. **Symbolic Interactions**, v. 30, n. 4, 22 dez. de 2011, p. 501-530. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1525/si.2007.30.4.501#accessDenialLayout>. Acesso em: 7 jan. 2020.

TURNER, Jonathan H. *The evolution of human emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2014b. v. 2, p. 11-31. (2 volumes).

TURNER, Jonathan H. *Toward a Unified Theory of Ethnic Antagonism: A Preliminary Synthesis of Three Macro Models*. **Sociological Forum**, 1, 1986, p. 403–27.

TURNER, Jonathan H.; MARYANSKI, Alexandra. *The Evolution of the Neurological Basis of Human Sociality*. In: FRANKS, David D.; TURNER, Jonathan H. **Handbook of neurosociology**. New York: Springer, 2013. p. 289-310.

TURNER, Jonathan H.; STETS, Jan E. *Moral emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006. v. 1, p. 544-568. (2 volumes).

TURNER, Simon. *New opportunities: angry young men in a Tanzanian refugee camp*. In: ESSED, P.; FRERKS, G.; SCHRIVERS, J. (ed.). *Refugees and the transformation of societies: Agency, policies, ethics and politics*. New York/Oxford: Berghahn Books, 2004. p. 94-105.

UFFS. **Grupo de Pesquisa Educação Emocional**. 2022. Disponível em: http://www.uffs.edu.br/institucional/pro-reitorias/pesquisa-e-pos-graduacao/pesquisa/grupos_de_pesquisa/grupo-de-pesquisa-educacao-emocional/linhas-de-pesquisa/grupo-de-pesquisa-educacao-emocional. Acesso em: 14 fev. 2022.

UFSCAR. **Grupo de Pesquisa Inteligência Emocional**. 2022. Disponível em: <https://ie.ufscar.br/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

ULRICHS. *Global serials directory*. Disponível em: <http://www.ulrichsweb.com/>. Acesso em: 27 fev. 2019.

UN. *Despite Implementation of Peace Agreement, Insecurity Persists in Darfur, Sudan Sanctions Committee Chair Tells Security Council*. 2021. Disponível em: <https://www.un.org/press/en/2021/sc14632.doc.htm>. Acesso em: 23 jan. 2022.

UN. *Doha conference lays groundwork for peace deal in Darfur*. 2011. Disponível em: <https://news.un.org/pt/audio/2011/06/1006071>. Acesso em: 26 jan. 2022.

UN. *Draft map of ethnic sub-groups in southern Sudan*. 2004. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/world/war/images/south-sudan-map-ethnic-un-ocha-2004.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

UN. *New peace agreement signed in South Sudan*. 2018. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/09/1637802>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UN. *Security Council Press Statement on the Juba Peace Agreement (Sudan)*. 2020. Disponível em: <https://www.un.org/press/en/2020/sc14323.doc.htm>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UN. *UN envoy says Sudan rebel deal important step*. 2007. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2007/08/1259371-enviado-da-onu-diz-que-acordo-de-rebeldes-no-sudao-e-passo-importante>. Acesso em: 26 jan. 2022.

UNESCO. **História geral da África**. Brasília: UNESCO, 2010a. Coleção. (8 volumes).

UNESCO. **História geral da África**, VIII: África desde 1935. Editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. Brasília: UNESCO, 2010b.

UNESCO. **Mulheres na história africana**: Wangari Maathai. 2019. Disponível em: [da biografia de Wangari Maathai Mulher \(unesco.org\)](https://www.unesco.org/pt/biografia-de-wangari-maathai-mulher). Acesso em: 6 dez. 2021.

UNESCO. **Representação da UNESCO no Brasil**. 2016. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/social-and-human-sciences/youth/>. Acesso em: 11 abr. 2016.

UNHCR. **Kakuma Camp and Kalobeyei settlement: Briefing kit, may 2019**. Disponível em: https://www.unhcr.org/ke/wp-content/uploads/sites/2/2019/06/Briefing-Kit_May-2019-approved.pdf. Acesso em: 26 jan. 2022.

UNHCR. **Kakuma Camp and Kalobeyei settlement: Visitors guide**. s/d. 2022a. Disponível em: <https://www.unhcr.org/ke/wp-content/uploads/sites/2/2018/02/UNHCR-Sub-Office-Kakuma-Visitors-Guide.pdf> Acesso em: 26, jan. 2022a.

UNHCR. **Kakuma Refugee Camp and Kalobeyei Integrated Settlement**. 2022b. Disponível em: <https://www.unhcr.org/ke/kakuma-refugee-camp>. Acesso em: 12 jan. 2022.

UNHCR. **Uganda**. 2022c. Disponível em: <https://data.unhcr.org/en/documents/details/94327> Acesso em: 02 março de 2023.

UNHCR. **UNHCR: a Global Humanitarian Organization of humble origins**. Nairobi, 2014. 6 slides, color.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade complexa. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VERDIRAME, Guglielmo. *Human rights and refugees: the case of Kenya*. **Journal of refugee studies**, v. 12, n. 1, 1999. Acesso em: 6 jan. 2015. Disponível em: <http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2-s2.0-0032789632&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&st1=Human+rights+and+refugees%3a+The+case+of+Kenya&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a990&sot=b&sdt=b&sl=51&s=TITLE%28Human+rights+and+refugees%3a+The+case+of+Kenya%29&relpos=0&relpos=0&iteCnt=30&searchTerm=TITLE%28Human+rights+and+refugees%3a+The+case+of+Kenya%29>. Acesso em: 6 jan. 2015.

VIEIRA, Paulo F. Ecodesenvolvimento: desvelando novas formas de resistência no Antropoceno. In: SOUZA, Cristiane Mansur de Moraes; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce; ALVES, Alan Ripoll; ALCÂNTARA, Liliane Cristine Schlemer. **Novos talentos**: processo de educação para o ecodesenvolvimento. Blumenau: Nova Letra, 2016. p. 23-64.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World System**. New York: Academic, 1974.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais e nas políticas sociais. In: WEBER, Max. **Sobre a teoria das ciências sociais**. Lisboa: Presença, 1974. p. 7-111.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (org.). FERNANDES, Florestan (coord.). **Weber: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1999. p. 79-127. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 13.

WEBER, Max. *Economy and Society*. Berkeley: University of California Press, [1922] 1968.

WEBSTER, Murray Jr.; WALKER, Lisa S. *Emotions in Expectation States Theory*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 127-154. (2 volumes).

WENDERS, Win; SALGADO, Juliano R. **O sal da terra**. Direção: Wim Wenders, Juliano Ribeiro Salgado. Roteiro: Win Wenders, Juliano Ribeiro Salgado e David Rosier. Produção: David Rosier. Fotografia: Hugo Barbier e Juliano Ribeiro Salgado. Edição: Maxine Goedicke e Rob Myers. Gênero: Biografia, Documentário. França, 2014. 110 minutos. son., color.

WHARTON, Amy S. *Work and emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 335-358. (2 volumes).

WILKINS, Amy C.; PACE, Jennifer A. *Class, race and emotions*. In: STETS, Jan. E.; TURNER, Jonathan H. (ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2014. v. 2, p. 385-410. (2 volumes).

WRIGHT, Laura; PLASTERER, Robyn. *Beyond Basic Education: Exploring Opportunities for Higher Learning in Kenyan Refugee Camps*. **Refugee**, 2010. Disponível em: <http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/view/34721>. Acesso em: 17 jun. 2015.

WU, Andrew. *A long road from refugee camp to AFL*. **The Sydney Morning Herald**, Sydney, Australia, 28 abr. 2016. Disponível em: [http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO%3aedsgit&genre=article&issn=03126307&ISBN=&volume=&issue=&date=20160428&spage=44&pages=&title=The+Age+\(Melbourne%2c+Australia\)&atitle=A+long+road+from+refugee+camp+to+AFL.\(Sport\)&aulast=Andrew+Wu&id=DOI%3a&site=ftf-live](http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO%3aedsgit&genre=article&issn=03126307&ISBN=&volume=&issue=&date=20160428&spage=44&pages=&title=The+Age+(Melbourne%2c+Australia)&atitle=A+long+road+from+refugee+camp+to+AFL.(Sport)&aulast=Andrew+Wu&id=DOI%3a&site=ftf-live). Acesso em: 25 fev. 2019.

YARZA, Ana J. **Planning an integrated urban settlement: Kalobeyei site, or how to build a refugee camp sustainable integrated town**. Dissertação de mestrado. Universities Politécnica & Complutense of Madrid. [ca. 2020]. Disponível em: http://oa.upm.es/44739/1/TFM_ANA_JAYONE_YARZA_PEREZ.pdf. Acesso em: 23 fev. 2019.

ZAHAR. Lectio. Disponível em: <http://www.lectio.com.br/dashboard/index/home>. Acesso em: 27 fev. 2019.

ZAJONC, Robert. B. *On the primacy of affect*. **American Psychologist**, 39, 1984, p. 117-123.

ZIMBARDO, Philip. **O efeito Lúcifer**. Tradução: Tiago Novaes. Rio de Janeiro: Record, 2012.

ZÚNIGA, Luisa E. R. **Gender and humanitarian disasters**. 2005. Disponível em: http://www.gdnonline.org/resources/Gender_and_humanitarian_disasters%20Emilia%20Reyes.pdf. Acesso em: 22 fev. 2019.

APÊNDICE A

APÊNDICE A – 109 documentos previamente seleccionados no percurso metodol3gico

	Título
1	Russel e Stage, 1996. <i>Leisure as burden: Sudanese refugee women</i> https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=25&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1
2	Verdirame, 1999. <i>Human rights and refugees: The case of Kenya</i> http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2s2.00032789632&origin=resultslist&sort=plf&src=s&st1=Human+rights+and+refugees%3a+The+case+of+Kenya&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a990&sot=b&sdt=b&sl=51&s=TITLE%28Human+rights+and+refugees%3a+The+case+of+Kenya%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=30&searchTerm=TITLE%28Human+rights+and+refugees%3A+The+case+of+Kenya%29
3	Crisp, 1999. <i>A state of insecurity: The political economy of violence in Kenya's refugee camps</i> https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=23&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1
4	Montclos e Kagwanja, 2000. <i>Refugee camps or cities? The socio-economic dynamics of the Dadaab and Kakuma camps in Northern Kenya</i> https://academic.oup.com/jrs/article-abstract/13/2/205/1546690?redirectedFrom=fulltext
5	Macai et al., 2002. <i>A healthier Kakuma</i> . 28th WEDC Conference http://wedc.lboro.ac.uk/resources/conference/28/Macai.pdf
6	Aukkot, 2003. <i>"It is better to be a refugee than a Turkana in Kakuma": Revisiting the relationship between hosts and refugees in Kenya</i> http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/viewFile/23482/21678
7	Jansen, 2008. <i>Between vulnerability and assertiveness: Negotiating resettlement in Kakuma refugee camp, Kenya</i> https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=20&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1
8	Eidelson e Horn, 2008. <i>Who wants to return home? A survey of Sudanese refugees in Kakuma, Kenya</i> https://www.researchgate.net/publication/255656880_Who_Wants_to_Return_Home_A_Survey_of_Sudanese_Refugees_in_Kakuma_Kenya
9	Horn, 2010. <i>A study of the emotional and psychological well-being of refugees in Kakuma refugee camp, Kenya</i> http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.5042/ijmhsc.2010.0229?journalCode=ijmhsc&
10	Wright; Plasterer, 2010. <i>Beyond basic education: Exploring opportunities for higher learning in Kenyan refugee camps</i> http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/view/34721
11	El Jack, 2011. <i>"Education is my mother and father": The "invisible" women of Sudan</i> http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/viewFile/34719/31549
12	Horn, 2010a. <i>Exploring the Impact of Displacement and Encampment on Domestic Violence in Kakuma Refugee Camp</i> https://academic.oup.com/jrs/article-abstract/23/3/356/1554721?redirectedFrom=fulltext
13	Burns, 2010. <i>Feeling the pinch: Kenya, Al-shabaab, and east Africa's refugee crisis</i> http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/viewFile/34356/31263
14	Hilhorst e Jansen, 2010. <i>Humanitarian Space as Arena: A Perspective on the Everyday Politics of Aid</i>

	https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-7660.2010.01673.x
15	Horn, 2010b. <i>Responses to intimate partner violence in Kakuma refugee camp: Refugee interactions with agency systems</i> http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277953609006273
16	Grabska, 2011. <i>Constructing 'modern gendered civilised' women and men: Gender-mainstreaming in refugee camps</i> http://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/constructing-modern-gendered-civilised-women-and-men-gender-mainstreaming-in-re-131754
17	Gilbert e Cunliffe, 2011. <i>Non-governmental organisations and the management of HIV and AIDS in refugee camps: A comparison of Marratane Camp in Mozambique and Kakuma Camp in Kenya</i> http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02589001.2011.533061
18	Oka, 2011. <i>Unlikely cities in the desert: The informal economy as causal agent for permanent "urban" sustainability in Kakuma Refugee Camp</i> http://the-instituteny.com/Supporting%20Materials/SAMPLE%20ARTICLES/OKA.pdf
19	Jaji, 2012. <i>Social Technology and Refugee Encampment in Kenya</i> http://jrs.oxfordjournals.org/content/25/2/221.full
20	Gladden, 2013. <i>Coping strategies of sudanese refugee women in Kakuma refugee camp, Kenya</i> http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2-s2.084890057890&origin=resultslist&sort=plff&src=s&st1=Coping+strategies+of+sudanese+refugeewomen+in+Kakuma+refugee+camp%2cKenya%C2%A0&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a450&sot=b&sdt=b&sl=79&s=TITLE%28Coping+strategies+of+sudanese+refugeewomen+in+Kakuma+refugee+camp%2cKenya%C2%A0%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=1&searchTerm=TITLE%28Coping+strategies+of+sudanese+refugeewomen+in+Kakuma+refugee+camp%2cKenya%C2%A0%29
21	Oka, 2014. <i>Coping with the Refugee Wait: The Role of Consumption, Normalcy, and Dignity in Refugee Lives at Kakuma Refugee Camp, Kenya</i> https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=8&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1
22	Kiura, 2014. <i>Constrained Agency on Contraceptive Use among Somali refugee women in the Kakuma refugee camp in Kenya</i> http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2s2.084893601027&origin=resultslist&sort=plff&src=s&st1=Constrained+Agency+on+Contraceptive+Use+among+Somali+refugee+women+in+the+Kakuma+refugee+camp+in+Kenya&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a20&sot=b&sdt=b&sl=109&s=TITLE%28Constrained+Agency+on+Contraceptive+Use+among+Somali+refugee+women+in+the+Kakuma+refugee+camp+in+Kenya%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=0&searchTerm=TITLE%28Constrained+Agency+on+Contraceptive+Use+among+Somali+refugee+women+in+the+Kakuma+refugee+camp+in+Kenya%29
23	Kaleda, 2014. <i>Media perceptions: Mainstream and grassroots media coverage of refugees in Kenya and the effects of global refugee policy</i> http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2s2.084895783403&origin=resultslist&sort=plff&src=s&st1=Media+perceptions%3a+Mainstream+and+grassroots+media+coverage+of+refugees+in+Kenya+and+the+effects+of+global+refugee+policy%C2%A0&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a280&sot=b&sdt=b&sl=129&s=TITLE%28Media+perceptions%3a+Mainstream+and+grassroots+media+coverage+of+refugees+in+Kenya+and+the+effects+of+global+refugee+policy%C2%A0%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=1&searchTerm=TITLE%28Media+perceptions%3a+Mainstream+and+grassroots+media+coverage+of+refugees+in+Kenya+and+the+effects+of+global+refugee+policy%C2%A0%29
24	Aberra, et al., S/D.

	<i>The dangers of cooking in Kakuma: How access to cooking fuel compromises the safety, dignity, and well-being of women living in refugee camps, a quantitative analysis</i> http://www.annalsofglobalhealth.org/article/S2214-9996(14)00204-5/abstract
25	Ochieng, 2010. <i>Gender and HIV/AIDS education in the multicultural context of schools in Kakuma Refugee Camp and its host community in Kenya</i> https://ir-library.ku.ac.ke/handle/123456789/7045
26	Ohta, 2005. <i>Multiple Socio-Economic Relationships Improved between the Turkana and Refugees in Kakuma Area, Northwestern Kenya</i> https://jambo.africa.kyoto-u.ac.jp/eng/enmember/thesis/Ohta2005_1.pdf
27	Zúniga, 2005. <i>Género y desastres humanitarios</i> http://www.gdonline.org/resources/Gender_and_humanitarian_disasters%20Emilia%20Reyes.pdf
28	Opiyo et al., 2014. <i>Measuring household vulnerability to climate-induced stresses in pastoral rangelands of Kenya: Implications for resilience programming</i> https://link.springer.com/article/10.1186/s13570-014-0010-9
29	Breuer, 2019. <i>Partnerships in a Global Mental Health Research Programme—the Example of PRIME</i> https://link.springer.com/article/10.1007/s40609-018-0128-6
30	Tegenbos e Büscher, 2017. <i>Moving Onward? Secondary Movers on the Fringes of Refugee Mobility in Kakuma Refugee Camp, Kenya</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=ufsc_br&id=GALE%7CA536397002&v=2.1&it=r&sid=ebsco
31	Bronw, 2018. <i>Kenya: Managing environmental stress in Kenyas Kakuma refugee camp</i> https://www.unenvironment.org/news-and-stories/story/managing-environmental-stress-kenyas-kakuma-refugee-camp
32	<i>Kenya, United States: USAID contributes US\$14.3 Million to support Refugees in Northern Kenya</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A565299048&v=2.1&it=r&sid=ebsco
33	<i>Kenya, United States: United States provides \$14.3 million to World Food Programme to support refugees in Kenya</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A565298888&v=2.1&it=r&sid=ebsco
34	<i>Call for proposal creating a sustainable community based road maintenance mechanism, in Kalobeyei, Turkana County</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A549493211&v=2.1&it=r&sid=ebsco
35	<i>Designing public spaces using minecraft brings refugees and local communities together in northern Kenya</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A566102549&v=2.1&it=r&sid=ebsco
36	<i>Kenya: Turkana Youth exploring towns' livelihoods in UN-Habitat photography workshops</i> http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO%3aedsgit&genre=article&issn=22190112&ISBN=&volume=&issue=&date=20160805&spage=&pages=&title=Mena+Report&atitle=Kenya+%3a+Turkana+Youth+exploring+towns%27+livelihoods+in+UNHabitatphotography+workshops.&aulast=&id=DOI%3a&site=ftf-live
37	<i>Switzerland: Nomzamo Mbatha becomes UNHCRs newest Goodwill Ambassador</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A571895350&v=2.1&it=r&sid=ebsco
38	<i>Urban planning expert, (Nairobi), deadline: 7 august 2018</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A548434375&v=2.1&it=r&sid=ebsco
39	<i>Kenya: UN-Habitat trains youth in data collection for refugee project</i>

	http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO:edsgit&genre=article&issn=22190112&ISBN=&volume=&issue=&date=20160901&spage=&pages=&title=Mena%20Report&atitle=Kenya%20%3A%20UNHabitat%20trains%20youth%20in%20data%20collection%20for%20refugeeproject.&aualast=&id=DOI
40	The Economist, 2016. <i>From here to eternity; Refugee camps in Africa</i> https://www.economist.com/special-report/2016/05/26/from-here-to-eternity
41	Yarza, 2020. <i>Planning an integrated urban settlement: Kalobeyei New Site, or how to build a sustainable integrated town</i> http://oa.upm.es/44739/1/TFM_ANA_JAYONE_YARZA_PEREZ.pdf
42	<i>Solar street light assembly training for youth in Kalobeyei</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A499741587&v=2.1&it=r&sid=ebsco
43	<i>United States: UN-Habitat hands over plans for Kalobeyei Settlement to Turkana County Government</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A494642489&v=2.1&it=r&sid=ebsco
44	<i>Call for expressions of interest: community based stabilization programme for resettlement and integration of refugee communities in Kalobeyei, Turkana County</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A498502839&v=2.1&it=r&sid=ebsco
45	<i>Validation of the draft spatial plan for Kalobeyei settlement underway</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A488979564&v=2.1&it=r&sid=ebsco
46	<i>Call for expressions of interest from non-profit organizations: design and construction of a women center in Kalobeyei, Turkana County</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A485197632&v=2.1&it=r&sid=ebsco
47	<i>Kalobeyei photobook</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A462910437&v=2.1&it=r&sid=ebsco
48	<i>UN-Habitat to lead in planning Kenya's first integrated settlement in Kalobeyei, Turkana County</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A442235052&v=2.1&it=r&sid=ebsco
49	<i>Renowned architect designs refugee shelters</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A547651607&v=2.1&it=r&sid=ebsco
50	<i>United States: UN-Habitat working together with the host community in Kenya Refugee Project</i> http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO:edsgit&genre=article&issn=22190112&ISBN=&volume=&issue=&date=20160803&spage=&pages=&title=Mena%20Report&atitle=United%20States%20%3A%20UNHabitat%20working%20together%20with%20the%20hostcommunity%20in%20Kenya%20Refugee%20Project.&aualast=&id=DOI
51	<i>Japan, Kenya: UN-Habitat establishes host community settlement development group in refugee project</i> http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO:edsgit&genre=article&issn=22190112&ISBN=&volume=&issue=&date=20160720&spage=&pages=&title=Mena%20Report&atitle=Japan%20Kenya%20%3A%20UNHabitat%20establishes%20host%20community%20settlementdevelopment%20group%20in%20refugee%20project.&aualast=&id=DOI
52	<i>Kenya: Refugees and host communities to benefit from community centre</i> http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO:edsgit&genre=article&issn=22190112&ISBN=&volume=&issue=&date=20171108&spage=&pages=&title=Mena%20Report&atitle=Kenya%20%3A%20Refugees%20and%20host%20communities%20to%20benefit%20from%20communitycentre.&aualast=&id=DOI
53	<i>Djibouti, United States: European Commission adopts new Support for Horn of Africa worth 134 Million</i>

	http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A565565681&v=2.1&it=r&sid=ebsco
54	<i>Japanese officials visit the UN-Habitat's community center</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A520483689&v=2.1&it=r&sid=ebsco
55	<i>Women in host, refugee communities supporting energy, climate change integrated planning</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A517929044&v=2.1&it=r&sid=ebsco
56	Gardels, 2018. <i>Identity is at the heart of today's immigration crisis</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A543979205&v=2.1&it=r&sid=ebsco .
57	<i>Briquette project for refugees and host community launched in Turkana</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A498253393&v=2.1&it=r&sid=ebsco
58	<i>Deputy executive director says un-habitat to localise global research work in refugee project</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A481181454&v=2.1&it=r&sid=ebsco
59	<i>Turkana county representatives in consultative meeting with UN-Habitat</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A479005398&v=2.1&it=r&sid=ebsco
60	UN Habitat, 2016. <i>United States: UN-Habitat and stakeholders conduct site visit for data validation on refugee site</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A463466261&v=2.1&it=r&sid=ebsco
61	<i>Belgium: Second package of measures approved to tackle the root causes of irregular migration and forced displacement in the Horn of Africa</i> http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO%3aedsgit&genre=article&issn=22190112&ISBN=&volume=&issue=&date=20160429&spage=&pages=&title=Mena+Report&atitle=Belgium+%3a+Second+package+of+measures+approved+to+tackle+the+rootcauses+of+irregular+migration+and+forced+displacement+in+the+Horn+of+Africa.&aulast=&id=DOI%3a&site=ftf-live
62	<i>Germany, Kenya: Improving living conditions for people in Kakuma</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=ufsc_br&id=GALE%7CA543710257&v=2.1&it=r&sid=ebsco
63	<i>Unv and partners open community volunteerism center in Kakuma Refugee Camp</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A547366884&v=2.1&it=r&sid=ebsco
64	Jonsson, 2016. <i>Host community and refugees – a healthy relationship?: Field study on the effects of the refugee influx on the host community in Kakuma, Kenya.</i> http://lnu.diva-portal.org/smash/get/diva2:941805/FULLTEXT01.pdf
65	<i>Kenya Skills for Life Training in Kakuma</i> http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO:edsgit&genre=article&issn=22190112&ISBN=&volume=&issue=&date=20160422&spage=&pages=&title=Mena%20Report&atitle=Kenya%20skills%20for%20Life%20Training%20in%20Kakuma.&aulast=&id=DOI:
66	<i>Private sector innovation offers opportunities for host communities, refugees</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A543558012&v=2.1&it=r&sid=ebsco
67	<i>Activist, model speaks about career, life as refugee</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A563419163&v=2.1&it=r&sid=ebsco
68	Wu, 2016. <i>A long road from refugee camp to AFL.(Sport)</i> http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO%3aedsgit&genre=article&issn=03126307&ISBN=&volume=&issue=&date=20160428&spage=44&pages=&title=The+Age+(Melbourne%2c+Australia)&atitle=A+long+road+from+refugee+camp+to+AFL.(Sport)&aulast=Andrew+Wu&id=DOI%3a&site=ftf-live

69	<p><i>Trump's refugee ban is a matter of life and death for some</i> http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO:edsgit&genre=article&issn=01908286&ISBN=&volume=&issue=&date=20170130&spage=&pages=&title=The%20Washington%20Post&atitle=Trump%27s%20refugee%20ban%20is%20a%20matter%20of%20life%20and%20death%20forsome.&aulast=Sieff%2C%20Kevin&id=DOI:</p>
70	<p><i>Migrants with mobiles; Refugees and technology</i> http://resolver.ebscohost.com/openurl?sid=EBSCO:edsgit&genre=article&issn=00130613&ISBN=&volume=422&issue=9027&date=20170211&spage=50&pages=&title=The%20Economist&atitle=Migrants%20with%20mobiles%3B%20Refugees%20and%20technology.&aulast=&id=DOI:</p>
71	<p><i>Ready for olympic games, un-supported refugee athletes set out for Rio</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A459491549&v=2.1&it=r&sid=ebsco</p>
72	<p><i>Pressure mounts for Olympic refugee team</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A456809082&v=2.1&it=r&sid=ebsco</p>
73	<p>Deramo, 2017. <i>Performing Bantu: Narrative Constructions of Identity in Diaspora</i> https://vtechworks.lib.vt.edu/handle/10919/76736</p>
74	<p><i>UN Agency and mastercard join forces to support refugees and small-scale farmers</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A427528214&v=2.1&it=r&sid=ebsco</p>
75	<p><i>Kenyans frustrated by drip, drip approach to search for water; A new aquifer in Turkana county has helped refugees and opened opportunities for food exports. So why is Kenya slow to look for water elsewhere?</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A397548459&v=2.1&it=r&sid=ebsco</p>
76	<p><i>The peculiar economics of a refugee camp: 'yes in my backyard'</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE A406896956&v=2.1&it=r&sid=ebsco</p>
77	<p>Berkley Center, 2015. <i>Refugees in Kenya: Roles of Faith</i> https://repository.library.georgetown.edu/bitstream/handle/10822/1052073/151115WFDDRefugeesinKenyaRoleofFaiths.pdf?sequence=1&isAllowed=y Georgetown University</p>
78	<p><i>Government of Japan undertakes monitoring visit in Kalobeyei</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=ufsc_br&id=GALE%7CA519486670&v=2.1&it=r&sid=ebsco</p>
79	<p><i>Government of Japan visits UN-Habitat's community centre for refugees and host communities</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=ufsc_br&id=GALE A519984345&v=2.1&it=r&sid=ebsco</p>
80	<p>Grayson, 2016. <i>Le camp de réfugiés de Kakuma, lieu de méfiance et de défiance</i> https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/02255189.2016.1153458?needAccess=true</p>
81	<p>Jansen, 2016. <i>The Refugee Camp as Warscape: Violent Cosmologies, "Rebelization," and Humanitarian Governance in Kakuma, Kenya</i> https://muse-jhu-edu.ez46.periodicos.capes.gov.br/article/643496</p>
82	<p><i>Life at Kakuma: q&a with wilson kinyua, national council of churches of Kenya (pwrdf partner). (the primate's world relief and development fund)</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?id=GALE%7CA511294497&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w</p>
83	<p>Refugees, 2016. <i>Running free: as the Rio Games draw nearer, Harriet Constable visits the makeshift Kenyan training camp playing home to the Refugee Olympic Team's track stars. (REFUGEES: Olympic legacy)</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?id=GALE A461068567&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w</p>
84	<p>Ficarra, 2017.</p>

	<p><i>Comparative International Approaches to Better Understanding and Supporting Refugee Learners. (Report)</i> https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1139319.pdf</p>
85	<p>Tan <i>et al.</i>, 2016. <i>Does spending on refugees make a difference? A cross-sectional study of the association between refugee program spending and health outcomes in 70 sites in 17 countries. (Report)</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?&id=GALE A472998400&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w</p>
86	<p>Dryden-Peterson, 2017. <i>Refugee education: Education for an unknowable future</i> https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03626784.2016.1255935?scroll=top&needAccess=true</p>
87	<p>Beogo <i>et al.</i>, 2018. <i>Critical assessment of refugees' needs in post-emergency context: the case of Malian war refugees settled in Northern Burkina Faso. (Report)</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?&id=GALE A557715393&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w</p>
88	<p>Crisp, 2017. <i>Finding space for protection: an inside account of the evolution of UNHCR's urban refugee policy</i> http://gogalegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?&id=GALE A491909273&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w</p>
89	<p>Terada, 2017. <i>Planning for the integration of refugee and host communities in Turkana County, Kenya</i> https://www.fmreview.org/shelter/terada-evans-mwaniki</p>
90	<p>Boan <i>et al.</i>, 2018. <i>A Qualitative Study of an Indigenous Faith - Based Distributive Justice Program in Kakuma Refugee Camp in Kenya</i> https://journal.cjgh.org/index.php/cjgh/article/view/215/514</p>
91	<p>Gengo, 2017. <i>Positive effects of refugee presence on host community nutritional status in Turkana County, Kenya</i> https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/ajhb.23060</p>
92	<p>Mendenhall, 2018. <i>Teachers for Teachers: Advocating for Stronger Programs and Policies for and with Refugee Teachers in Kakuma Refugee Camp, Kenya (Dispatch)</i> https://journals.library.brocku.ca/index.php/SSJ/article/view/1633</p>
93	<p>Grabska e Fanjoy, 2015. <i>"AND WHEN I BECOME A MAN": Translocal Coping with Precariousness and Uncertainty among Returnee Men in South Sudan</i> https://www.researchgate.net/publication/273333970_And_When_I_Become_a_Man_Translocal_Coping_with_Precariousness_and_Uncertainty_among_Returnee_Men_in_South_Sudan</p>
94	<p>Crea e Sparnon, 2017. <i>Democratizing education at the margins: faculty and practitioner perspectives on delivering online tertiary education for refugees</i> https://www.proquest.com/docview/2147582784/fulltextPDF/4928C6ECBE2947A6PQ/6?accountid=26642&forcedol=true</p>
95	<p>Kempen <i>et al.</i>, 2017. <i>Using life cycle sustainability assessment to trade off sourcing strategies for humanitarian relief items</i> https://www.proquest.com/docview/1949953405/4928C6ECBE2947A6PQ/8?accountid=26642&forcedol=true</p>
96	<p>Bellino e Hure, 2016. <i>Pursuing Higher Education in Exile: A Pilot Partnership in Kakuma Refugee Camp</i> https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00094056.2018.1516472?scroll=top&needAccess=true</p>
97	<p>Grabska, 2015. <i>Gender, Home & Identity: Nuer Repatriation to Southern Sudan</i> https://muse.jhu.edu/article/598465</p>

98	<p>Mahabir <i>et al.</i>, 2018. <i>News coverage, digital activism, and geographical saliency: A case study of refugee camps and volunteered geographical information</i> https://search.proquest.com/docview/2131222616/fulltextPDF/4928C6ECBE2947A6PQ/18?accountid=26642</p>
99	<p>Crea e Faland, 2015. <i>Higher Education for Refugees: Lessons from a 4-Year Pilot Project</i> https://link.springer.com/article/10.1007/s11159-015-9484-y</p>
100	<p>Bado, 2015. <i>Assessing Advocacies for Forcibly Displaced People: A Comprehensive Approach</i> https://link.springer.com/article/10.1007/s12134-015-0413-5</p>
101	<p>Robbers e Morgan, 2017. <i>Programme potential for the prevention of and response to sexual violence among female refugees: a literature review</i> https://www.tandfonline.ez46.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/09688080.2017.1401893?frbrVersion=2</p>
102	<p>Silva, 2015. <i>A Violência Sexual e de Gênero Nos Campos de População Refugiada: Análise e Enquadramento Legal</i> http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/38501/1/Tatiana%20Morais%20Ribeiro%20de%20Aguiar%20e%20Silva.pdf</p>
103	<p>Maceira, 2017. <i>Arquitetura em comunidades desalojadas em contexto de poucos recursos</i> https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/15934</p>
104	<p>Parceria UNHCR/EDP – serviços de energia para refugiados http://repositorio.ual.pt/handle/11144/3297</p>
105	<p>Braga, 2013. <i>Responsabilidade social das empresas e processos de autonomização em regiões em desenvolvimento: estudo de caso da área Energia para o desenvolvimento da fundação EDP</i> https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7403</p>
106	<p>Mwangi, 2005. <i>Refugees and the state in Kenya: the politics of identity, rights and displacement</i> https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:bc15ce7828c0421fb63961ce55f646d3/download_file?file_for_mat=pdf&safe_filename=604788862.pdf&type_of_work=Thesis</p>
107	<p>Khasandi-Telewa, 2007. <i>English is must to us: languages and education in Kakuma</i> http://wrap.warwick.ac.uk/2408/1/WRAP_THESIS_KTelewa_2007.pdf</p>
108	<p>Brown, 2008. <i>The road to Peace: the role of the Southern Sudanese church in</i> https://www.era.lib.ed.ac.uk/bitstream/handle/1842/3260/EM%20Brown%20PhD%20thesis%2008.pdf?sequence=1&isAllowed=y</p>
109	<p>Silva, 2016. <i>"Desmistificando sonhos": uma análise configuracional dos discursos de pacificação entre refugiados(as) do campo de kakuma - Quênia - (1992-2015)</i> https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/174701/345363.pdf?sequence=1&isAllowed=y</p>